

# Fé & Ciência

Reedição ampliada do livro “Fé e Ciência” (Editora Chabad, 1980), com inclusão de cartas da edição em espanhol “Cuestiones de Fe y Ciencia” (Editora Kehot Lubavitch Sudamericana, 2005)

2ª edição  
S. Paulo, 2014

Título original do Hebraico: “EMUNÁ UMADÁ”

Editado por: Machon Lubavitch, Kfar Chabad, 5737 (1977)

Traduzido para o português por: Editora Chabad, S. Paulo, 5740 (1980)  
1ª edição

A sequência das cartas nesta publicação segue a edição do livro  
“CUESTIONES DE FE Y CIENCIA” da Editora Kehot Lubavich  
Sudamericana, edição 2005 (5765) com a expressa autorização  
do diretor-geral Choni Grunblatt.

**Tradução do espanhol:** Solange C. Porto

**Supervisão:** Dov Pomeroy

**Revisão:** Dorothea Piratininga, Miriam Pomeroy e Solange C. Porto

**Diagramação:** Betina Hakim e Marcelo de Souza Morise

**Capa:** Betina Hakim

ISBN: 978-85-64297-01-2

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sem permissão  
por escrito da editora.

Todos os direitos reservados a:



Associação Israelita de Beneficência Beit Chabad do Brasil  
Rua Melo Alves, 580  
01417-010 – S. Paulo-SP, Brasil  
Tel.: (11) 3081-3081 / [chabad@chabad.org.br](mailto:chabad@chabad.org.br)  
[www.chabad.org.br](http://www.chabad.org.br)

# VITACON

vitacon.com.br

**Vitacon participações**

**Em memória de**

Biniamin ben Avraham z"l

Shmuel ben Ben Tzion z"l

**לעילוי נשמת**

בנימין בן אברהם ז"ל

שמואל בן בן ציון ז"ל

## SUMÁRIO

Prefácio .....	8
O que é <i>Chabad-Lubavitch</i> ? .....	11
Quadro Dinástico.....	13
O Lubavitcher Rebe .....	15
<i>Chabad-Lubavitch</i> na Terra Santa .....	22
Introdução à Edição em Hebraico .....	29

### Capítulo I – FÉ

1. A Prova da Existência do Criador .....	37
2. Continuação à Carta Anterior .....	45
3. Reino de Sacerdotes e uma Nação Sagrada .....	48
4. O Argumento “Falta de Fé” Não Passa de Fantasia .....	51
5. A Preocupação do Homem com a Falta de Fé é a Prova para a Sua Fé! .....	53
6. Fé com Simplicidade ou Pesquisa e Investigação.....	54
7. A Natureza: Prova para a Fé “Simples” .....	55
8. Fundamento da Justiça .....	57

### Capítulo II – CONHECIMENTO PRÉVIO E LIVRE-ARBÍTRIO

9. O Prévio Conhecimento de D’us Daquilo que o Homem Fará Não Contradiz o Seu Livre-Arbítrio .....	61
10. Sobre o Mesmo Tema – Livre-Arbítrio .....	63
11. O Conhecimento de D’us Não é Um “Conhecimento Geral”; O Livre-Arbítrio do Homem Não é Ilusório .....	64

12. O Prévio Conhecimento de D’us Não Obriga o Homem às Suas Ações .....	68
13. Continuação do Assunto Anterior .....	70

### **Capítulo III – A TORÁ**

14. O Segredo da Nossa Sobrevivência .....	73
15. Torá Celestial e Povo Judeu .....	76
16. Toda a Obra de D’us é para Seu Louvor, e Também o Perverso Foi Criado para o Dia do Castigo .....	83
17. Finalidade da Vida – A Torá e Seus Mandamentos .....	84
18. A Torá – Torá da Vida .....	89
19. A Torá: Instrução para a Vida .....	91
20. A Torá, Para Quê .....	94
21. Na Ciência Moderna Existe Somente o Princípio da Probabilidade. Na Torá, Verdade Absoluta .....	96
22. Continuação da Carta Anterior .....	101
23. Não Há Conflito entre Fé e Ciência .....	104
24. A Alma e o Corpo .....	107
25. A Medicina a Serviço da Torá e dos Mandamentos .....	109
26. Ele Há de Curar .....	112
27. Confiança em D’us Melhorará o Estado de Saúde .....	112
28. Torá e Mandamentos – Condição para a Cura .....	113
29. Torá e Geometria .....	115

### **Capítulo IV – A RELIGIÃO JUDAICA**

30. O Povo Judeu Está Ligado à Torá. E a Torá, ao Todo-Poderoso .....	119
31. D’us Procura o Homem? .....	121

32. A Verdade da Religião Judaica Diante das Outras Religiões .	122
33. A Natureza das Provas sobre a Necessidade do Cumprimento da Torá e dos Mandamentos .....	125
34. A Verdade do Judaísmo da Torá Diante das Doutrinas Falsas .....	127
35. Verdade e Solução de Concessões – São Dois Opostos .....	128
36. “Levianos” ou “Hereges” Diante da Torá .....	131
37. Os Irresolutos .....	133
38. O Rabino – Mandatário que Não Altera a Sua Missão .....	136
39. Pureza e Conteúdo na Mensagem Rabínica .....	140
40. Interpretações da Torá para Harmonizá-la com a Ciência ..	143
41. O Significado do Descanso do <i>Shabat</i> .....	147
42. Não Há Homem Livre Senão Aquele que se Ocupa da Torá .....	148
43. Não Responda a um Tolo .....	151
44. Diálogo Ecumênico – Negativo por Princípio .....	151
45. Desgraças que Afligem o Homem – Qual a Sua Explicação .....	158
46. O Entendimento do Homem Perante a Tragédia .....	161
47. Os Atos da Providência Divina .....	163

## **Capítulo V – A IDADE DO UNIVERSO**

48. As “Provas Científicas” que Não São Científicas .....	167
49. Continuação do Mesmo Tema .....	176
50. Sob Outra Perspectiva .....	183
51. A Teoria da Evolução .....	185
52. Suposições Erigidas sobre Fundamentos Frágeis .....	191

53. Mais sobre o Mesmo Tema .....	192
54. Duração do Mundo: Seis Mil Anos .....	197

### **Capítulo VI – CORPOS CELESTES**

55. O Movimento do Sol .....	200
56. Adendo ao Assunto .....	201
57. Quanto Mede o Sol? .....	202
58. A Terra e o Sol: Quem Gira ao Redor de Quem? .....	203
59. Os Céus Pertencem a D’us, e a Terra Ele Deu aos Filhos do Homem .....	204

### **APÊNDICE**

#### **Pronunciamentos e Entrevistas Particulares**

O Holocausto .....	208
<i>Techiat Hametim</i> – A Ressurreição dos Mortos .....	220
Audiência Privada com um Professor .....	235
Audiência Privada com um Grupo de Cientistas .....	245
A Lei de Pascal e o Fluido da Vida .....	259

## PREFÁCIO\*

Os adeptos do Movimento *Chabad-Lubavitch* estão bem familiarizados com as ideias de nosso líder, mestre e Rebe de Lubavitch sobre a universalidade da Torá e a verdade absoluta que nela se encontra. Por meio de seus inúmeros pronunciamentos, palestras, cartas e entrevistas, cada qual uma lição revestida de santidade, o Rebe, vem nos motivando a intensificar o estudo da Torá e o cumprimento das *mitsvot*, num trabalho de preparação, tanto individual quanto coletiva, para a revelação do *Mashiach*, que conduzirá a cada um de nós e toda humanidade à *Gueulá Shlemá*, a Redenção Total. Com a aproximação do último *Yud Shevat* (o décimo dia do mês de *Shevat*), do ano de 5740, em que se comemora o 30º aniversário de falecimento do Rebe Anterior, Rabi Yossef Yitschak Schneerson, de abençoada memória, ao mesmo tempo em que celebramos os 30 anos de liderança do nosso atual Rebe, Rabi Menachem Mendel Schneerson, sentimos o desejo de prestar as homenagens que a magnitude dessas datas e das personalidades em questão despertam no mundo judaico.

Esse desejo encontrou expressão natural na tradução de cartas

---

\* Reprodução do prefácio da edição original em português, 1980



e ensinamentos do Rebe que compõem a presente edição, traduzida do original em hebraico editado pelo *Machon Lubavitch* de Kfar Chabad, em Israel.

Acrescentamos também uma sinopse do significado do Movimento *Chabad*, assim como uma breve biografia do nosso Rebe.

Sabíamos que a melhor homenagem que poderíamos prestar, tanto ao Rebe quanto ao seu antecessor, de abençoada memória, seria a difusão de seus ensinamentos, de modo a colaborar de forma efetiva na preparação do mundo para a revelação de *Mashiach*.

Tínhamos perfeita consciência das dificuldades que a tarefa apresentava. A par das profundas diferenças de estrutura linguística do *lashon hakodesh*, a língua sagrada, em relação à língua portuguesa, seria muito difícil traduzir, em linguagem acessível ao leitor comum, as palavras do Rebe, que são a expressão de incomparável soma de conhecimento, entendimento e sabedoria da Torá, impossíveis de ser transmitidos numa simples tradução.

Além disso, a elegância de estilo e beleza de expressão que revestem as palavras do Rebe não poderiam ser alcançadas neste trabalho de tradução.

Decidimos, porém, enfrentar a tarefa, respaldados no conceito pregado pelos nossos mestres de Lubavitch de que quando se trata de um trabalho com intenções elevadas, “*gueit men lechatchile ariber*” – todas as dificuldades serão superadas –, e isto tem sido, ao longo dos anos, a mola impulsadora do trabalho dos adeptos do Movimento *Chabad*, caracterizando sua eficiência e sucesso.

Sem falsa modéstia, mas com profunda humildade, reconhecemos de antemão as deficiências que esta edição apresenta.

Embora tenhamos feito uma tradução livre, procuramos manter, tanto quanto possível, fidelidade às palavras do texto original, ainda que sacrificando o estilo literário da tradução e até mesmo a sintaxe.

Portanto, todos os defeitos aqui encontrados devem ser atribuídos apenas e exclusivamente aos tradutores. Todas as qualidades devem ser reconhecidas como reflexo das incomparáveis virtudes

de nosso santo Rebe.

As expressões entre colchetes indicam acréscimos ao texto original feitos pelos tradutores, visando proporcionar ao leitor um melhor entendimento. Com o mesmo objetivo, acrescentamos algumas notas ao pé da página, indicadas por asteriscos.

Este livro é publicado com o consentimento e as bênçãos do Rebe, que em referência a esta obra honrou-nos com as seguintes palavras, dirigidas a nós de viva voz:

“Saibam os cientistas que a ciência não contradiz a Fé, e que, afinal, a Fé se sobrepõe à ciência.”

Se lograrmos êxito na missão a qual nos propusemos, fazendo com que as ideias do Rebe de Lubavitch penetrem na mente e no coração do leitor, estaremos plenamente recompensados. Seja a vontade de D’us que, iluminados pelos ensinamentos do Rebe, possamos todos juntos, em breve, receber a revelação de *Mashiach*, que nos conduzirá rapidamente à Redenção Total.

Os tradutores

## O QUE É CHABAD-LUBAVITCH?

Fundado pelo *Baal Shem Tov*\* há dois séculos e meio, o Chassidismo espalhou-se rapidamente pelo mundo judaico. O *Baal Shem Tov* ensinava que o Judaísmo e a Torá são propriedades de todos os judeus; que cada um, independentemente de seu *status* e de suas qualidades pessoais, está perfeitamente capacitado a servir a D'us. A devoção, enfatizava ele, é vital para uma vida plena – e o potencial religioso da devoção é incalculável. Deleite e entusiasmo no cumprimentos dos desejos de D'us, calor e afeto no relacionamento com os outros – estas se tornaram as marcas de identificação do Chassidismo.

O Chassidismo *Chabad-Lubavitch* é um sistema de filosofia religiosa judaica que ensina a compreensão e o reconhecimento do Criador pela ampliação das três qualidades intelectuais: *Chochmá* (sabedoria), *Biná* (entendimento) e *Daat* (conhecimento). O acróstico dessas três palavras hebraicas forma a palavra *Chabad*.

Enquanto a fé e a crença em D'us constituem o fundamento de nossa religião, *Chabad-Lubavitch* frisa o estudo intelectual e a compreensão de verdades religiosas por todos, cada um segundo o seu nível intelectual, para criar uma aproximação com o Serviço Divino, tanto na mente quanto no coração.

Embora o Chassidismo *Chabad-Lubavitch* seja um sistema que

---

\*Rabi Yisrael Ben Eliezer (veja Quadro Dinástico – p.13)

atinge os mistérios mais profundos da Criação, ele utiliza amplamente ilustrações e exemplos da experiência, a fim de se tornar compreensível mesmo para aqueles menos dotados do poder de pensamento teórico e abstrato.

A virtude dessa filosofia *chassídica* é que ela não se esgota com ensinamentos teóricos. Ela motiva e induz aqueles que a estudam a traduzir seu conhecimento intelectual em ações práticas, levando-os a um nível mais alto de sentimento e ação religiosa, inspirados pelo conhecimento e apreciação intelectual das verdades básicas que *Chabad-Lubavitch* expõe.

O Chassidismo *Chabad-Lubavitch* é, portanto, um guia prático para todos os judeus, em todos os caminhos da vida, mostrando-lhes como enriquecer sua experiência religiosa pelo desenvolvimento dos atributos, tanto da mente quanto do coração, por meio do esforço concentrado que provém de sua perfeita harmonia.

Mas os líderes do Chassidismo *Chabad-Lubavitch* não se preocupavam apenas com o nível espiritual de seu povo. Juntamente com sua grande influência no campo espiritual, eles dedicavam sua atenção às condições gerais da comunidade judaica, motivados por seu ilimitado *Ahavat Yisrael*, que é uma das molas mestras do sistema *chassídico*. Amar um irmão judeu significa amá-lo de maneira completa e incondicional. Assim, o trabalho desses líderes tinha um propósito duplo – melhorar as condições materiais de seu povo bem como seu padrão espiritual.

Lubavitch, “A Cidade do Amor”, era uma pequena cidade no condado de Mohilev, na Rússia Branca. Tornou-se o lar dos líderes do Movimento *Chabad-Lubavitch* em 1814, quando Rabi Dovber\*, filho e sucessor de Rabi Shneur Zalman\* se estabeleceu ali. Por mais de um século (até 1916) e durante quatro gerações de líderes *Chabad-Lubavitch*, ela permaneceu como o centro do Movimento. Assim, os líderes de *Chabad-Lubavitch* tornaram-se conhecidos como “Lubavitcher Rebes”, e seus *chassidim*, como “Lubavitcher *Chassidim*”.

---

\* Veja Quadro Dinástico – p. 13.

# QUADRO DINÁSTICO

## **Fundador do Movimento Chassídico**

Rabi Yisrael Ben Eliezer – o *Baal Shem Tov*

18 de *Elul* 5458 (1698) – 6 de *Sivan* 5520 (1760)

## **Sucessor**

Rabi Dovber, o Maguid de Mezeritch

? – 19 de *Kislév* 5533 (1772)

## **Fundador de *Chabad***

Rabi Shneur Zalman de Liadi

18 de *Elul* 5505 (1745) – 24 de *Tévet* 5573 (1812)

## **Segunda Geração de *Chabad***

Rabi Dovber

(Filho de Rabi Shneur Zalman)

9 de *Kislév* 5534 (1773) – 9 de *Kislév* 5588 (1827)

## **Terceira Geração de *Chabad***

Rabi Menachem Mendel

(Genro de Rabi Dovber; neto de Rabi Shneur Zalman)

29 de *Elul* 5549 (1789) – 13 de *Nissan* 5626 (1866)

**Quarta Geração de Chabad**

Rabi Shmuel

(Filho de Rabi Menachem Mendel)

2 de *Iyar* 5594 (1834) – 13 de *Tishrei* 5643 (1882)**Quinta Geração de Chabad**

Rabi Sholom Dovber

(Filho de Rabi Shmuel)

20 de *Cheshvan* 5621 (1860) – 2 de *Nissan* 5680 (1920)**Sexta Geração de Chabad**

Rabi Yossef Yitschac Schneerson

(Filho de Rabi Sholom Dovber)

12 de *Tamuz* 5640 (1880) – 10 de *Shevat* 5710 (1950)**Sétima Geração de Chabad**

Rabi Menachem Mendel Schneerson

(Sexto em linha paterna direta de Rabi Menachem Mendel;  
genro de Rabi Yossef Yitschac)11 de *Nissan* 5662 (1902) – 3 de *Tamuz* 5754 (1994)

---

# O LUBAVITCHER REBE

---

## BREVE BIOGRAFIA

Rabi Menachem Mendel Schneerson, o sétimo Rebe de Lubavitch, tem sido descrito como a mais extraordinária personalidade judaica de nosso tempo.

Para as dezenas de milhares de seus *chassidim* e centenas de milhares de simpatizantes e admiradores ao redor do mundo, ele é “o Rebe”, a figura contemporânea predominante no Judaísmo e, indubitavelmente, mais do que qualquer outra, a personalidade particularmente responsável por ativar a consciência e o despertar espiritual do mundo judaico.

Nesses anos, como líder mundial do Movimento *Chabad-Lubavitch*, ele implementou maciços programas educacionais, sociais e de reabilitação, que despertaram nas massas judias uma consciência e um retorno ao verdadeiro Judaísmo da Torá.

De Melbourne a Londres, de Casablanca a Los Angeles, pelas várias escolas Lubavitch, Casas de *Chabad*, centros juvenis e diversas instituições e atividades estabelecidas e mantidas pelos esforços

do Rebe, inúmeros judeus “perdidos” encontram “seu caminho de volta para casa”.

Sua esfera de influência há muito transcendeu a comunidade *chassídica* e atualmente penetra profundamente na corrente principal da vida judaica. Hoje em dia, há poucos judeus cultos no mundo que não estejam familiarizados com suas ideias e pronunciamentos, que ele transmite em audiências privadas, correspondências, artigos publicados, palestras e discursos públicos periodicamente proferidos na sede mundial de Lubavitch, em Nova York.

O Rebe, frequentemente, designa algumas noites para audiências privadas, conhecidas como *Yechidut*. Nessas noites especiais, líderes judeus, rabinos, homens de negócio, donas de casa, funcionários governamentais, estudantes e pessoas de todas as espécies do mundo inteiro apresentam-se a ele com problemas vitais ou vêm para receber seu conselho e bênção.

*Farbrenguens*, reuniões nas quais o Rebe pronuncia um discurso público, são realizados durante festas e ocasiões especiais. Aqui, novamente, em meio a milhares de *chassidim* assistindo ao *farbrenguen*, encontram-se professores, escritores, artistas, funcionários de vários escalões do governo, profissionais, homens de negócio e *hippies* cabeludos.

Quando o Rebe fala em dias comuns da semana, seu pronunciamento é transmitido ao vivo para os centros *Chabad* ao redor do mundo por um sistema especial de comunicação, atingindo instantaneamente milhares de ouvintes localizados virtualmente em todas as partes do globo.

O conteúdo de seus discursos varia de observações e análises profundas das múltiplas interpretações ensejadas pela vastidão da Torá até assuntos atuais que afetam a qualidade e a continuidade do Judaísmo; sobre a necessidade de cada indivíduo de observar as *mitsvot*; sobre a necessidade de cada judeu dedicar diariamente um tempo ao estudo da Torá. Ele tem constantemente clamado por uma intensificação do trabalho de difusão, para estimular a consciência judaica entre os jovens alienados e famílias assimiladas



em todas as partes do mundo. Amor ao próximo e uma preocupação genuína com o bem-estar material e espiritual, sem considerar posição ou antecedentes, são os principais conceitos da filosofia *Chabad-Lubavitch*.

Até hoje, foram publicados quinze volumes de seleções dos pronunciamentos públicos do Rebe, e material para mais volumes vem sendo preparado para publicação.

Rabi Menachem Mendel Schneerson é o sétimo na linhagem dinástica dos líderes de Lubavitch. O movimento *Chabad-Lubavitch* foi fundado no século 18 por Rabi Shneur Zalman de Liadi (1745-1812), autor da obra básica da filosofia de *Chabad* – o *Tanya* – e do *Shulchan Aruch* – o Código das Leis Judaicas.

Nascido em 1902, no 11.º dia de *Nissan* do ano 5662 do calendário judaico, em Nikolaev, Rússia, o Rebe é filho do renomado cabalista e erudito do Talmud, Rabi Levi Yitschac Schneerson, e bisneto do terceiro Rebe de Lubavitch, o seu homônimo, Rabi Menachem Mendel, conhecido como *Tsemach Tsedek*. Aos cinco anos, ele mudou-se com seus pais para a cidade ucraniana de Yekatrinoslav, hoje Dnepropetrovsk, onde seu pai foi nomeado Rabino-Chefe.

Desde a tenra infância, demonstrou uma prodigiosa acuidade mental, e cedo precisou deixar o *cheder* porque estava muito mais adiantado que seus colegas de classe. Seu pai teve de contratar professores particulares para ele.

Ainda criança, já se manifestavam nele os sentimentos de profunda abnegação e amor ao próximo. Certa vez, sua mãe recordou que quando tinha nove anos ele mergulhou no Mar Negro para salvar a vida de outro menino que tinha caído do convés de um navio ali ancorado.

Na época de seu *Bar-Mitsvá*, o Rebe já era considerado um *ilui*, um prodígio na Torá.

As pessoas que assistem aos *farbrenguens* do Rebe hoje em dia saem espantadas com a quantidade e a qualidade da erudição que dele flui, hora após hora, sem o auxílio de nenhum texto ou anotações. Conta-se que boa parte de seu vasto conhecimento foi ad-

quirida em sua juventude, estudando solitariamente em seu quarto em Yekatrinskav.

O Rebe encontrou o Rebe de Lubavitch anterior, Rabi Yossef Yitschac Schneerson, em Rostov, Rússia, no ano de 1923. Quatro anos mais tarde, Rabi Yossef Yitschac foi sentenciado à morte pelos bolchevistas, em consequência de seu trabalho de difusão do Judaísmo por toda a Rússia, mas foi libertado milagrosamente após a intervenção de estadistas estrangeiros, incluindo o presidente dos Estados Unidos, Herbert Hoover. Então, estabeleceu-se com sua família em Riga, e, mais tarde, em Varsóvia. Em 1929, Rabi Menachem Mendel casou-se com a segunda filha de Rabi Yossef Yitschac, Rebetsin Chaya Mushka, em Varsóvia.

Foi, então, estudar na Universidade de Berlim, e depois em Paris.

Em 1941 emigrou para os Estados Unidos. Seu sogro, que chegara aos Estados Unidos um ano antes, indicou-o como Presidente do Comitê Executivo da recém-fundada organização, que incluía o *Merkos L'Inyonei Chinuch*, ramificação educacional do Movimento Lubavitch, a *Machné Yisrael*, serviço organizacional do Movimento dedicado ao bem-estar social dos judeus, e a *Kehot Publication Society*, a editora de Lubavitch.

Daí em diante, o Rebe começou a escrever suas anotações sobre vários tratados *chassídicos* e cabalísticos, assim como uma ampla série de *responsas* sobre assuntos de Torá.

No verão de 1944, recebeu a notícia do falecimento de seu pai numa cidade longínqua do Casaquistão, Rússia Central. O exílio de Rabi Levi Yitschac começara em 1939, quando foi preso em Yekatrinskav, pela N.K.V.D., por difundir o Judaísmo entre seu povo. Esse singular erudito cabalista foi tirado de sua casa, aprisionado e exilado por cinco anos numa pequena cidade, Chili, onde morreu aos 66 anos. Uma biografia do pai do Rebe acabou de ser editada em Israel pela *Kehot Publication*.

A mãe do Rebe, Rebetsin Chana Schneerson, que tinha acompanhado seu marido, conseguiu produzir tinta extraída de ervas colhidas nos campos, a fim de que seu marido pudesse continuar seus

escritos, mesmo estando preso. Inacessíveis durante muitos anos, providencialmente esses manuscritos chegaram finalmente às mãos do Rebe, e deles já foram publicados, até agora, cinco volumes.

Após a Segunda Guerra Mundial, Rebetsin Chana foi para a França, onde, em 1947, encontrou-se com seu filho, que a levou para os Estados Unidos (essa foi a última vez que o Rebe deixou Nova York). Ela viveu junto dele, no Brooklyn, até seu falecimento, em 1964.

Após o falecimento de Rabi Yossef Yitschac, em 1950 – 10 de *Shevat*, 5710 – seu genro, Rabi Menachem Mendel, ascendeu relutantemente à liderança do movimento florescente, e logo as instituições e atividades de Lubavitch assumiram novas dimensões.

A filosofia extensiva de *Chabad*, a propagação da Palavra Divina sob o lema *Ufaratsta* – “e você se espalhará para Oeste e para o Leste, para o Norte e para o Sul” (*Gênesis XXVIII:14*) – foi convertida em ação; Centros Lubavitch e Casas de *Chabad* (“*Beit Chabad*”) foram abertas em dezenas de cidades dos Estados Unidos.

No exterior, Centros Lubavitch foram estabelecidos ou expandidos na Argentina, Austrália, Bélgica, Brasil, Venezuela, Inglaterra, Escócia, França, Holanda, Itália, Alemanha Ocidental, África do Norte e África do Sul, assim como no Canadá e em outras áreas.

Milhares de jovens devem ao Rebe aquele que pode ter sido o seu primeiro encontro com o Judaísmo, que lhes proporcionou sinceridade, desafio intelectual e gratificação emocional na tradição de seus antepassados. Foi a preocupação do Rebe que ligou *Chabad* às universidades, onde se encontra o verdadeiro desafio. Hoje em dia, existem aproximadamente cem Casas de *Chabad* servindo às comunidades que vivem nos *campi* universitários – como uma “casa longe de casa” –, além de haver, ao redor do mundo, aulas para instrução de adultos e aconselhamento, intervenção em casos de crise e serviços e programas para o *Shabat* e Festas Religiosas. Foi *Chabad* quem se colocou na linha de frente para a salvação de nossa juventude da ameaça de grupos missionários nos *campi* de hoje.

Essas instituições controlam a pulsação da vida judaica ao redor

do globo e contribuem para a sua saúde espiritual e estabilidade. Elas se reportam à sede mundial de Lubavitch, em Nova York, a fim de que o Rebe fique constantemente informado sobre o que está acontecendo com a vida judaica ao redor do mundo.

Foi o Rebe quem assumiu o papel de líder, ocupando-se com a onda de emigração soviética e assegurando o futuro material e espiritual dos imigrantes russos. *Chabad* está presente quando eles chegam, cumprimentando-os em sua própria língua e ajudando-os a se ajustarem a uma nova vida como judeus num país livre.

Milhões de cópias de livros e publicações de interesse judaico, impressos em várias línguas, como hebraico, ídiche, inglês, espanhol, francês, italiano, português e outras, estão continuamente nas impressoras das editoras de Lubavitch. Uma grande biblioteca de literatura judaica, publicada em russo pelas editoras de Lubavitch em Nova York e Israel, tornou-se uma ajuda indispensável aos milhares de recém-chegados imigrantes russos que não têm fluência em nenhuma outra língua.

O Rebe criou um *Jewish Peace Corps*. Parte desse programa envolve centenas de estudantes de Lubavitch, mais velhos, que passam suas férias de verão visitando centenas de comunidades, para manter contato com as populações judias, levando-lhes *tefilin*, livros e inspiração religiosa.

Em 1953, o Rebe fundou a Organização Feminina Lubavitch, e em 1955, a Organização Juvenil Lubavitch. O resultado é uma convergência constante de jovens aos Centros de Lubavitch. Essas atividades ocasionaram o retorno de milhares de judeus ao Judaísmo.

Instituições especiais de Lubavitch foram estabelecidas ao redor do mundo, fornecendo serviços educacionais para pessoas indiferentes ao Judaísmo e principiantes tardios – homens e mulheres – que, de outro modo, seriam incapazes de cursar a *yeshivá* convencional ou escola de moças.

Sempre que um problema inusitado surgia diante do povo judeu, o Rebe se empenhava em cuidar dele. Sob sua orientação, foi fundado o único programa de combate às drogas nos Estados

Unidos dedicado à juventude judaica, com um posicionamento dinâmico de reabilitação.

Motivado pelo profundo amor ao seu povo, o Rebe não hesitou em utilizar uma tecnologia moderna e meios de comunicação instantâneos e globais para levar o antigo, porém eterno, caminho da Torá da Verdade para os judeus, em todos os lugares.

Assim, frequentemente, as palestras públicas do Rebe podem ser ouvidas em todos os cantos do mundo, por transmissões internacionais, por via telefônica, e são ouvidas pelos seus milhares de adeptos e simpatizantes onde quer que se encontrem. Esse tem sido também um meio eficiente de fazer chegar sua palavra de ordem aos seus emissários espalhados por todos os rincões da terra, de modo a agilizar a execução das campanhas do Rebe em prol do Judaísmo.

Neste sentido, ultimamente, o Rebe vem enfatizando a necessidade da educação da nova geração. Ouvimos frequentemente o Rebe dizer: “Não devemos descansar até que seja assegurada a cada criança judia uma educação judaica adequada.”

Para o *chassid* e o estudioso da Torá, para os líderes comunitários e o intelectual, para o profissional e o operário, para as pessoas comuns e os *hippies*, o Rebe personifica as grandes qualidades de liderança com as quais os judeus foram graciosamente dotados através de sua história; é ele que, com profunda humildade, compreensão e compaixão, se relaciona com todos eles, com cada um de acordo com seu espírito individual.

---

## ***CHABAD-LUBAVITCH*** **NA TERRA SANTA**

---

O modo dinâmico de o Rebe tratar os problemas do Judaísmo em seus vários âmbitos deixou sua marca impressa no mundo judaico. Ele tem sido extremamente sensível aos problemas de Israel e à necessidade de uma tomada de posição sincera e calorosa para trazer o Judaísmo aos defensores valentes do lar nacional judaico. Por intermédio do maior centro de *Chabad*, Kfar Chabad, e por meio da rede de estabelecimentos e instituições *Chabad* em Israel, o Rebe tem trazido conforto e sentido aos milhares de israelenses que sorriem afetuosamente ao ouvir o termo “*Chabad*”.

Para eles, *Chabad* significa *Bar-Mitsvá* coletivo para órfãos de guerra, presentes de *Purim* e *Chanucá* numa trincheira nas colinas do Golan, escolas para crianças de todas as origens ou um ofício ensinado numa escola vocacional *Chabad*, que lhes proporciona dignidade como cidadãos produtivos de Israel.

Kfar Chabad, a colônia de Lubavitch perto de Tel-Aviv, transformou-se num centro educacional único para milhares de jovens judeus.

Além de suas *yeshivot* para estudantes de todas as idades, ela oferece diversos tipos de treinamento vocacional, como tipografia, marcenaria, mecânica, laminação de metais e agricultura. Existem instituições separadas para rapazes e moças. Há também um grande centro de absorção que auxilia milhares de novos imigrantes. Adjacente a Kfar Chabad, há uma “Cidade de Moças”, que é o lar de 1.500 jovens. Lá, elas recebem um completo treinamento religioso e vocacional, desde o primário até o colégio e seminário.

Há vários anos, o Rebe fundou, a cerca de 16 quilômetros ao sul de Rechovot, um novo estabelecimento Lubavitch, Nachalat Har Chabad, onde foram abrigadas mais de trezentas famílias russas. As escolas são providas de instrutores de Lubavitch que falam russo.

Uma nova comunidade Lubavitch está sendo construída pelo Rebe em Safed, a antiga cidade ao norte da Galileia. Várias instituições educacionais Lubavitch estão ali funcionando, e alojamentos estão em construção para atender a centenas de novas famílias. O Rebe enviou famílias Lubavitch dos Estados Unidos para residir naquela localidade.

Uma grande rede de instituições educacionais diversificadas surge em todo o país.

Depois da Guerra dos Seis Dias, quando a Cidade Velha de Jerusalém foi libertada, a única sinagoga encontrada intacta foi a Sinagoga Lubavitch, conhecida como o *Tsemach Tsedek Shul*, que ali foi fundada por Rabi Menachem Mendel de Lubavitch, o homônimo e ancestral do Rebe, há aproximadamente um século e meio. O Rebe fez com que esse lugar fosse restaurado, e hoje ele é usado diariamente para estudo e orações.

Entre os temas a que o Rebe tem se dedicado recentemente encontra-se a questão de “quem é judeu”. O Rebe tem se pronunciado, forte e claramente, no sentido de que seja realizada a emenda necessária a uma lei israelense, que tem sido a causa do registro de não-judeus como judeus nos documentos de imigração israelense. A lei existente deixa de especificar que as conversões para o Judaísmo devem estar de acordo com a *Halachá* (Lei Judaica). O Rebe vê

na lei existente o perigo de assimilação inconsciente dos judeus em Israel e na diáspora, e uma situação ameaçadora de deturpação, em que seria impossível discernir quem é e quem não é judeu. Ele tem insistido enfaticamente para que a lei seja emendada, a fim de elucidar claramente que apenas as conversões de acordo com a *Halachá* são válidas.

A campanha mundial de *tefilin* do Rebe, inaugurada durante a Guerra dos Seis Dias, tem feito milhares de judeus voltarem a cumprir essa importante *mitsvá*.

Após a Guerra dos Seis Dias e, novamente, após a Guerra de *Yôm Kipur*, quando Israel e os judeus de todo o mundo contavam as suas perdas, o Rebe deu ordens para que seus seguidores ajudassem as viúvas e os órfãos dos heróis tombados. Assim, formou-se um clube nacional que se reúne regularmente em Kfar Chabad e em outras localidades nas Festas e ocasiões especiais. Todo ano, uma celebração de *Bar-Mitsvá* comunitária para os órfãos é realizada em Kfar Chabad e assistida por milhares de convidados, dignatários religiosos e autoridades governamentais e militares. Cada menino recebe um par de *tefilin* como presente pessoal do Rebe. Essas celebrações tornaram-se acontecimentos nacionais em Israel.

Dois grossos volumes, intitulados *Challenge* (Desafio), que descrevem as instituições e atividades de Lubavitch em várias partes do mundo, foram publicados recentemente pela Fundação Lubavitch de Londres. O segundo volume trata inteiramente das atividades Lubavitch em Israel, começando com o *Alter Rebe*, Rabi Shneur Zalman de Liadi, e suas atividades em apoio aos judeus da Terra Santa no século 18.

### CAMPANHA DAS *MITSVOT*

Em todas as ocasiões possíveis, o Rebe insiste numa difusão maior da Campanha das *Mitsvot* entre os judeus, lançada por ele em anos recentes para estimular o cumprimento de certos preceitos fundamentais. Com a observância dessas dez *mitsvot* específicas,



o indivíduo e a família experimentarão um relacionamento mais profundo e significativo com a sua herança judaica. São elas:

1. *AHAVAT YISRAEL* – Amar o seu irmão judeu

Hilel (um dos maiores sábios da *Mishná*) explicou que o amor ao próximo e os estágios de desenvolvimento pessoal necessários para que esse amor seja genuíno são fundamentais para a observância judaica. A campanha de *Ahavat Yisrael* procura influenciar cada indivíduo de modo que seus pensamentos, palavras e ações sejam permeados por interesse e sensibilidade reais pelo bem-estar do seu irmão judeu.

2. *CHINUCH* – Educação pela Torá

A campanha de educação pela Torá quer envolver cada uma e todas as crianças judias num programa educacional que lhes ensine o que significa viver como judeu. Igualmente, os adultos são encorajados a se inscreverem em grupos de estudo e seminários, de acordo com o seu meio e conhecimento.

3. ESTUDO DA TORÁ – Todos os dias, todas as noites

Rabi Shneur Zalman, o fundador do movimento *Chabad-Lubavitch*, explicou que o estudo da Torá deve estar fixado não só no tempo, mas também na alma, de modo que se transforme no ponto em torno do qual gira todo o espectro da vida cotidiana.

4. *TEFILIN* – A colocação diária por homens maiores de 13 anos

A Torá descreve o *tefilin* como um sinal, uma afirmação pública de envolvimento judaico. Ao colocar *tefilin* todos os dias (exceto *Shabat* e *Yom Tov*), o indivíduo dá expressão aos seus sentimentos básicos de identificação judaica e à sua importância para ele. Os *tefilin* são colocados no braço, frente ao coração, e sobre a cabeça. Isto significa a ligação dos poderes emocionais e intelectuais do indivíduo com o serviço a D'us. As tiras, que estendem-se do braço para a mão e da cabeça para as pernas, significam a transmissão da

energia intelectual e emocional para as mãos e para os pés, simbolizando ação e movimento.

### 5. MEZUZÁ – O Sinal judaico

Uma *mezuzá* designa uma casa ou um recinto fechado como sendo judaico. É um claro sinal da natureza do ambiente. Ela deve estar no batente direito da porta de cada quarto ou sala. Nossos sábios dizem que o nome Divino S-H-A-D-A-I do lado externo de cada *mezuzá* também significa que o Todo-Poderoso é o “Guardião de Portas de Israel”. Explicando, a *mezuzá* protege o lar e os seus ocupantes.

Numa *mezuzá*, o que está dentro é o que conta. Deve haver um pergaminho com os dois primeiros parágrafos do *Shemá* escritos por um escriba profissional. Infelizmente, diversas *mezuzot* impressas ou imprópriamente escritas inundaram o mercado. Além disso, muitas *mezuzot* originariamente boas já se desgastaram ou racharam em consequência da idade e do mau tempo. Deve-se procurar uma autoridade competente para verificar todas as *mezuzot*.

### 6. TSEDACÁ – Fazer caridade todos os dias da semana

*Tsedacá*, embora comumente traduzida como caridade, literalmente significa retidão ou justiça. A simples palavra “caridade” implica numa atitude condescendente – doar mesmo a quem não seja merecedor. *Tsedacá* muda essa perspectiva. A pessoa dá, imbuída de um senso de responsabilidade, sabendo que o que possui também é uma caridade de D’us. A campanha de *tsedacá* pede um aumento das doações. Manter uma caixa de *tsedacá* em lugar visível serve como um lembrete constante para praticá-la frequentemente, todos os dias da semana.

### 7. POSSE DE LIVROS SAGRADOS JUDAICOS

O ambiente ensina. O que alguém tem no seu lar ajuda a determinar que tipo de lar será aquele. Com livros sagrados judaicos ostensivamente expostos em casa, os seus moradores, bem como os seus amigos, ficarão estimulados a usá-los. Sua simples presença faz

recordar o seu conteúdo e a importância dos valores judaicos. Naturalmente, quanto mais livros, tanto melhor. Entretanto, a campanha sugere no mínimo um *Chumash* (os cinco livros de Moisés, também denominado Pentateuco), um *Tehilim* (um livro de Salmos) e um *Sidur* (livro de orações).

#### 8. ACENDER VELAS DE *SHABAT* E DAS FESTAS

A luz é um assunto que tocou a imaginação de poetas, cientistas e psicólogos. Porque a sua natureza é tão diferente das outras entidades materiais, ela é muitas vezes usada para descrever introspecção espiritual. O *Shabat* é um dia de luz, um dia com um padrão e uma orientação de valores muito especiais. O acender das velas de *Shabat* introduz e inspira esse estado de percepção. A responsabilidade em acender as velas e induzir essa mudança de perspectiva pertence à mulher. É ela que dá as boas-vindas do lar à “Rainha *Shabat*”. Meninas desde a idade de três anos são encorajadas a acender a sua própria vela, tanto como um instrumento de envolvimento bem como parte de sua educação. As velas de *Shabat* são acesas 20 minutos antes do pôr-do-sol.

#### 9. *KASHRUT* – As leis dietéticas judaicas

Consumir alimentos *kasher* traz para o lar, num nível muito básico e fundamental, uma identificação com o Judaísmo de cada um. Enquanto o envolvimento judaico se limita à prece, ao estudo ou mesmo a atos rituais específicos, não há prova de que ele permeie o “eu” real da pessoa. Quando o judeu come da maneira prescrita, o seu Judaísmo não é apenas algo metafísico, mas uma parte e parcela do seu próprio ser. A observância da *kashrut* consiste em comer somente alimentos *kasher* tanto em casa como fora dela. Consiste também em não ingerir laticínios e carnes juntos e em manter louça, talheres e utensílios separados para carne e laticínios.

#### 10. *TAHARAT HAMISHPACHÁ* – Pureza familiar

Casamento e sexualidade são tratados com muito cuidado pela

tradição judaica. Não é coincidência que em lares constituídos com consciência da Torá a taxa de divórcios seja muito inferior à média geral. *Taharat Hamishpachá*, as atitudes e práticas para uma vida conjugal feliz, ajudam a desenvolver comunicação e amor genuínos entre marido e mulher, e a trazer para o mundo filhos saudáveis e amorosos.

O estudo pormenorizado das leis de Pureza Familiar é, por sua própria natureza, complexo e deve ser orientado por pessoas de reconhecida competência.

Os *Mitsva Tanks*, veículos de *mitsvá* de Lubavitch, ou “tanques judaicos de combate à assimilação”, como são frequentemente chamados pelo Rebe e que parecem encontrar-se em todos os lugares ao mesmo tempo, tornaram-se cena familiar nas comunidades urbanas e suburbanas através das Américas, Europa, países africanos, Austrália, Israel etc.

Eles estão sempre em movimento para lembrar os judeus da observância de uma festa religiosa em particular, para dar-lhes a oportunidade de praticar uma *mitsvá* e para incentivá-los a entrar em contato com sua herança judaica.

Num mundo despedaçado, com falta de sentido espiritual e desencanto, o Rebe, por intermédio da campanha das *mitsvot* e de sua firme e lúcida liderança, fez de Lubavitch uma âncora, um pilar de luz e esperança, com o qual os judeus de todas as classes e idades podem se identificar.

# INTRODUÇÃO À EDIÇÃO EM HEBRAICO\*

## -I-

O primeiro mandamento que o Eterno, nosso D’us, ordenou a todo o povo de Israel quando estavam diante do Monte Sinai, e que constitui o mandamento da fé, é a proclamação: “Eu Sou o Senhor, teu D’us, ...” Diz o Rambam<sup>\*\*</sup>: “A base fundamental e pilar das ciências é saber que existe uma Causa Primeira, e esta dá existência a tudo o que existe e a todos os seres dos céus e da terra, e que aquilo que há entre eles não passou a existir senão pela verdade da Sua Existência”.

Em uma das cartas, já tratei longamente do esclarecimento desta questão; de que precisamos nos ocupar do entendimento dessa fé com uma explicação racional, pois a isto [Rambam] se refere

---

\* Para maior fidelidade ao texto original, os nomes próprios, assim como algumas palavras e expressões características, não foram adaptados nem traduzidos para o português. Foi feita apenas a sua transliteração, conforme a pronúncia em hebraico, grifada em itálico, atribuindo-se ao “ch” a pronúncia do “rr” em português.

\*\* Sigla do nome Rabi Moshê Ben Maimon, conhecido como Maimônides (1135 – 1204), sábio, filósofo, codificador e jurista.

com a expressão “saber”, e não com a expressão “crer”. Quando ele diz “saber”, isto também demonstra que é possível saber e conhecer esse assunto com percepção racional, e todo aquele que percebe e entende aquilo que é possível saber e entender fortalece a sua fé em D’us, que está acima do limite da percepção, pois esta é a verdadeira essência da fé”. (*Kuntras “Limud HaChassidut”*, de Rabi Yossef Yitschak\*, de abençoada memória, pp.16/17).

Todo judeu acredita em D’us. A questão não está ligada às suas aptidões e à sua inteligência, pois a fé está acima do saber e da percepção.

A virtude da fé que está enraizada na alma de cada judeu é tão grande que sua expressão sobrepuja todas as outras manifestações da alma – todas estas são revelações e extensões da alma aparentemente separadas dela, enquanto a fé está gravada na essência da alma, e todo aquele que, D’us não o permita, toca e fere a fé, está ferindo o núcleo da alma; “portanto, até mesmo o mais leve [dos homens] e os pecadores no seio de Israel, na maioria dos casos, sacrificam suas vidas pela santificação do Nome de D’us e suportam as piores torturas para abster-se de negar o D’us Único, mesmo quando são iletrados e ignorantes e não conhecem a grandeza de D’us. [Pois] por menor que seja o conhecimento que possuam, eles não se aprofundam nisto, e não se sacrificam em razão de qualquer conhecimento e da contemplação de D’us. Mas [eles se sacrificam] sem nenhum conhecimento e reflexão, como se apenas fosse totalmente impossível negar o D’us Único sem qualquer razão, argumento ou motivo” (*Tanya*, final do cap. XVIII).

Portanto, verificamos que a fé não é equivalente ao conhecimento e ao saber, pois o saber é limitado, e a fé é de nível “infinito”. Não se engane, leitor; não pretendemos com estas palavras diminuir a imagem e o valor da razão. Quando avaliamos e comparamos o seu mérito com as atividades e as forças da alma, que estão abaixo dela, então verificamos a sua grandeza e extraordinária importância.

---

\* Veja Quadro Dinástico – p.13

Todo indivíduo sensato, ao raciocinar e se aprofundar em qualquer tema científico, abrange com seu intelecto o objeto de seu raciocínio, sendo também envolvido e abrangido por este; ou seja, o abrangente e o abrangido são como um só, o que indica uma associação entre ambos. Com relação às coisas materiais, não existe nenhuma união como essa.

Contudo, diante da fé, isto ainda é pouco.

## -II-

O [nosso] saber e entendimento da Divindade são grandes e importantes no Serviço a D'us, e apesar de a fé encontrar-se em um grau superior, o mérito de entender a Divindade é maior e mais elevado. Assim também nos foi ordenado: “E saberás hoje, e levarás ao teu coração que o Senhor é D'us.”

E ainda foi dito: “Conhece o D'us do teu patriarca.”

E duas vezes ao dia nós testemunhamos: “Ouve, ó Israel, o Senhor é nosso D'us, o Senhor é Um” – ouvir refere-se a entendimento (veja *Bereshit*, 41:15 e 42:23).

Assim também é a decisão legal do Rambam, [que constitui] norma de ação, de que o mandamento é “saber que existe uma Causa Primeira...”, e não nos foi ordenado “crer”. Além disso, ali consta que “o conhecimento disso é um mandamento de ação, conforme está escrito, ‘Eu Sou o Senhor, teu D'us’.”

Tudo o que foi mencionado significa que, além da fé, devemos também entender e conhecer D'us tanto quanto possível. É claro que o conhecimento possível da Divindade é apenas um conhecimento da Sua Existência, e não de Sua Essência.

O conhecimento e o entendimento da Divindade – além de enobrecer a mente e o coração e habilitá-los como instrumentos dignos de receber a luz e a emanção Divina – também são o portal e a chave para o serviço do coração, que é a prece; despertam o sentimento Divino do coração judeu, de amor e temor a D'us, que se manifestam no cumprimento dos seiscentos e treze mandamentos

e nas boas ações.

Apesar de os caminhos da fé se elevarem a grandes alturas, é exatamente por este motivo que ela, do alto, “envolve” o homem, e enquanto não for realizada uma ação específica para revelar e exteriorizar a fé, ela não se ajustará à vida prática.

Nossos Sábios, de santa e abençoada memória, já disseram: “O ladrão, antes de roubar, pede ajuda ao Misericordioso ...” (*Berachot* 63a, conforme a versão do *Ein Yaakov*). Ou seja, apesar de acreditar que o Misericordioso ouve a sua prece, ainda assim ele rouba, contrariando a Vontade de D’us.

Por isso, o homem tem o dever de conduzir a fé à sabedoria [*chochmá*], ao entendimento [*biná*] e ao conhecimento [*daat*] no cérebro, e deste, ao coração, com amor e temor a D’us, e do coração, à prática através do pensamento, palavra e ação.

### -III-

Não há semelhança entre uma sabedoria e outra.

A mais elevada e pura é a Sabedoria Divina – a Sabedoria da Torá –, “pois esta é a Vossa sabedoria e entendimento aos olhos dos povos”, diz o versículo. É assim quanto à interioridade da Torá – [parte não revelada da Torá] –, “a pesquisa de D’us que abre os portais dos templos da sabedoria e do entendimento para que saibamos e reconheçamos, numa concepção intelectual, Aquele que disse e [por Sua Assertiva] o mundo se fez”, e isto é um guia para cada judeu servir a D’us com seu intelecto e seu coração. É assim também quanto à exterioridade da Torá [parte revelada da Torá] – a Sabedoria e a Vontade do Todo-Poderoso que se “desprende” e desceu para revestir-se em coisas materiais, a fim de indicar ao homem o que ele deve fazer neste mundo. O ponto comum entre elas [interioridade e exterioridade] é que ambas são consideradas Sabedoria Divina.

Abaixo da Sabedoria Divina encontram-se a sabedoria e o intelecto humano, que se ocupam de coisas existentes no mundo,



questões da natureza e do mundo presente; estas, se por um lado não implicam, por si só, em proibição, também não se revestem de santidade, e, eventualmente, se não forem utilizadas para um objetivo positivo de santidade podem servir como portal de entrada para coisas más e impuras.

Porém, aprendemos que a sabedoria pode ser utilizada em função das necessidades positivas do homem, em consonância com a santidade.

Num plano ainda mais baixo, não existindo outro inferior a ele, está a chamada “sabedoria” que não é nada senão tolice, ou seja, heresia e negação da Divina Providência e das profecias, e “é absolutamente proibido ler e olhar” [essas heresias] até mesmo ocasionalmente, ou aprender delas qualquer conceito moral ou de temor a D’us (*Shulchan Aruch* do *Alter Rebe*<sup>\*</sup>, Leis de Estudo da Torá, cap. III, art. 7), da mesma forma que é proibido usufruir da “idolatria”, mesmo que a intenção seja em nome dos Céus [elevada]. Falaram os sábios: “Aquele que lê livros profanos não tem quinhão no Mundo Vindouro” (*Mishná*, início do cap. *Chelek*), porque esta “sabedoria” é um mal absoluto, uma mentira inconsistente que não contém nenhum bem, e, portanto, não proporciona proveito positivo.

O homem deve ocupar-se sempre da sabedoria da Torá, que é a Verdade vinculada à Sabedoria e à Vontade do Todo-Poderoso, e desse modo se unir a D’us que outorgou a Torá. Já foi dito no santo *Zohar*<sup>\*\*</sup>: “Três laços estão ligados entre si – o povo de Israel, a Torá e o Todo-Poderoso. Israel está ligado à Torá, e a Torá, ao Todo-Poderoso”.

“Todas essas ciências, e aquelas complementares a elas, como a medicina e outras, encontram-se na sabedoria da Torá – que é o ornamento das ciências e a coroa de sua majestade –, algumas ordenadamente explícitas e outras subentendidas na Torá e trans-

---

\*Como é conhecido entre os *Chassidim* de Lubavitch, Rabi Shneur Zalman de Liadi (veja Quadro Dinástico – p. 13).

\*\**Zohar* – “O Livro do Esplendor”, obra básica da Cabalá, de autoria de Rabi Shimon Bar Yochai (meados do século 11).

mitidas pela tradição oral de uma pessoa a outra por intermédio dos grandes sábios de Israel, que são os portadores da tradição, e os seus portadores de geração em geração; e em cada geração os sábios principais escrevem a sua interpretação num livro, para explicar as palavras e a sabedoria da Torá conforme a qualidade dos talentos dos homens de sua geração” (*Memórias de Rabi Yossef Yitschak Schneersohn*, de abençoada memória, 2ª parte, p. 430).

\* \* \*

Nosso justo líder, mestre e Rebe de Lubavitch, nos beneficia com sua bondade e ensina à nossa geração, uma geração decadente, os caminhos do Serviço a D’us, revelando os segredos da Sabedoria Divina de um modo que cada judeu tenha a possibilidade e o acesso aos tesouros da Torá e da sabedoria.

Para este fim ele também se utiliza das ciências físicas e naturais, fazendo delas um instrumento e ferramenta para a revelação e explicação da fé Divina, também na medida do intelecto humano, a fim de construir para Ele, Bendito seja, uma morada aqui embaixo.

Isto se reflete nas cartas contidas nesta edição, que se constituem numa pequena parte do grande número de cartas do Rebe sobre esses assuntos.

Cumpramos notar que muitas das cartas aqui editadas foram originariamente escritas em inglês, e procuramos traduzi-las de modo fiel ao seu texto original. Contudo, “quem pode discernir os erros?” Uma vez verificado que um determinado assunto não foi devidamente entendido, ou que não conseguimos traduzi-lo com exatidão, pedimos perdão aos leitores e teremos satisfação em receber suas observações.

Para facilitar ao leitor, dividimos as cartas em seis capítulos, cada um deles contendo cartas sobre um determinado assunto; no entanto, é claro que por vezes uma carta inclui diversos assuntos, e, nesse caso, classificamos a carta de acordo com o tema principal.

No final, acrescentamos um apêndice, que inclui a tradução de

trechos dos santos pronunciamentos que o Rebe proferiu em diversas ocasiões e onde abordou também os mencionados assuntos. Do mesmo modo, acrescentamos traduções de entrevistas particulares que diversos cientistas tiveram com o Rebe sobre os mesmos temas de que trata esta edição, e achamos correto acrescentá-los ao presente trabalho para completar o quadro.

Seja a Vontade de D’us que possamos todos, como uma só pessoa, aprender e ensinar, observar e cumprir a Vontade de nosso Pai Celestial, e que cresça o conhecimento no âmago de Israel, e se propaguem as fontes da *Chassidut*, atingindo o “exterior”, até que se cumpra a profecia, “E a terra ficará repleta do conhecimento de D’us como as águas que preenchem o leito dos mares”, com a Redenção verdadeira e total, através da vinda do nosso justo *Mashiach*, brevemente em nossos dias, Amém.

\* \* \*

Esta edição foi concluída em comemoração a *Yud Shevat*, dia do falecimento do Rebe Anterior, de abençoada memória, e também o dia em que nosso líder, mestre e Rebe aceitou a liderança.

Com isto, juntamente com todo o povo de Israel, do fundo de nossos corações, enviamos ao nosso líder, mestre e Rebe as nossas bênçãos para que o Todo-Poderoso fortaleça sua saúde e prolongue seus dias e anos – no bem e na doçura –; que ele trave a batalha de D’us e seja vitorioso; que lidere todo Israel em geral, e seus *chassidim* em particular, com muito sucesso e, de fato, em breve, nos conduza íntegros à nossa terra.

*Shevat*, 5737

Editora Machon Lubavitch, Kfar Chabad

---

# CAPÍTULO I

---

## CAPÍTULO I – FÉ

1. A Prova da Existência do Criador .....	37
2. Continuação à Carta Anterior .....	45
3. Reino de Sacerdotes e uma Nação Sagrada .....	48
4. O Argumento “Falta de Fé” Não Passa de Fantasia .....	51
5. A Preocupação do Homem com a Falta de Fé é a Prova para a Sua Fé! .....	53
6. Fé com Simplicidade ou Pesquisa e Investigação.....	54
7. A Natureza: Prova para a Fé “Simples” .....	55
8. Fundamento da Justiça .....	57

## 1. A PROVA DA EXISTÊNCIA DO CRIADOR

B”H\*

25 de *Iyar*, 5719

Saudação e bênção!

Confirmo o recebimento de sua carta, anexa à pergunta formulada pelos jovens; tenha a bondade de solicitar o perdão deles pelo atraso em minha resposta, em virtude dos múltiplos afazeres, particularmente nos dias e semanas que antecedem e sucedem a Festa de *Pessach*.

Obviamente, no que se refere à essência da pergunta, é impossível respondê-la de modo conciso em uma carta; portanto, sou forçado a limitar a resposta aos pontos principais. Mas minha esperança é que em alguns pontos de minha carta possa ser acrescentado um esclarecimento espontâneo, baseado nas explicações constantes de nossa Torá e especialmente nos livros de *Chassidut*.

Da mesma forma, fica claro e evidente que se em minha carta forem encontrados tópicos que não expliquem suficientemente as questões, estou sempre disposto a responder a perguntas suplementares, ou até a questões mais profundas, e esclarecer contradições, procurando respondê-las com o melhor de meus conhecimentos.

### **Respondendo à pergunta:**

“Existirá uma forma pela qual nós, céticos, possamos convencer-nos da verdadeira existência de D’us, de forma clara, sem nenhuma vacilação e possibilidade de dúvida?”

De um modo geral, existem perguntas aparentemente simples e que, à primeira vista, se referem a assuntos simples, e por esta razão são formuladas com termos também simples e comuns; apesar disto, justamente estas perguntas exigem um cuidado especial, e os seus termos demandam uma interpretação precisa – especialmente uma questão da qual muitos se ocuparam durante centenas e

---

\* Abreviatura da expressão *Baruch Hashem*, “Bendito seja D’us”, com a qual tradicionalmente se inicia qualquer texto.

milhares de anos, em ambientes amplos e diversos, tornando inviável que todos eles tenham intenções iguais quanto ao seu conteúdo, em todos os seus detalhes. Por esta razão, é regra que aquele que formula uma questão desta natureza explique a sua linguagem e defina as expressões das quais se utiliza.

Assim também é no que se refere à pergunta em que é pedida uma prova da verdadeira existência do Criador; – os assuntos “existência”, e do mesmo modo, “prova”, relativos a algo existente constituem conceitos nebulosos, especialmente em razão da frequência com que são utilizados, a começar de um menino e chegando até o pesquisador, que é minucioso e preciso em todos os seus assuntos – e eles [os jovens] não esclareceram sua opinião sobre o assunto.

Explicando melhor: há quem diga que no mundo de um menino, “existência” e comprovação de existência é apenas algo que ele pode apalpar com as mãos. Para um cego, por exemplo, a existência de cores e tonalidades é negada por si mesma, e ele precisa basear-se num terceiro que lhe diga ver essas cores!

E num grau mais desenvolvido, “todos” concordam decidida e certamente que toda ação implica na existência de uma causa e fonte para essa ação, e, assim, quando vemos tais ações, eis que elas são provas da existência da “força” ativa, apesar de não existir nisto [uma] prova direta e, aparentemente, permanecer lugar para dúvida. Um exemplo que ressalta isto é a existência da força elétrica: o homem é possuidor de sentidos e o seu sentido da visão torna verdadeira a existência das cores, da mesma forma que o sentido da audição confirma a existência do som, e assim por diante. Estas são consideradas como provas finais e diretas, mas o ser humano não tem sensibilidade de “visão” da força elétrica, senão quando vê seus efeitos, ou seja, quando um fio se aquece, ou quando o medidor elétrico oscila etc.; então, ele decide que existe uma força que se chama elétrica – que ele jamais verá –, e esta é a causa e o impulso dos fenômenos mencionados. E isto também é considerado como prova definitiva. Da mesma forma ocorre no que se refere

à força magnética etc. Utilizei-me do exemplo supra porque toda a existência da eletricidade é universalmente aceita, sem qualquer sombra de dúvida.

E não apenas de forma tão simples, mas também num plano ainda mais complexo, aceita-se agora, definitivamente, o ponto de vista de que a cada ação corresponde um agente causador existente, mesmo que isto seja oposto ao raciocínio. Por exemplo: a “existência” da força da gravidade, cuja prova é o movimento de objetos concretos, em que não se vê nenhuma causa para esses movimentos e por isso se aceita como existente a força da gravidade – apesar da existência de uma força assim, a distância do objeto e a ausência de um intermediário entre eles é um assunto que o raciocínio sadio não pode admitir. Porém, já estamos acostumados com esse conceito desde os anos da infância, e ele é repetido nos livros de estudo, até que se tornou algo “simples”, acima do campo da dúvida e da indecisão.

A experiência para demonstrar a força da gravidade pela intermediação de uma matéria “tênue”, chamada éter, torna necessário que este intermediário [o éter] tenha tantas características opostas e paradoxais a ponto de ser ainda mais contestado do que a possibilidade de ação a distância sem nenhum intermediário. É impossível que exista absurdo maior que este. Não sei a que ramo das ciências se dedicam os jovens que apresentaram a pergunta acima, e se eles se ocupam das ciências supostamente chamadas de “exatas”; porém, justamente no campo dessas ciências foi inovado nos últimos tempos mais um assunto totalmente incompreensível para o entendimento sadio, mas que, apesar disto, foi acolhido por todos os mestres das ciências exatas como uma realidade e um fenômeno concreto. O assunto praticamente adquiriu veracidade também junto à maioria das pessoas, apesar de não ser absolutamente inteligível de modo racional. Declara-se que a matéria não é outra coisa senão uma forma específica de energia, e que é possível transformar matéria em energia e energia em matéria. Absolutamente, não há lugar para isto no plano do raciocínio. O que ocor-

re é que assistimos a fenômenos que não têm explicação, e se for aceito o conceito acima, eles tornar-se-ão explicados. Isto é considerado como prova científica, acolhida em quase todos os lugares como prova esclarecedora, sem nenhuma vacilação e possibilidade de dúvida – utilizando a linguagem da pergunta formulada pelos jovens –, apesar de o assunto ser, do ponto de vista racional, um absurdo total.

Já que na formulação da pergunta não está claro, de nenhum modo, o que seria acolhido como prova da verdadeira existência de D’us, de forma clara, sem dúvidas etc., presumo que eles acolherão um meio de prova tal como o que eles acolhem no que se refere ao seu comportamento na vida diária.

Partindo desta presunção, entende-se que existe uma prova desse gênero sobre a existência do Criador – e não apenas uma, mas diversas provas. Porém, conforme já mencionado, isto não será questionado, mesmo que sejamos compelidos a dizer que essa existência não é racionalmente compreensível, ou até mesmo que ela é antirracional. Pois, como foi dito, o ser humano, que pensa e se concentra no que se passa ao seu redor com o objetivo de “esclarecer” os fenômenos, aceita que isto não é determinado, em absoluto, pela razão (intelecto).

O processo da prova, ou das provas, em questão é idêntico ao de todas as provas feitas nas ciências exatas; e mais ainda, é idêntico ao das provas que prevalecem na vida diária de cada um de nós.

Todo aquele que analisa suas ações ao permanecer em sua casa, ou ao andar pelo caminho, ou ao deitar-se e, ao levantar-se, admitirá sem acanhamento que um homem não exige de si mesmo autoanalisar o fundamento de cada uma das ações que pratica, ou de seu comportamento; porém, ele aceita o testemunho de outras pessoas que examinaram o assunto. Apenas quando existe a dúvida de que talvez esses testemunhos sejam falsos, ou de que a testemunha estava influenciada por motivos subjetivos ou objetivos, ou de que ela não estava na plena posse de suas faculdades mentais e teve a percepção dos fatos sob uma forma deturpada, ou algo se-



melhante, então outros testemunhos são exigidos. E quanto mais se multiplicar o número de testemunhos, e quanto mais diversos eles forem com relação à sua posição e situação e aos grupos a que pertencem, já que tudo isto afasta a possibilidade de fraude etc., tanto mais se fortalecerá a prova, com característica de prova científica e definitiva. Com base nisto, o indivíduo e a coletividade praticam diversas atividades, de forma cotidiana e rotineira, com um sentimento de segurança absoluta de que a coisa é verdadeira e firme.

Assim também ocorre com o tema em questão:

O acontecimento da Outorga da Torá no Monte Sinai foi corroborado, geração após geração, como um fato que ocorreu na presença de 600 mil pessoas, os homens adultos, sem incluir as crianças; e se fossem incluídas [na contagem] as mulheres, bem como os homens acima dos 60 anos etc., eis que totalizariam alguns milhões de indivíduos egressos do Egito, cujos olhos viram claramente [o que ocorreu no Sinai]. Este não é um testemunho limitado a um profeta, ou a um visionário, ou a uma audiência privada. Esse testemunho foi transmitido de pais para filhos, geração após geração, e todos concordam que não houve interrupção nesta tradição, desde aquela época até hoje, e jamais o número de testemunhas foi menor do que mais de 600 mil pessoas cujas ideias não são semelhantes umas das outras etc. Também, depois que foram dispersas pelos quatro cantos do mundo, todas as versões do evento [da Outorga da Torá] que chegam até nós coincidem em todos os pormenores. Existe testemunho mais fiel e preciso do que este?

Há uma segunda prova, também baseada na premissa acima, de que quando se vê ações e fenômenos e suas respectivas consequências, isto determina o processo de ação, até mesmo num lugar em que existe receio de prejuízo e perda etc. E a prova: quando vemos um assunto ordenado, que inclui diversas partes ordenadas e harmonizadas, com coincidência e coordenação precisas; partes que não têm controle umas sobre as outras, conclui-se disto, com segurança absoluta, que existe uma força extrínseca a elas, que é o elo entre todas as partes. O próprio fato de ligar e unificar as partes

prova que ela [a força extrínseca] é maior e mais forte do que as próprias partes, e as controla.

A comparação para isto: quando se entra numa fábrica onde o trabalho é totalmente automatizado e não se vê lá nenhuma pessoa, não se cogitará, em absoluto, que não existe em algum lugar um grande técnico que envolve com a mente todas as máquinas e suas peças e as controla, que as compõe e as unifica com o centro das operações etc. E quanto mais ausente a mão humana na fábrica mencionada, e quanto mais ela funcionar de forma automática, maior o testemunho acerca da grandiosidade e do poder do técnico.

Se as coisas são assim no que se refere a uma fábrica – quando se trata de algo contado em centenas, ou milhares, ou até dezenas de milhares de componentes –, mais ainda é em relação Àquele que concentra o seu pensamento no nosso mundo – na matéria de madeira ou de pedra, ou no vegetal, ou no animal, e é supérfluo falar na estrutura do corpo humano e, na linguagem das nossas Escrituras Sagradas, “De minha carne terei a visão [de D’us]” –, especialmente conforme a explicação científica dos nossos dias, de que cada coisa é composta de bilhões de átomos, e cada átomo possui várias e várias partes ainda menores, e que aparentemente deveria reinar entre elas confusão e desordem totais e incomparáveis, mas que, apesar disto, verifica-se a existência de uma ordem e harmonia milagrosas entre as partes menores e maiores, e uma harmonia entre as partes do mundo pequeno (microcosmo) e as partes do mundo grande (macrocosmos) etc. Obviamente, sem qualquer sombra de dúvida, existe em algum lugar um “técnico” responsável por tudo isto.

Que fique entendido que não desconheço a teoria notória de que tudo isto é dirigido de acordo com as “leis da natureza”, mas acho desnecessário frisar que esse é um conceito sem qualquer conteúdo de esclarecimento, mas [que constitui somente] uma descrição cômoda da situação existente, ou seja, que os assuntos da natureza são conduzidos conforme ordens definidas. Mas dizer que a “lei da natureza” existe *per se*, de modo independente, e que essa

existência governa toda a Criação, e que há milhares de existências como essas – tantas quanto são as leis da natureza –, é, portanto, um absurdo enorme, e nem sequer um só cientista que se ocupe com esse campo dirá isto. A teoria mencionada, conforme foi dito, não é outra coisa senão uma expressão cômoda e concisa para descrever a situação, para que não haja necessidade de repetir, a cada passo, uma descrição extensa das situações supostamente mais simples que existem. Mas essa teoria simplesmente não explica nada e é inócua.

Quanto ao principal, como já disse, presumo que os jovens solicitem uma prova de acordo com a qual hão de viver suas vidas no que se refere à ação na prática, e a dita prova é, muitas vezes, mais forte do que todas aquelas provas e demonstrações de acordo com as quais se comportam diariamente. O que há de mais simples para nós do que, quando vamos dormir à noite, preparar tudo para quando nos levantarmos pela manhã – apesar de não haver nenhuma razão para dizer que no dia seguinte, pela manhã, o sol brilhará novamente, e que todos os assuntos da natureza se conduzirão conforme se conduziram ontem e anteontem. Contudo, já que o mundo se conduz como de costume, já há alguns dias e anos, certamente essas “leis” governarão também o amanhã e o depois de amanhã. E com base nisto fazemos um esforço e aplicação concentrada, a fim de nos preparar para o comportamento no dia seguinte pela manhã; e tudo isto não tem fundamento na “razão”, a não ser que haja um “Senhor sobre esta cidade”.

Conforme foi dito acima, é possível alongar-se mais e mais sobre tudo o que foi mencionado e elucidar mais ainda alguns dos pontos abordados. Mas a minha esperança é de que isto também seja o bastante, proporcionando suficiente material para o pensamento e conclusões no sentido de que enganam-se aqueles que dizem que precisamos procurar provas para a existência do Criador, ao passo que a existência da criação, por si só, está acima de qualquer dúvida, enquanto o que ocorre é o oposto. Pelo contrário, de acordo com os resultados mais recentes da ciência no que se refere à exis-

tência da Criação e de que maneira “descrevê-la”, existe campo para dúvidas maiores. É particularmente assim nos dias de hoje, quando multiplicam-se as contradições entre as conclusões de uma ciência e de outra, em diversos campos, além da dúvida científica maior, essencial e básica: “Quem poderá afirmar que a impressão nos meus olhos ou ouvidos, ou no cérebro, de um modo geral, tem alguma ligação com o que existe [na realidade] fora dos sentidos e da razão humana?” Não é assim, porém, no que se refere ao Criador ou, em outras palavras, ao Agente que acionou e organizou toda a Criação. Pois não há diferença se existe algo fora de mim mesmo ou apenas aparência de existência, já que a primeira noção do homem sadio – conforme a qual ele vive toda a sua vida – é de que para tudo que existe no seu mundo, e de que ele tem conhecimento, há uma causa acionadora de dentro ou de fora.

Outra observação que devo acrescentar é que, não raramente, a natureza humana tem dificuldade em acolher uma prova simples, justamente em razão de sua simplicidade. Mas minha esperança é de que as coisas não sejam assim quando se trata dos jovens que formularam a pergunta, pois o princípio referido não tem seu fundamento na razão, e também não influencia o comportamento da ação prática, como se percebe visivelmente. Uma das bases de nossa fé no Criador e Condutor do universo, na revelação do Monte Sinai e na aceitação da Torá e de seus mandamentos é de que o principal é a ação na prática.

Terei satisfação em saber das reações a tudo o que foi dito acima, e, como declarado na carta anexa a esta, minha esperança é de que sentirão plena liberdade de exprimir sua opinião, mesmo em relação aos pontos em que discordem daquilo que foi escrito acima.

Com respeito e bênção,

## 2. CONTINUAÇÃO À CARTA ANTERIOR

B<sup>o</sup>H

18 de *Sivan*, 5719

Saudação e bênção!

Em continuação à minha carta-resposta à sua conhecida pergunta: “Existirá uma força por meio da qual nós, céticos, possamos nos convencer da verdadeira existência de D’us, de forma clara, sem nenhuma vacilação e possibilidade de dúvida?”

Acho necessário acrescentar as próximas linhas, pela razão que será explicada. Em minha resposta anterior condensei minhas palavras de acordo com os termos da pergunta: ...“convencer... de forma clara, sem nenhuma vacilação...etc.”, o que indica que desejavam uma resposta ligada ao entendimento e à percepção.

É claro que este posicionamento me intranquilizou por duas razões principais: 1) No ser humano em geral, o sentimento e a confirmação de suas intuições são mais determinantes do que as conclusões a que um homem chega pelo raciocínio; 2) Num homem judeu, em particular, cujo raciocínio não é nada senão a roupagem da alma, conforme *Rabenu Hazaken\**, autor do *Tanya* e do *Shulchan Aruch*, e a alma é verdadeiramente uma parte da Divindade nas alturas – que se inclina para ela, e não necessariamente através do raciocínio –, sua força [da alma] é mais bela. E eis que vemos concretamente que, na alma, o sentimento é mais ativo que a razão.

Apesar disto, como afirmei, não quis tocar neste assunto em minha primeira carta em razão da forma pela qual a questão foi apresentada, e principalmente porque não quis deixar margem para que se pensasse que o conteúdo da carta, tal como está [redigida], não é suficiente, ou que é possível negá-lo com o raciocínio etc. E, por esta razão, venho agora com esta continuação em separado.

É supérfluo enfatizar que eu julgo os que formularam a pergunta no contexto dos hábitos dos judeus e judias, os quais acreditam na verdade da justiça e da retidão, seja qual for a forma pela qual

---

\* O mesmo que “*Alter Rebe*”. (Veja nota p. 33)

optem no campo do raciocínio. Essa crença tem forças tais a ponto de implicar em sacrifícios, e até mesmo sacrifícios em suas vidas particulares, em nome da justiça e da retidão, e com o objetivo de propiciar ajuda ao próximo. Especialmente quando essa ajuda não visa apenas a um indivíduo, mas a uma coletividade, de forma quantitativa e qualitativamente maior.

Portanto, ao colocar de lado as restrições e limitações dos termos da pergunta, permito-me dirigir-me a eles como um homem que fala ao seu semelhante:

Percebo de sua carta-pergunta que são jovens, pelo menos ainda jovens em energia juvenil, e se ao menos chegaram a reconhecer que é preciso agir assim e promover uma mudança em suas vidas, de um extremo a outro, são jovens também neste particular – de que têm força para rebelar-se contra o conceito da maioria.

Certamente não lhes é desconhecido – na análise do mundo presente – o que se passou com nosso povo nos últimos anos, nos tempos do Holocausto e dos decretos persecutórios, em que alguns milhões dos filhos do nosso povo foram exterminados nos anos das últimas guerras, e, por outro lado, acrescentaram-se algumas novas tarefas que absolutamente inexistiam até então, ou que existiam apenas numa medida limitada.

Mais um ponto é que a desorientação e confusão mentais não apenas não diminuíram em nossa época, mas pelo contrário, tornaram-se mais fortes, de um modo assustador, até chegar ao ponto em que a escuridão é chamada de luz, e o amargo, de doce, devido a uma teimosia extremada que forçou milhares e dezenas de milhares a aceitar a escuridão como se fosse luz, e o amargo como se fosse doce!

Nessa hora, o apelo profundo dirigido ao íntimo da alma de cada um e de cada uma é: permanecer na primeira linha dos ativistas que cumprem suas tarefas, não apenas conforme sua obrigação particular, mas também como reforços que preenchem as melhores e mais ativas forças do nosso povo, que foram abatidas pelo extermínio – não apenas para negar a inversão dos valores de um

extremo ao outro, conforme já foi dito, mas também para propagar os valores eternos do nosso povo judeu, do modo mais decidido, com coragem e força juvenil, até que cada um e cada uma sirvam como faísca para elevar a chama da luz da alma de cada indivíduo em seu meio. Será este o momento para debates intelectuais? Enquanto isto, perdem-se um dia e uma semana e um mês e um ano, uma perda que não se recupera, e perdem-se oportunidades que não retornam! Se essa exigência é dirigida a cada um, com razão ainda maior ela é dirigida à juventude e aos jovens, pois vemos concretamente que no que se refere à nova geração – a geração jovem e a juventude –, palavras de alerta e entusiasmo vindas de pessoas de sua idade, jovens como ele, têm eficácia muito maior do que palavras de um homem idoso, e, além disso, serão acolhidas com maior vontade.

Não é meu desejo aqui, como foi dito, entrar no [terreno da] prova racional de quais são os valores eternos do nosso povo judeu, e de quais são as novas tarefas que surgiram, pois acredito que cada um e cada uma [os jovens] os reconhecerão se abrirem um livro de História Judaica, que se prolonga sem interrupção há milhares de anos, embebida de sangue e decretos inigualáveis, e das mais difíceis experiências, que não foram equiparadas, nem mesmo em medida infinitamente menor, por nenhum outro povo ou cultura. Se eles [os jovens] se concentrarem na História Judaica, encontrarão uma única espécie de valores que foram preservados no decorrer de todas as gerações e que perduram até agora sem sofrer nenhuma mudança. Não se coloca aqui a questão de provas racionais, pois os fatos, bem como as ações e eventos ocorridos, são um testemunho evidentemente irrefutável de que nem a língua falada, as roupas, a cultura, o *modus vivendi* aparente e o regime político ou econômico são valores eternos e permanentes, já que todos estes [fatores] certamente se alteraram de uma época para outra e de um país para outro. O que permanece constante e duradouro, sem alterações, em todos os lugares e em todos os tempos, é a Torá da Vida e os mandamentos práticos da vida diária, pois eles são “a

perpetuidade imutável de Israel que não será negada”.

Seja a Vontade de D’us que estas linhas, poucas em quantidade, despertem neles as forças interiores que se encontram na alma existente no íntimo de cada judeu, para levá-los à ação prática de modo constante e crescente. E, se existe necessidade de recompensa, seguramente a satisfação íntima será a sua maior recompensa; mas, certamente, o Criador e Condutor do universo lhes dará a recompensa também nos seus assuntos particulares, a cada um e a cada uma conforme sua situação e necessidade.

Com respeito e bênção para boas notícias.

### 3. REINO DE SACERDOTES E UMA NAÇÃO SAGRADA

B”H

13 de *Iyar*, 5732

Saudação e bênção!

... pela presente, acuso o recebimento de sua carta, em que transmite a boa notícia de seu restabelecimento e retorno ao trabalho. Apesar de eu solicitar e receber notícias a seu respeito por nossos amigos em comum, especialmente de nosso amigo ..., mesmo assim [isto] não é como receber uma notícia direta.

E já que sempre há lugar para um acréscimo no Bem, pois a fonte do Bem é o Infinito, Bendito seja, que também seja a Vontade [d’Ele] que a sua recuperação seja efetivamente total. E certamente o senhor aproveitará os seus talentos em benefício da coletividade, com maior vigor, e o mérito da coletividade lhe servirá de apoio.

Conforme o hábito do povo judeu, que se alegra com a oportunidade de um trocadilho, já que sua profissão é no ramo das comunicações, seja a Vontade [de D’us] que o senhor contribua generosamente com a sua parte para conectar as parcelas do povo judeu, sobre as quais escreve em sua carta, que necessitam de aproximação e intercomunicação – “as diferentes comunidades, a população veterana e os novos imigrantes, os profanos\* e os religio-

---

\* Designação que vem sendo utilizada para pessoas não-praticantes da religião.



sos”. Se a natureza de qualquer pessoa enérgica a obriga a utilizar sua energia, mais ainda [isto ocorre] nos setores com os quais ela se preocupa, conforme assinalou em sua carta, e com expressão mais aguçada, “eles estão em nossa alma” [o assunto nos afeta profundamente].

Este é o momento para que eu me atenha à expressão em sua carta, repetida em diversos lugares – uma expressão que sempre desperta a minha surpresa; refiro-me à antítese “profano e religioso”, pois o conceito de “profano” tem como oposto o conceito de “santo”. Não tenho em vista somente a precisão quanto à gramática linguística, mas especialmente a precisão quanto ao conteúdo. Baseado na origem desta palavra em nosso idioma, a língua sagrada (em nossa Torá, a Torá escrita e sua interpretação na Lei Oral, até os dias de hoje), a expressão comum é “dias ‘profanos’ e dia santo – *Shabat*”. Disto se entende também o significado de que nas crenças, opiniões e concepções do mundo etc., não há qualquer diferença entre os dias ‘profanos’ e o dia santo – *Shabat* –, senão apenas no comportamento dos dias ‘profanos’ – na linguagem talmúdica, trabalhos ‘profanos’ – e no comportamento no dia que é santo, destinado à verdadeira paz de espírito e à interrupção de trabalhos materiais, e, mais ainda, de trabalhos grosseiros, quando então o ser humano automaticamente santifica o seu tempo para assuntos espirituais e para a vida espiritual de um modo geral.

Alegrei-me ao perceber que o senhor englobou todos os três referidos segmentos [da sociedade] em conjunto, o que também é minha concepção, pois assim como a diferença entre as comunidades é artificial e causada por condições exteriores – e por isso afeta apenas a parte exterior da vida, mas não altera o seu interior e essência –, da mesma forma, também é assim no que se refere à população veterana e aos novos imigrantes. E [para mim] é simples que assim ocorra também quanto àquilo que o senhor chamou de “profanos e religiosos”.

Eis que todos admitem – e ultimamente também os que se encontram à frente do governo (no debate sobre Religião e o Estado

no partido “trabalhista”) – a necessidade da religião para a sobrevivência do povo judeu em todos os tempos, e também nos dias de hoje. Apesar de que, naquela ocasião, foram pronunciadas algumas palavras ásperas contra as pessoas religiosas, não é esta a novidade do referido debate, mas sim o reconhecimento primordial da necessidade da religião para a sobrevivência do povo judeu e para a sobrevivência da Terra de Israel; e, se até mesmo o partido trabalhista o admite, certamente todos os outros partidos têm a mesma opinião.

Mais um ponto sobre o assunto, que já foi dito e repetido muitas vezes: para um homem religioso, comportar-se como profano é contrário à sua consciência, o que não ocorre com um homem profano ao comportar-se como homem religioso, pois isto vai apenas contra a sua comodidade. Mais ainda, e isto também é fundamental, quando existem divergências de opinião entre um partido que tem a maioria no Parlamento e um partido que está em minoria, não existe perigo para o partido majoritário em fazer concessões maiores do que pretendia, pois isto não afeta a sua posição (como partido da maioria), o que não ocorre com o partido minoritário, cuja indulgência poderá provocar a sua queda etc.

Confesso que, na verdade, o que está escrito acima não é o aspecto principal do meu posicionamento, especialmente em minhas relações com o senhor. O fundamental é que creio que cada homem judeu e cada mulher judia são “pessoas crentes, filhos de pessoas crentes” na linguagem dos nossos sábios, de abençoada memória. Porém, como foi dito, por razões secundárias e externas, uma parte deles observa os mandamentos em todos os seus detalhes, e uma parte, por enquanto, observa os mandamentos apenas parcialmente. Até mesmo aquele que enfatiza cumprir somente os mandamentos cuja base é racional e que concernem às relações entre o homem e seu semelhante etc., no momento do cumprimento deste mandamento a pessoa subitamente sente em sua alma que este é o seu elo com seu pai, com seu avô e com seu bisavô; essa é a sua ligação com todo o nosso povo judeu, seja qual for o lugar em que se encontre, desde sempre, a começar pela libertação do Egito

e sua presença no Monte Sinai, quando, então, D'us tomou para si um povo do seio de outro povo, com provas, sinais e milagres, e lhes proclamou: “E sereis para Mim um tesouro dentre todos os povos”, e “Vós sereis para Mim um reino de sacerdotes e um povo sagrado”. E assim como o homem não governa sua essência – a não ser no que se refere à ação, à palavra e ao pensamento, que são as roupagens externas da alma –, da mesma forma ocorre no que se refere ao nosso povo, sobre quem foi proclamado desde o dia de sua saída do Egito, pelo Criador do universo, que ele é um povo sagrado. Esta comunicação, esta declaração, esta proclamação refere-se não apenas ao povo inteiro como um todo, mas também a cada um individualmente.

Em outras palavras, não creio que exista alguém dentre os filhos e filhas do povo de Israel que seja profano, no sentido em que a palavra é utilizada no presente, ou seja, de existência profana, pois ele é um filho e uma parte de um povo sagrado. Porém, existem alguns dentre eles que se ocupam de assuntos sagrados, e há ainda os que se ocupam, conforme a conhecida expressão, do “profano purificado em santificação”.

Alonguei-me mais do que pretendia no início, mas a expressão utilizada em sua carta encorajou-me a tanto. E em linguagem figurada, seja a Vontade [de D'us] que também o que está escrito acima contribua para o fortalecimento da comunicação entre todas as partes de nosso povo judeu, que é, na verdade, um povo único sobre a terra.

Com bênção.

#### **4. O ARGUMENTO “FALTA DE FÉ” NÃO PASSA DE FANTASIA**

B”H

15 de *Av*, 5720

Saudação e bênção!

... e na observação geral no que se refere ao seu livro, em minha carta-resposta às pessoas de seu grupo aparentemente não foi

salientada tanto quanto necessário a minha concepção sobre o assunto; a essência da linha de pensamento utilizada em minha resposta às perguntas que então me formularam e, do mesmo modo, às questões que aparecem em seu referido livro, é de que absolutamente não é verdade que eles não têm fé. Isto se parece, por exemplo, com alguém que diz não acreditar na comida e na bebida, e, mesmo assim, come e bebe três vezes ao dia. A prova para tanto é que é natural ao homem acolher de modo definitivo conclusões cujo crédito é mínimo diante dos postulados de certas correntes filosóficas – e nem é preciso dizer, em relação ao princípio da Fé Judaica – e viver conforme essas conclusões, até mesmo em relação a questões que se encontram na fronteira dos riscos pessoais (por exemplo, viagens aéreas); muito pelo contrário, [o homem] considera cada um que não se conduz do mesmo modo como um anormal, alguém à margem da sociedade. Disto se deduz simplesmente que conclusões como essas, cujas provas são veementes – em muitos casos, mais do que as referidas [conclusões] –, certamente são acolhidas e determinam todo o comportamento das pessoas. Não existe qualquer motivo de espanto quando fulano se ilude dizendo que não crê ao meditarmos nas consequências que ele deduz dessa ilusão, que, em relação à maioria [das pessoas], implica na eliminação de restrições, seja no que se refere a afastar-se do mal, seja no que se refere a fazer o bem. Disto entende-se a causa da referida ilusão, que serve para tornar sua vida mais fácil, “eximi-lo” do cumprimento dos mandamentos positivos e negativos e deixar que viva sua vida sem qualquer freio.

Obviamente, o que foi dito ocorre no início do desvio do caminho, mas após algum tempo nesse comportamento, conforme é do caráter do homem, o hábito se transforma em natureza, tanto no que se refere ao comportamento quanto no que se refere à fantasia, pois de tanto repetir incessantemente a si mesmo que não crê, ele torna-se bem-sucedido e se autossugestiona. E a prova de que isto não é nada senão autossugestão é que quando ocorre um acontecimento assustador, que causa uma fissura em suas camadas exterior-

res e toca até o seu ponto mais íntimo; então ele revela a si mesmo que é um crente. E se desejar mais, eis que o acima mencionado é cópia do explicado no *Tanya*, cap. XIX. Dessa mesma forma isto consta no discurso chamado *Bati Legani*, feito para o dia do aniversário do falecimento do honorável e santificado, meu mestre e sogro, nosso Rebe\*, e em alguns outros lugares.

Com bênção para boas notícias no que se refere ao mencionado.

## 5. A PREOCUPAÇÃO DO HOMEM COM A FALTA DE FÉ É A PROVA PARA A SUA FÉ!

B”H

15 de *Elul*, 5718

Saudação e bênção!

... e, por último, o principal, em resposta ao que vem no início de sua carta, de que quando não há fé sincera no coração... e por isto sente-se deprimido ..., e assim por diante.

Ouvi uma história do honorável e santificado, meu mestre e sogro, nosso Rebe, de que certa vez um *chassid* lamentou-se perante o santificado Rebe *Tsemach Tsedek*\*\* de que sofria dúvidas em sua fé, e o *Tsemach Tsedek* lhe perguntou: “E o que te importa?” Respondeu-lhe o *chassid* profundamente emocionado: “Que tipo de pergunta é esta, ‘o que me importa’, pois...”. Disse-lhe então o *Tsemach Tsedek*: “Eis que esta é a própria prova de tua situação, de que tu és um crente ...”.

Como todas as histórias dos justos, também desta história devemos aprender algumas coisas. No que se refere ao nosso assunto, a preocupação sobre a falta de fé sincera é, portanto, a própria prova de que ela existe no interior da alma: é que apenas existe algo que a encobre ou, no modo de expressão *chassídico*, causa interrupção entre a interioridade e a exterioridade. Quando percebemos que esta

---

\* O Rabi anterior de Lubavitch, Rabi Yossef Yitschak Schneersohn, de abençoada memória (veja Quadro Dinástico na p.14)

\*\* Rabi Menachem Mendel, terceiro Rebe de Lubavitch (veja Quadro Dinástico, p. 13), conhecido pelo nome de sua obra *Tsemach Tsedek*.

é a situação, tal percepção e reconhecimento orientam a atuação no sentido de afastar a interrupção e anulá-la. Mas é claro que não é através da depressão, que provoca o enfraquecimento na energia das ações, que a interrupção e a separação serão afastadas, e nem mesmo serão diminuídas – muito pelo contrário.

Seja a Vontade [de D’us] que se concretize o que escrevi em minha carta anterior, que você sirva a D’us, Bendito seja, com alegria e júbilo, especialmente porque, até mesmo de acordo com seu próprio ponto de vista, isto não o impede de concentrar-se em aspectos negativos, conforme explicado no *Tanya*; porém, é uma pena o tempo perdido que, podendo ser aproveitado em assuntos que estão do lado direito [positivo], está sendo desperdiçado com assuntos que estão no lado esquerdo [negativo], já que estes são inoperantes e improdutivos.

Com bênçãos para boas notícias e *Ketivá Vechatimá Tová*.

## 6. FÉ COM SIMPLICIDADE, OU PESQUISA E INVESTIGAÇÃO

B”H

21 de *Shevat*, 5716

Saudação e bênção!

... com relação às perguntas constantes de sua carta do luminoso dia 19 de *Kislev*\*: deve-se crer com fé singela ou deve-se recorrer à pesquisa e à investigação – ambas são necessárias. Não apenas inexistente contradição entre uma e outra, mas, pelo contrário, uma complementa a outra. A fé singela é o início e a base do Serviço Divino, e em seguida torna-se obrigatório o cumprimento do preceito que é a base fundamental e pilar das ciências: “Saber que há uma existência primeira...” (*Rambam*, início).

Na expressão do *Zohar* (2ª parte, 25a): “Este preceito é o primeiro de todos os mandamentos..., conhecer o Todo-Poderoso ...”. E

---

\* Data da libertação de Rabi Shneur Zalman de Liadi da prisão na Rússia czarista, considerada como data magna do Chassidismo.

se alguém disser não procurei e encontrei, não acredite. [Você] precisa pesquisar e trabalhar o seu raciocínio para conceber e entender tanto quanto possível – e a capacidade do homem é limitada –; e quanto àquilo que está acima de sua capacidade, você viverá com a sua fé básica e singular. Veja também a obra sobre o Preceito da Fé em D’us, do *Tsemach Tsedek*; o *Kuntras Torat HaChassidut*, cap. XIII, e em alguns outros lugares.

Com bênção.

## 7. A NATUREZA: PROVA PARA A FÉ “SIMPLES”

- A complexidade da natureza contradiz a fé simples?
- A criatividade no marco das *mitsvot*
- A comparação nuclear
- As energias que a fé simples libera

B”H

18 de *Sivan* de 5715 (1955)

... acuso o recebimento de sua carta de 31 de maio, em resposta à minha, na qual me referia ao tema da fé simples conforme ela se destaca nas festividades de *Pessach* e *Shavuot*.

Em sua resposta, você se refere a uma aparente contradição entre a beleza contida na “fé simples” e o fato de que a complexidade e multiplicidade da natureza – em particular do mundo das plantas e animais – incrementam, em vez de reduzir, a beleza das coisas. E pergunta se não é possível aplicar-se o mesmo à fé.

O argumento talvez pudesse ser válido se estivéssemos falando do “superficial”, e não dos aspectos mais profundos e básicos das coisas. Na verdade, a analogia da natureza confirma plenamente aquilo que escrevi na minha carta anterior.

E assim, por enquanto, reitero que em momento algum quis dar a entender que uma pessoa, especialmente um judeu, deve contentar-se apenas com a fé, ou que nossa religião seja um assunto simples.

Como você sabe, a Torá compreende 613 preceitos de diversas espécies, e cada um tem uma série de facetas que D’us espera que

todo judeu e toda judia cumpra em sua vida cotidiana conforme a sua capacidade. Então, isso assegura uma variedade de experiências e prática religiosas. E digo “de acordo com a sua capacidade”, pois como determinaram nossos Sábios, “um homem rico que traz a oferenda de um pobre não cumpriu com o seu dever”, o que, naturalmente, se aplica tanto ao terreno espiritual quanto ao material. Não obstante, toda prática e experiência religiosa, em toda a sua diversidade, deve ser cumprida com a mesma fé básica em D’us, e deve estar impregnada com ela; uma fé simples e absoluta.

Na natureza, a analogia se encontra no fato de que mesmo com toda a complexidade e multiplicidade da vida animal e vegetal, seus componentes básicos e definitivos são as células individuais – se bem que a própria célula tem uma série de componentes que a ciência ainda não conseguiu desvendar.

Somente quando essas células básicas se comportam adequadamente em suas funções simples de crescimento, divisão, multiplicação etc., sem a intervenção de elementos estranhos, o complexo organismo está harmonizado como deve e pode executar as funções mais surpreendentes, inclusive no mundo inorgânico, além de no mundo orgânico. A grande complexidade e multiplicidade das coisas se reduziu a um pequeno número de cem elementos básicos, e a ciência está empenhada em reduzir também a complexidade de sua comparação nuclear ao mínimo, para aproximar-se mais dos segredos da natureza. Também neste caso, a função básica da natureza é determinada não pelo princípio da complexidade, mas pelo da simplicidade – a pequena partícula, o átomo, o núcleo das coisas – e, mais profundamente, pelos seus componentes muito escassos.

O núcleo da indestrutível vitalidade e qualidade judaicas está baseado em sua fé pura em D’us: não na fé em uma entidade abstrata, oculta em algum local nas esferas celestiais, que observa o mundo à distância, e sim na fé absoluta num D’us muito pessoal, que é a própria vida e Existência de cada um, que impregna o local em que a pessoa está ou aquilo que ela faz. Quando existe essa fé, não há lugar para o medo nem para a ansiedade, como disse



o Salmista: \* “Não temo o mal, pois Tu estás comigo” – comigo, sim, em todo momento, não apenas no *Shabat* ou em *Yom Tov*, ou durante o sermão e meditação acerca de D’us. E quando a pessoa deposita sua confiança em D’us incondicionalmente e sem reservas, ela adquire consciência daquilo que significa ser realmente livre e cheio de vigor, pois toda a energia se libera da forma mais construtiva, não apenas para o próprio bem, mas também para o bem do meio ambiente em geral.

O caminho não está livre de obstáculos nem de empecilhos, pois na ordem Divina das coisas espera-se que alcancemos nosso objetivo com esforço; e se fazemos um esforço decidido, o êxito está assegurado. Os obstáculos e empecilhos que a princípio pareciam ameaçadoramente grandes se dissolvem e desaparecem.

Desejo que você recorra a esse caminho da fé simples em D’us, sem excesso de pesquisas e exames de consciência; como na situação simples de um homem caminhando, este caminhará com maior firmeza e segurança se não estiver consciente de seu andar e nem procurar coordenar conscientemente as centenas de músculos que participam no movimento. Caso contrário, não poderia dar nem sequer seu primeiro passo. Desejando êxito em todo o acima mencionado, e à espera de boas notícias suas e de seus familiares.

Com bênçãos para um feliz *Yom Tov*, e que você receba a Torá com júbilo interior, sinceramente.

## 8. FUNDAMENTO DA JUSTIÇA

- A única forma de garantir o bem no mundo
- A experiência do povo alemão
- “Eu sou D’us...” pilar de “Não matarás...”

B”H

16 de *Shevat* de 5720 (1960)

... nesta oportunidade... visto que todos obedecem à Providên-

---

\* *Salmos* 23:4

cia Divina Individual, inclusive esta (refiro-me ao fato de termos estabelecido contato), sinto que é meu dever (e talvez meu privilégio) chamar sua atenção, a tempo de pedir desculpas, sobre o fato de que todo ser criado, particularmente o ser humano, “a mais seleta das criaturas”, tem o dever de aproveitar todas as oportunidades que lhe foram concedidas para incrementar o bem, a igualdade e a justiça no mundo.

Como tem demonstrado a experiência, há somente uma maneira de garantir que isto possa se perpetuar (e, ainda mais importante, que não se chame o malvado de “justo”, nem o mal de “bem”): somente se os valores se fundamentarem na crença num D’us Vivo, que conduz o mundo na prática e supervisiona em detalhes cada um dos seus pormenores. Apesar de não ser assim – precisamente em nossa geração pudemos observar como se portou aquele povo cuja cultura se encontrava no pico mais alto – nas investigações científicas, nas disciplinas filosóficas e, o mais importante, nas doutrinas dos sistemas éticos etc. – apesar do potencial com que fora dotado ter se convertido no mais aterrador assassino, comparável até com as feras selvagens. Aquilo que se conhece dos atos perpetrados pelos alemães – teria sido inverossímil se não tivéssemos testemunhado. E tudo em nome da justiça e de acordo com as leis da ética etc.

Além disso, entre eles também se incluíam indivíduos que acreditavam em..., mas ao mesmo tempo se abstiveram de tomar parte ativa nas mencionadas ações.

Creio, no que lhe diz respeito, que a extensão seja desnecessária. A conclusão da reflexão sobre o que foi dito é que, como mencionado antes, é imprescindível a crença num D’us Vivo (não uma fé abstrata, que Ele se encontra no sétimo céu e não se interessa pelo que acontece nesta Terra inferior, ou que supervisiona as coisas somente de um modo geral, sem preocupar-se em absoluto com seus detalhes – ideologia que potencialmente pode, como temos visto, levar muita gente a atos de vandalismo como os citados, pois “o

instinto do coração do homem é perverso desde sua juventude<sup>\*</sup>).

Quanto a nós, não temos outro amparo e garantia para transiarmos confiantes pela senda do bem e da retidão senão a fé simples, e ao mesmo tempo forte, em “Eu sou D’us, teu D’us, que te tirou da terra do Egito<sup>\*\*</sup>”, cujo resultado absoluto é “não terás outros deuses...<sup>\*\*\*</sup>”, sejam de qualquer tipo. Esta fé levará ao cumprimento dos preceitos na prática, também na vida cotidiana, como “lembra-te do dia do *Shabat*<sup>\*\*\*\*</sup>” etc.

E então, somente então, poderemos confiar que se cumpram também aqueles [mandamentos] de “não matarás<sup>\*\*\*\*\*</sup>”, e “não cobiçarás<sup>\*\*\*\*\*</sup>” etc.

Visto que, segundo me disseram os jovens, você tem sido dotado de influência num círculo bastante amplo, queira D’us que aproveite essa influência na direção mencionada, e que o mérito da comunidade o ajude.

Com bênção.

---

\* *Gênesis* 8:21

\*\* *Êxodo* 20:2

\*\*\* *Êxodo*. 20:3

\*\*\*\* *ibid* 20:8

\*\*\*\*\* *ibid* 20:13

\*\*\*\*\* *ibid* 20:14

---

## CAPÍTULO II

---

### CONHECIMENTO PRÉVIO E LIVRE-ARBÍTRIO

9. O Prévio Conhecimento de D’us Daquilo que o Homem Fará Não Contradiz o Seu Livre-Arbítrio ..... 61
10. Sobre o Mesmo Tema – Livre-Arbítrio ..... 63
11. O Conhecimento de D’us Não é Um “Conhecimento Geral”; O Livre-Arbítrio do Homem Não é Ilusório ..... 64
12. O Prévio Conhecimento de D’us Não Obriga o Homem às Suas Ações ..... 68
13. Continuação do Assunto Anterior ..... 70

## 9. O PRÉVIO CONHECIMENTO DE D'US DAQUILO QUE O HOMEM FARÁ NÃO CONTRADIZ O SEU LIVRE-ARBÍTRIO

B<sup>7</sup>H

25 de *Adar*, 5721

Saudação e bênção!

Recebi a sua carta na qual você confirma o recebimento daquela que lhe escrevi. Alegrei-me em ler sobre as aulas de que você participa, e espero que você faça mais esforços nesse sentido, de acordo com o dito dos nossos sábios, de abençoada memória, “eleve-se na santidade” – pois em assuntos de santidade deve-se acrescentar àquilo que já existe.

No que concerne às perguntas e discussões que você menciona, parece-me que não é o rumo desejável ocupar-se de polêmicas intermináveis e carentes de qualquer finalidade – e que, ao final, não conduzem a nenhum objetivo. Discussão ou debate só se justificam quando esta ou aquela questão se apresenta entre homens que estudam em conjunto, e, mesmo assim, não se deve atribuir à discussão importância especial.

De um modo geral, pode-se dizer que as palavras de nossos sábios já responderam à maioria das questões apontadas [na sua carta]; aqueles que ainda procedem a discussões e debates a respeito delas fazem-no por ignorância ou com más intenções. Há pessoas que relutam em acolher a Torá e seus mandamentos como uma verdade definitiva porque desta forma obrigam-se-ão a acolher para si o modo de vida que a Torá exige, e, então, precisarão abrir mão de determinados prazeres. Por esta razão, preferem justificar suas concepções errôneas com argumentos e debates inúteis.

Por exemplo, uma das perguntas que você faz em sua carta (que, aparentemente, você vê como um assunto muito difícil e complicado) é: “Como será possível o livre-arbítrio quando D'us sabe de antemão o que o homem fará?”

Na verdade, este problema já foi discutido em livros sagrados e [já foi] claramente resolvido. A resposta prima pela simplicidade,

como se pode verificar com os dois exemplos seguintes:

1 – Admitamos que uma certa pessoa foi dotada da possibilidade de prever o futuro; será que diremos que o seu conhecimento das ações futuras de um determinado homem impede este último de agir livremente como antes? O conhecimento deste “vidente” não é outra coisa senão o conhecimento do rumo que aquele homem escolherá e do modo que ele agirá com seu livre-arbítrio.

Desta forma, entende-se que o conhecimento prévio que D’us tem dos atos dos homens não os impede de exercer seu livre-arbítrio em suas atitudes. D’us, Bendito seja, sabe o que o homem escolherá como *modus agendi* numa determinada situação. Se desejarmos formular este conceito em termos científicos, podemos dizer que o oposto do livre-arbítrio não é o conhecimento prévio, mas sim o determinismo da ação sobre o homem, pois existe um conhecimento que não está ligado ao determinismo (como, por exemplo, o conhecimento do passado).

2 – Todo aquele que acredita em D’us, inclusive quem não é judeu, crê que, em relação a D’us, passado, presente e futuro são a mesma coisa, pois é claro que D’us está acima dos conceitos de tempo e lugar. Da mesma forma que o homem pode saber o que ocorreu com o seu semelhante no passado, e obviamente não há nisto qualquer influência sobre a liberdade de ação daquele, assim também D’us conhece o que o homem fará no futuro, pois, no que concerne a D’us, o conhecimento do futuro é idêntico ao conhecimento do passado.

Da solução simples deste problema você poderá tirar conclusões em relação a questões semelhantes. Pode ter certeza de que existe uma resposta para cada uma delas, e, muitas vezes, a resposta é bastante simples. Contudo, o verdadeiro caminho judaico é cumprir a Torá e seus mandamentos com fé singela e, só depois disto, tentar encontrar respostas para as questões que surgem. E D’us nos livre de ver em nossa compreensão humana uma condição prévia

para o cumprimento de Seus mandamentos.

Suponho que você participou da reunião [*chassídica*] em *Purim*, e faço votos que a inspiração e o júbilo que você absorveu tenham influência no decorrer de todo o ano.

Daquele que espera boas notícias, com bênção.

## 10. SOBRE O MESMO TEMA – LIVRE-ARBÍTRIO

Se D'us sabe o que o homem escolherá, o homem tem livre escolha?

B<sup>o</sup>H

Saudação e bênção:

Acuso o recebimento da sua carta de 16 de *Elul*.

Creio já ter escrito que tanto nos esforços para influir sobre os outros, como naqueles dirigidos a ajudar a si mesmo, é bom consultar amigos tementes a D'us, especialmente aqueles que já tenham tido experiência em questões análogas.

Sobre sua pergunta a respeito do livre-arbítrio, Maimônides explica o assunto detalhadamente em seu livro *Leis de Teshuvá*, capítulos 5 e 6. O significado do livre-arbítrio é simplesmente que a pessoa goza de plena liberdade para agir, falar e pensar, e tem a livre opção de fazê-lo, seja para o bem ou para o contrário. É nesse sentido que é enfatizado na Torá: “Olha aquilo que coloquei à tua frente... escolhe a vida.\*” Não há contradição alguma entre o livre-arbítrio humano e o conhecimento prévio de D'us, pois o Conhecimento Prévio não é oposto à Livre Escolha, sem a Compulsão. Em outras palavras, o conhecimento Divino não coage de modo algum a liberdade humana, e, portanto, não obriga a nada.

Uma ilustração que permite compreender com mais facilidade esse conceito é aquela de um clarividente que pode prever sucessos no futuro, e um psicólogo que conhece muito bem um amigo e pode prever suas reações, se limitadas a um curto período de

---

\* *Deuteronômio* 30:19

tempo. Evidentemente, esse conhecimento prévio não afeta os sucessos nem as ações que haverão de ocorrer.

Pois bem, como D'us não tem limites no tempo nem no conhecimento, Ele abrange todos os tempos e lugares; mas isso jamais afeta a liberdade das ações humanas.

Incluo uma cópia de minha mensagem geral para *Rosh Hashaná* deste ano. Ali você encontrará respostas também para algumas de suas perguntas.

Desejando-lhe *Ketivá VeChatimá Tová*, com bênção.

## 11. O CONHECIMENTO DE D'US NÃO É UM “CONHECIMENTO GERAL”; O LIVRE-ARBÍTRIO DO HOMEM NÃO É ILUSÓRIO

B”H

22 de *Tevet*, 5709

Saudação e bênção!

Em resposta à sua carta:

Sem promessas, pretendo responder às perguntas que constam de sua carta anterior quando houver tempo disponível, ou pelo menos por meio do meu trabalho na edição dos pronunciamentos *chassídicos* chegarei àqueles assuntos, pois, então, não ocorrerá que eu esteja me ocupando de um Tratado e me questionem sobre outro. Tenho certeza de que você não se irritará comigo por isto.

Como demonstração de minha boa vontade, responderei à pergunta de sua carta de agora depois que eu dividi-la em partes distintas e reordená-la de modo um pouco diverso do que se encontra no momento, para partir do [assunto] geral e precedente em direção ao particular e posterior.

1 – Seria possível dizer que o conhecimento do Alto é um conhecimento geral? – ou seja, da maneira como está escrito no *Rambam*, nas Leis de Arrependimento, final do cap. VI, de que o decreto “os



escravizarão e lhes infligirão sofrimentos”<sup>\*</sup> não se referia a cada egípcio em particular, mas ao povo em geral, e era possível a cada um dos egípcios abster-se da utilização do trabalho dos judeus (e é conhecida a objeção de *Raavad*<sup>\*\*</sup> sobre o assunto).

**Resposta:** É impossível tal afirmação, pois isto é o oposto das Escrituras, dos pronunciamentos de nossos sábios, de abençoada memória etc., e veja *Vayikrá Rabá* (26:7): “D’us mostrou a Moshê ... geração por geração e seus ladrões, geração por geração e seus profetas, e lhe mostrou Shaul... e os sacerdotes que ele matou.” E na bênção *Atá Zocheh* foi formulada uma regra geral:

“Tudo é revelado e conhecido diante de Ti, que observa e enxerga até o fim de todas as gerações.”

2 – Seria possível dizer que o prévio conhecimento [Divino] se aplica a tudo, exceto ao temor [humano] a D’us, que não depende d’Ele?

**Resposta:** Conforme mencionado no item 1, entende-se que também no que se refere a assuntos de Torá e mandamentos existe um Conhecimento Prévio pormenorizado.

3 – Seria possível dizer que o livre-arbítrio humano não é outra coisa senão uma ilusão, mas que na verdade ele está imposto às suas ações?

**Resposta:** D’us nos livre de dizer isto, pois o livre-arbítrio é um princípio maior, pilar da Torá e dos mandamentos, e (sem ele) que lugar haveria para toda a Torá? Em que lei e em qual julgamento poderia Ele castigar o perverso ou distribuir recompensa, “o ‘Juiz de toda a terra’ não fará justiça?” (*Rambam*, Leis De Arrependimento, cap. VI, art. 4º, e também em *Shemoné Perakim*, cap. VIII). Mais profundamente, e conforme as explicações da *Chassidut*, o verdadeiro

---

\* Decreto que D’us comunicou ao Patriarca Avraham relativo à futura escravidão dos judeus no Egito.

\*\* Acróstico do nome Rabi Avraham Ben David (1120-1198), Talmudista e legislador.

livre-arbítrio ocorre quando o sim e o não são equivalentes diante da pessoa. Por exemplo: um homem faminto tem diante de si um forno ardendo e uma mesa posta com régias iguarias, e pode escolher entre aquietar a sua fome ou atirar-se no forno ardente; mas isto não é uma questão de verdadeiro livre-arbítrio pelo qual alcança recompensa ou castigo. Outro exemplo: um animal tem a possibilidade de atirar-se em um rio e afundar, ou pastar numa boa pastagem; apesar disto, não se cogita, no caso da escolha, recompensa e castigo, pois [ele, o animal] é compelido por sua natureza.

E assim é com toda a criação, pois elas [as criaturas] não têm absolutamente possibilidade de alterar as suas funções (veja *Tanya*, cap. XXIV e início do cap. XXXIX). A única exceção a esta regra geral é a espécie humana, que, desta forma, tem capacidade e possibilidade [de agir] contrariamente à Vontade de seu Criador, conforme está explicado no *Tanya*, cap. XXIX. A razão principal disto é que a origem do homem é de nível muito elevado, e não o reprime, conforme está escrito em *Likutei Torá, parashat Emor*, explicação do pronunciamento *Vehenif*, cap.III. Para analisar se existe verdadeiro livre-arbítrio entre os gentios, veja o pronunciamento *Kevod Malchutecha* 5660. E não é aqui o lugar para tratar disto.

4 – Aparentemente o prévio conhecimento Divino e o livre-arbítrio humano são contraditórios, tal como a questão foi levantada no *Rambam (ibid)* e em algumas obras.

Resposta: Preliminarmente, existem assuntos que se contradizem uns aos outros, e somente é possível que: ou um dentre eles fique totalmente anulado, ou ambos não perdurem em um único contexto e conjunto – tal como neste caso, onde a questão do livre-arbítrio e a questão do decreto se contradizem uma à outra. Por esta razão, uma delas (a do decreto) é totalmente anulada, conforme está escrito no *Rambam* supracitado e em alguns outros lugares que as ações humanas não decorrem de decreto Superior. Ou então [o decreto] não perdura naquele contexto ao perdurar o livre-arbítrio, e como mencionado, o decreto de “serão escravizados”

perdurou sobre a nação [egípcia] em geral, e o livre-arbítrio, sobre indivíduos em particular.

Existem casos em que, apesar de os assuntos não se contradizem por si só, pode-se provar por meio de um deles que o segundo não é verdadeiro. E, então, é possível afirmar uma das três assertivas seguintes: 1. Como mencionado, um deles fica totalmente anulado; 2. Como dito, eles não perduram num só contexto e conjunto; 3. São verdadeiros num só contexto e conjunto; no entanto, não é difícil perceber que a conclusão não se justifica. No que se refere ao nosso assunto, a questão do prévio conhecimento [Divino] não é uma contradição à questão do livre-arbítrio [humano]. Explicação: meu conhecimento lúcido de que se amanhã eu jogar uma pedra ela cairá no chão não contradiz, por si só, uma [outra] opinião de que a pedra teria livre-arbítrio para cair no chão ou permanecer no ar.

Pois, então, conforme esta [outra] opinião, é também possível que a pedra venha a cair no chão por sua [livre] escolha; porém, o meu conhecimento [prévio de que ela cairá] não é nada mais do que uma prova de que a pedra não tem escolha. O modo de prova seria: já que meu conhecimento [prévio] é claro e indubitável, mesmo que se pretenda [dizer] que a pedra tem o livre-arbítrio, como eu poderia saber de antemão qual será a escolha dela ?

Eis que, assim, não se prova nada.

Ou então por outro exemplo: Reuven conhece o futuro, e pode predizer a respeito de Shimon, que se encontra no outro extremo do mundo (de forma que é impossível influenciá-lo de alguma maneira) quais serão suas obras e ações no futuro; a sua predição não influencia o livre-arbítrio de Shimon, mas Reuven sabe que Shimon, com seu livre-arbítrio, escolherá essa maneira de agir. Isto é, a escolha de Shimon altera o conhecimento de Reuven, mas não o oposto.

O livre-arbítrio é a causa e o conhecimento prévio da consequência, e isto, de fato, é como o conhecimento que vem após o [exercício do] livre-arbítrio, que simplesmente não contradizem

um ao outro, porque o arbítrio era livre, já que não foi influenciado pelo conhecimento; mais ainda, o conhecimento depende das conseqüências do [exercício do] livre-arbítrio, e este, aparentemente, é [também] o processo do Conhecimento de D'us, conforme o dito dos nossos sábios, de abençoada memória (Talmud *Yerushalmi, Rosh Hashaná*, cap. I, art. 3, final de *Yômá*): “D'us vê o que está para nascer.” Se for dito que já que o arbítrio é totalmente livre, como seria possível saber de antemão qual será a escolha? A isto respondeu o Rambam (*ibid*) que o Conhecimento Divino não se assemelha ao nosso, e nós não temos o poder de saber de que modo sabe o Todo-Poderoso.

Com relação a conhecimento e livre-arbítrio, veja *Torá Or*, final da porção *Vayerá; Likutei Torá, Behar*, explicação *Shabtotai*, cap. III; *Bamidbar*, final da explicação *Beshaá Shehikdimu; Shaarei Teshuvá*, de autoria do Miteler Rebe\*, em *Shaar Habechirá*. Além disso, na interpretação da *Mishna Avot* (III, 15), “Tudo está previsto, e a escolha foi concedida”. As opiniões dos pensadores judeus foram reunidas na obra *Or Sameach*, sobre o *Rambam*, Leis de Arrependimento (*ibid*).

Com bênção.

## 12. O PRÉVIO CONHECIMENTO DE D'US NÃO OBRIGA O HOMEM ÀS SUAS AÇÕES

B”H

10 de *Shevat*, 5709

Saudação e bênção!

Sobre a pergunta relativa ao prévio conhecimento [Divino] e ao livre-arbítrio [humano], já que, afinal, D'us sabe hoje o que eu farei amanhã, e eu não poderei, portanto, amanhã fazer de modo diverso, por que então o prévio conhecimento será oposto à verdade?

O esclarecimento disto é simples: a questão do livre-arbítrio constitui a possibilidade que tenho de agir conforme eu escolher,

---

\* Como é conhecido entre os *chassidim* de Lubavitch, o 2º Rebe, Rabi Dovber (veja Quadro Dinástico, p.13)

sem nenhuma obrigação. Assim é também no nosso caso; amanhã eu tenho a possibilidade de agir conforme escolher, sem nenhuma obrigação, e tenho a possibilidade de escolher o oposto do que é conhecido no Alto, pois o Conhecimento do Alto não obriga e absolutamente não se relaciona com a minha escolha. E se eu venho a agir justamente desse modo é apenas e tão somente porque com isto eu escolho sem nenhuma obrigação. Além do exemplo da minha carta anterior (do homem que sabe o futuro e diz de antemão o que fulano fará amanhã, o que absolutamente não influencia e obriga fulano), podemos exemplificar também de um modo oposto à questão do livre-arbítrio, ou seja, sob o aspecto da obrigatoriedade, e este é:

Fulano diz saber que amanhã, quando você atirar uma pedra, ela cairá na terra; e quando a pedra cair na terra, ninguém dirá que a pedra caiu por causa do que fulano disse e sabia, mas, obviamente, a situação é oposta: é porque a pedra cai na terra em razão da lei que nela o Criador instituiu – é por isto que fulano sabe que a pedra cairá no chão. E se houvesse uma lei da natureza [determinando] que a pedra se elevasse, então fulano também diria que a pedra se elevará. Realmente é assim com o nosso assunto, pois é justamente por esta razão – porque amanhã eu escolherei este modo de agir, sem nenhuma obrigatoriedade – que o Conhecimento do Alto também é certamente nesse mesmo sentido. E se eu escolhesse amanhã, sem qualquer obrigatoriedade, de modo oposto, o Conhecimento do Alto também seria de modo oposto.

A diferença entre o exemplo [dado] e o Conhecimento do Alto consiste no seguinte:

1 – É compreensível o modo pelo qual fulano sabe a respeito da queda da pedra (porque esse seu conhecimento vem do conhecimento que ele tem das leis da natureza), mas não se entende como é possível saber de antemão o que eu escolherei amanhã, e disto surge a explicação de que o Conhecimento do Todo-Poderoso é incompreensível, pois Ele e Seu Conhecimento são um, tal como está explicado no *Rambam*.

2 – Outra questão: como é possível que o Conhecimento do Criador, que, em cada segundo, dá existência e subsistência a todas as criaturas, não exerça influência alguma sobre elas, quando, na verdade, o Pensamento do Todo-Poderoso cria mundos, e no Alto não há Potencial carente de ação? Acerca disso vem a explicação de que esse conhecimento existe de modo abrangente ... conforme explicado pela filosofia Chassídica.

Veja também no adendo que anotei em minha carta anterior: *Tikunei Zohar Chadash*, parte final; *Pardes Shaar Atsmut Vekelim*, cap.IX; introdução a *Shnei Luchot Habrit*, seção *Beit Habechirá*; *Tórat Chayim*, final da porção *Vayerá*; anotações do *Tsemach Tsedek* sobre o preceito relativo a *Eved Ivri*, onde ele conclui: “Observe atentamente tudo isto, pois é farinha pura.”

Com bênção.

### 13. CONTINUAÇÃO DO ASSUNTO ANTERIOR

B”H

Saudação e bênção!

... às suas perguntas ... e agora não é absolutamente o tempo para alongar-me:

1 – Foi dito várias vezes que o exemplo mais simples da compreensão do “prévio conhecimento [Divino] e livre-arbítrio [humano]” – o do homem que conhece o futuro – absolutamente não é oposto (mais precisamente, não tem nenhuma relação) com o (livre) arbítrio daquilo que é conhecido. Em outras palavras: a oposição ao livre-arbítrio é o determinismo, e não o prévio conhecimento.

2 – Disto entende-se que não se trata absolutamente de Providência [Divina] (ou prévio Conhecimento), pois (ela) [existe] no momento da ação.

3 – [Para entender] o modo como cada particularidade, até mesmo nos seres inanimados, é significativa perante a intenção

geral [de D'us], torna-se necessário esclarecer também, conforme o entendimento simplista, que quando ocorre qualquer alteração, em qualquer lugar que seja, suas consequências tornam-se evidentes no mundo todo, pois todo ele é uma existência única.

4 – Do ponto de vista do *Moré Nevuchim*\* e de todos os pensadores judeus, de que a Providência Divina não existe senão para o ser humano, deve-se responder que o supramencionado [conceito] não é difícil, pois todos os acontecimentos no reino dos minerais, vegetais e animais têm influência também sobre o homem; apesar disto, os detalhes não são determinados pela Providência [Divina], porque o que influencia o homem é o resultado total de acontecimentos diversos, e para D'us no Alto não faz diferença quando [determinar] quais os detalhes, e como será produzido o resultado total; isto é fácil de entender. Exemplo concreto: os cálculos básicos das companhias seguradoras; fácil de entender.

Com bênção.

---

\* *O Guia dos Perplexos*, obra de autoria do Rambam.

## Capítulo III

### A TORÁ

14. O Segredo da Nossa Sobrevivência .....	73
15. Torá Celestial e Povo Judeu .....	76
16. Toda a Obra de D'us é para Seu Louvor, e Também o Perverso Foi Criado para o Dia do Castigo .....	83
17. Finalidade da Vida – A Torá e Seus Mandamentos .....	84
18. A Torá – Torá da Vida .....	89
19. A Torá: Instrução para a Vida .....	91
20. A Torá, Para Quê? .....	94
21. Na Ciência Moderna Existe Somente o Princípio da Probabilidade. Na Torá, Verdade Absoluta .....	96
22. Continuação da Carta Anterior .....	101
23. Não Há Conflito entre Fé e Ciência .....	104
24. A Alma e o Corpo .....	107
25. A Medicina a Serviço da Torá e dos Mandamentos .....	109
26. Ele Há de Curar .....	112
27. Confiança em D'us Melhorará o Estado de Saúde .....	112
28. Torá e Mandamentos – Condição para a Cura .....	113
29. Torá e Geometria .....	115



## 14. O SEGREDO DA NOSSA SOBREVIVÊNCIA

- O organismo humano: funções comuns e funções individuais
- Um relevo da história de nosso povo
- A atitude de imitar os outros
- Nossa verdadeira força

B”H

Dias de *Selichot* 5717 (1957)

Saudação e bênção!

Na iminência de *Rosh Hashaná* e a introspecção que essa data provoca, tanto em relação ao mundo individual de cada um quanto em relação ao mundo em geral, será um bom ponto de partida uma certa reflexão sobre o organismo físico, “o mundo em miniatura” (microcosmos).

No organismo humano há funções em comum, aquelas em que todos os órgãos do corpo participam num esforço conjunto, e funções específicas, que são apenas de órgãos individuais. No caso desses últimos, o órgão individual deve empregar um esforço especial para cumprir sua função particular; portanto, as funções que desempenha em comum são feitas com muito mais facilidade.

O que aconteceria se um órgão específico renunciasse à sua individualidade e função particular, aplicando sua energia exclusivamente às funções em comum?

À primeira vista poderia parecer que [tal órgão] se beneficiaria com uma considerável economia de esforço e com a capacidade de incrementar sua participação no cumprimento das funções coletivas do corpo junto com os demais órgãos. Porém, é bom frisar, o resultado seria desastroso tanto para o órgão em particular quanto para o organismo como um todo. O órgão individual perderia sua identidade e essência, que se firmam, exatamente, em sua capacidade de cumprir uma função específica. Além disso, a omissão em exercitar essa função particular levaria à atrofia, e, por fim, a uma total inutilização também no cumprimento das funções conjuntas. E quanto ao organismo como um todo, a privação da função par-

ticular e a eventual perda do órgão seria prejudicial para todo o corpo, e até fatal, caso o órgão em questão fosse de caráter vital.

Essa analogia pode ser realmente aplicada ao indivíduo dentro da sociedade, a um grupo minoritário dentro de um estado, e a uma nação dentro de uma comunidade de nações. É definitivamente correta em nosso caso, tanto em nível nacional como povo, quanto em relação a cada judeu individualmente.

O povo judeu, sobre o qual se diz, “Pois vós sois os menores dentre todos os povos” (*Devarim* 7:7), é uma pequena minoria entre as nações do mundo, e o indivíduo judeu é uma minoria em seu entorno; inclusive, quando vive em meio ao próprio povo, há lugares em que, deve-se dizer, os judeus que vivem judaicamente – ou seja, de acordo com a nossa sagrada Torá e a observância de seus preceitos na vida cotidiana – são a minoria.

Qual é a função específica de nosso povo, e do judeu como indivíduo?

Supõe-se que seja mais simples determinar a função individual de qualquer órgão no corpo do que a função de um povo na comunidade das nações. Não obstante, no caso do povo judeu, peculiar pelas suas experiências extremamente variadas e sua longa história, não é difícil encontrar a resposta. Por um simples processo de eliminação, podemos determinar com facilidade quais fatores têm resultados essenciais para sua existência e sobrevivência, e assim definir o caráter essencial e a função do nosso povo.

Uma leitura objetiva e sem preconceitos da extensa história de nosso povo mostrará de imediato que não foi a riqueza material nem a força física os elementos que nos ajudaram a sobreviver.

Inclusive durante os tempos mais prósperos, sob a monarquia unificada do Rei Salomão, o povo e o estado judeus eram materialmente insignificantes se comparados aos impérios internacionais da época, tais como Egito, Assíria e Babilônia. É evidente também que não foi o reconhecimento como Estado ou Lugar Nacional, porque durante a maior parte do tempo nosso povo não possuía um estado independente, e vivia na diáspora. Do mesmo modo,

fica claro que não foi o idioma, pois até nas épocas bíblicas o aramaico começou a suplantiar o Idioma Sagrado como língua mais falada; partes das Escrituras e quase todo o nosso Talmud da Babilônia, o *Zohar* etc., estão escritos nessa língua. Nos dias de Saadia (*Gaon*) e Maimônides, a língua falada pela maioria dos judeus era o árabe, e, mais tarde, foram o ídiche e outros idiomas. Tampouco não foi qualquer cultura secular que preservou nosso povo, pois essa mudava de uma época para outra.

O único e exclusivo fator comum presente nos judeus no decorrer dos tempos, em todas as terras e sob todas as circunstâncias, foram as *mitsvot* da Torá, que os judeus cumpriram com tenacidade na vida cotidiana.

É verdade que ocasionalmente surgiram grupos dissidentes que tentaram afastar-se do Judaísmo genuíno, como os movimentos idólatras durante o Primeiro *Beit Hamicdash*, os helenistas durante o Segundo, os assimilacionistas alexandrinos, os caraitas etc., mas estes desapareceram. Sem dúvida, a Torá e as *mitsvot* devem ser reconhecidas como a questão e a função essencial do nosso povo, seja para o judeu como indivíduo ou para o povo judeu dentro da humanidade como um todo.

Daí a conclusão lógica: a atitude de imitar as demais nações, longe de ajudar a preservar o povo judeu, coloca em perigo sua própria existência, e ao invés de granjear o favor das mesmas, somente aumentará seu antagonismo. Analogamente, aqueles judeus que pretendem obter o favor dos grupos não-religiosos por meio de concessões e ajustes em assuntos de Torá e *mitsvot*, não apenas abalam sua própria existência e a de nosso povo como um todo – pois a Torá e as *mitsvot* são nossa vida – mas também frustram seu próprio objetivo imediato, porque uma atitude desse tipo pode somente provocar zombaria e desprezo; e é justificável que assim seja, pois uma concessão menor hoje conduz a uma maior amanhã, e a evasão do dever para com D'us leva à evasão do dever para com os homens. E quem dirá onde vai parar, uma vez caída montanha abaixo?

Neste momento, às portas do ano novo, um tempo propício para a introspecção e balanço sério, confio sinceramente que meus irmãos, onde quer que se encontrem, tanto individualmente quanto coletivamente (e quanto maior o grupo, maior seu potencial e suas responsabilidades), haverão de reconhecer a Realidade e a Verdade:

O fator essencial da nossa existência e sobrevivência é nossa adesão à Torá e à prática de seus preceitos na vida cotidiana. Que ninguém se engane assumindo o escapismo fácil, nem seja subornado por alguma vantagem temporária ou pela ganância ilusória.

O segredo da nossa existência está em sermos “um povo que mora em solidão” (*Bamidbar* 23:9), cada um de nós, homem ou mulher, acreditando no D’us único e levando uma vida segundo a Torá única, que é eterna e imutável.

Nossa diferença e independência de pensamento e conduta não são nossa fraqueza, mas sim nossa fortaleza. Somente dessa maneira podemos cumprir a função que nos foi outorgada pelo Criador: ser para D’us “um reino de sacerdotes e uma nação sagrada”, sendo também uma *segulá* – “coisa preciosa” para toda a humanidade.

Com sinceros votos de *Ketivá VeChatimá Tová*, para um ano bom e doce; “bom” conforme definido na nossa Torá – o bem genuíno – tanto materialmente quanto espiritualmente, e com bênçãos.

## 15. TORÁ CELESTIAL E POVO JUDEU

B”H

14 de *Menachem Av*, 5719

Saudação e bênção!

Em resposta à sua carta do dia... cheia de perguntas e indagações. Minha esperança é que seja supérfluo esclarecer que para alcançar alguma conquista, seja ela qual for, e iniciarmos com interrogações, muitas e muitas num só contexto, este não é absolutamente o caminho. Se desejamos entender algum ponto de vista e, mais ainda, uma concepção universal, uma concepção que engloba toda a vida, precisamos eliminar qualquer preconceito. Deve-se,

portanto, anular a decisão, “eu preciso encontrar uma falta e um defeito, e, melhor ainda, várias falhas e várias indagações”.

Embora nossos sábios, de abençoada memória, tenham dito que o acanhado não consegue aprender, é minha obrigação dizer que o estilo de sua carta não consubstancia uma mera pergunta, mas, como mencionado, especulações – e talvez até mais do que isto.

Apesar do que escrevi, que fique entendido que eu o julgo meritariamente, pois, afinal, sua intenção é boa; só que ninguém o influenciou para discipliná-lo no modo de aprendizado de um sistema e de uma concepção universal, e você não é culpado pelo posicionamento [que se reflete] em sua carta... Eis que passo a responder às suas perguntas – [respondo] pelo menos resumidamente, pois a natureza destas perguntas é tal que suas respostas são mais inteligíveis quando nos encontramos face a face [pessoalmente]. Certamente, alguns dentre os nossos adeptos e [membros] da *yeshivá* em que você se encontra teriam respondido às suas mencionadas perguntas [da mesma forma] que se segue. Numa conversação é possível alongar-se mais e explicar melhor o ponto em que o ouvinte está especialmente interessado; numa carta nem sempre é possível distinguir o que é mais incompreensível e o que é irrelevante.

1- Será possível provar que a Torá foi outorgada no Sinai pelo Todo-Poderoso? A prova da questão está explicada em várias das minhas cartas e, não só isso, também nos livros dos grandes sábios judeus, que foram editados há bastante tempo. Trazendo um exemplo extraído de sua própria vida prática e daquilo que na maior parte dos casos exerce influência sobre todos os assuntos, pretendo [demonstrar] que ao praticar uma ação, mesmo uma ação que exija da pessoa um dispêndio de energia ou gasto de dinheiro, ela não exige de si mesmo verificar de antemão que, com cem por cento de certeza, se efetivarão os resultados desses atos, mas se apoia [na experiência anterior] de terceiros. Exemplo simples: quando compramos um bilhete para viajar a qualquer lugar que seja, não nos dirigimos de antemão ao trem para examiná-lo,

para estudar a ciência que ele contém, a fim de adquirir a certeza de que poderemos viajar com o nosso bilhete e chegar ao nosso destino. Isto ocorre não apenas com relação a assuntos cuja retribuição de investimento é imediata, e [da qual] a pessoa pode se certificar após o decurso de um curto espaço de tempo, mas até em relação a assuntos cujos resultados virão após vários e vários anos. Se você fizer uma autoanálise, verificará que isto se apoia não sobre os próprios conhecimentos, mas sobre aquilo que lhe foi transmitido por pessoas de confiança, contanto que tais pessoas não sejam suspeitas de mentira e não estejam interessadas em encaminhá-lo para o mal. Quanto mais cresce o número daqueles que testemunham a veracidade do assunto, mais crescerá junto a você a decisão de que é preciso apoiar-se neles.

Mais ainda, até mesmo em assuntos que se constituem em questões de vida ou morte, como, por exemplo, sérias intervenções cirúrgicas, D'us nos livre, apoiemo-nos no cirurgião, desde que este tenha um diploma de que concluiu seus estudos sob um professor especializado – há dez ou vinte anos –, e este ateste que ele é um bom médico, e, melhor ainda, se outras testemunhas afirmarem que ele tratou delas e foi bem-sucedido. Confiando no referido testemunho, uma pessoa permite se submeter a uma operação muito séria, apesar de que ele [o médico] é um só e é mortal, e também ele próprio diz que é possível enganar-se ou malograr na operação, embora em várias ocasiões tenha sido bem-sucedido em operações como essa. Toda a base disto consiste em confiar no testemunho de outras pessoas; [ocorre] apenas que em assuntos complicados [o homem] não se satisfaz com o testemunho de uma única pessoa, ou duas, ou três, porém questiona e analisa o testemunho de muitas. O mencionado comportamento é ainda mais disseminado no que se refere a assuntos relativos àquilo que ocorreu com gerações anteriores, pois, em relação a isto, é impossível saber agora [no presente] se [o que ocorreu de fato] é assim [como se apresenta agora]; apesar disto, não haverá um homem normal que duvide da história humana formulada por três ou quatro pesquisadores históricos, e

até mesmo quando os pormenores se contradizem, a opinião da maioria torna-se decisiva, especialmente se esta é a grande maioria – um em relação a dez, cem e mil –, quando, então, este testemunho é acolhido como decisivo.

Após esta introdução: a questão de que a Torá foi outorgada no Sinai pelo Todo-Poderoso não é uma ideia que foi inovada nesta nossa época, pois já ouvimos isto de nossos antepassados, e estes, de seus antepassados; deste modo, esta tradição e relato se estende de geração em geração – (e em cada geração o relato foi transmitido de forma precisa por centenas de milhares de pessoas, de círculos totalmente diferentes, e, apesar disto, de forma idêntica. Desde a época da outorga da Torá, nenhuma vez ocorreu que a tradição tenha sido alterada, até mesmo pelos outros povos) –, até a geração dos filhos daqueles judeus que entraram na Terra [Prometida] com Yehoshua\*, que ouviram [o relato] de seus pais redimidos do Egito, os quais pessoalmente estiveram presentes no Monte Sinai e ouviram a Voz: “Eu sou o Eterno, teu D’us”.

É claro, e também simples, que se fosse inesperadamente e repentinamente inventada a referida notícia numa das gerações intermediárias, seria impossível que centenas de milhares de pessoas combinassem entre si espalhar a notícia de que houve a outorga da Torá, e, certamente, um diria ao outro, “que novidade é esta na terra, que jamais foi ouvida?!” Quando você analisar tudo o que foi dito, poderá desenvolver mais o sentido desse pensamento, que, como mencionado, é ainda mais vigoroso, e mais ainda em relação a todos os assuntos em que se apoia, baseado na informação daquilo que ocorreu há dez ou vinte anos.

2- Não há espaço para questionar a afirmação de que também os cristãos e os muçulmanos contam-se em muitos milhões, pois, como declarado, a diferença fundamental nisto é que a tradição dos cristãos se concentra, ao final, num único homem (o apóstolo

---

\* Em português, Josué.

Saulo), ou no máximo em dez ou doze apóstolos, que disseram que ouviram de alguém a versão tal, mas para eles mesmos essa “profecia” não se revelou etc.; isto quer dizer que a tradição se concentra num único homem, de carne e osso, passível de engano e capaz de errar involuntária ou deliberadamente. Desta mesma forma, ocorre também com os muçulmanos, cujo início da fé foi quando Maomé retornou do deserto e contou que foi inspirado pela “profecia” etc.

3- Se é possível para aqueles que não são judeus conceberem e elevarem-se a altos níveis, é conhecida a determinação do Rabbam (*Leis dos Reis*, cap. VIII, art. 1) de que os justos entre as nações têm quinhão no Mundo Vindouro.

4- Você não consegue compreender que para os não-judeus não existem todas as possibilidades que existem para os filhos de Israel. Há diversas explicações para a questão, e a principal é de que nós não podemos abranger com o pensamento os caminhos do Criador, as Suas razões e as Suas ações, de modo específico, tal como [ocorre com] os diversos membros do mundo pequeno, os seres humanos; pois é impossível que a perna atinja a compreensão racional que existe no cérebro, e é impossível ao cérebro ter a sensibilidade que existe no coração. Em outras palavras: cada órgão no mundo pequeno tem uma função específica, e, assim, há órgãos mais delicados e órgãos mais grosseiros; o objetivo de cada um é cumprir a sua função e não a função de outro órgão ou membro, e quando ele cumpre a sua função, eis que esta é sua compleição e finalidade. Da mesma forma ocorre no que se refere ao mundo grande, do qual nós também somos uma parte, em que o mineral tem a sua função, até o gênero humano, em que cada espécie tem a sua função. Conforme a explicação do *Zohar* (3ª parte, p. 221b), “Israel está para as nações assim como o coração está para o corpo”; portanto, é impossível à mão e à perna atingirem a sensibilidade que existe no coração, pois a função da mão é escrever



e mover-se, a da perna, andar etc. Assim como não se pergunta a razão por que é impossível à perna escrever, e até mesmo ao coração conceber a concepção e o entendimento da razão, da mesma forma não há motivo para a sua referida questão.

5- Como dito, respondo também à sua pergunta: entre os justos em meio às nações e os pecadores judeus, quem é melhor? A resposta depende da intenção de sua pergunta; se é no sentido do que eles possuem em potencial ou do que eles têm de fato, conforme o exemplo do coração e do cérebro que não preenchem as suas funções. Em palavras comuns, entre um coração e um cérebro doente, D'us nos livre, e uma perna saudável, qual deles tem vantagem sobre o outro?

6- Conforme o conceito geral e a tradição, nós nos encontramos no ano 5719 da criação do mundo. De que modo isto se harmoniza com a “contagem dos cientistas”?

A resposta para isto, em resumo: todas as ciências, até mesmo aquelas assim denominadas exatas, baseiam-se em suposições que não têm qualquer fundamento, a não ser uma simples presunção convencional. Na maioria das vezes, é assim no que concerne à ciência que pesquisa a história da evolução da terra e de suas premissas. Se concordarmos que as leis da natureza não se alteraram em absoluto, e tal como são agora no ano 5719 também o foram durante todo o tempo de sua existência no mundo, sem nenhuma alteração; se aceitarmos que a pressão atmosférica, a temperatura, a quantidade de *radium* e de muitas outras centenas e milhares de coisas sobre a terra existiam na mesma proporção em que existem agora, e [acatarmos] muitos outros postulados que não são acompanhados de qualquer prova, o principal é: a aceitação de que a criação do mundo não pode ter ocorrido de forma ordenada e desenvolvida, a não ser por intermédio da criação de alguns átomos; estes, após a criação, precisam unir-se um ao outro, e esta unificação só é possível do modo e no ritmo atual, que absoluta-

mente não se alteraram até mesmo quando o mundo era o caos. Então, [deduziremos] que é necessário um determinado número de anos até que o mundo saia da barreira do caos, e até que seja criado o animal e o gênero humano etc. Ainda que só uma parte das referidas suposições seja anulada, então estarão *ipso facto* anuladas todas as conclusões dos cientistas. Por exemplo, onde há lugar no raciocínio para dizer que é impossível ao Todo-Poderoso criar o homem, como o primeiro homem, tal como ele é, porque é preciso necessariamente criar apenas átomos que depois unir-se-ão um ao outro espontaneamente?!

Escrevi tudo o que consta acima para aquietar a sua mente, mas, como mencionei, não é este o modo e não é este o método de questionar. Porém, estude a Torá e cumpra os mandamentos, e então você será bem-sucedido em seus assuntos em geral e no entendimento e compreensão do ponto de vista universal em particular.

Convém que examine os seus *tefilin* e também observe os três conhecidos estudos de *Chumash*, *Tehilim* e *Tanya*, que, conforme ouvimos diversas vezes do Rebe [Anterior], de santa e abençoada memória, são equivalentes para todos e propícios para diversos assuntos.

Com bênção.

---

PS: A prova de até que ponto a contagem dos cientistas não tem base são as conclusões na contagem dos anos propostas pelas diversas ciências (geologia, física, radiologia etc.), que se contradizem umas às outras, obrigando os pesquisadores científicos a procurar uma justificativa para essa contradição.

**16. “TODA A OBRA DE D’US É PARA SEU LOUVOR,  
E TAMBÉM O PERVERSO [FOI CRIADO]  
PARA O DIA DO CASTIGO”**

B”H

11 de *Tamuz*, 5717

Saudação e bênção!

... sobre o que mencionou em uma de suas cartas passadas, que teve dificuldade [nos estudos] referentes à questão dos animais impuros e semelhantes, pois são [da espécie que tem] as três *kelipot*\* totalmente impuras, [e teve dificuldades em entender] porque é diminuído o seu quinhão, já que não têm elevação.

Existem diversos pontos neste assunto, e o [ponto] central é que cada assunto [objeto] tem a sua função no mundo, isto é, o modo de elevar-se em direção à sua origem, até atingir a sua origem e raiz primordial. Assim como isto ocorre com os animais puros por meio da alimentação e semelhantes, assim também com os animais impuros isto acontece ao nos abstermos de comê-los, em razão do imperativo da Torá, ou por meio de sua utilização que não seja por meio da comida e bebida, tal como o burro para a carga etc. Então, a centelha Divina que se encontra também neles – como é claro e simples, pois “não há outro além d’Ele” e “Tu dás vida a todos” – se eleva e se une com sua raiz e sua fonte, pelo cumprimento neles da determinação [da Torá], dos dois modos mencionados. Veja também o santo *Zohar*, que é citado no *Tanya*, final do cap. XXIX (*Zohar*, 2ª parte, 163a), “também o sedutor alcança a sua justa recompensa”. Veja também a explicação *Acharei Hashem* do *Tsemach Tsedek*, publicada no final do livro *Derech Mitsvotcha*.

Assim também sobre o que você escreveu, a respeito da questão do livre-arbítrio, eis que a verdadeira escolha, que é uma escolha totalmente livre, somente é possível entre os filhos de Israel, pois eles são uma parte da Essência d’Ele, Bendito seja, e Ele, apenas

---

\* “Cascas”: símbolo frequentemente utilizado na Cabalá para designar o “mal” e a origem dos desejos carnis na natureza humana. As três *kelipot* são completamente “obscuras” e más.

Ele, é verdadeiramente livre de todas as limitações e fronteiras. Veja também *Likutei Torá, Parashat Emor* 38b, e explicado também nos pronunciamentos – ainda não editados – de nosso mestre e Rebe, Rashab\*, que repouse em paz, sobre o escrito *Yivchar Lanu et Nachalatenu*.

Com bênção.

## 17. FINALIDADE DA VIDA – A TORÁ E SEUS MANDAMENTOS\*\*

B”H

Saudação e bênção!

Você escreve em sua carta que está confuso por não encontrar respostas a perguntas como “qual a finalidade da vida?”, “qual o significado de eu ser judeu?” e outras similares – dúvidas e dificuldades que o deprimem muito.

Escreve que frequentou a universidade e estudou ciências naturais, e, portanto, certamente tem conhecimento de qual a atitude pertinente diante de um problema complicado. Se quisermos comprovar as leis e os fundamentos de um determinado sistema, começaremos pela comprovação dos componentes do sistema, que são mais facilmente comprováveis e passíveis de análise. Quando já tivermos comprovado, passo a passo, a maioria determinante [dos componentes] do sistema, poderemos admitir com segurança que se a maior parte é regida por leis específicas, então também os componentes restantes são governados pelas mesmas leis. Até o senso comum justifica o postulado de que quando uma determinada lei vigorou na maioria determinante dos casos, então ela é correta também naquele acontecimento que não foi possível comprovar com certeza.

Aplicando esse conceito ao universo inteiro, convencemo-nos

---

\* Sigla do nome Rabi Shalom Dovber, 5º Rebe de Lubavitch (veja Quadro Dinástico, p. 14).

\*\* Original em inglês.

mais e mais, ano após ano, [da existência] de uma lei e uma ordem que governam a natureza, incluindo também a matéria inanimada, até o menor átomo, e até mesmo suas partículas mais diminutas. A ciência nuclear revelou que nos elementos da matéria (que, conforme sabe-se hoje, são mais de cem) existe harmonia e ordens tais que o homem jamais avaliou. Num mundo de ordem e harmonia assim, deduz-se que também o homem é governado por uma ordem e finalidade.

Se avançarmos um passo mais, chegaremos forçosamente à conclusão inevitável de que a existência e a presença de uma lei e uma ordem como esta no universo torna obrigatório que exista uma Força Superior responsável para tanto. Conforme o exemplo conhecido: quando vemos livros impressos contendo centenas de páginas de uma história completa, ou de pensamentos, nem mesmo a imaginação mais exagerada poderia admitir que uma garrafa de tinta foi derramada [sobre as páginas do livro] e, por coincidência, criou a história que se encontra diante de nós. Ainda incomparavelmente menos do que isto, será compreensível dizer que o universo em que nos encontramos, que contém dentro dele um número infinito de átomos, moléculas e partículas, todas ordenadas prodigiosamente e em completa harmonia, pudesse vir a existir por coincidência. Subentende-se que existe o “Criador” e “Arquiteto” que ordena e unifica todos os diversos componentes do universo, em unidade e harmonia totais de acordo com o sistema de leis que Ele cria e supervisiona. No entanto, todo o sistema está fora da possibilidade de nossa compreensão, já que a nossa percepção – assim como toda a nossa existência – é apenas uma parcela infinitamente diminuta dentro de toda a criação como um todo, e, certamente, de modo algum é possível compará-la com o próprio Criador. Se é assim, é claro que será absurdo tentar entender os caminhos do Criador, e, mais ainda, seria falta de lógica negar a Sua existência em razão da nossa impossibilidade de entendê-Lo com o nosso intelecto limitado.

Seria possível a uma “unidade” englobar o infinito de “unida-

des”, mesmo que exista entre elas alguma relação? Porque tanto a unidade [isolada] quanto o número infinito de unidades são, elas próprias, da mesma espécie, ou seja, números. Muito mais ainda é entre o Criador e a criatura, quando não há qualquer relação desse tipo; então, a criatura não pode incluir o Criador no seu conhecimento.

Utilizemo-nos de um exemplo científico, como passo adicional: nas ciências naturais – física, química e semelhantes –, quando uma determinada lei é deduzida de um número de experiências de laboratório e verificada por pessoas diversas, sob condições diferentes de pressão, temperatura, umidade etc., de modo que é evitada qualquer possibilidade de engano ou de influência secundária e semelhante, então ela é acolhida como lei eficaz daquele momento em diante. Essa “regra geral” científica é também correta em relação a acontecimentos e fenômenos ocorridos no passado, quando muitos historiadores confirmam e testemunham sobre um determinado acontecimento ou fenômeno de modo idêntico; então, do ponto de vista “científico” não há dúvida de que esse evento de fato ocorreu.

Um acontecimento histórico como esse foi a outorga da Torá no Monte Sinai, que foi transmitida de maneira idêntica, por milhões de pessoas, incluindo homens, mulheres e crianças, de todas as classes, que testemunharam com os próprios olhos a Revelação Divina no Monte Sinai e, depois disto, transmitiram aos seus filhos, com fidelidade e precisão, aquilo que viram, e assim por diante, de geração em geração, sem interrupção, desde então até hoje. Não ocorreu em nenhuma época – até mesmo na época dos mais terríveis *pogroms* e extermínios que se abateram sobre os judeus – uma situação em que não houvesse pelo menos milhões de judeus agrarados com fidelidade a esta tradição. É bem conhecido o fato de que, no decorrer de toda a história do povo judeu, não houve, nenhuma vez, qualquer interrupção na corrente da tradição judaica, desde a presença no Monte Sinai até o nosso tempo. Isto faz com que esse acontecimento – a presença no Monte Sinai – seja mais

autêntico do que todos os acontecimentos históricos do desenvolvimento da humanidade, desde o início da história até os nossos dias.

O significado do que foi dito até agora é que a nossa Torá sagrada, a qual guardamos e preservamos, nos foi outorgada pelo Eterno.

A Torá inclui não apenas o caminho da nossa vida, mas também a chave para a nossa existência em todos os tempos, porque a Torá é eterna, exatamente como [é] Aquele que nos deu a Torá. Não é apenas um livro de teoria, filosofia ou pesquisa, mas também, e principalmente, um guia prático para a nossa vida do dia-a-dia, e é válida para todos os lugares, em todos os tempos, incluindo a América do século 21. Nela, na Torá e suas leis, a Torá escrita e a Torá oral, é claramente visível a finalidade da vida do homem sobre a terra, que é: o cumprimento dos 248 mandamentos “de fazer” [positivos]\* e dos 365 mandamentos “de não fazer” [negativos]\*\*. Isto quer dizer: conciliar a sua vida em conformidade com o que está dito na Torá.

A Torá também se preocupou com as hipóteses que brotam da leviandade do homem, com as tentações e provações com as quais ele, criatura de carne e osso, é suscetível de se defrontar. Apesar de que “não há justo na Terra que faça o bem e não peque”, eis que a Torá nos instruiu que também numa circunstância como esta não há necessidade de cair em depressão, angústia e aflição, pois sempre existe a possibilidade de retorno, ou seja, voltar para D’us e para o caminho correto. Mais do que isso, é possível converter o erro em trampolim, com o intuito de lançar-se para frente e atingir uma grande elevação espiritual.

É possível que se formule a pergunta: depois de tudo o que foi dito acima em relação à verdade da Torá, finalidade da vida etc., de modo tão simples e lógico, como podemos explicar o fato de que um número relativamente tão pequeno de pessoas cumpre as

---

\* Correspondendo aos 248 órgãos do corpo humano.

\*\* Correspondendo às 365 veias do corpo humano.

exigências da Torá e observa seus mandamentos, ao mesmo tempo em que são tão numerosos os seus transgressores?

A resposta a esta pergunta é bastante simples, e como consta na Bíblia, “De minha carne terei a visão [de D’us]” (Iyov\*, XIX: 26). Quando um homem analisa o seu comportamento pessoal e as suas ações, especialmente a sua vida cotidiana (exceto as épocas de elevação espiritual especial, como as dos Dias Festivos e semelhantes), torna-lhe evidente que grande número de suas atividades é motivado por suas tentações e pelos desvios sentimentais humanos, e não pelo nível de seu raciocínio. Isto é assim especialmente quando não existe ameaça de castigo imediato sobre o homem por causa de seus atos. Quanto mais ele se afastar do castigo e diminuir o medo deste, na mesma medida se enfraquecerá o nível do raciocínio como motivador de sua vida, e o comportamento do homem será mais fortemente influenciado pela tentação e pelo sentimento, visto que o referido castigo é tão somente espiritual e abstrato. O temor de um castigo físico (prisão, multa e semelhantes) é muito mais eficaz do que uma repreensão e argumentação em nome da moral e da justiça humana.

Uma explicação adicional relativa à sua referida pergunta – e também esta explicação está encravada na natureza do homem: se um homem se rebaixa às seduções de sua tentação e tropeça em transgressões, poderá ocorrer uma dentre duas espécies de reação:

A primeira – quando um homem é honrado e corajoso, reconhecerá que errou e falhou e, então, procurará, daí por diante, vencer a sua tentação. Quando o homem admite o seu erro e decide corrigi-lo, D’us o perdoará, já que D’us é “misericordioso e clemente e assíduo em perdoar”.

Outra reação – se ao homem falta coragem para defrontar-se com a verdade, então ele tentará justificar seu comportamento negativo com todos os tipos de desculpas e justificativas ao invés de corrigi-lo, já que “transgressão gera transgressão” e “o amor

---

\* Em português, Jó.



encobre todos os pecados”, ainda mais o amor-próprio, e “o suborno cegará (até mesmo) os olhos dos sábios”, principalmente a autocorrupção que provém do orgulho próprio. Neste caso, por ter-se lançado a uma confusão que não tem saída, ele procurará inventar para si mesmo uma “filosofia pessoal” que justifique o seu comportamento negativo, e o conduzirá de fracasso em fracasso. Será muito pior quando tentar criar um tipo de “concepção universal” que combine com esse comportamento e segundo a qual não apenas seu comportamento atual seja justificado, como também os seus pecados e falhas parecer-lhe-ão como virtudes.

É supérfluo dizer que é difícil estender o pronunciamento sobre assuntos como este numa carta; porém, creio que os temas abordados lhe servirão de pontos de partida, e com a ajuda deles você visualizará a verdade de que o mundo em que vivemos não é um caos, mas que para cada coisa e para cada um existe um lugar e um objetivo. Se puder examinar a si mesmo de modo objetivo, livre de preconceitos, de influências sociais e semelhantes, tenho certeza de que, à luz de tudo o que foi acima mencionado, você certamente poderá, com a ajuda de D’us, encontrar o seu lugar pessoal e o seu objetivo na vida.

Com bênção.

## 18. A TORÁ – TORÁ DA VIDA\*

B”H

Saudação e bênção!

A sagrada Torá não é uma coleção de leis para esta ou aquela ocasião específica. Abrange toda a vida do judeu, desde o dia de seu nascimento até o último de seus dias. Envolve os aspectos de cada segundo de sua vida, dia-a-dia. Esta é a explicação do conceito “Torá da vida”, ou seja, a Torá é a Lei da vida. Se é assim, qual é a base filosófica desta ideia?

A Torá abrange toda a Criação. O arquiteto, antes de erigir

---

\* Baseado numa carta de *Sivan*, 5720. O texto na edição hebraica consiste em versão livre.

o edifício, prepara os projetos e desenhos de todos os detalhes da construção; assim, a Torá é utilizada pelo Todo-Poderoso como plano da Criação, no qual estão incluídas também as minúcias dos detalhes do universo, até a menor dentre as partículas do mundo dos inanimados.

O *Baal Shem Tov* baseou um dos conceitos fundamentais do Chassidismo em sua interpretação sobre o versículo, “Para sempre, ó D’us, Tua palavra está firme nos céus” (*Tehilim* CXIX:89). Explicou o *Baal Shem Tov*: qualquer coisa que existe nos céus acima e na terra embaixo, em todos os seus pormenores, existe pela Palavra do Todo-Poderoso, isto é, [por força de] Sua Asserção (na criação do mundo): “E D’us disse, ‘Que haja um firmamento’, ‘Que haja luminárias no firmamento dos céus’”. E é assim com todas as demais Asserções Divinas que foram pronunciadas na criação do mundo, com as quais D’us criou e cria (a cada momento) e dá vitalidade a todas as criaturas, de modo permanente, em cada segundo, sem interrupção (*Tanya*, 2ª parte, cap.I). Disto se deduz um conceito adicional: o conceito da Divina Providência.

O conhecimento, sem intermediários, do Criador e Sua Providência sobre tudo estende-se até os menores detalhes da criação, a começar pelo homem – a criatura superior – até a menor coisa do mundo dos inanimados. Esta é a expressão da “Divina Providência”.

Deste pensamento decorrem duas conclusões práticas em relação ao homem:

Primeiro – cabe a cada judeu o dever de servir a D’us com todos os seus 248 órgãos e suas 365 veias\* em todos os pormenores de sua vida e daquilo que o cerca. Este serviço deve iniciar-se no estudo da Torá e no cumprimento de seus 613 mandamentos e continuar, também, nos atos mais simples da vida: servir a D’us ao se alimentar, ao beber, ao dormir etc.

Segundo – cada acontecimento de que o homem participa, ou

---

\* Cujas soma perfaz 613, correspondendo aos 613 mandamentos da Torá.

se ele encontra-se num determinado lugar e num tempo determinado, eis que isto ocorre devido a uma causa específica: as coisas não ocorrem por “coincidência”. O Serviço Divino do homem deve iniciar-se no estudo das fontes da qual o judeu extrai a inspiração para cumprir os mandamentos com veneração e verdadeira vitalidade.

Agora ficou clara para nós a base filosófica da ideia de que a Torá abrange “toda a vida do judeu”, todos os menores detalhes de sua vida. Quem pratica esta doutrina em sua vida cotidiana alcança o título que foi dado a Noach na Torá, ou seja, “Com D’us andou Noach\*”, e se abstém dos trágicos erros de sua geração.

Com bênção.

## 19. A TORÁ: INSTRUÇÃO PARA A VIDA

- Onde estão a honra, a justiça e a igualdade?
- O caminho bem sinalizado
- As profecias explícitas na Torá que se concretizam
- A inutilidade e o perigo das filosofias alheias à Torá

B”H

25 de *Sivan* de 5740 (1980)

Saudação e bênção!

Pela presente confirmo o recebimento de sua carta (sem data) com o anexo, em que me escreve sobre a situação em Israel e dos nossos irmãos judeus em geral etc., e faz várias perguntas sobre a humilhante realidade dos dias de hoje. Para empregar seus próprios termos, “onde estão a honra, a justiça e a igualdade?”

Suas desculpas me surpreendem, principalmente as dúvidas que abriga e a busca e investigação acerca dessa questão. A que isso se assemelha? A uma pessoa que anda por um caminho que liga a cidade principal, sede do reinado, a um deserto infestado de víboras, serpentes e escorpiões, e sente sede por falta de água. Obviamen-

---

\* Em português, Noé.

te essa pessoa sonha e aguarda com ansiedade a chegada do feliz momento em que entrará na cidade civilizada e, especialmente, na capital, o auge da beleza. Ao longo do caminho, como de costume, há placas indicando a direção que leva do deserto à capital, dos quais se deduz também a direção oposta, da capital ao deserto. Se, apesar dos cartazes claros e precisos, o viajante se empenhar em marchar exatamente na direção que o afasta da capital e o aproxima do deserto, as consequências serão óbvias.

Do que pode se queixar um homem, a quem foi concedida a liberdade de escolha, cujo caminho está bem sinalizado, que tem a possibilidade de caminhar na direção correta, e tem garantida a chegada ao destino desejado? Além disso, se lhe foi dito explicitamente que a mencionada trilha não tem substituta, é importante dizer que não há outra maneira de chegar à capital, exceto o caminho sinalizado, e toda tentativa de pegar caminhos alternativos, diferentes e estranhos está, desde o princípio, condenada a ser infrutífera e desastrosa.

Para explicar com mais detalhes: na nossa Torá, a Torá da Vida, de instrução para a vida, há uma seção inteira, a *Parashá Bechucotai*, que começa com, “Se por Meus decretos caminhares e Minhas *mitsvot* observares e cumprires, Vos darei...”<sup>\*</sup> todas as bênçãos enumeradas naquela seção. E embora na afirmação se subentenda a negação, também foi anunciado explicitamente: “E se não Me escutares... e andares Comigo com indiferença...”<sup>\*\*</sup>. É a Torá da verdade que nos foi entregue há milhares de anos, quando Israel se constituiu num povo com a entrega da Torá sobre o Monte Sinai no deserto do Sinai. A partir dali [os judeus] foram para uma terra habitada, e “por causa de nossas transgressões fomos expatriados de nossa terra”<sup>\*\*\*</sup> e voltamos ao deserto dos povos. E apesar de ser sabido a olhos vistos como se cumpriram plenamente os versículos enunciados naquela seção, não obstante existem aqueles

---

\* *Levítico* 26:3

\*\* *ibid* 14 e 21.

\*\*\* Liturgia de *Mussaf* das Festividades.

que inventam, de tempos em tempos, sistemas de vida diversos e estranhos, fazendo deles uma *avodá zará*, um culto alheio; “alheio” no sentido mais literal – alheio ao espírito do povo de Israel, à existência do povo de Israel e à essência do povo de Israel. E quando se produzem os resultados naturais de um sistema que é alheio, maligno e perigoso para o povo de Israel, em vez de apelar para a solução que nos foi legada desde o momento em que constituímos um povo, substitui-se um sistema estranho por outro sistema estranho, dispondo-o ao uso do povo de Israel, “um povo de raiz dura”\*, com uma sisudez fora do comum.

A escuridão da diáspora aumentou tanto que se pergunta: onde estão a justiça e a igualdade, e quando o povo judeu cumprirá seu papel de ser uma luz para os povos?

Ainda não aprendemos a lição de todas as vicissitudes de nosso povo resultantes dos sistemas e atitudes contrárias à Torá e suas *mitsvot* – que são nossa vida e a duração de nossos dias – desde a época em que adoraram o bezerro de ouro logo depois da Entrega da Torá, cultuaram o Baal depois da conquista liderada por Yehoshua bin Nun, e todos os sistemas estranhos que existiram nos dias da diáspora e cujo denominador comum é que todos se firmam no lema, “A Casa de Israel é como todos os povos”.

Cabe dizer que minha intenção não é o mero discurso, e menos ainda fazer sermão, mas sim oferecer uma resposta prática, com base no dito de nossos Sábios de que “o principal é a ação”, que para o judeu, membro do povo eleito – incluindo você –, sobre o qual D’us proclamou, “E sereis para Mim um reino de sacerdotes e uma nação sagrada”, não há lugar para a depressão e menos ainda para o desespero, D’us nos livre. Somente que o principal dever, o mais vital, e também um privilégio, é aproveitar e preservar o povo judeu e todo indivíduo judeu por meio do revigoramento e cumprimento da ordem de, “... por Meus decretos caminhareis e Minhas *mitsvot* observareis e cumprires” – em termos simples: o

---

\* Êxodo 34:9

cumprimento das *mitsvot* práticas na vida cotidiana –, e influir sobre este cumprimento; e quanto antes, melhor. Não há necessidade de fundar novos partidos e elaborar programas, sistemas, filosofias inovadoras, investigações e pesquisas, ou coisas similares, pois tudo está preparado de antemão, desde o momento da Outorga da Torá. Para empregar uma conhecida expressão, “Como uma mesa estendida diante deles.”

Tenho confiança que você tomará essas palavras segundo o espírito com que foram escritas, e que D’us lhe dê êxito e relate boas notícias sobre tudo o que foi dito.

Com bênção.

## 20. A TORÁ, PARA QUÊ?

B”H

3 de *Sivan*, 5711

Saudação e bênção!

A sagrada Torá, que é a Sabedoria do Criador, Bendito e Enaltecido seja, é “maior que a medida da terra e mais larga que o oceano”, e quando o Todo-Poderoso a outorgou a nós no Monte Sinai, como se sabe, ela foi dada conforme a força de cada um, e cada um a concebe conforme a força do seu raciocínio.

Existe aquele que perceberá na Torá o aspecto de simplesmente “E escolherás a vida”, cuja recompensa é grande neste mundo e no vindouro, e a Torá guarda e salva de castigos – pesados e leves.

E existe aquele que conseguirá entender que a Torá é um guia para mostrar o caminho que deverão seguir os homens e as ações que praticarem, o indivíduo e a coletividade; que “seus caminhos são caminhos agradáveis e suas rotas são de paz”.

Estas duas opiniões relacionam-se apenas à parte revelada da Torá, mas ainda não são completas.

A filosofia *Chabad* se ocupa também da parte intrínseca da Torá, revelando a luz que nela se encontra e o seu principal objetivo, conforme o pronunciamento do *Zohar* [que diz:] “Três nós ligam-se uns aos outros – o povo de Israel, a Torá e o Todo-Poderoso”

— onde a Torá é o nó intermediário que liga a criatura com o Criador, Bendito seja.

A questão, muito resumidamente, é que a criação é *ex nihilo* e não na ordem causa-consequência (como longamente explicado na filosofia *Chabad*). Portanto, não existe qualquer comparação e ligação entre o “existente” e o “nada absoluto” — e nisto não há diferença entre o menor dos inanimados e o maior do gênero humano, pois todos os minerais, vegetais, animais e o gênero humano são obras criadas, e até mesmo o mais perfeito homem, “seu intelecto absolutamente não pode abrangê-Lo”, pois também o intelecto é obra criada, e, como se sabe, não há nenhuma equivalência entre o limitado [a obra criada] e o ilimitado [o Criador].

Mas o Criador, Bendito seja, que é a essência do bem, quis dar ao homem a possibilidade de sair das fronteiras e das limitações em que se encontra, já que também ele é uma criatura e de elevar-se, não só no seu mundo criado, mas também acima disto, a fim de unir-se ao seu Criador em unidade total; e por isto, em Sua grande Bondade, D’us outorgou-nos a Torá da Verdade e nos santificou com Seus mandamentos, com os quais, e por meio dos quais, o homem poderá sair de seu mundo acanhado para unir-se e apegar-se ao Criador em unidade absoluta, conforme está escrito, “E vós, os apegados ao Senhor, vosso D’us, hoje viveis todos”\*.

Com bênção.

---

\* *Deuteronômio* 4:4.

**21. NA CIÊNCIA MODERNA EXISTE SOMENTE  
O PRINCÍPIO DA PROBABILIDADE.  
NA TORÁ, VERDADE ABSOLUTA\***

B”H

Saudação e bênção!

Apesar de não conhecê-lo pessoalmente, permito-me escrever-lhe em razão do recebimento da revista *Intercom* do mês de Av 5731, em que está publicado o seu artigo. Eis que concordo com vários dentre os pontos mencionados no referido artigo e isto fortalece a minha esperança de que, como editor da revista e membro influente em sua Associação, o senhor terá sucesso em dar um novo impulso às atividades da Associação e dos seus sócios. Especialmente, espero que o senhor possa ajudar numa tarefa importante, que é: extirpar, de uma vez para sempre, alguns dos enganos que, segundo a minha opinião, se enraizaram e ainda perturbam alguns dentre os cientistas judeus ortodoxos. Parece-me especialmente entristecedor e incompreensível o fenômeno de que alguns dentre os cientistas ortodoxos ainda assumem uma atitude de justificação perante a ciência e certas teorias científicas. Este fenômeno se revela também na edição atual (*Av 5731*), e também o notei em minhas observações pessoais com cientistas possuidores de fé e ortodoxos.

Em palavras simples, parece que certos cientistas ortodoxos envergonham-se, ou ficam perplexos, quando precisam declarar abertamente o seu apego ao verdadeiro fundamento da Torá, como a criação de Adam e Chava\*\*, ou a possibilidade do acontecimento de milagres na nossa época, tal como definido na Torá, ou seja, acontecimentos que se opõem às (assim chamadas) “leis da natureza”.

Quando lhes perguntei de modo direto como conseguem conciliar a sua falta de convicção no verdadeiro fundamento da Torá com tudo aquilo em que um judeu tem fé, acredita e se comporta

---

\* A carta foi escrita originariamente em inglês pelo redator da *Intercom* (revista da Associação dos Cientistas Judeus Ortodoxos) dos EUA.

\*\* Em português, Adão e Eva.



de acordo, responderam-me que tiveram sucesso em dividir os seus dias de modo que a Torá, a oração e tudo o que se relaciona com elas constituam uma categoria; ao passo que a ciência a que se dedicam pertença a uma categoria diversa.

Não há absolutamente necessidade de salientar que este tipo de posição não se sustenta na verdade. Quando um judeu proclama cada dia, “Pois o Senhor é o D’us, não há outro senão Ele”, é claro que isto é dito em relação ao dia inteiro, e não apenas em relação a partes desse dia. Mais ainda, a opinião de um cientista, com a personalidade dividida como esta, é contraditória ao conceito “D’us é Um [*Echad*]”, conforme os nossos sábios, de abençoada memória, interpretaram a palavra *Echad*: *Alef*, *Chet* e *Dalet*<sup>\*</sup>), onde o *Alef* significa *Alufô* [o Comandante] do mundo, que governa não só nos sete firmamentos, mas também na terra, o que está indicado em conjunto na letra *Chet*, cujo valor numérico é oito, e assim também nos quatro pontos cardeais, que estão indicados na letra *Dalet*, cujo valor numérico é quatro (veja *Sefer Mitsvot Gadol*, citado em *Beit Yossef, Tur Orach Chayim*, art. 61).

Quanto às ações milagrosas e sua influência sobre a vida diária, a Torá determina claramente a sua concepção: “Não nos fiamos em milagres”. No entanto, ao mesmo tempo, ela exige de cada judeu estar imbuído da fé total de que o Eterno age de modo natural e também de um modo que é sobrenatural. Este também é o significado do versículo, “Para que o Eterno, teu D’us, te abençoe em todas as tuas ações”; ou seja, há necessidade de agir e não fiar-se no milagre, mas, ao final, a bênção sobre as ações provém do Eterno. Uma opinião diferente desta seria oposta às preces que oramos três vezes ao dia. As bênçãos da oração *Shemone Esré* [*Amidá*] estão claramente baseadas na crença de que D’us tem o poder de agir contrariamente às leis da natureza; curar os enfermos, abençoar as colheitas etc., mesmo que, conforme as condições naturais, isto seja impossível. Se falta a fé em Seu poder de tudo fazer [e agir], em

---

\* Letras do alfabeto hebraico que compõem a palavra *Echad*.

Sua Providência relativa à vida cotidiana de cada um, por que orar ao Eterno e pedir a Sua bênção?!

É verdade que se um judeu se encontra em um ambiente hostil de descrentes, é difícil ser diferente dos outros e, talvez, até mesmo suportar um possível ridículo; mas também sobre isto nos advertiram os nossos sábios: no *Sulchan Aruch*, no início da primeira de suas quatro partes, está escrito, “... sê valente como o leopardo – para não envergonhar-se diante das pessoas que o ridicularizam...”. Contudo, o que mais surpreende – e para isto não recebi resposta de nenhum daqueles com quem tive oportunidade de falar sobre o assunto – é que esta posição apologética não se ajusta em absoluto à concepção da ciência moderna. Há cerca de cem anos, quando cientistas ainda falavam em termos de verdades absolutas, então era “claro” que o homem, ao pretender apegar-se à sua fé, sentia-se perplexo quando, para isto, aparentemente precisava aplicar um ponto de interrogação a alegações definitivas da ciência. Hoje em dia, a situação não é esta. A ciência moderna não argumenta mais em função da verdade absoluta; hoje em dia o conceito determinante é o princípio da maior evidência, e isto também nos campos da ciência prática aplicada a assuntos do dia-a-dia. Especialmente em questões tais como a formação do mundo, a formação da vida sobre a terra e, da mesma forma, quando as teorias pertinentes a esses temas baseiam-se em extrapolações e unicamente em conjecturas, nem se fala da ciência pura, onde tudo está baseado sobre premissas condicionais (“se nós supomos assim e assim, então o resultado será tal e tal”). Cientistas, hoje em dia, não se ocupam de certezas ou verdades absolutas.

Será que ainda há necessidade de lembrar os cientistas ortodoxos que ainda sentem desconforto em relação a algumas verdades “antiquadas” da Torá diante de “hipóteses” científicas sobre o “princípio da indeterminação” de Heizenberg\*?! Com esse princípio foi derrubado o conceito científico, generalizado naquele

---

\* Werner Carl Heizenberg, físico, detentor do prêmio Nobel de Física de 1932.

tempo, de que a ligação entre causa e consequência é mecânica e direta. Hoje, em absoluto, não é científico enxergar num acontecimento específico a consequência obrigatória de um outro acontecimento, mas isto deve ser encarado [apenas] como consequência extremamente provável. A maioria dos cientistas aceitou esse princípio (formulado por Werner Heizenberg em 1927) como essencial e universal. O posicionamento do século anterior diante da ciência, que era dogmático, mecânico e determinista, foi trocado e relegado. O cientista moderno não espera encontrar na ciência a verdade absoluta.

O ponto de vista geral, hoje acolhido diante da ciência, é que o cientista deve adaptar-se à ideia de que, seja qual for o desenvolvimento da ciência, ela ainda se ocupará sempre com probabilidades e não com verdades absolutas.

Não há necessidade de acrescentar que minha intenção não é diminuir a importância da ciência pura ou aplicada. E isto por uma razão completamente diversa. Na verdade, a própria Torá atribui à ciência, em campos específicos, uma autoridade maior do que a ciência exige de si mesma. Em muitas circunstâncias, a Lei Judaica acolhe as descobertas científicas, não como meras possibilidades ou suposições, mas como certeza. É claro que não há necessidade de estender o assunto numa carta dirigida ao senhor editor.

À luz de tudo o que foi dito acima, não existe qualquer motivo ou base em razão da qual um cientista ortodoxo sinta confusão ou vergonha. A ciência moderna não tem qualquer justificativa legítima (inclusive de seu próprio ponto de vista) para menosprezar a Torá do Sinai.

Disto brota também [a conclusão de] que, em absoluto, não há necessidade – ainda que as intenções sejam as melhores possíveis – de procurar interpretar novamente trechos da Torá a fim de adaptá-los a teorias científicas, e ainda mais com interpretações que ferem as palavras e o sentido da Torá. Assim, por exemplo, com relação à tentativa de interpretar a primeira porção da Torá, que fala da criação do mundo, de um modo tal que se deduza que

ali se fala de épocas e não efetivamente de dias, utilizando-se, com ou sem necessidade, o aforisma, “A Torá falou em linguagem humana”. Uma interpretação como esta não apenas é desnecessária como fere a essência do preceito do *Shabat*, que é equivalente à Torá inteira! No instante em que se interpretam as palavras “primeiro dia” contrariamente ao seu sentido literal, eis que toda a ideia de *Shabat* como sétimo dia, que aparece nesse texto, perde seu significado original. Toda a essência da observância do *Shabat* está baseada na proclamação clara e de sentido único da Torá: “Pois que D’us fez os céus e a terra em seis dias, e no sétimo dia [Ele] parou e descansou” – dias, e não épocas.

Tentativas de interpretação como essas são herança antiga do século passado, quando uma vasta literatura apologética foi escrita por porta-vozes religiosos, e até por certos rabinos, em função das posições dogmáticas da ciência daquele tempo. Para guardar a herança da Torá em suas comunidades “avançadas”, eles não vislumbraram um caminho melhor do que uma interpretação forjada e inconsistente de certos trechos da Torá, para que estes se harmonizassem com a concepção universal existente na sociedade. Sem dúvida, sabiam que essas interpretações contrariam a Torá da Verdade; apesar de que deve ser dito em sua defesa que, pelo menos, julgavam não ter alternativa. Hoje em dia, porém, não há qualquer justificativa em perpetuar esse complexo de inferioridade. Não há qualquer argumento para continuar apoiando concepções que atualmente aparecem apenas em compêndios antiquados.

É entristecedor o fato de que justamente aqueles que precisam servir como porta-vozes principais da concepção da Torá e como seus propagadores, especialmente no meio da juventude judaica em geral, e acadêmica em particular, sentem-se confusos, e até mesmo envergonham-se em protestar contra o que se passa. O fato é ainda mais doloroso nos nossos dias, quando a ciência finalmente teve sucesso em despojar-se de seus invólucros antiquados e acolheu o princípio da indeterminação de Heizenberg; agora torna-se extremamente fácil para um cientista ortodoxo adotar orgulhosa-

mente a concepção da Torá, sem qualquer temor de contradições. Apesar de tudo, parece que certos cientistas judeus não lograram êxito em libertar-se dos grilhões das concepções do século passado e do complexo de inferioridade que se apegou a eles. Não há dúvida de que chegou o momento de eles conseguirem reavaliar essas posições.

Creio que o senhor utilizará sua boa influência para o desejado objetivo, de modo que os artigos que venham a ser publicados nas futuras edições da *Intercom* sejam embebidos da concepção da Torá, e que tal posicionamento se reflita nas conferências públicas e em debates particulares. O apego ao caminho da Torá da Verdade garante ao homem que ele trilha o caminho da verdade, e a verdade não admite solução de ajustes.

Minha esperança, do fundo do coração, é de que o senhor discuta o assunto com seus colegas de profissão, e “palavras que saem do coração penetram no coração”, especialmente no coração judeu. Que encontre a receptividade correta no exercício das suas atividades, pois a ação é o que importa.

Permita-me concluir exprimindo a esperança – e peço que não veja nisto nenhuma ofensa – de que cada judeu que atua em qualquer dos campos da ciência seja caracterizado como “judeu crente e também cientista” em vez de “cientista e também judeu crente”.

Com bênção.

## 22. CONTINUAÇÃO DA CARTA ANTERIOR\*

B<sup>o</sup>H

Saudação e bênção!

Utilizarei esta oportunidade para acentuar mais alguns pontos básicos.

1- Aqueles homens bem-intencionados que sentiram necessi-

---

\* Também esta carta, como a anterior, foi enviada ao editor da *Intercom* em inglês.

dade de interpretar determinados trechos da Torá em oposição à interpretação tradicional agiram assim apenas porque acreditaram (erroneamente) que a concepção da Torá (por exemplo, em relação à idade do universo) é contraditória às teorias científicas. Não fosse isto, não teriam procurado novas interpretações para a Torá.

2- A literatura apologética, ou pelo menos uma grande parte dela, foi criada como consequência desta errônea percepção, e repousou sobre o princípio de que assim como “é permitido mudar em função da paz”, também é conveniente fazer à ciência algumas concessões literais, aparentemente “ingênuas”, se isto ajudar um número grande de pessoas a observar e cumprir a Torá e os mandamentos.

3- Na raiz deste posicionamento encontrava-se o pensamento errôneo de que as conclusões científicas são absolutas.

4- Entre parênteses, é possível esclarecer esse posicionamento em relação à ciência com o fato de que a própria Torá atribuiu à ciência uma alta posição de autenticidade, superior àquela que a própria ciência moderna exige de si mesma. É possível extrair um exemplo para isto da regra legal que diz que a proibição de transgredir o *Shabat* pode ser anulada no caso de perigo de vida, segundo a opinião do médico. E existem ainda outros exemplos.

5- Efetivamente, o ponto determinante é que as últimas conquistas científicas causaram uma alteração radical na própria avaliação que a ciência faz de si própria, apontando para as suas limitações. Assim sendo, não há nada absoluto na ciência. O princípio da causalidade deu lugar ao princípio da probabilidade, isto é, “um provável desenvolvimento de acontecimentos”.

6- Além disto, a ciência moderna julga que opiniões e descrições científicas não representam necessariamente os fatos tal como são.

7- A ciência exige uma comprovação empírica (experimental). “Conclusões” são consideradas “científicas” depois de terem sido pesquisadas de modo experimental. É impossível alcançar conclusões científicas como essas quando se trata de fenômenos que ocorreram em condições desconhecidas, não existindo, portanto, qualquer possibilidade de reconstituí-los.

8- À luz do que foi dito acima, não há qualquer motivo para acreditar que a ciência (em oposição aos cientistas) seja capaz de definir qualquer coisa com certeza em relação a um acontecimento que ocorreu no passado distante, no tempo da pré-história. Em consequência disto, não há nenhuma necessidade de procurar novas interpretações para a Torá a fim de “estabelecer a paz” entre ela [a Torá] e as teorias científicas, conforme foi escrito no início da carta.

9- No que concerne à sua referência específica à questão do *Shabat Bereishit* [o *Shabat* da criação do mundo], é surpreendente o fato de que aqueles que tentaram explicar os seis dias da criação em termos de épocas, ou análogos, não viram absolutamente necessidade de lembrar a contradição existente entre uma explicação deste tipo e a fórmula fixada para o *guet*\*. É notório observar até que ponto a legislação judaica é meticulosa na questão do *guet*. A fórmula do *guet* inicia-se com a fixação inalterável da data, que está baseada no tempo da criação do mundo (por exemplo, este ano apareceria [num *guet*] como cinco mil setecentos e trinta e três anos da criação do mundo).

Na *Meguilá Ester* [Livro de Ester], que nós lemos esta semana, constam as palavras, “há um povo ... e suas crenças são diferentes das de todos os povos”. Seja a Vontade de D’us que tal como naqueles dias o nosso povo sentiu orgulho – e com razão, por ser diferente e especial –, e não fez quaisquer experiências para adaptar

---

\* Ato do divórcio segundo a Lei Judaica.

suas leis e costumes àqueles que vigoravam junto aos povos com os quais vivia, assim também exista em nossos tempos a possibilidade de cada judeu manifestar a coragem, baseada na Torá, e que “esta Torá não será alterada e não haverá outra Torá”, pois este é um dos treze princípios básicos da fé, tal como formulados pelos sábios judeus.

Com respeito e bênção,

### 23. NÃO HÁ CONFLITO ENTRE FÉ E CIÊNCIA

B”H

Saudação e bênção!

Em sua carta você revela suas dificuldades nos exames pelos quais está passando, e logo em seguida escreve sobre o seu problema no campo da fé. É estranho que você não veja a relação que há entre eles, embora no passado eu, mais de uma vez, tenha dirigido a sua atenção para a interrelação entre todas as experiências do homem e sua situação em questões de Torá e mandamentos. Ao analisar tudo o que ocorreu com você nos dois últimos anos, no campo de seus progressos nos estudos gerais, você se convencerá cada vez mais sobre até que ponto a relação entre esses dois assuntos [experiências e Torá e mandamentos] é intensamente estreita. É espantoso que não perceba desta forma, apesar de escrever a respeito das duas coisas em conjunto, uma após a outra.

Devo ressaltar que quando eu digo “pois maior diligência nos temas da Torá e mandamentos lhe propiciará a bênção de D’us em todos os seus assuntos (inclusive sucesso nos exames)”, minha intenção [ao utilizar o termo] “diligência” refere-se, acima de tudo, a cumprir efetivamente os mandamentos na vida cotidiana, e assim também fortalecer a sua fé. O próprio fato de os seus problemas no campo da fé – isto é, o enfraquecimento de sua fé – se refletirem imediatamente nos seus problemas com os exames, e de um modo que não tem “explicação científica” – pois que ligação científica pode haver entre a fé em D’us e um exame em ciência aplicada –, apenas prova que a explicação “científica” nem sempre é um



método fidedigno.

Você escreve que, embora lhe tenham sido esclarecidas muitas das contradições – aparentes – entre fé e ciência, de forma que você consegue aceitar as explicações de modo específico, você tem dificuldade em aceitá-las de modo genérico. Atribuí esta dificuldade à sua formação, pois lhe ensinaram a pensar de modo independente em cada grau, por ter sido educado numa instituição de ensino leigo e não numa atmosfera de *yeshivá*.

Contudo, na verdade não é o hábito de pensar de modo independente que causa a sua dificuldade, mas sim sua impossibilidade de pensar com lógica correta; isto em razão dos preconceitos que adquiriu – de forma consciente e, mais ainda, inconscientemente – durante os anos da formação de sua personalidade, que ocorreu numa atmosfera estranha ao espírito da Torá, visto que a concepção da Torá apenas lhe chegou recentemente. Portanto, não é de surpreender que toda vez que surja um assunto que se coloca em contradição com a sua posição anterior você tenha dificuldade em aceitar a explicação, acreditando que tudo tem de se harmonizar exatamente com a sua concepção anterior, sem analisar se esse pensamento de fato representa um critério verdadeiramente científico.

Parece-me que já mencionei a você uma vez que o comportamento de qualquer pessoa, em mais de noventa por cento de suas ações, não se define por uma prévia decisão lógica, mas pelo hábito e crença na autoridade de outras pessoas.

Queira analisar os seus atos, do momento em que acorda do seu sono pela manhã até ir dormir à noite, e pergunte a si próprio quais e quantos de seus atos você pratica baseado em análise científica ou em qualquer outra consideração!

Cumpre lembrar mais um ponto. Justamente sob o ponto de vista da ciência moderna – mais do que nunca – não pode existir qualquer oposição entre a ciência e a fé. Segundo a ciência moderna, não há leis naturais imutáveis, tudo é relativo. O que os cientistas uma vez chamaram de lei, não são outra coisa senão probabilidades. A ciência moderna não proclama mais certeza absoluta no

mundo material. O fato de que um certo objeto hoje se comporta de um determinado modo não constitui prova definitiva de que ele se comportou desse mesmo modo há milhares de anos. [Também não prova] que ele se comportará de forma igual daqui a muitos anos – a não ser que permaneçam imutáveis todos os demais fatores determinantes, incluindo todas as condições físicas externas da atmosfera, estratosfera, temperatura, pressão etc. etc.–, sem contar a natureza do homem, que também se altera. Mesmo que todas as condições permaneçam imutáveis, a ciência moderna dirá que o comportamento anterior de um certo objeto ainda não garante que esse objeto terá o mesmo comportamento no futuro, mas apenas que existe uma “probabilidade” nesse sentido.

Portanto, é evidente que a ciência moderna não pode tentar julgar, com qualquer margem de segurança, a verdade que a nossa fé determina.

O máximo que a ciência pode dizer é que aquelas verdades são prováveis. Evidentemente, parece não haver, em absoluto, condição para se falar em qualquer conflito entre ciência e fé.

Finalmente, no que se refere à sua declaração de que sua relação com o Judaísmo está baseada numa determinada pessoa, esclarecerei que isto definitivamente não tem nada a ver. A que se assemelha tal situação? A uma faísca que atinge um barril de pólvora, que contém enorme força e energia. É impossível relacionar a explosão que foi provocada exclusivamente à faísca. A potência da energia que foi libertada estava anteriormente encerrada na pólvora; a faísca foi apenas o agente causador que acionou o fenômeno.

Da mesma forma, em cada judeu existe uma alma Divina que contém toda a energia potencial; porém, às vezes, ela não está em ação, ou então age numa medida muito limitada. Quando ela entra em contato com uma pessoa, acontecimento ou experiência que aciona uma reação em cadeia, libertando a energia potencial encerrada na alma Divina, essa reação tem raízes profundas, e não está vinculada absolutamente a um [agente] causador externo.

Eis que eu lhe envio meus votos de fortalecimento da fé em

D'us, que cuida de cada um individualmente, e que você fortaleça sua ligação com a fonte de vida e do bem, o Todo-Poderoso, pelo cumprimento diário da Torá e dos mandamentos, o que lhe proporcionará paz de espírito, verdadeira felicidade e sucesso em todas as suas ações.

Com bênção.

## 24. A ALMA E O CORPO

B"H

3 de *Tamuz* de 5716 (1956)

Saudação e bênção!

Recebi com prazer sua carta de 15 de maio e gostei de ler sobre o seu interesse pelos ensinamentos do Chassidismo, bem como alguns aspectos de sua visão a respeito do assunto, especialmente sobre o tema da alegria.

Sobre isso, você escreve que “a sensação de alegria está vinculada à atividade das secreções hormonais... que com o sangue chegam ao cérebro.”

Como corpo e alma estão realmente vinculados e unidos, e formam uma só entidade, é óbvio que todo fenômeno da alma provoca um fenômeno no corpo.

Creio que concordará comigo que essa união de microcosmos, que serve de exemplo para a verdadeira união existente no macrocosmos, não é como ensina o panteísmo – em que tudo é natureza e matéria –, mas sim o contrário: tudo é espiritualidade. Além disso, tudo é Divindade, como comenta o autor do *Tanya* brevemente em sua interpretação do versículo, “um povo único na terra”, no sentido de que nem as questões terrenas se separam da Unidade Verdadeira, D'us nos livre (*Igueret HaKodesh* 9, p.114a).

Vale mencionar que aqueles que se apegavam à doutrina do materialismo, quando encontravam alguma questão da alma relacionada a alterações do corpo – como respostas instantâneas e similares – se alegravam como quem encontra um grande tesouro,

como se tivessem achado nesse fenômeno o apoio à sua doutrina.

Na verdade, ele não apenas não mostra contradição alguma, como, pelo contrário, é uma conclusão lógica da verdade absoluta da Unidade do Criador, ou seja, que D'us é Um e não há nada além Dele; não apenas não há outra divindade além Dele, D'us nos livre, como não há nada (nenhuma existência) além Dele, conceito que constitui uma das ideias fundamentais do Chassidismo, como explicado no *Shaar Halchut VeHaEmuná* do Rebe Anterior...

Você não escreve a qual área da Medicina se dedica, algo que eu gostaria de saber. Assim, confio que quando se ocupa da saúde física daqueles que o visitam, leva em consideração também suas características espirituais e seu coração, especialmente daqueles que ignoram que têm a alma enferma, e que por causa dela precisam de maior medida de tratamento médico.

Com estima e bênção.

B”H

4 de *Tamuz* de 5716 (1956)

Saudação e bênção!

... gostaria de fazer um comentário adicional, e certamente você me desculpará por não coincidir mais uma vez com aquilo que você escreve, a respeito do modo de progredir no Judaísmo, e sim ir do Judaísmo do corpo para o Judaísmo da alma, ou de modo inverso\*.

Pois se, a princípio, aparentemente ambos os sistemas são possíveis, na prática, para conseguir o objetivo, há uma diferença imensa. O progresso do “Judaísmo do corpo” para o “Judaísmo da alma”, considerando que se trata de um ser humano composto de corpo e alma, e o corpo é algo concreto, possuidor de cinco sentidos etc., é garantido – mesmo quando ocasionalmente ocorrem subidas e descidas, e até quedas, e “sete vezes cairá o *tsadik*...”\*\* –,

\* Ou seja, começar com os aspectos intelectuais e emocionais do Judaísmo e logo passar aos práticos – as *mitsvot*.

\*\* *Provérbios* 24:16

apesar de que no progresso do “Judaísmo da alma” para o “Judaísmo do corpo”, no começo do caminho, e talvez também depois de seu início, o corpo ainda resiste a uma caminhada nessa direção, havendo o risco de incorrer em vários erros, e talvez em coisas ainda piores.

Isto é especialmente válido em nossa geração, que ainda não conseguiu livrar-se da falsa doutrina do materialismo tão difundida entre os desgarrados da geração anterior...

Com bênção.

## 25. A MEDICINA A SERVIÇO DA TORÁ E DOS MANDAMENTOS

B”H

2º dia de *Rosh Chodesh\* Tamuz*, 5715

Ao Comitê da Assembleia dos Médicos Ortodoxos em Nova York  
D’us esteja convosco.

Saudação e bênção!

Recebi com satisfação a notícia de sua assembleia, cujo objetivo é organizar uma união de médicos ortodoxos. Se, em todos os tempos, uma reunião de devotos à palavra de D’us é uma coisa boa, isto é mais verdadeiro ainda nesta nova geração; geração de confusões mentais diante dos acontecimentos impressionantes que determinaram e impeliram muitos a se decepcionar totalmente com suas falsas ideologias, e os despertaram a procurar seriamente a verdade.

Uma reunião de médicos ortodoxos deve exercer influência sobre tal estado de espírito, com uma proclamação aberta no que se refere a alguns pontos em que muitos, repetidamente, se enganam.

Deve ser declarado que as conclusões da verdadeira ciência, cujo objetivo é apenas a verdade, não podem contradizer a nossa Torá, a Torá da Verdade, mas que, pelo contrário, quanto mais profundamente for pesquisado, mais crescerá o reconhecimento da veracidade dos princípios e também dos pormenores de nossa

---

\* Dia da lua nova em que se inicia o mês.

religião, a religião de Israel.

Especialmente na qualidade de médicos, precisam negar decisivamente a doutrina do poder material, observando até que ponto a saúde do corpo depende da saúde da alma. Se já muito antes de nós foi sublinhado o ditado médico, “alma sã em corpo são”, então, nos nossos dias, logramos saber até que ponto um pequeno defeito na alma provoca um grande defeito no corpo. Quanto mais sadia a alma, mais cresce o seu controle sobre o corpo e a sua capacidade de corrigir falhas no corpo, até o ponto em que certos cuidados físicos têm muito mais influência e eficácia na cura do corpo se são acompanhados de força de vontade e poderes da alma do paciente.

Este princípio de sobrepor a forma (qualidade) sobre a matéria (quantidade) é mais acentuado também pelo fato de que até nos assuntos do corpo se fortalece a constatação de que as atividades vitais do corpo não dependem da quantidade; tanto é assim que as glândulas e seus produtos (hormônios, vitaminas etc.) são ínfimos em quantidade.

A título de observação: está dito, “De minha carne terei a visão [de D’us]”; da constatação da predominância da alma sobre o corpo (mundo pequeno) existe pequena distância para a constatação do domínio do Todo-Poderoso sobre o universo. Na linguagem de nossos sábios, de abençoada memória, “Assim como a alma preenche o corpo, suportando-o e vendo-o sem ser vista, assim o Todo-Poderoso preenche o universo, suportando-o e vendo-o sem ser visto”.

O referido se constitui em aspectos genéricos [da questão]. Muitas são as perguntas que afetam de modo direto o ramo de atividade de um médico, e dentre elas, algumas afetam a Lei Judaica no campo prático, como, por exemplo:

- Divulgar o grande proveito da observância das leis de pureza familiar e da observância das leis de alimentação *kasher*.
- Circuncisão.
- Órgãos reprodutores em geral: negar tratamento que cause esterilidade, substituindo-o por outro tratamento, especialmente na operação da próstata.

– Medicamentos: alguns deles podem ser preparados de modo que sejam *kasher*; só que por falta de interesse e atenção são produzidos de outro modo.

– Autópsias e profanação de cadáveres: para estudar a estrutura do corpo, utilizar-se de esquemas ou modelos. Para saber a *causa mortis*: em muitos casos esse conhecimento não é necessário em absoluto. Quando se trata de salvar uma criatura no lugar [em caso de emergência] – anulação da culpabilidade no envenenamento do morto pela análise do corpo e assim por diante –, proceder à autópsia apenas nas partes [do corpo] estritamente necessárias, e realizar o sepultamento dessas partes em seguida.

É supérfluo frisar que no que se refere à mencionada vantagem para a saúde que existe no cumprimento dos mandamentos, não é minha intenção esclarecer as razões dos mandamentos; conforme é conhecido, é necessário cumprir os mandamentos porque eles são as Ordenações e a Vontade do Criador, Bendito seja, e a recompensa do mandamento é o seu respectivo cumprimento. Esse é o ser humano: ligar-se e unir-se com o seu Criador por meio do cumprimento de Seus mandamentos.

Mas a minha intenção no que foi dito é dirigida àqueles que estão doentes em suas almas, D’us não permita, pois ainda é impossível, de outro modo, aproximá-los do cumprimento dos mandamentos, e é necessário fazer todo o possível para trazê-los à observância dos mandamentos na prática, até mesmo frisando o seu proveito corporal.

Finalizarei com os votos de que se realize neles [a expressão], “Então dirão os tementes a D’us, uns aos outros”, a Vontade de D’us será bem-sucedida, por intermédio deles, para atingir consequências concretas. E como conclui o versículo, “e será escrito diante d’Ele no livro de memórias” – a lembrança diante de D’us e em benefício de muitos, pois o benefício da comunidade depende deles.

Com respeito e bênção de sucesso.

## 26. ELE HÁ DE CURAR

B”H

5 de *Marcheshvan*, 5715

Saudação e bênção!

... você escreve sobre o seu estado de saúde; eis que é conhecido o ensinamento de nossa Torá, Torá da Vida, sobre o versículo, “Ele há de curar”, de que foi concedida ao médico permissão para curar, e, portanto, você precisa obedecer aos preceitos de um médico especialista nesse campo. Porém, concomitantemente, deve saber claramente que D’us, Bendito seja, é que cura todos os seres e age prodigiosamente, e uma certa pessoa ou certo remédio são apenas seus mensageiros e instrumentos. Consequentemente, antes de mais nada, você deve melhorar e fortalecer o seu estado de saúde espiritual, pois assim se fortalece o apego a D’us Todo-Poderoso, quando, então, “hoje vós todos viveis”, em vitalidade declarada e em todos os membros. Aumente a sua dedicação e concentração no estudo da Torá, no cumprimento dos mandamentos com brilho e no serviço das orações. Evidentemente, isto tudo pode ser realizado sem afetar a saúde, e, durante o dia, há tempo suficiente para agir em função da saúde da alma e da saúde do corpo. Então, também o seu estado de saúde física melhorará, e não há nada que resista à força de vontade.

Com bênção.

## 27. CONFIANÇA EM D’US MELHORARÁ O ESTADO DE SAÚDE

B”H

4 de *Shevat*, 5714

Saudação e bênção!

... você escreve que se encontra num hospital, sob cuidados médicos, descrevendo seu estado de saúde, e preocupado com isto.

Eis que é conhecido que cada um precisa ser forte em sua confiança no Todo-Poderoso, “que cura todos os seres e age prodigiosamente”, e quanto mais aumentar a confiança, mais aumentará



também a melhora do estado de saúde. Porém, juntamente com isto, a nossa sagrada Torá disse: “Ele há de curar”, pois o médico é o emissário d’Aquele que cura todos os seres, a fim de trazer a cura necessária [ao paciente]. Para fortalecer a confiança e aumentar a bênção do Todo-Poderoso, [a pessoa] precisa também intensificar [sua atuação] nos assuntos da Torá e dos mandamentos, cada qual segundo a sua posição e situação. Além disso, não deve satisfazer-se com a própria atuação, mas encorajar os que se encontram em seu meio, pois certamente poderá influenciá-los de algum modo e encorajá-los também nos dois assuntos em conjunto: confiança e acréscimo na Torá e mandamentos. A conduta do Todo-Poderoso é “medida por medida”, pois quando se aumenta a sanidade espiritual ou física de seu irmão judeu, então o Todo-Poderoso aumenta do mesmo modo, várias vezes mais, para aquele que se ocupa disto.

O Todo-Poderoso o tornará bem-sucedido para transmitir boas notícias em todo o referido ...

Com bênção.

## 28. TORÁ E MANDAMENTOS CONDIÇÃO PARA A CURA

B”H

13 de *Nissan*, 5712

Saudação e bênção!

... recebi sua carta em que me comunica a respeito do sr. ... e seus familiares, abençoados sejam, que sofre de dores diversas, e que a mulher dele não está em perfeita saúde, pedindo uma bênção para eles.

Precisa, pois, explicar-lhes que o Rei dos reis, o Todo-Poderoso, é o único Senhor e Dono do mundo e de seu conteúdo, e Ele Próprio é o bem e a bondade e a misericórdia; a nós cabe apenas preparar recipientes adequados para atrair e receber as bênçãos celestiais, e os recipientes correspondentes ao homem e à mulher do povo de Israel são os assuntos da Torá e dos mandamentos.

Tal como na vida material, ao comer pão quando se está fa-

minto e ao beber água quando se está sedento não importa entender com o raciocínio de que modo o pão aquieta a fome e a água aplaca a sede; assim também na vida espiritual, quando a alma está faminta e sedenta pelo pão e pela água da Torá e dos mandamentos, o que importa é a ação prática: satisfazer a sua fome e a sua sede com Torá e com mandamentos. Quando, por este modo, [a alma] se torna saudável e extremamente forte, então ela tem a possibilidade de entender mais fácil e rapidamente as questões da Torá e dos mandamentos, também com o seu limitado raciocínio humano. Não inverter a ordem declarando, “ouviremos (entenderemos), e (só depois disso) agiremos” .

Todas essas referências relacionam-se com o sr. ..., abençoado seja, a quem certamente o Todo-Poderoso enviará a cura; mas ele, de seu lado, não pode colocar condições de que antes deve ser curado e depois, em suas horas livres, se esforçará por entender a obrigatoriedade da Torá e dos mandamentos, e [só] após isto aumentará a sua dedicação ao estudo da Torá e ao cumprimento das *mitsvot*. Ele se compara ao doente que diz que não aceitará nenhum remédio para o seu mal até que conclua o estudo de medicina e entenda de que modo os remédios agem para avaliar a sua doença e curá-lo. Muito pelo contrário, é tomando os remédios que o seu poder de raciocínio se fortalece, para entender mais facilmente e rapidamente ao iniciar o estudo da ciência médica. Quando o sr. ... iniciar o cumprimento dos mandamentos, especialmente colocando os *tefilin* e comendo *kasher*, e sua mulher for cuidadosa em conduzir o lar dentro das leis de *kashrut* e acender as velas na véspera do santo *Shabat* e na véspera dos Dias Festivos, e antes de acender as velas contribuir para o fundo de caridade de “Rabi Meir Baal Hanes”\*, então D’us Todo-Poderoso lhes propiciará transmitir em breve boas notícias da melhora de sua saúde.

Com bênção.

---

\* Fundo judaico tradicional de caridade em nome de Rabi Meir Baal Hanes.

## 29. TORÁ E GEOMETRIA

- O que se pode aprender com a geometria?
- Dualidade na ciência
- A proposta científica e a plenitude da Torá

B”H

25 de *Sivan* de 5712 (1952)

Saudação e bênção!

... vejo em sua carta que é engenheiro, mas não está claro qual exatamente é a sua esfera de trabalho, se trata-se da construção de edifícios ou questões de cálculos, medição de superfícies ou similares. Seja como for, no fundamento de todos esses assuntos encontra-se a geometria.

O que poderia se aprender com as generalidades dessa ciência?

A geometria tem traços característicos das ciências exatas (matemática), assim como da ciência aplicada e, em consequência, não tão exata. Desconsiderando as distâncias infinitas, encontramos um conceito análogo em nossa sagrada Torá: embora a Torá seja a sabedoria de D’us, a verdade e exatidão mais precisas, cujo valor o ser humano não pode conhecer, que escapa ao olhar de todo ser vivente etc., mesmo assim todo seu objetivo é – como indica seu nome, Torá, do vocábulo *horaá* (instrução) – uma instrução para a vida cotidiana neste mundo físico e material. Em consequência, na diferença que existe entre esses dois aspectos mencionados pode-se encontrar a diferença fundamental e infinita que há entre a nossa Torá – sobre a qual se diz, “Ela é vossa sabedoria e vosso entendimento aos olhos de todos os povos” – e a sabedoria e entendimento dos povos\*, ou sequer do intelecto da Alma Animalesca\*\* do judeu, que é a seguinte:

O intelecto humano, incluindo o das chamadas ciências exatas, baseia-se em fundamentos que nada têm de ciência. Porque a ciência,

---

\* *Deuteronomio* 4:6

\*\* Veja *Tanya I (Sefer Shel Beinonim)* cap. 1

mais particularmente a ciência exata, não aceita senão aquelas coisas e questões sobre as quais haja provas, enquanto os fundamentos das ciências em geral, inclusive matemática e geometria, carecem de toda prova, dependendo de cada um aceitá-los ou rejeitá-los.

Nesse aspecto, a geometria, como se sabe, tem três sistemas principais fundamentados, cada um deles, num número de axiomas que discordam dos outros sistemas.

Em outras palavras: a ciência não pode dizer ao homem coisas conclusivas, mas sim apenas coisas condicionadas, ou seja, “se você aceitar como verdadeira essa série de axiomas e também a metodologia empregada em sua análise, obterá determinados resultados, que são estes”.

Isso implica em duas coisas:

- 1 – Que é da vontade do homem aceitar ou não os fundamentos.
- 2 – Que mesmo que os aceite, não se pode obrigá-lo a realizar alguma ação em consonância com os resultados, pois a única coisa que diz a ciência é que deve-se atuar de determinada maneira, ou as conseqüências serão diferentes. Porém, se ao homem não importam os prejuízos envolvidos, nada o impede de atuar de maneira diferente.

Ou seja: a ciência não dá instrução para a vida, mas sim o enunciado de coisas e uma espécie de previsões no sentido de que, com base na experiência até o momento, e com base nos fundamentos que de boa vontade aceitaremos agora como verdadeiros, o decorrer dos acontecimentos será esse.

Também nisso é radical a diferença com a nossa Torá: ao constituir a sabedoria da Verdadeira Existência, D’us, trata-se da conseqüência de uma questão absoluta, ou seja, uma verdade genuína, tanto seus fundamentos como suas regras sobre o modo com que se deve levar a cabo a análise desses pontos. Porque essa é a vontade do Criador de todo o mundo, no qual também se deve incluir o homem, e obviamente todas as conclusões responsabilizam o homem a atuar e conduzir-se exatamente de acordo com essas conclusões e de nenhuma outra maneira.

Este é um aspecto que, em seu caráter de engenheiro, con-

vém estar gravado em sua mente: é impossível formular qualquer pergunta, seja de qual natureza for, da ciência à Torá (exceto à distância), pois a Torá é uma verdade absoluta sobre a qual a própria ciência testemunha que não se trata de uma questão absoluta sem ser dependente da vontade axiomática do homem. E este pode formular teorias que se contradizem entre si, e é possível que todas tenham direito de existir por vontade do homem, como ocorre nos três sistemas da geometria, de Euclides\*, Lobachevsky\*\* e Riemann\*\*\*...

Espero que esta mensagem esteja compreensível, e se tiver algum comentário a respeito, me alegrará sabê-lo em detalhes. São conhecidas as expressões de nossos Sábios, que se alegraram quando foram formuladas perguntas sobre as suas palavras, pois é sinal de que houve interesse pelo que foi dito. E, o que é fundamental, pois serve para clarear e esclarecer as ideias e conceitos expostos no decorrer do debate...

Com bênção.

---

\* Matemático grego do século 3 AEC, que codificou dois séculos e meio de trabalhos numa única obra. Recompilou desde o ponto inicial uma série de axiomas e postulados nos quais fundamenta seus teoremas. Em sua geometria, a soma dos três ângulos de um triângulo é  $180^\circ$ .

\*\* Nicolai Ivanovich Lobachevsky (1793-1856), matemático russo que elaborou um sistema geométrico não-euclidiano e assentou as bases para que três quartos de século depois Einstein demonstrasse que a estrutura do universo não era euclidiana. Chamaram-no de “o matemático herege”, e seu desafio a Euclides lhe custou o posto de Reitor na Universidade de Kazan. Em sua geometria, a soma dos três ângulos do triângulo é menor que  $180^\circ$ .

\*\*\* Georg Friedrich Bernhard Riemann (1826-1866), matemático alemão que assentou os fundamentos da geometria riemaniana (não-euclidiana, aplicada à superfície da esfera). Em sua geometria, a soma dos três ângulos do triângulo é maior que  $180^\circ$ .

## Capítulo IV

### A RELIGIÃO JUDAICA

30. O Povo Judeu Está Ligado à Torá. E a Torá, ao Todo-Poderoso .....	119
31. D'us Procura o Homem? .....	121
32. A Verdade da Religião Judaica Diante das Outras Religiões ...	122
33. A Natureza das Provas sobre a Necessidade do Cumprimento da Torá e dos Mandamentos .....	125
34. A Verdade do Judaísmo da Torá Diante das Doutrinas Falsas .....	127
35. Verdade e Solução de Concessões – São Dois Opostos .....	128
36. “Levianos” ou “Hereges” Diante da Torá .....	131
37. Os Irresolutos .....	133
38. O Rabino – Mandatário que Não Altera a Sua Missão .....	136
39. Pureza e Conteúdo na Mensagem Rabínica .....	140
40. Interpretações da Torá para Harmonizá-la com a Ciência ....	143
41. O Significado do Descanso do <i>Shabat</i> .....	147
42. Não Há Homem Livre Senão Aquele que se Ocupa da Torá ..	148
43. Não Responda a um Tolo .....	151
44. Diálogo Ecumênico – Negativo por Princípio .....	151
45. Desgraças que Afligem o Homem – Qual a Sua Explicação	158
46. O Entendimento do Homem Perante a Tragédia .....	161
47. Os Atos da Providência Divina .....	163

### 30. O POVO JUDEU ESTÁ LIGADO À TORÁ. E A TORÁ, AO TODO-PODEROSO\*

B”H

2 de *Sivan*, 5711

Saudação e bênção!

Em resposta à sua pergunta: “Quais são os objetivos do cumprimento da Torá e dos mandamentos?”

Para o homem há muitos objetivos:

- 1- Meio para a obtenção de recompensa e isenção de punição.
- 2- Moldura e guia para uma vida feliz.
- 3- A concepção *chassídica*, conforme explicação a seguir:

Apesar de este mundo ser uma obra criada, não há qualquer comparação entre ele e seu Criador.

O mundo é composto de muitas e diferentes criaturas, que nós, de um modo geral, classificamos em quatro categorias: inanimados, vegetais, animais e o ser humano.

Tomemos por exemplo a categoria mais elevada dentre essas, o ser humano em seu nível mais alto, o homem extremamente racional e inteligente; ainda não há qualquer comparação entre ele e o Criador, já que o homem é uma parte das criaturas em geral, criatura limitada, e, por outro lado, o Criador é “infinito”.

De fato, é impossível encontrar qualquer analogia no mundo das criaturas que nos configure a diferença entre o Criador ilimitado e a criatura limitada. A relação entre o homem mais sábio e a simples pedra inanimada nem se compara com a relação que há entre o Criador e a criatura, já que os dois elementos da analogia – a pedra e o filósofo – constituem espécies de criaturas, enquanto o Todo-Poderoso está fora deste contexto, pois Ele é o próprio Criador.

Contudo, D’us nos concedeu a possibilidade de aproximação e ligação com Ele, Bendito seja. Por intermédio da Torá e dos mandamentos, a criatura, moldada e limitada, pode ter a percepção do

---

\* Original em inglês.

que existe além dos limites que decorrem de seu próprio ser criado, e [é capaz] de unir-se com o “Infinito”.

À luz do que foi dito – a diferença de valor entre o Criador e a criatura, e que apenas D’us é que nos concedeu, com a Sua Bondade, a possibilidade de nos aproximarmos d’Ele –, não será de estranhar o fato de que a Vontade Divina se exprime na Torá e nos mandamentos práticos, que estão revestidos em coisas materiais, como leis de *kashrut*, *tefilin* e *tsitsit*, entre outros.

Há duas razões para tanto:

1- A criatura não é capaz, com seu próprio poder, de se aproximar e se unir com o Criador ilimitado, e nem mesmo de perceber com o seu intelecto aquilo que está além dos limites do mundo criado.

Somente o Criador, Bendito seja, tem o poder de tornar possível às criaturas aproximarem-se e unirem-se a Ele, e a questão depende somente da Vontade de D’us.

E foi o Criador, Bendito seja, Quem escolheu o caminho da Torá e dos mandamentos, que estão revestidos em coisas materiais, como caminho para se aproximar d’Ele.

Mesmo quando os seres humanos tendem a perguntar, e perguntam frequentemente, “qual a ligação entre uma coisa material, como os *tefilin*, e o Criador?”, da mesma forma nós podemos perguntar também, “qual a ligação entre a criatura mais espiritual e D’us, que fez os céus e a terra?”, já que, no que se refere ao Criador, todas as coisas criadas, e até mesmo as coisas mais espirituais, estão distantes d’Ele na mesma medida em que as coisas materiais.

2- D’us deseja que a possibilidade de elevação de nossas limitações como criaturas, isto é, a aproximação com Ele, seja facultada a todas as criaturas da humanidade. A Torá e seus mandamentos são facultados e possíveis a todos. [Se os mandamentos fossem baseados apenas e tão somente num esforço intelectual ou emocional, eis que o caminho em direção a Ele, Bendito seja, estaria aberto



apenas àqueles dotados de grandeza espiritual].

Com bênção.

### 31. D'US PROCURA O HOMEM?

- Os sinais Divinos do subconsciente
- A “estática” do corpo físico
- O exemplo do rádio
- Como captar os sinais Divinos

B”H

Saudação e bênção!

Você escreve que tem lido e estudado que o homem deve buscar a D’us, e pergunta se não seria o caso de também D’us procurar o homem.

Você tem muita razão, e, de fato, D’us não somente procura determinados indivíduos, mas convoca a todos por ato da Alma Divina que anima cada judeu. Sem dúvida, tendo em vista que a Alma Divina está recolhida num corpo físico, às vezes ocorre que os sinais Divinos enviados à Alma Divina não são recebidos por completo; são recebidos com distorção por causa da “estática” física. Porém, os sinais estão ali, mas com frequência ficam enterrados no subconsciente, e a partir dele os impulsos, pensamentos e estímulos pedem para ser admitidos no estado consciente. A ciência moderna está reconhecendo cada vez mais a importância do estado subconsciente da mente. Sem dúvida, isto tem sido reconhecido na Torá e em seus comentários há milhares de anos.

Como no caso de um receptor que pode receber sinais de rádio somente se estiver em boas condições e sintonizado adequadamente, e não receberá nenhum sinal se o interruptor estiver desligado, assim ocorre com o corpo. Porém, no que concerne à alma, que é parte do D’us Acima e sempre se mantém fiel ao seu Pai Celestial, esta é permanentemente receptiva, apesar de, às vezes, os impulsos e estímulos estarem reprimidos e relegados ao subconsciente. A isso se deve que, sob certas circunstâncias propícias, o corpo e a alma

podem ver-se repentinamente iluminados com a luz da Torá e *mitsvot*. Esta também é a causa que possibilita que o indivíduo sinta subitamente um desejo interior de regressar a D'us etc.

Tudo isso é analisado intensamente nos ensinamentos do Chasidismo, que dessa maneira explica o porquê da declaração de nossos Sábios: “Cada dia sai uma voz Celestial que clama, ‘Voltem para Mim, Meus filhos errantes.’”\*

Resta dizer que embora D'us procure constantemente o homem e o chame, isso não reduz a necessidade de o homem procurar D'us, como está escrito: “E procurarei a D'us”\*\*. Pois a menos que o homem atue de maneira recíproca e haja um esforço de sua parte, os sinais provavelmente serão ineficazes. E o meio pelo qual o homem pode captar e responder aos sinais Divinos é observando a Torá e as *mitsvot* na vida cotidiana.

Com bênção.

### 32. A VERDADE DA RELIGIÃO JUDAICA DIANTE DAS OUTRAS RELIGIÕES\*\*\*

Saudação e bênção!

Em resposta à sua pergunta: “Como é possível assegurar a verdade da religião judaica diante das outras religiões e provar que ela é a religião da verdade?”

Espero que você não considere incorreto eu citar aqui as palavras do Rei Shlomô, o mais sábio de todos os homens: “... D'us fez o homem reto, e eles solicitaram muitas contas [explicações]” (*Kohelet*\*\*\*\* VII:29). Em outras palavras, frequentemente o homem se confunde pelo aprofundamento de pesquisa completamente desnecessária, com perguntas e indagações em relação a assuntos que

---

\* *Zohar* III, 126 a

\*\* *Deuterônimo* 4:29

\*\*\* Original em inglês

\*\*\*\* Também conhecido como *Eclesiastes*.

devem ser acolhidos em sua simplicidade e que não criam qualquer problema. É evidente que quanto mais o homem raciocina, mais e mais ele tende a procurar “cálculos”, e como consequência disto se confunde cada vez com mais intensidade.

O assunto lembra um episódio que me foi relatado por um professor de medicina. Isto ocorreu na época em que ele se ocupava do estudo da anatomia, particularmente a anatomia da perna, ou seja, a descrição dos diversos músculos etc., cujo número chega a centenas, todos maravilhosamente coordenados no momento da realização do movimento da caminhada. Quando se aprofundou muito em todos os pormenores (por ser um homem extremamente intelectual), subitamente ele percebeu que o caminhar se lhe tornara muito difícil, porque enquanto caminhava, tentava analisar a atividade de cada músculo, articulação etc. A moral da história é definitivamente clara.

E agora para [responder] à sua pergunta:

Inicialmente, indicarei resumidamente o fundamento lógico da verdade de que a Torá e os mandamentos foram outorgados a nós, judeus, pela Revelação Divina. Não é difícil prová-lo, já que a prova é idêntica àquelas construídas sobre testemunhos que nós temos em relação a acontecimentos históricos de gerações passadas, mas que neste caso são mais fortes e convincentes. A título de exemplo: eis que se lhe perguntarem como poderá demonstrar a existência do Rambam (aquele que lembra em sua carta), o autor do *Yad Hachazaká*, *Sefer Hamitsvot* etc., certamente você responderá que a sua certeza da existência dele provém dos livros que ele escreveu. Apesar de ele ter vivido há cerca de oitocentos anos, os seus livros atualmente são copiados de manuscritos anteriores, e estes, de anteriores a eles, e assim, sem interrupção, até que atingem o manuscrito original de próprio punho do Rambam. Este encadeamento é acolhido como prova suficiente, apesar das contradições e discrepâncias que se revelam de livro para livro. Essas contradições não impugnam a prova referida, mas estimulam os esforços para elucidá-las pela certeza de que todos os livros foram escritos pelo

mesmo autor.

É uma prova dessa espécie que demonstra a veracidade de qualquer fato histórico, do qual nós próprios não fomos testemunhas, e as pessoas acolhem-na sem assombros, a não ser aqueles que estão interessados na deturpação da história por algum motivo.

Muitos são os casos cuja autenticidade como fato histórico está baseada no testemunho de um pequeno grupo de pessoas. Mesmo quando há motivo para suspeitar que aquelas testemunhas não eram desinteressadas na questão, enquanto não é imperiosa a suspeita (especialmente quando nós podemos examinar o testemunho pela [apuração da] credibilidade das testemunhas), acolhemos o acontecimento sobre o qual se testemunha como fato existente.

Agora, suponhamos que seiscentos mil pais digam hoje para os seus filhos: “Esta manhã nos reunimos, vocês e nós, num lugar determinado, e todos ouvimos uma voz das Alturas proclamando perante nós os Dez Mandamentos.” Os filhos não acolherão isto, já que perguntarão: “Se estávamos todos lá, por que não ouvimos e não vimos nada?”

Utilizando apenas uma premissa, e dizendo que o modo de reação humana não se alterou em sua essência no decurso das gerações, é preciso presumir que a sua reação há uma geração, duas gerações, e até aquela geração em que estavam aqueles pais que testemunharam o acontecimento da outorga da Torá, não era diferente da descrição supra. É conveniente frisar, mais uma vez, que no decorrer desta longa corrente de tradição não houve nenhuma interrupção ou quebra; que o número dos transmissores desta verdade, de geração para geração, nenhuma vez foi contado como menor do que centenas de milhares de pessoas, já que não houve tempo em que houvesse menos de um milhão de judeus no mundo, judeus de todas as áreas da vida. Em cada geração de nossa existência ininterrupta este fato foi acolhido como digno de crédito, e o texto dos Dez Mandamentos permaneceu idêntico em cada geração. É claro que é impossível desmentir esse testemunho, conforme todas as regras de comprovação científica atualmente aceitas.

Não é possível dizer o mesmo em relação a qualquer outra religião dentre as que lembrou, como budismo, cristianismo, islamismo. Em relação a essas religiões, existem quebras evidentes na sucessão das gerações, ou a raiz da tradição se condensa até uma única personalidade, como Buda, Maomé ou o fundador do cristianismo, que transmitiu seu estudo a um grupo de doze emissários.

Com bênção.

### 33. A NATUREZA DAS PROVAS SOBRE A NECESSIDADE DO CUMPRIMENTO DA TORÁ E DOS MANDAMENTOS

B”H

7 de *Iyar*, 5717

Saudação e bênção!

Em resposta à sua carta – sem data –, em que você solicita provas complementares da tradição ancestral, entre outras coisas:

Sempre fico surpreso com uma pergunta como esta, que na maioria das vezes provém daqueles que alguma vez se ocuparam do estudo de ciências leigas, especialmente física etc., e dizem que as provas dessas ciências são fortes e precisas, o que não ocorre no que concerne a algumas questões de santidade, que dependem unicamente da fé. É surpreendente que eles não conheçam a situação, que é exatamente o oposto; isto é, [as provas científicas] são extremamente frágeis em comparação com as provas existentes que obrigam ao cumprimento de nossa sagrada Torá e dos mandamentos. Minha intenção não é, D’us nos livre, dizer que o cumprimento da Torá e dos mandamentos depende da obtenção de provas neste sentido, pois este absolutamente não é o caminho. Como é conhecido, o “faremos” antecedeu ao “ouviremos”, e foi justamente por isso que [os judeus] receberam a Torá (conforme a porção do final do Tratado *Shabat* 88a, sobre o versículo, “a perfeição dos retos os guia”). Venho apenas frisar o quanto carecem de base os argumentos referidos, e que eles não derivam senão do espírito do mal, e são também uma tolice oposta ao raciocínio sadio. Provas sobre a necessidade do cumprimento da Torá e dos mandamentos,

também do ponto de vista das ciências referidas, existem, conforme é esclarecido no *Kuzari*\* e também conforme estão compiladas na brochura do *Merkoz L'Inyoney Chinuch* que anexo à presente.

Claro que existem os que perguntam: “Já que a prova é tão forte, por que há tantas pessoas que não se ocupam de Torá e mandamentos, o que não ocorre no que concerne às conclusões das ciências leigas, cujas provas, apesar de extremamente fracas, são observadas pela grande maioria?”

A resposta é simples também: é característico do homem, por suas múltiplas deficiências, que quando o castigo e a recompensa são posteriores – e, mais ainda, quando ocorrem depois de muito tempo –, ao decurso da vida humana sobre a Terra, isto não é suficiente para detê-lo e abste-lo de obedecer à tentação e às vontades do corpo e da alma; isto não basta para proporcionar-lhe suficiente coragem para comportar-se de modo diverso daquele seguido pela sua sociedade, especialmente se o ridicularizam. Quando surge o seu espírito do bem e esclarece que a consequência de um comportamento como esse é “amargo como gengibre”, conforme nossos sábios, de abençoada memória, comentam, na maior parte das vezes ele não consegue agir sem se envergonhar diante dos que o ridicularizam.

Este aspecto da força de vontade – de não se envergonhar perante os que o ridicularizam – é tão maravilhoso que se constitui no início de todas as quatro seções do *Shulchan Aruch*, de onde se depreende até que ponto o assunto importa para o cumprimento de todas as leis da nossa Torá, a Torá da Vida. Seja a Vontade [de D’us] que fique gravado em sua mente que as palavras “eis que é um povo que habita só” constituem o tema de cada um dos filhos de Israel, que sempre foram a “minoría dentre todos os povos” e que sempre foram “excelentes” em todas as questões, até mesmo no mais pesado exílio, e que somente por um comportamento como este existem e persistem até os nossos dias, e em breve alcan-

---

\* Obra de autoria de Rabi Yehuda Halevi (1075-1141), poeta e filósofo.

garão a redenção plena e verdadeira.

Com certeza o senhor conhece e observa os três conhecidos estudos que cabem igualmente a cada pessoa, de *Chumash*, *Tehilim* e *Tanya*, conforme foram instituídos pelo meu sogro e mestre, nosso Rebe, de abençoada memória, e pelo menos de hoje em diante há de observá-los.

Com bênção.

### 34. A VERDADE DO JUDAÍSMO DA TORÁ DIANTE DAS DOCTRINAS FALSAS\*

B”H

Saudação e bênção!

Em resposta à sua pergunta: “Já que além do Judaísmo da Torá existem também, no seio do povo judeu, outras doutrinas filosóficas seguidas por alguns dos meus amigos, esses diferentes caminhos me confundem. Qual o caminho que devo seguir?”

Uma análise mais atenta dessas bases filosóficas nos levará, sem dúvida, à conclusão de que elas se fundamentam no compromisso e no sacrifício de princípios em favor da comodidade e de uma “adaptação” a uma determinada época ou local, de modo fácil e superficial. O resultado de um posicionamento como este é, acima de tudo e em primeiro lugar, que o homem começa a fazer concessões; ele não mais se apegua aos santos princípios da fé pura e da Lei Divina, e, então, torna-se difícil estabelecer onde terminará o processo das concessões. No momento em que acolhe de modo fundamental o estabelecimento de ajustes no que se refere à fé, o homem, por sua natureza, é levado a um contínuo arrastar de concessões e conciliações, e, enquanto isto, os sentimentos de remorso por esta [atitude] diminuem e desaparecem.

Em segundo lugar, um procedimento como este – se a pessoa sabe que cada um pode fazer na religião judaica tudo o que lhe apetecer – diminuirá, aos olhos do homem, o respeito pela fé. Um

---

\* Original em inglês.

corta daqui, outro dali; que valor se pode atribuir a uma fé como esta, e que força terá ela?

Além disso, o autorrespeito do homem será agredido gradativamente com essa conduta, quando ele reconhecer sua fraqueza pessoal e falta de coragem em apegar-se à sua fé, a fé dos filhos de seu povo. Essas coisas brotam de sua tendência a procurar “vida fácil”.

Um grande homem disse certa vez: entre duas cidades uma estrada de ferro corre reta ao longo de muitas milhas, e é fácil para o condutor da locomotiva seguir pela estrada correta; contudo, à medida que se aproxima do ponto final, a estrada se ramifica. Dela partem desvios, e conduzir torna-se mais complicado, exigindo, portanto, maior atenção para a escolha da estrada correta.

Ao longo de milhares de anos de história do nosso povo, era relativamente fácil visualizar o “caminho correto” do Judaísmo, o único, que se estende diante de nós. Agora estamos nos aproximando do final da viagem; a vinda do *Mashiach* e o fim da diáspora estão de fato próximos, e a quantidade de diversos caminhos e rotas torna-se grande e ramificada. É preciso tomar muito cuidado na escolha do caminho correto, aquele que nos conduzirá para dentro da “estação”, pois já estamos quase chegando.

Com bênção.

### **35. VERDADE E SOLUÇÃO DE CONCESSÕES SÃO DOIS OPOSTOS**

B”H

27 de *Elul*, 5717

Saudação e bênção!

... lamentavelmente vejo que se concretizou uma de minhas preocupações, pois está sendo utilizado, fora de seu contexto, o dito dos nossos sábios, “O Misericordioso quer o coração”. Em outras palavras, apesar de as pessoas reconhecerem que, de um modo geral, a exigência é justificada, elas recusam-se, na prática, a se ocupar e cumprir as conclusões, e assim se afastam destas de todas as



formas, com justificativas vãs, até [estabelecer] a confusão mental.

Minha intenção é simples: o princípio fundamental é que é necessário reconhecer a verdade total e não assumir soluções de concessões. Obviamente, isto não significa que se deve esperar que cada um e cada uma, cujo comportamento não é cem por cento correto, invertam imediatamente o seu comportamento de um extremo a outro. Porém, deve-se exigir que reconheçam a verdade tal como ela é, pois verdade e solução de concessões são dois opostos. Mesmo que um homem, apesar de reconhecer a verdade, possivelmente tropece na prática, por razões diversas ou por falta de força de vontade, assim mesmo, no momento de seu erro, ele deve reconhecer que está cometendo uma transgressão contra a sua consciência; então, haverá esperança de que ele se esforçará para corrigir-se e se aproximar mais e mais da perfeição desejada. Não será assim, porém, se um homem se convencer de que a solução de concessões é o ápice da perfeição e colocar a concessão no lugar da verdade; assim, ele afasta de si mesmo a possibilidade de corrigir a distorção e a falha.

No que se refere à pergunta: “O que é necessário exigir daqueles que vêm pedir instrução e resposta à questão, ‘até quando?’”

Minha opinião clara, baseada na experiência, é de que devemos responder-lhes com firmeza: a Torá é uma Torá da Vida, que não se presta a concessões. Se a pessoa reconhece que a Torá provém dos céus, então ela, com seu raciocínio limitado e seu conhecimento escasso, não pode e não tem permissão, em nenhuma hipótese, de alterar qualquer coisa nela. Por outro lado, se é o intelecto humano que tem a última palavra, então todo o valor e firmeza da Torá como Torá de D’us e de vida são contestados, deixando o homem sem apoio. Conforme o dito popular, “a pessoa não pode erguer-se puxando seus próprios cabelos”.

Se aquele que propôs a questão reconhece a verdade e deseja atingi-la, então proporcionem-lhe um programa que se adapte às suas características e ao seu ambiente, a fim de mostrar-lhe o caminho melhor e que mais se adapta a ele para que alcance seu

objetivo. Existe aquele que tende para o caminho “afasta-te do mal”; outro, escolhe o caminho de “faze o bem” etc. E estas são apenas indicações sobre qual o modo mais eficaz para atingir o objetivo desejado. Contudo, isto não ocorre quando o próprio início se constitui numa solução de concessões, quando esta, então, não apenas deixará de proporcionar o objetivo desejado, como também levará a consequências opostas às almejadas.

Cabe acrescentar também, conforme explicado no *Tanya*, que a pessoa não deve se sentir deprimida ao travar a difícil guerra contra a sua tentação, que por vezes parece prevalecer dia após dia; habitualmente, assim é o caminho neste mundo: às vezes este cai e aquele se levanta, e às vezes... Mas é claro que cada bom comportamento e cada boa ação adicionam luz e diminuem a escuridão no mundo, e não apenas neste mundo pequeno que é o homem, mas também na totalidade do universo (veja também *Igueret Hateshuvá*, cap. XI).

Existem grupos aqui, e certamente também há deles na Terra Santa, que dizem: se vierem com a “lista” dos 613 mandamentos, amedrontarão os que vêm se purificar e afastarão também muitas e muitas almas de Israel.

Contudo, a experiência demonstrou o contrário, porque as pessoas sentem que lhes foi proporcionado apenas uma solução de concessões, após o que perdem totalmente a confiança nas palavras de seu guia, mesmo depois que [lhes] é explicada a necessidade que determinou apresentar [-lhes] a Torá pela metade, ou um terço [dela], e assim por diante.

É notória a máxima dos nossos líderes, “É fato axiomático que o esforço não retorna em vão”, e tenho certeza de que sua intenção e suas palavras proporcionaram múltiplos frutos. Porém, numa época como esta, não devemos nos satisfazer com pouco, e é imperioso um esforço correspondente para aproveitar cada momento a fim de salvar as almas dos filhos de Israel; quem sabe se no momento seguinte ainda será possível exercer influência sobre eles? Portanto, tenho esperança de que você continuará com suas atividades na

direção indicada, recusando-se decisivamente [a se submeter] às intimidações de não aumentar as exigências, bem como também às dúvidas quanto à utilidade de seus esforços – porque esta [utilidade] existe, e é muito grande –, especialmente se aumentá-los com vigor e palavras claras, já que, pela Providência Superior, alcançou o mérito de despertar os corações em certos círculos que até agora, na expressão do Rambam, “esqueceram a verdade na futilidade do tempo... dormem e cochilam e o seu sono lhes é agradável”.

Permito-me acrescentar que um dos procedimentos nesta missão e em outras semelhantes é apresentar o exemplo vivo que é esperado, por meio do pensamento, da palavra e da ação do dirigente desta tarefa, que prega e desperta. O mérito da coletividade o apoia para sobrepujar e vencer esta sua batalha com mais facilidade do que imagina.

Receio que, por várias razões, não será tão bem-sucedido com aqueles que estão na meia-idade e com os mais idosos, mas espero que tenha grande sucesso com os jovens; é possível que eles exerçam influência também sobre os velhos e idosos, conforme os sinais indicados pelos nossos sábios, de abençoada memória, relativos à aproximação de *Mashiach*: “os jovens envergonharão as faces dos velhos, velhos se erguerão diante dos pequenos...” – porém, que seja no bom sentido.

Com respeito,

### 36. “LEVIANOS” OU “HEREGES” DIANTE DA TORÁ

B”H

16 de *Adar*, 5716

Saudação e bênção!

Em resposta à sua pergunta, relativa à minha opinião sobre o problema que nos últimos meses entrou na ordem do dia dos rabinos nos E.U.A., ou seja:

“É permitido a judeus ortodoxos participar de organizações religiosas em que são admitidos também líderes espirituais que

representam o movimento e as facções reformistas ou conservadoras? Seria permitida tal participação em caráter individual (como no caso de membro da Diretoria dos Rabinos de Nova York ou semelhantes) ou em caráter coletivo (como representante do Conselho de Sinagogas da América)? Como é notório, os que são a favor e os que são contra já divulgaram suas razões em diversas oportunidades e também as publicaram em jornais.”

Respondendo: nas últimas semanas, quando o grande público judeu, especialmente rabinos jovens e a juventude judaica americana em geral, passaram a encarar o assunto com particular atenção, a questão e o problema tornaram-se mais agudos e assumiram especial significado. Segundo eles, a solução da questão e a respectiva decisão legal não se constitui apenas numa decisão legal referente à participação nesta ou em outra organização, mas implica também numa decisão legal concernente à atitude diante dos movimentos reformistas e conservadores em geral. Em outras palavras:

Se aqueles líderes espirituais, quer dizer, porta-vozes e representantes dos referidos movimentos, não são outra coisa senão “rabinos levianos” em comparação com os rabinos ortodoxos, que são “rígidos”, então a lei está com o *Rambam* (Leis de Arrependimento, cap. III, art. 8): aquele que declara que a Torá não provém de D’us, até mesmo um só versículo ou uma só palavra, e declara que Moshé a pronunciou por sua própria conta, é um herege da Torá. Assim também é aquele que contesta a interpretação tradicional, que é a Torá *Oral*, inclusive em seus detalhes.

Disto se deduz que todo aquele que tem a possibilidade de exercer influência sobre o desenvolvimento dos fatos e, mais ainda, sobre a respectiva decisão legal e sua formulação, tem de saber e reconhecer claramente a situação e as conseqüências que isto envolve, pois esta é uma questão que atinge as relações de milhares e dezenas de milhares de judeus com os princípios fundamentais da religião. Os proveitos imaginários sobre os quais se escreve e se fala não vêm ao caso numa questão desta ordem.

Que seja proclamado: a atitude daqueles que querem criar dú-

vidas, ou no mínimo negá-las sem a necessária veemência, deixando de julgar o âmago da questão – que é o princípio da relação com o movimento dos conservadores ou reformistas – não constitui qualquer diferença no que concerne à decisão legal e sua formulação decisiva. Pois o grande público e uma determinada parte dos rabinos não se interessarão pelas explicações e esclarecimentos, mas desejarão conhecer a decisão final, se é positiva ou negativa.

Seja a vontade de D’us Todo-Poderoso que, em conformidade com a nossa época, que é um momento decisivo, muitas pessoas obtenham esclarecimentos e elucidações, e se juntem para diferenciar entre as palavras vivas da Torá Divina e os paradoxos humanos.

Com bênção.

### 37. OS IRRESOLUTOS

B”H

18 de *Sivan*, 5717

Saudação e bênção!

... Em resposta à sua comunicação sobre o congresso... venho expressar minha bênção de que este ocorra em clima de santidade, e que suas resoluções, ao final, se concretizem em ações duradouras, segundo a Torá, que existe para durar eternamente. Que vocês tenham êxito em aprovar boas resoluções concernentes à preservação do Judaísmo, ao estudo da Torá com temor a D’us e ao cumprimento de Seus mandamentos com brilho.

Pela presente desejo chamar a atenção para dois assuntos, sobre os quais a premência do momento exige uma atenção especial:

1- A devastação e a destruição que os movimentos conservadores e reformistas provocam são notórias; movimentos que não reconhecem que a Torá provém dos céus e que a Torá e suas interpretações tradicionais – isto é, a Torá *Oral* e “tudo mais que possa inovar o aprendizado de um estudioso veterano” –, tudo isto foi outorgado a Moshê no Sinai.

Sua definição e conteúdo constam de modo claro e absoluto em nossa Torá, a Torá da Vida – e na expressão do *Rambam* (Leis de Arrependimento, cap. III, art. 5º).

No entanto, em razão da confusão mental existente nesta época de aproximação do *Mashiach*, sedutores e instigadores conseguiram afastar do caminho de D’us muitas almas judias inocentes por meio de persuasões, baseadas em ideias enganosas e em heresias relativas ao Criador e Condutor do universo.

Contudo, apesar de que “os malvados estão solidamente estabelecidos”, “os tementes a D’us exortaram-se uns aos outros”, e os rabinos ortodoxos despertaram para a palavra Divina, trazendo a “questão do dia” à “mesa real”, pois, quem são os reis? São os rabinos servidores do Rei dos reis, o Todo-Poderoso.

A situação reflete também o problema de uma época em que a escuridão está transformada em luz, e a luz, em escuridão. O problema é:

“É permitido a judeus ortodoxos participar de organizações em que são admitidos também líderes espirituais que representam o movimento e as facções reformistas ou conservadoras? Seria permitida tal participação em caráter individual (como no caso de membro da Diretoria dos Rabinos de Nova York ou semelhantes) ou em caráter coletivo (como representante do Conselho de Sinagogas da América)?”

Tal participação, além daquilo que representa por si só, também significa – e assim também é interpretado por milhares e dezenas de milhares de judeus neste país e no exterior – que os movimentos conservadores e reformistas seriam movimentos integrantes do contexto da religião judaica, D’us nos livre, e não estranhos e heréticos a este contexto, à religião judaica e à sua Torá.

O momento exige que todos os participantes do congresso anunciem, em alto e bom som, a sua clara e definitiva posição; e que também se dirijam com um manifesto a cada lugar que possam alcançar com sua influência:

“Até quando vós permaneceris irresolutos entre duas opini-

ões?” Nós todos não temos outra coisa senão a opinião da Torá da Verdade, a Torá do D’us Eterno.

Numa questão desta natureza, silenciar ou até mesmo formular uma decisão legal não definitiva é, na prática, como [conceder um] alvará de participação nas referidas organizações e aumentar a coragem de seus associados.

Se o congresso fosse organizado apenas para corrigir esta situação horrível e destrutiva, isto já seria o bastante.

2- Constitui fato auspicioso que nos últimos tempos vem crescendo o número dos estudantes das *yeshivot*, para adiantados e principiantes, escolas ortodoxas e outras semelhantes, e os sinais disto são percebidos num movimento generalizado de aumento no estudo da Torá.

O decreto da obrigatoriedade do ensino determina o estudo de matérias leigas até uma certa idade; assim, uma vez que o programa das escolas judaicas inclui também matérias que o decreto não considera tão obrigatórias em certas instituições educacionais, elas são resumidas em condições preestabelecidas.

Levando-se em conta que a carga horária dedicada aos estudos de matérias sacras nas escolas religiosas e *yeshivot* para principiantes não é, em absoluto, suficiente, torna-se necessário um esforço sistemático e dedicado junto às secretarias oficiais competentes e, melhor ainda, junto aos ministérios federais; por meio do requerimento de um número considerável de pais serão diminuídas, em certas escolas, algumas horas das referidas matérias, que assim serão dedicadas ao estudo da Torá.

Nestes anos de grande consternação e profunda preocupação diante da conjuntura moral da juventude, [temos] uma situação que exige múltiplas providências, imediatas e fundamentais, para corrigi-la; conforme a opinião da maioria e dos melhores educadores, a religião e os estudos religiosos constituem um freio e um escudo contra as adversidades e contra a referida situação.

Provavelmente, há boas perspectivas de que esse esforço logrará

êxito se for desenvolvido corajosamente e com ações imbuídas de profunda sinceridade.

Já que a maioria dos membros da Associação tem como tarefa principal a direção ou participação em alguma *yeshivá* ou escola ortodoxa, o problema referido os toca de perto, e eles são responsáveis por ele.

E, “conforme o camelo, assim a sua carga”, as responsabilidades de cada um são proporcionais à sua capacidade.

Com bênção.

### **38. O RABINO – MANDATÁRIO QUE NÃO ALTERA A SUA MISSÃO**

B”H

Domingo da *Parashá*\* [onde consta], “Eis que é um povo que habita só”, 5717

Aos Participantes do Congresso Anual da Associação dos Rabinos

D’us esteja convosco!

Saudação e bênção!

Respondo à sua comunicação sobre o seu Congresso Anual, a realizar-se de segunda a quarta-feira desta semana, se D’us quiser.

Seja a vontade [de D’us] que, com a Sua ajuda, o congresso se realize em clima de santidade e proporcione frutos e resultados concretos no fortalecimento do Judaísmo tradicional e sua propagação nas santas comunidades e instituições em que os membros da Associação exercem liderança, assim como em todos os lugares atingidos pela sua influência – uma propagação do Judaísmo tradicional até o ponto em que este seja o [fator] determinante e governe a vida e os assuntos da coletividade, assim como a vida e os assuntos de cada indivíduo em particular.

Pois a tarefa – e a responsabilidade – dos rabinos em nossos dias não é igual à tarefa dos rabinos no passado.

---

\* *Parashá* – Porção da Torá correspondente a cada semana do ano.



Nos dias de hoje, dias de inconsciência, obscuridade e terrível confusão mental, o rabino tem a obrigação de proclamar repetidamente que “esta Torá foi outorgada pelo Criador, Bendito seja, e por mais ninguém, e não se pode acrescentar ou diminuir nada dela, nem da Torá escrita e nem da Torá *Oral*”.

Pois, o essencial da Torá *Oral* é que eles [os rabinos] são os juízes do povo de Israel, “os pilares da instrução”; os “regulamentos e decisões e costumes” que eles ordenaram ao público (veja *Rambam*, Leis sobre Desobedientes, parte inicial) constituem um dos fundamentos de nossa religião.

Aquilo que a Torá proibiu em épocas anteriores é proibido também agora, e na América também; ainda que alguém invente cento e cinquenta motivos para purificar [o impuro]... (veja Tratado *Eruvin* XIIIb) – a proibição permanece vigorosa.

A necessidade desta tarefa tornou-se ainda maior nos últimos anos, em que, por meio da compaixão de D’us sobre o Seu povo de Israel, um forte estímulo para a busca da verdade absoluta penetrou no coração de muitos e muitos da jovem geração.

Dentre estes, há os que já encontraram a verdade, que é a nossa Torá, a Torá da Verdade, a ponto de alterar seu *modus vivendi* na prática da vida cotidiana; outros caminham nessa direção, mas ainda não atingiram o seu destino; outros apenas sentem que se encontram num vazio, sem poder sustentar sua vida em qualquer base ou apoio, ansiando e aguardando que alguém venha e lhes esclareça o que se passa com eles, colocando-os num plano iluminado.

O ponto comum em todas essas três categorias é que os olhos deles estão voltados para o seu rabino e líder, que deve indicar-lhes e ensinar-lhes a verdade tal como ela é: a Torá completa e íntegra, sem concessões, pois a mentira é a base e essência de qualquer concessão [nesta área].

Este estímulo e expectativa multiplicam a responsabilidade e o dever de cada rabino, especialmente do jovem rabino, que cresceu no mesmo ambiente em que cresceram e se educaram aqueles que despertam para a verdade.

É uma obrigação e um mérito transmitir-lhes o Judaísmo verdadeiro e completo, sem concessões, e conforme o preceito no começo do *Shulchan Aruch*: “Não se envergonhará diante dos que o ridicularizam”. Também não tenha receio do conhecido argumento de que “toda coletividade [é composta] de justos” e de que não se deve dividir e estabelecer separação entre um movimento da religião e outro, ainda que o último promova alterações na Torá e mesmo que já tenha sido formulada a jurisprudência de que isto não constitui um movimento próprio da religião, mas algo que combate a religião de Moshê e Israel e aumenta a heresia no seio do povo de Israel.

A hora é oportuna e o momento demanda fortalecer, com pureza santificada, as bases da Torá e dos mandamentos, pois é grande o poder do arrependimento e do ressurgimento no seio do povo de Israel. D’us nos livre de ignorar os que retornam ou de empurrá-los de um lado para outro, [dizendo-lhes] “amanhã”, ou “depois de amanhã”, ou depois disso, ou decepcioná-los com soluções de concessões. Cada dia e cada semana que passam não só protelam a reparação como também provocam devastação e destruição. Do [exemplo do] rabino, as pessoas da comunidade e seus participantes em geral aprendem o valor da Torá e a importância dos mandamentos, pois o rabino tem de ser o seu porta-bandeira. Quanto a isto não faz diferença [saber] qual o motivo do silêncio do rabino; se ele tem receio de lhe faltar o pão, ou de lhe faltarem as honrarias, ou que diminua o número de seus adeptos, pois, seja como for, o seu silêncio será interpretado como consentimento tácito à oposição. Sua atitude, rebaixando a Torá de sua santidade e adaptando-a às condições do tempo e lugar, é uma atitude que no passado conduziu, e até hoje conduz, diretamente, de grau em grau, ao conservadorismo, reforma, assimilação e alienação total, D’us nos livre.

O objetivo e a tarefa de cada rabino é ser um emissário para transmitir o conhecimento da Torá, agindo como representante dos “pilares da Torá”, os primeiros [sábios] e os seus antecessores,

graduados um atrás do outro até [a sequência atingir] nosso mestre Moshê, que recebeu a Torá do Sinai como mensageiro de D'us.

Um mandatário fiel, que não altera a sua missão, está investido do poder e da determinação de seu mandante, e conforme o dito de nossos sábios, de abençoada memória, o mandatário de uma pessoa é como [se fosse] ela mesma, e, em elevação santificada, supostamente como [se fosse] o homem superior que está no Trono\*, que diz a cada antigo aluno: “e Eu coloco minhas palavras em tua boca”.

Um mandatário que altera a sua missão age com a própria vontade e com o próprio poder – a vontade e o poder de uma pessoa de carne e osso formada de matéria –, e sobre ele foi dito, “a vantagem do homem sobre...”\*\*

Se ele se intitula rabino e pastor de uma comunidade e de um grupo de judeus, o que responderá à Palavra de D'us por intermédio de seu profeta: “Comereis o sebo, vestir-vos-eis com a lã..., e não haveis de curar o enfermo e o aleijado” (Yechezkiel\*\*\* – XXXV, 3-5).

Seja a Vontade [de D'us] que o seu congresso tenha mérito e sucesso em despertar, fortalecer e encorajar os membros da Associação e todos os rabinos, que, não obstante a pressão externa e interna, cumpram integralmente a referida tarefa rabínica sem deformação e sem distorção da lei.

E pela missão e poder da Torá e do Mandamento da Torá de que Ele, e somente Ele, governa e dirige todo o universo, surgirão santas comunidades no seio do povo de Israel que conduzirão ao caminho que leva à Casa de D'us, com fartura em tudo, até que se realize a promessa, “e erguerei sobre eles um pastor, e este os pastoreará, meu servo David”.

Com respeito e bênção de êxito no sagrado trabalho de fortalecer a Torá da Verdade, a Verdade Eterna de D'us, e de propagá-la.

---

\* Veja *Likutei Torá do Alter Rebe* (veja nota p. 35), *Parashat Vayikrá* 1,3.

\*\* Veja *Kohélet* III,19.

\*\*\* Em português, Ezequiel.

### 39. PUREZA E CONTEÚDO NA MENSAGEM RABÍNICA

- A sobrevivência das minorias
- A busca de apoio em fontes alheias às judaicas
- A prédica honesta e oportuna
- A juventude aceita o Judaísmo radical que se apresenta com franqueza

B”H

Saudação e bênção!

... para começar com uma observação de caráter geral, sem dúvida fundamental, os judeus sempre foram uma minoria e, como ocorre com todas as minorias, estão sujeitos às pressões do meio. É necessário empregar esforços especiais para manter a identidade da minoria.

Este é particularmente o caso dos judeus que se encontram num país onde gozam de liberdade em todos os sentidos, porque as forças de assimilação são muito fortes, não apenas no que diz respeito à geração mais jovem, como também às gerações mais velhas. Por conseguinte, sob o ponto de vista da autoconservação, é preciso fazer todo o possível para lutar contra essas forças, caso se pretenda que a minoria não seja absorvida pela maioria.

Uma das formas de se conseguir isto é estimular as virtudes intrínsecas que a minoria possui, sem exagerar aquelas comuns aos dois grupos, especialmente nos casos em que são excessivas.

Lamentavelmente, ao observar as atitudes e a política de muitos rabinos e dirigentes, religiosos e laicos, chego à conclusão de que parte deles comete geralmente o erro de crer que pode impressionar melhor sua audiência ou seus leitores se lhes passarem conhecimentos da literatura e cultura não-judaicas.

Isso é evidente na tendência de apoiar suas atitudes mediante citações de não-judeus nos acontecimentos públicos das instituições judaicas; quando deveria destacar-se a pureza da tradição judaica, faz-se um esforço para contar com um não-judeu famoso como convidado e orador de honra. Se são censurados, a explicação que

eles dão é que esta política é boa para as relações mútuas, e que coincide com a ordem de Jeremias, “Reza pelo bem-estar do país em que vives.”\*

À luz do mencionado, confio que você não levará a mal o fato de eu mencionar minha desilusão ao ver impressas em seu sermão tantas citações de procedência alheia às fontes sagradas. Sem dúvida, o princípio, “Aceita a verdade qualquer que seja a sua fonte”\*\*, é válido; não obstante, como mencionei, creio que os distintos líderes judeus devem destacar os maiores valores de nossas fontes ilustres e sagradas.

Outra observação de caráter geral: em um de meus discursos públicos destaquei que quando uma pessoa está diante de uma *mitsvá* concreta – uma função e obrigação – que não possa ser cumprida por outros, não é correto que neste momento seja cumprida uma *mitsvá* que, sim, pode ser feita por outros. Refiro-me ao tempo que leva à preparação daqueles temas cujos valores devem ser a rigor o tópico de um dirigente espiritual, o que implica que este não deve usar o tempo dedicado a outros tópicos de caráter geral que são examinados por pessoas cuja função está precisamente nessas esferas. Se esta norma é válida em todo momento, é ainda mais válida especialmente numa ocasião tão sagrada como os Dias Solenes, num local sagrado – a sinagoga – e num momento sagrado – a Prece –, quando o tópico principal do dia deve ser, como disseram nossos Sábios, “... que aceiteis Minha soberania sobre vós”\*\*\*.

*Rosh Hashaná* e sua mensagem para a vida judaica não devem cair no terreno do abstrato, como se fosse algo temporário e fugaz, algo sem vigência durante o resto do ano, quando a gente pode dizer “sejamos, os judeus, como todos os gentios”. O significado de *Rosh Hashaná* é explicado, particularmente na filosofia Chassídica, no sentido de que é a “cabeça” (*Rosh*) do ano, indicando que o lugar que ocupa na vida judaica é análogo à posição que cabe à cabeça

---

\* Jeremias 29:7.

\*\* Citado por Maimônides na introdução ao seu *Comentário sobre o Tratado de Avot*.

\*\*\* Talmud, *Rosh Hashaná* 16a.

no organismo físico – a de centro nevrálgico de todo o corpo.

O principal conceito de *Rosh Hashaná* é o pedido de “Tu reinas sobre todo o mundo em Tua glória”\*. Isso determina nossa aceitação da soberania de D’us sobre nós, não apenas no dia de *Rosh Hashaná*, mas sim durante todos os dias do ano – soberania que se expressa em nossa observância das *mitsvot*. Este último conceito deve ser especialmente destacado, pois, com certeza, o fundamental é a prática concreta, o cumprimento das *mitsvot*, como afirma claramente a *Mishná*.

Felizmente, podemos notar uma mudança satisfatória na atitude da geração jovem de judeus americanos, que não teme consagrar-se à verdade se esta se apresenta de forma íntegra. Mesmo que alguns não estejam preparados para aceitar os preceitos em sua totalidade, pelo menos se consideram suficientemente maduros para aceitar a verdade sobre um Judaísmo real com toda a franqueza, e se sentem incomodados se forem tratados como crianças que somente podem tomar uma pílula se estiver coberta de açúcar. Não tenho dúvida de que em seu contato com os jovens você observou o mesmo.

Ao mesmo tempo, isto não significa que o critério seja o de “ou bem... ou...” ou seja, ou bem a pessoa aceita todas as *mitsvot* ou nada tenho a ver com ela. Pelo contrário, deve-se explicar que mesmo quando não se está preparado para aceitar todos os preceitos com total consagração, isso não exime a pessoa da obrigação de observar e cumprir todos os preceitos até que possa chegar gradualmente ao máximo que lhe corresponda como judeu, algo que será facilitado pelo fato de que “uma *mitsvá* atrai outra *mitsvá*”\*\*.

O fundamento disso tudo está na convicção de que, como é explicado detalhadamente no *Tanya*, cada judeu possui uma alma Divina que é uma autêntica centelha do D’us Acima. Esta Alma Divina foi dotada com a capacidade necessária para superar todos os obstáculos. Seu cumprimento dos deveres e obrigações do judeu

---

\* Liturgia de *Rosh Hashaná*

\*\* *Avot* 4:2

é o conduto e recipiente para receber e gozar das bênçãos de D'us, tanto materialmente quanto espiritualmente...

Com bênção.

#### 40. INTERPRETAÇÕES DA TORÁ PARA HARMONIZÁ-LA COM A CIÊNCIA

Os danos da apologia. Apologia, sinônimo de compromisso. O dito de nossos Sábios frente às teorias científicas. As teorias de Copérnico e Einstein na interpretação de um versículo. O valor da verdade acima de tudo.

B"H

17 de *Nissan* de 5717 (1957)

Saudação e Bênção!

Após uma grande interrupção, fiquei contente ao saber notícias suas por intermédio do Rabino Chaim Mordechai Aizik Chodakoy, e inteirar-me de que recuperou a saúde e prossegue com suas atividades para fortalecer o Judaísmo, por escrito e oralmente.

Quanto a você, sem dúvida comenta o negativo das soluções de compromisso, não apenas no cumprimento dos preceitos práticos, algo óbvio, mas também em matéria das avaliações e também na exposição das questões sobre as quais alguns afirmam que a ciência contradiz a ótica da Torá, e explicam que este, o compromisso, é o único meio para conquistar a juventude que acredita na ciência e nas suas conclusões.

Na verdade, vemos como é grande o saldo de vítimas que essa ideologia alcançou, não somente vítimas em matéria de ideologias falsas, como também, lamentavelmente, em matéria de enfraquecimento no cumprimento das *mitsvot* e, obviamente, na abnegação para seu cumprimento.

Exatamente nesse aspecto nossa geração foi privilegiada, uma geração órfã, com o fato de que até os cientistas reconhecem que todas as conclusões científicas não passam de hipóteses, e também sob seu juízo não se pode trocar o certo pelo duvidoso, ou seja,

questionar uma ótica cujo conceito é a certeza, como são todas as questões da fé e do credo, a partir de uma teoria que eles mesmos reconhecem como mera suposição.

E é exatamente na Europa que é preciso uma maior prudência com essas soluções de compromisso, por causa das ruínas que deixou o método da apologia – como são conhecidas as “explicações” dadas sobre a idade do mundo, a teoria da evolução e similares, baseando-se nas palavras de nossos Sábios: “Do mesmo bosque se pega a madeira para o machado”. E como você domina a mesma língua escrita em que se difundira o método acima mencionado, conhece sua idiossincrasia e se encontra num país repleto de “saberia judaica” etc., tudo isso incrementa seu privilégio e mérito para começar a corrigir o erro e a deficiência, pelo menos na medida do possível.

D’us queira que tenha êxito...

Em virtude da santidade da Festa [de *Pessach*], o Rebe não assinou, e assino em nome dele.

/secretário/

\* \* \*

B”H

14 de *Iyar* de 5717 [1957]

Saudação e Bênção!

Respondendo à sua carta, aparentemente as palavras da minha última carta não foram suficientemente claras, precisamente em seu aspecto fundamental.

Refiro-me ao conteúdo do parágrafo em que faço referência ao material de apologia – não em seu benefício, mas sim, ao contrário, ao dano que provoca, mais evidente em nossa época, o que permite dizer que também na sua época não era esse o caminho adequado, ainda que momentaneamente acreditava-se haver algum benefício.

As considerações de meu argumento são as seguintes: a apologia, pela própria natureza, é uma espécie de solução de compromisso, e também o compromisso é contrário à verdade.



A verdade, ao final, se colocará inexoravelmente em evidência, e, então, todo o edifício construído sobre o compromisso e também as conclusões obtidas no decorrer da sua análise, se enfraquecerão, ainda que por si mesmas fossem válidas ao coincidir com as conclusões do verdadeiro método. Antes que essa minha posição fosse decidida, a experiência de minha estadia nos Estados Unidos produziu várias provas a respeito, em questões práticas e também em relação às atitudes da juventude.

Na verdade, as demonstrações são desnecessárias. Como a nossa Torá é a Torá da vida, e a verdade é uma só, todo desvio dela, mesmo que com as melhores intenções, está condenado a ser prejudicial, porque não é esse o caminho da Torá. Que maior exemplo temos senão dos pensadores judeus das gerações passadas, cujo propósito era bom ao querer interpretar vários conceitos de nossa Torá e nossa fé de maneira que coincidissem com as doutrinas da filosofia predominante em sua época, mas que provocou em seus discípulos, e nos discípulos desses, resultados opostos aos esperados, ou seja, uma parte importante deles fez da filosofia a força regente e decisiva numa escala tão grande que os líderes de Israel daqueles dias se viram obrigados a proibir o estudo de seus livros, pelo menos até certo momento. Sem dúvida, você conhece os detalhes e não é necessário citar nomes.

O dano tornou-se ainda mais visível nas gerações seguintes, especialmente na nossa, quando os agnósticos elaboram essa doutrina de pensamento e declaram que ela nem sequer merece chamar-se “discurso científico”. Citando nossos Sábios, cabe a suspeita de que eles falseiem toda uma Torá por causa de uma conversa banal.

Exatamente os inovadores dos últimos tempos têm sido aqueles que, nesse espírito, causaram especial amargura. Refiro-me ao conhecido ensaio *Maamar Or HaChaim*, do autor de *Tiferet Israel*, cuja intenção era boa – aproximar-se daqueles que tendiam para a ciência e evitar que se afastassem do credo e da fé de Israel. E ele não somente escreveu o que escreveu naquele ensaio, como também citou as palavras dos cabalistas (e devo dizer que fiquei surpreso – eu

e muitos outros – que se encontre algo assim nos livros da Cabalá que foram impressos). Com o maior respeito, devo dizer que alteraram a interpretação de várias declarações de nossos Sábios, e até o fim deste inverno (tendo em vista que seu “Comentário sobre as *Mishnaiot*” em geral conseguiu aceitação e difusão) várias pessoas, incluindo rabinos realmente tementes a D’us, anunciaram aceitar o que foi expresso naquele ensaio (embora incluso numa época subsequente à sua escrita, e especialmente na nossa, aquelas conclusões da ciência que o autor tomou como linha de pensamento para tentar harmonizar – salvando as distâncias – os enunciados de nossos Sábios foram rechaçadas).

Como se não bastasse, publicaram essa postura suja e difundiram-na entre os jovens, manifestando que “os interrogantes, que sobre vários enunciados de nossos Sábios, pleiteam a Teoria da Evolução de Darwin etc. já foram respondidos no ensaio intitulado *Or HaChaim*, do autor de *Tiferet Israel*.”

Há outro exemplo ainda mais surpreendente: é sabido quanto os afligiu a interpretação do versículo, “E a terra está imóvel para sempre”. Como isso coincidiria com as teorias de Copérnico – salvando as distâncias?! E para tanto consideraram uma questão de *mitsvá* tergiversar a interpretação dos versículos etc, enquanto é exatamente a Teoria da Relatividade – que foi aceita pelos cientistas contemporâneos como uma verdade “absoluta” (sem que ressaltasse, pelo menos até agora, a contradição implícita) – a que declara que qualquer presunção sobre o que é imóvel e o que gira é igualmente válida; e toda pergunta que se pode fazer sobre uma das teorias poderá também formular-se (com alguma variante) sobre a segunda. O mesmo é válido para a geometria de Euclides e quem a discute, visto que as conclusões científicas atuais sustentam que todas têm base por igual, e qualquer pergunta que se pode fazer sobre uma das teorias poderá também formular-se (com alguma variante) sobre a outra.

Como medida auxiliar escrevi também que é fundamental declarar, especialmente para a geração jovem, que as interrogações

colocadas contra o credo e a fé não têm cabimento em absoluto, tal como não se pode trocar o seguro pelo incerto. Isto, obviamente, elimina toda a urgência por escrever um material de apologia e harmonização; e ao desaparecer a urgência, esse material nos deixa somente seu prejuízo, o dano do compromisso que enfraquece o homem e a verdade, e, como se dizia antes, não somente esfria a verdade como também, certamente, a contradiz.

Na continuação, escrevi também minha opinião de que como você provém de um lugar no qual se expandiu exatamente a doutrina da apologia etc., que você mesmo veja o quanto ela é incorreta. É estranho – embora também isso tenha sua explicação – que seja mais difícil demonstrar a vários Rabinos da velha geração a incerteza que rege a ciência do que aos jovens que se dedicam a ela e não estão tão imbuídos com o sentimento da fé – a tal ponto de o temor à ciência e sua lógica ter se arraigado no meio de alguns dos mencionados Rabinos!

Somente gostaria de acrescentar as seguintes linhas: como temo que também para você será difícil cavar os cimentos sobre os quais se erigiu o lugar dos pensadores judeus, para o qual seus construtores tanto se esforçaram, trago a famosa máxima do Sábio que foi citada por vários *Rishonim*, e repetida pelo *Tsemach Tsedek* em uma de suas cartas aos Iluministas de sua época: “Ama Platão, ama Aristóteles, porém, mais do que tudo, ama a verdade.”

Com bênçãos para êxito em seu sagrado trabalho de aproximar os corações judeus da nossa Torá, a Torá da verdade e a Torá da vida.

#### 41. O SIGNIFICADO DO DESCANSO DO SHABAT

B<sup>”</sup>H

11 de *Shevat*, 5726

Saudação e bênção!

... acabo de receber sua carta de 13 de *Shevat* e seu anexo. A questão de que atualmente é fácil acender fogo, e por que, então, é proibido fazê-lo no dia do santo *Shabat* etc.?

A explicação é simples: “D’us fez os céus e a terra em seis dias...”; [isto] foi ainda mais fácil; [decorreu de] assertiva [exclusiva] de D’us, que é Infinito, e [apesar] disto, “parou e descansou”.

Com bênção de sucesso no serviço sagrado.

## 42. “NÃO HÁ HOMEM LIVRE SENÃO AQUELE QUE SE OCUPA DA TORÁ”

B”H

6 de *Shevat*, 5731

Saudação e bênção!

Sua carta chegou com certo atraso. Você escreve a respeito da incerteza que tem em relação ao cumprimento da Torá e dos mandamentos, já que opina que uma vida de acordo com a Torá e os mandamentos é uma vida limitativa; ela tem a limitação que decorre da formação da criatura humana, particularmente quanto ao pensamento e arbítrio pessoal. Por isto, segundo sua opinião, é difícil harmonizar a vida conforme a Torá e os mandamentos com a ideia da liberdade pessoal.

Uma posição como esta, quando provém de uma pessoa intelectual e pensadora, é surpreendente. Presumo que esta sua impressão brote do entendimento superficial do conceito de “aceitação do jugo da Torá e seus mandamentos”, pois a palavra “jugo” desperta a associação [mental] com limitação. Na verdade, existem muitas coisas que o homem aceita na vida cotidiana como explicadas por si só, mesmo em se tratando de um homem intelectual e talentoso, com inclinação ao aprofundamento e à pesquisa. Sendo estudante universitário, você certamente estudou ciências exatas e sabe que uma pessoa que estuda física ou tecnologia não se ocupará, por meio da pesquisa pessoal e experiências primárias, da comprovação de regras gerais e de leis que já haviam sido reveladas [anteriormente] nessas áreas. Por exemplo: uma pessoa faz um voo de avião sem estudar antes os princípios da aerodinâmica para certificar-se plenamente de que esse voo é algo seguro e de que o avião

o conduzirá verdadeiramente ao seu destino no tempo previsto. Esses dados são aceitos por ela como óbvios, apesar de que ela própria não se ocupou em comprová-los.

Tomemos um exemplo suplementar na área da saúde: existem coisas que já foram claramente determinadas como benéficas ou prejudiciais à saúde humana. Ora, um homem não irá começar a pesquisar por meio de experiência pessoal o quanto uma determinada droga é benéfica ou prejudicial.

Até mesmo um indivíduo que tem inclinação particular para dedicar-se à pesquisa e às experiências certamente escolherá para si áreas das quais outros ainda não se ocuparam. Este é um posicionamento racional e lógico. Pois, quando profissionais e cientistas investigaram e pesquisaram certos campos e determinaram o que beneficia e o que prejudica a saúde, ou fixaram normas para adiantar o desenvolvimento tecnológico, então, na melhor das hipóteses, seria desperdício de tempo retornar ao início daquelas normas e pesquisas. Além disso, não há qualquer certeza de que [a pessoa] não cometerá erros nem chegará a conclusões enganosas capazes de conduzi-la a consequências ruins, como efetivamente aconteceu em diversos casos.

Tudo o que foi dito acima em relação à sanidade do corpo se ajusta também à sanidade espiritual e ao modo pelo qual a alma alcançará a sua perfeição – ainda mais quando a sanidade da alma e a do corpo estão relacionadas entre si, como ocorre particularmente com o judeu.

É claro e evidente que o Todo-Poderoso, que é o Criador do universo e o Criador do homem, constitui a Autoridade Suprema e Exclusiva que sabe estabelecer o que é bom para o homem e para todo o universo. Ele, que com Sua Bondade nos provê de soluções concretas e perfeitas, nos tornou cientes de que se o homem se conduzir em sua vida cotidiana no caminho da Torá e dos mandamentos, certamente terá uma alma sã num corpo sã, e será beneficiado neste mundo e no vindouro. Ele [o Criador] até mesmo facultou diversas áreas para o homem se ocupar em suas pesquisas e expe-

riências, em assuntos que não contrariam as leis que Ele outorgou.

Em outras palavras, se a vida humana fosse suficientemente longa e o homem fosse dotado de talentos necessários para efetuar todas as pesquisas sem estorvos, sem distrações e sem erros, com certeza absoluta e indubitavelmente ele chegaria às mesmas conclusões que nós encontramos na Torá que nos foi outorgada por D’us, tais como a necessidade da observância do *Shabat*, *kashrut* etc. Contudo, conforme já mencionado, D’us, em Sua Suprema Bondade – e a natureza da Bondade é fazer o bem –, quis poupar-nos todo o esforço e perigo dos possíveis erros envolvidos na pesquisa humana, e nos proporcionou as soluções de antemão, para o bem de toda a humanidade, tanto para aqueles que têm inclinações e qualidades para a pesquisa pessoal quanto para aqueles a quem falta esse tipo de inclinação.

A expressão “jugo” na questão da aceitação da Torá e dos mandamentos na vida diária deve ser entendida no contexto do [seu] relacionamento com a natureza humana, a qual nos obriga a agir conforme os seus imperativos; pois a natureza humana e a sua tentação para o mal é que impelem o homem a render-se à sedução, doce no início, porém amarga no fim. No entanto, a natureza do homem tende a ignorar as consequências amargas em troca do proveito efêmero. Por exemplo, nós vemos crianças – e, frequentemente, até adultos – que foram advertidos de que comer com exagero determinados alimentos pode prejudicá-los e provocar doenças em época posterior, a ponto de perderem a possibilidade de alimentar-se durante longo tempo. Apesar disso, ignoram essa advertência clara a fim de satisfazer o desejo momentâneo pela comida. Do mesmo modo, D’us nos impôs o “jugo” da Torá e dos mandamentos e nos ordenou cumpri-los – quer entendamos seus motivos ou não. Por maior que seja a tentação de desviar-se deles, de qualquer modo, devemos cumpri-los sem vacilações.

Com bênção.

### 43. “NÃO RESPONDA A UM TOLO...”

B”H

...sobre o que perguntou, como comportar-se com aqueles que insultam os objetivos do Judaísmo. É um procedimento correto afastar-se de discussões e controvérsias. A maioria dos que agem desta forma [discussões e controvérsias] são motivados pelas emoções do coração, e não pelo raciocínio do cérebro; na grande maioria das vezes, isto é uma consequência de decepção e insatisfação com seu modo de vida. Por isto, depois que terminam as suas alegações, é preciso dizer-lhes, serenamente, que até mesmo em caso de dúvida remota, convém que eles se comportem no *modus vivendi* tradicional, pois isto simplesmente não contradiz suas consciências – daqueles que pronunciam com os lábios aquilo em que não creem –, e que, apesar disto, coloquem *tefilin*, comam *kasher* etc. Sobre o argumento maléfico de que comportar-se assim é uma hipocrisia, a resposta é que eles não enganam [as pessoas de] seu ambiente por causa de algum proveito material, já que infelizmente a observância dos mandamentos nem sempre proporciona maior respeito da sociedade. Até mesmo segundo a opinião deles, na dúvida, convém cumprir [os mandamentos], e na verdade não há nisto nenhuma hipocrisia, já que em seu íntimo um judeu deseja cumprir todos os mandamentos, apenas o seu espírito do mal o constrange (*Rambam*, Leis sobre Divórcio, final do cap. II). Quando [um judeu] cumpre os mandamentos, então faz aquilo que anseia no íntimo do seu coração e em todos os aspectos de sua alma, e isto é fácil de entender.

Com bênção.

### 44. DIÁLOGO ECUMÊNICO – NEGATIVO POR PRINCÍPIO

B”H

Saudação e bênção!

Em resposta à sua pergunta sobre a pretendida ligação do Judaísmo com a questão do “diálogo ecumênico”, um tema que

presentemente alcançou apoio em diversos círculos, judaicos e não-judaicos:

Surpreende-me o fato de que você tenha dúvidas a este respeito. Pois, qualquer um que tenha um mínimo de orientação sobre a história do nosso povo sabe com quanto constrangimento os judeus, em todas as épocas, se vincularam a debates religiosos com não-judeus. Existiam muitos e bons motivos para tanto, além da razão básica de que, por um lado, o Judaísmo não encara como missão a conversão de gentios, e, por outro, os judeus não estão dispostos a se expor ao fanatismo missionário de outras religiões.

Cada geração tem questões que lhe são características, ligadas ao seu problema atual. Por exemplo, uma das particularidades características de nossa época é a confusão e a perplexidade tão disseminadas hoje em dia, especialmente entre a jovem geração, em razão das quais a condução dos mencionados “diálogos” torna-se extremamente indesejável. Dentre os sinais de reconhecimento desta perplexidade está o aviltamento dos valores e, às vezes, até mesmo a derrubada de barreiras bem definidas que, no passado, subsistiam em relação a diversos aspectos da vida cotidiana. Este processo, que começou com a efetiva diminuição da altura ou completa eliminação da *mechitsá*\*) nas sinagogas, decaiu rapidamente para a anulação de todas as limitações e reservas em questões de ética, moral, e até mesmo de regras gerais de decência convencionais. Isto provocou a deformação total de valores em diversos campos, até o ponto em que o assunto faz lembrar o lamento do profeta (*Yeshayah*\*\* V, 20): “Ai dos que chamam o mal de bem, e o bem de mal; colocam a escuridão no lugar da luz, e a luz no lugar da escuridão; colocam o amargo no lugar do doce, e o doce no lugar do amargo”.

Contudo, é difícil culpar a jovem geração por esta confusão e perplexidade, considerando as perversidades da época, as destrui-

---

\* Parede divisória entre homens e mulheres durante as orações.

\*\* Em português, Isaías.



ções e as guerras que atingiram nosso tempo, além da falência espiritual dos diversos regimes e ideologias, nos quais os membros da nova geração depositaram suas esperanças por um mundo melhor. Mais ainda, muitos dentre aqueles a quem cabia a tarefa de educar e orientar agravaram a perplexidade e o espanto da juventude, por motivos que não cabe aqui analisar.

Uma das consequências da situação retratada é o conceito errôneo que existe em diversos grupos perante o movimento chamado “ecumênico”. O conceito de “fraternidade entre os povos” é fundamentalmente positivo enquanto limitado ao quadro do comércio, instituições filantrópicas e demais assuntos civis e econômicos da sociedade. Os povos pertencentes a crenças diferentes e a minorias nacionais devem conviver num clima de harmonia, relações de respeito e observância de autonomia. Se, neste quadro, a aspiração dos crentes de uma religião é explicar a sua fé e comportamento religioso aos crentes de outra religião e desnudar-se em explicações dessa ordem, tal [aspiração] demonstra a errônea interpretação do conceito de “fraternidade”. Para nossa tristeza, na melhor das hipóteses, essas atividades entre religiões provocaram um agravamento da perplexidade; na pior das hipóteses, serviram de instrumento negativo nas mãos dos extremistas missionários daquelas religiões, que encaram como “missão” a difusão de sua crença entre os adeptos de outras religiões.

A ascendência em espiral do número de casamento mistos tem muitas causas. Mas, não há qualquer dúvida de que um de seus agentes causadores mais importantes é o movimento “ecumênico”, ou o “diálogo” (expressão delicada para o mesmo tema), onde, neste contexto, os prelados de uma religião são convidados a pronunciar prédicas diante dos púlpitos de outras religiões. Não é difícil perceber que influência nociva esse fenômeno exerce sobre os jovens, e até mesmo sobre seus pais, cuja ligação e lealdade para com sua fé se limitam ao mínimo absoluto e se aproximam de zero.

Essa conjuntura cria uma justificativa suficiente (se é que nós

ainda dependemos de justificativas) para a proibição que a Torá impõe no que se refere ao estudo de outras crenças. A Torá permite estudar outras religiões apenas em situações excepcionais, e mesmo assim somente a pessoas com virtudes apropriadas e qualificações específicas. Nossa amarga experiência evidenciou a medida do prejuízo [provocado pela] existência de polêmicas como estas. Por isto, até mesmo aqueles judeus para quem a Torá ainda não é o pilar de luz em suas vidas, mas que desejam com determinação preservar sua identidade judaica e, particularmente, a de seus filhos, mesmo eles devem ver claramente o perigo dos casamentos mistos e da assimilação completa, D'us nos livre, emboscado por detrás dos “diálogos” mencionados, e eles têm o dever de exprimir a sua oposição a isto sem qualquer concessão.

Assim como temos o dever de realizar todos os esforços e não renunciar a nenhuma alma judia que se encontre no perigo de extraviar-se do caminho da Torá e dos mandamentos, também não devemos ignorar aquele que se encontra em risco de um casamento misto ou de assimilação, D'us nos livre, mesmo que a questão envolva longas e cansativas conversas com aquelas almas perdidas; então, na mesma medida e pelas mesmas razões, temos o dever de nos afastar de qualquer contato deste tipo com aqueles que não são judeus. Especialmente porque não temos qualquer objetivo em levá-los a assumir a religião judaica.

Não nos enganemos. Obviamente, de modo genérico, temos responsabilidades perante a sociedade. Nós, os judeus, devemos oferecer a nossa participação para o bem da coletividade, colaborar para a elevação e fortalecimento do nível da moral e da ética, e estimular aqueles que não são judeus a observar e cumprir os “Sete Mandamentos dos Filhos de Noach” com todas as suas consequências. No entanto, sob este pretexto, não há nenhuma necessidade de manter um diálogo religioso com eles, nem qualquer atividade ecumênica sob a forma de discussões religiosas, nem facultar nossos púlpitos para prédicas de gentios etc.

Além disso, desejo enfatizar os seguintes pontos:

1- O resultado notório da maioria das polêmicas, debates ou diálogos não é uma aproximação mental e sentimental entre os seus participantes. Mas, pelo contrário, elas despertam impulsos de rivalidade e o desejo de vencer a qualquer preço. Assim ocorre com os debates que não versam sobre questões religiosas e, certamente, assim também é nos debates sobre a fé que ocorrem entre extremistas e que afetam o âmago da alma da pessoa. Daí, se o objetivo do diálogo é proporcionar aproximação, então o seu desenlace fica anulado *a priori*, e, às vezes, até produzirá um resultado oposto.

2- Quando um participante do diálogo pretende incitar o outro a mudar de religião, e se o outro lado não tem interesse em influenciar o seu adversário, então é claro que o primeiro participante se utiliza do diálogo em proveito de seu intuito, e rapidamente, o diálogo se converterá em monólogo.

3- Se observamos o problema em geral, do lado prático, então o ponto mais importante é que não podemos nos permitir o desperdício do esforço espiritual que esses debates determinam; porque cada indivíduo foi dotado de uma quantidade limitada de tempo útil, de energia e possibilidade de influência, e cada pessoa reta de pensamento tem a obrigação de dedicar sua força e energia em proveito da sociedade a que pertence.

A experiência demonstrou a improdutividade de polêmicas inter-religiosas dessa ordem em prol do entendimento entre pessoas pertencentes a credos ou raças diversos, pois ainda que houvesse nisto alguma utilidade, esta utilidade ficaria anulada. Mas, pelo contrário, é claro que o extremo esforço aplicado nelas foi todo às custas da urgente necessidade de fortalecimento da fé e da vida judaica no povo de Israel em geral, e na jovem geração em particular.

Obviamente, entre os que se dedicam a discussões desta espécie, não faltam alguns poucos bem-intencionados, porém enganados, que erram e veem nisto um caminho eficaz para uma tarefa

elevada, que justifica os seus esforços.

Porém existem também aqueles cujas intenções não são puras, que incitam [os bem-intencionados] no seu caminho errôneo e aumentam, assim, a força e a energia, canalizando-as em direções indesejáveis ao invés de dirigi-las ao ponto em que são imprescindíveis, isto é, introduzir no meio da juventude judaica um conhecimento profundo da Torá e provar a eles [aos jovens] que a nossa Torá, a “Torá da Vida” – tal como ela é chamada, assim ela é – se constitui no verdadeiro guia da vida cotidiana do judeu, em qualquer tempo e lugar.

A verdade que a Torá contém é eterna, pois Aquele que outorgou a Torá – o Criador do homem e Senhor do universo – é o Eterno, que governa em todos os tempos e em todos os lugares.

Ora, é uma trágica ironia que justamente em nossos dias e neste país, em que fomos abençoados com a liberdade de religião, quando não nos defrontamos com perigos ou sofrimentos para cumprir a Torá tal como ocorre em certos países, justamente aqui perdemos a cada dia que passa uma parte tão grande dos jovens de nossa geração como consequência da inatividade, negligência e má orientação de líderes que deveriam saber melhor [se conduzir].

Chegou o momento de, em lugar de discussões ecumênicas, concentrarmo-nos em fortalecer a fé no seio de nosso povo, fortalecendo o diálogo com a nossa juventude desorientada – e para nosso grande pesar e vergonha [passou a ser necessário que] o façamos também com os adultos. Despertemos e acendamos neles novamente o ardor da fé adormecida e iluminemos as suas vidas com a coluna de luz verdadeira, a coluna de luz e fogo da Torá.

Com bênção.

---

P.S.: Para que minha resposta seja completa e abranja todos os aspectos da pergunta é preciso notar que tudo o que foi mencionado acima foi dito em termos que mais se adaptam a quem ainda não accitou sobre si a soberania do *Shulchan Aruch*, o Código de Leis do judeu. No entanto, diante daqueles para quem a Torá é “uma luz para seus passos”, o verdadeiro guia de sua vida diária, a causa determinante de uma recusa total da [realização de] diálogos ecumênicos decorre da própria proibição da Torá relativa ao estudo de outras religiões, exceto em circunstâncias específicas ou em relação a certas pessoas,

---

conforme já referido.

Neste sentido, desejo elucidar mais um ponto. Por vezes surge o argumento de que aparentemente a proibição que a Torá impõe sobre o estudo de outras religiões e a realização de discussões ecumênicas com adeptos de outras religiões é, D'us o livre, um sinal de fraqueza da Torá. É supérfluo refutar este argumento errôneo. Contudo, se alguma fraqueza existe nisto, então, pelo contrário, é a fraqueza da natureza humana. São numerosos aqueles que não conseguirão resistir à sedução diante da perspectiva de uma vida mais fácil, livre das limitações dos 248 mandamentos de fazer [positivos] e dos 365 mandamentos de não fazer [negativos], de uma maior liberdade e possibilidade de satisfação dos desejos. Especialmente porque, às vezes, o intelecto humano é tão inconstante que o homem chega a se furtar à mais clara e revelada verdade quando esta impede a satisfação de suas vontades.

Além disto, a vitória em qualquer discussão não pertence necessariamente a quem representa a verdade, mas sim àquele mais dotado da arte dialética. Por meio de retórica bem-sucedida e hábil eloquência, é possível ter sucesso em convencer alguém de coisas absurdas, e como disse o profeta, “Ai dos que chamam o mal de bem, e o bem de mal; colocam a escuridão no lugar da luz, e a luz no lugar da escuridão...” (Yeshayahu V, 20), conforme lembrado no início da carta. Por isto, de qualquer ângulo que o problema seja considerado, de acordo com o Judaísmo não há lugar para discussões “ecumênicas” com aqueles que não são judeus, e isto é dito especialmente em relação à nossa época.

## 45. DESGRAÇAS QUE AFLIGEM O HOMEM – QUAL A SUA EXPLICAÇÃO?

B”H

Saudação e bênção!

A sua carta descreve resumidamente o que ocorreu com você durante os anos de sua vida – instabilidade, sofrimento e desgraça –, e você procura uma explicação que o ajude a entender as desgraças que desabaram sobre você e sua família.

A observação atenta levará à conclusão de que você não deve se ocupar demais com a busca de explicações.

O homem vê apenas uma parte limitada do quadro geral; falta-lhe a perspectiva correta de tudo o que ocorre com ele ou no seu ambiente. Além disso, ele tem possibilidade apenas restrita de avaliar corretamente o verdadeiro significado dos fatos que visualiza.

A fim de esclarecer o assunto, trarei um exemplo do mundo da medicina. Um homem, desprovido dos conhecimentos médicos necessários, ao entrar numa sala de cirurgia num hospital verá diante de si um homem despido, inerte, deitado sobre uma mesa, cercado de pessoas com máscaras, munidas de “armas” (facas e outros instrumentos). As pessoas mascaradas cortam, espetam e extraem sangue do homem desamparado, sem se importar com os gemidos de dor de sua “vítima” adormecida e impossibilitada de movimentos. A reação natural do estranho será chamar por socorro: “Sádicos atacam um homem indefeso e o torturam sem nenhuma piedade!” De seu ponto de vista limitado e à luz de sua “compreensão” da medicina, não existe nenhuma dúvida em sua mente de que ele é testemunha de um assassinato premeditado.

Se o estranho soubesse que o quadro a que assistiu era, na verdade, uma operação médica necessária para salvar a vida do doente e melhorar sua saúde, aí entenderia facilmente que as poucas horas de sofrimento sobre a mesa de operações não só eram suportáveis como também imprescindíveis. E, então, o estranho torna-se capaz de convencer-se de que não só os cirurgiões não são assassinos mas, pelo contrário, são pessoas extremamente humanitárias que pres-

tam um serviço importante ao homem doente.

Esta é a impressão que perdurará nele, apesar de os médicos serem criaturas humanas que não podem garantir o sucesso da operação ou a recuperação total do doente, e, do mesmo modo, quanto tempo ele viverá, mesmo que a operação seja bem-sucedida.

Disto tudo você poderá entender que no curso da vida de um homem neste mundo podem ocorrer também períodos de dor e sofrimento (verdadeiros ou ilusórios). No entanto, nós também sabemos e testemunhamos que tudo isto é a Providência Divina. Sabemos claramente que as coisas não ocorrem no nosso mundo “simplesmente assim”. Acontecimentos dolorosos deste tipo são apenas uma parte do “Programa Divino”, um sistema que inclui o indivíduo, sua família, qualquer outra pessoa e tudo o que ocorre com eles. O homem que pensa logicamente entenderá que os eventos que se passaram com ele são, na verdade, uma parte do sistema geral da Divina Providência sobre o mundo. Isto [a necessidade de explicações] não significa outra coisa exceto que não nos satisfazemos com a promessa expressa do “médico” ou do “cirurgião” em relação ao grande proveito que brotará como consequência do sofrimento e da desgraça momentâneas.

Existem aqueles que formulam perguntas, ou suscitam dúvidas, sobre a própria existência da Providência e do Programa Divino em nosso mundo, e apenas poucos o fazem em relação à física, química, astronomia e outras ciências. Justamente estes ramos da ciência nos explicam que até no mais diminuto dos átomos existe um sistema específico e singular, assim como uma tarefa e ações específicas e características dele; cada partícula de matéria age conforme leis definidas e é parte de um sistema cósmico definido, o qual é muito mais complexo e intrincado do que a vida de um único homem e sua família.

Com relação a isto, imagine um prédio de grandes dimensões, com milhares de quartos, onde pode-se observar que os móveis em cada quarto, em todos os quartos do prédio, encontram-se arrumados em perfeita ordem (até mesmo um observador leigo pode

reconhecer a boa organização); no entanto, num pequeno quarto, ao primeiro olhar, não se observa o objetivo lógico da arrumação dos móveis. Apesar disto, enquanto não há prova em contrário, as pessoas razoáveis, em sua maioria, extrairão suas conclusões à luz do que viram até agora: de que também nesse quarto existe uma ordem lógica. Afinal, o prédio gigantesco contém milhares de quartos e muitos móveis, organizados de modo perfeito! Ninguém terá dúvida de que também esse pequeno quarto é uma parte do projeto completo do prédio. A pessoa leiga poderá talvez ter dificuldade em entender a organização que existe lá, mas, certamente, essa organização é um componente da ordem total e absoluta que existe no grande edifício.

Quando cada um de nós, incluindo você, meditar de modo objetivo sobre os eventos que ocorreram conosco, os lugares pelos quais passamos, ficaremos convencidos que o Eterno nos guia e conduz numa direção determinada. Juntamente com isto, você deve saber que o Todo-Poderoso deseja que o homem pratique as suas ações com o livre-arbítrio, e, por esta razão, é possibilitado ao homem escolher ele mesmo o caminho que trilhará, e não é de surpreender se o caminho que ele escolher não for reto, mas cheio de obstáculos e tortuoso. Contudo, com meditação apropriada ele chegará à conclusão de que o melhor caminho é aquele que o Todo-Poderoso esboçou, tal como a Torá, Torá da Vida, nos ensina. Então, o homem será feliz também neste mundo.

Por vezes surge o espírito do mal com o argumento: existem certas pessoas que andam no caminho da Torá e apesar disto brotam delas vários e vários defeitos. Daí, o espírito do mal pretende que o homem chegue à conclusão de que o caminho da Torá não seria um bom caminho, D'us nos livre. Porém, a que se assemelha isto? Ao homem que vê uma pessoa sair da casa de um médico famoso caminhando sobre muletas. Passará pela ideia de quem quer que seja que o médico não pode curar, porque fulano, depois que pagou uma fortuna por uma consulta, e mesmo depois do tratamento, precisa andar de muletas!



A reflexão correta revelará que aquela pessoa, antes disto, estava completamente paralisada e não podia mover-se, mas graças ao tratamento desse médico, não só o seu estado não decaiu, mas até melhorou, e ela agora já é capaz de caminhar com muletas. Além disso, multiplicam-se as esperanças de que, obedecendo às demais instruções do médico, ela poderá andar sobre os próprios pés como qualquer pessoa.

Assim também são os homens com os seus hábitos, que estão na natureza de suas gerações. A este – múltiplas virtudes, e a este – muitos defeitos. Contudo, com a educação correta e bons educadores, ficam enfraquecidos os hábitos que não são bons. Já que em todos os dias de sua vida o homem deve educar a si mesmo, não é surpreendente achar numa pessoa que se encontra no meio de sua autoeducação, este ou aquele defeito ainda intenso. Porém, é claro que isto não decorre de sua obediência às indicações do “professor” que o está curando, mas, pelo contrário: em comparação ao seu estado anterior, eis que agora suas imperfeições enfraquecem cada vez mais...

Desejo concluir e exprimir minha intenção nesta carta: não vim apenas para filosofar, mas para transmitir a você a ideia de que se você quiser aproveitar e acionar o raciocínio sadio e objetivo, isto lhe proporcionará o fortalecimento da fé absoluta em D’us, Bendito seja.

Com bênção.

#### 46. O ENTENDIMENTO DO HOMEM PERANTE A TRAGÉDIA

- O subjetivo da observação
- A eterna cadeia de eventos

B”H

*Shushan Purim*, 5712 (1952)

Saudação e bênção!

Em resposta à sua carta, resumidamente:

Você me pergunta como podemos conciliar os Atributos Divinos de Misericórdia e Bondade com catástrofes cósmicas, como erupções vulcânicas e outras semelhantes, que ocasionam perdas de vidas humanas etc.

Há muitas circunstâncias envolvidas em cada ocorrência, além do momento e do lugar. Não obstante, há uma resposta geral para acontecimentos aparentemente tão inexplicáveis, que tornar-se-á mais clara mediante a seguinte ilustração:

Suponha que nos encontramos como uma pessoa durante um breve período de tempo, e esta esteja dormindo ou ocupada com uma árdua tarefa. Ora, se o observador quisesse tirar uma conclusão sobre a natureza da pessoa que observou a partir daquilo que vê nesse período de tempo, ele poderia chegar à conclusão de que aquela pessoa leva uma vida improdutiva, no primeiro caso, ou uma vida de tortura, no segundo. Evidentemente, ambas as conclusões são errôneas porque a pessoa viu apenas uma fração da vida do indivíduo, e o estado de sono era só um período de descanso e preparação para a atividade, ao passo que no segundo caso, o trabalho era um meio de obter remuneração ou outra satisfação que supera em grande parte o esforço envolvido. O certo é que qualquer observação de curto alcance, que cubra unicamente uma fração de tempo ou de objetivo, está condenada a ser repleta de erros, e aquilo que poderia parecer negativo assumirá uma aparência totalmente diversa se for conhecida toda a verdade do antes e do depois.

O mesmo acontece com qualquer observação humana sobre qualquer ocorrência mundial. O sujeito da mencionada observação é, portanto, extraído de seu marco de eternidade, de uma série de eventos ocorridos antes e daqueles que ocorrerão depois. Evidentemente, não podemos tentar emitir um juízo sobre a natureza de um evento assim com algum grau de exatidão. Uma explosão vulcânica, um terremoto e eventos similares são meros elos de uma vasta cadeia de ocorrências que se iniciaram com a Criação do mundo e continuam até o final dos tempos, e não temos como in-

interpretar um evento específico isolando-o do restante...  
Com bênção.

#### 47. OS ATOS DA PROVIDÊNCIA DIVINA

- O homem pode compreender os atos de D'us?
- O menino e o cientista
- Repressão temporal e benefício eterno

B<sup>o</sup>H

7 de *Iyar* de 5727 (1967)

Saudação e bênção!

Recebi sua carta, na qual você escreve sobre várias questões que não entende, tais como o sofrimento de seu pai etc.

A julgar pela sua carta, é desnecessário enfatizar que sua ideia é óbvia, ou seja, que certamente não surpreende que um ser humano não entenda os caminhos de D'us, pois o ser criado e finito não pode, sem dúvida, compreender o Infinito. Mas o oposto seria motivo de surpresa, e somente a benevolência de D'us revela ao homem determinados aspectos de Sua Divina Providência. Há uma ilustração simples: certamente não seria motivo de surpresa o fato de um menino de cinco anos não conseguir compreender a conduta de um cientista, embora, certa vez, o cientista já tenha sido um menino de cinco anos, e o menino que agora tem cinco anos poderá crescer e tornar-se um cientista ainda maior. Em outras palavras, o menino de cinco anos potencialmente tem todas as qualidades do cientista maduro, mas não causa surpresa o fato de ele não conseguir entender o grande cientista. Em comparação, o ser humano criado nada tem em comum com o Criador quando se trata de inteligência e capacidade. É somente graças à benevolência Divina que certos aspectos da Providência de D'us foram revelados ao homem, incluindo também o motivo do sofrimento, para o qual podemos empregar uma analogia semelhante.

Quando se diz a uma criança para que se sente e aprenda o abecedário, faça suas tarefas escolares etc., isso a priva de sair ao ar

livre, às vezes interfere com seus horários de refeições, e também pode reduzir suas horas de sono. O menino, quando obedece essas instruções, não o faz porque entende a sua sabedoria, mas sim porque não tem opção, visto que é obrigado pelo pai, pela mãe ou pelo professor. Não se trata de um caso em que sua liberdade seja reprimida para que ele não saia por aí quebrando cristais ou coisa semelhante. No que diz respeito ao menino, ver-se privado do ar livre, do descanso etc., trata-se de um verdadeiro sofrimento, mas por consenso geral essas coisas são consideradas benéficas. Sem dúvida, consideramos que o sofrimento do menino, mesmo que se estenda por meses, vai trazer-lhe um bem-estar do qual ele desfrutará pelo resto da vida.

Deve-se ainda lembrar do seguinte: quando uma pessoa que estava doente sucumbe à doença, fica evidente a toda pessoa normal que a enfermidade somente pode afetar o corpo físico. Obviamente, se algo não vai bem, por exemplo, com o sangue do paciente, isto não pode afetar sua vida espiritual e sua alma eterna. Em outras palavras, quando o paciente se entrega à enfermidade, o vínculo entre corpo e alma chegou ao fim, mas a alma é eterna, e este é um dos fundamentos básicos da crença judaica, assim como de muitas outras.

Na Torá é explicado e enfatizado que esta vida terrena é apenas uma preparação para a vida futura e eterna no Mundo Vindouro. Isto também é ensinado na conhecida *mishná* do *Pirkê Avot*, que lemos e estudamos no decorrer destes *Shabatot*. A *mishná* declara: “Este mundo é como uma antecâmara para o Mundo Vindouro; prepara-te na antecâmara para que possas ingressar no salão”. (4:16)

Ora, se durante o tempo em que a pessoa passou na antecâmara houve um período de sofrimento, por meio do qual será obtida a entrada infinita no “salão”, então, sem dúvida terá valido a pena. É impossível descrever as satisfações da vida da alma no Mundo Vindouro, pois se até neste mundo, enquanto a alma está ligada ao corpo, sua vida se desenrola num plano infinitamente superior, muito

mais ainda será quando a alma não estiver distraída pelo corpo.

Compare o júbilo e a felicidade de uma criança quando recebe uma deliciosa guloseima com a alegria de um homem da ciência muito sábio que consegue resolver um problema científico importante. Mais uma vez, como já foi mencionado, há um certo vínculo entre o menino e o cientista, e tudo é relativo. Mas quando se trata da vida terrena e da vida da alma no Mundo Vindouro, as diferenças não são de grau, mas sim de espécie, e não há nenhum denominador comum entre as duas.

Ao mesmo tempo deve-se lembrar que o sofrimento na “ante-câmara”, que nada mais é que um corredor até o “salão”, é, afinal, de caráter temporário, e o lucro é eterno.

Suponha que alguém pergunte: “Por que as coisas estão condicionadas de tal maneira que para ganhar mais a pessoa tem de renunciar a algo?” Seria o mesmo que o menino perguntando por que deve renunciar aos seus prazeres ao ar livre etc. Mas, sem dúvida, “privá-lo” daquilo não é um ato de crueldade com o menino.

Creio que o que foi dito bastará para responder a sua pergunta. Não obstante, se quiser analisar mais, poderá fazê-lo com o Rabi-no..., a quem menciona em sua carta.

Com bênção.

---

## Capítulo V

---

### A IDADE DO UNIVERSO

48. As “Provas Científicas” que Não São Científicas .....	167
49. Continuação do Mesmo Tema .....	176
50. Sob Outra Perspectiva .....	183
51. A Teoria da Evolução .....	185
52. Suposições Erigidas sobre Fundamentos Frágeis .....	191
53. Mais sobre o Mesmo Tema .....	192
54. Duração do Mundo: Seis Mil Anos .....	197

## 48. As “PROVAS CIENTÍFICAS” QUE NÃO SÃO CIENTÍFICAS\*

B”H

18 de *Tévet*, 5722

Saudação e bênção!

Depois de não ter ouvido notícias do senhor por muito tempo, tenho a satisfação de receber lembranças suas por intermédio dos jovens de *Chabad* que recentemente visitaram a sua congregação para uma conferência pública. Alegrou-me ouvir que o senhor participou dos debates, embora eu tenha ficado muito surpreso ao tomar conhecimento de que o senhor ainda está apreensivo em relação ao problema da idade do universo, apresentado por meio de teorias científicas diversas que não se coadunam com o juízo da Torá de que o universo tem 5722 anos.

Destaquei a palavra teorias pois, antes de mais nada, é preciso lembrar que a ciência formula teorias e hipóteses e se ocupa delas; no entanto, a Torá trata de verdades absolutas. Estes são dois caminhos diversos, e a “conciliação” entre eles é totalmente inadequada.

Fiquei particularmente surpreso ao ouvir que o referido “problema” perturba o senhor de tal modo que chega a influir no seu dia-a-dia como judeu, e atrapalha o cumprimento cotidiano dos mandamentos. Espero que a impressão que recebi seja errônea, pois o senhor sabe que o princípio judaico fundamental do faremos (primeiro) e ouviremos (depois) obriga o judeu a cumprir os mandamentos de D’us sem ligação com a capacidade do entendimento; a obediência à lei Divina não pode ficar condicionada à aprovação humana. Em outras palavras: a falta de entendimento, e mesmo a existência de dúvidas aparentemente “justificadas”, nunca podem desculpar a desobediência às leis Divinas – ainda mais quando as dúvidas não são justificadas, no sentido de não terem base concreta ou lógica, como no “problema” tratado.

Parece que a conversa que ocorreu há muito tempo entre nós,

---

\* Original em inglês.

e que o senhor não esqueceu – como tive o prazer de ouvir –, não esclareceu totalmente o assunto em sua mente. Procurarei fazê-lo agora por escrito, apesar de isto envolver a necessidade de um resumo, além de outras limitações. Porém, é forte a minha esperança de que as observações seguintes servirão ao nosso tema.

Basicamente, as raízes do “problema” encontram-se numa concepção errônea da linha científica, ou simplesmente: qual é a essência da ciência. Há necessidade de diferenciar entre a ciência empírica, experimental, cujo objetivo está limitado à descrição e classificação dos fenômenos observados, e a “ciência” teórica, especulativa, que se ocupa de eventos não conhecidos cuja experimentação em laboratórios por vezes é impossível. O termo “especulação científica” inclui, na verdade, um paradoxo, pois ciência, na sua interpretação precisa significa “conhecimento”, enquanto nenhuma especulação pode ser denominada de conhecimento no sentido preciso da palavra.

Na melhor das hipóteses, a ciência pode falar apenas de “teorias” deduzidas de certos fatos conhecidos e da formulação de conclusões em um âmbito desconhecido. Aqui a ciência tem dois métodos gerais de dedução:

1- O método da interpolação: no qual, com base no nosso conhecimento das reações em dois extremos determinados, procura-se avaliar qual será a reação num ponto qualquer entre eles.

2- O método da extrapolação: em que são feitas inferências além do campo conhecido, com base em certas variáveis dentro da ordem conhecida. Por exemplo: suponhamos que conhecemos as variações de um certo elemento numa escala térmica de  $0^{\circ}$  a  $100^{\circ}$ , e com base nisto nós estimamos qual poderia ser a reação a  $101^{\circ}$ ,  $200^{\circ}$  ou  $2.000^{\circ}$ .

Dentre os dois métodos, o segundo (extrapolação) é claramente o mais incerto. Mais ainda, a incerteza aumenta com o distancia-



mento do campo conhecido e com a diminuição desse campo. Portanto, se a escala conhecida encontra-se entre  $0^\circ$  e  $100^\circ$ , a nossa inferência a  $101^\circ$  tem uma probabilidade maior do que a  $1.001^\circ$ .

Acentuemos de imediato que qualquer especulação concernente à origem e idade do mundo surge pelo 2º método – e o mais frágil –, o da extrapolação. A fragilidade torna-se mais evidente quando nos lembramos de que a generalização, inferida de uma consequência conhecida para um antecedente desconhecido, é mais especulativa do que uma inferência de um antecedente para um consequente.

Uma inferência de um consequente para um antecedente é mais especulativa do que uma inferência de um antecedente para um consequente – e isto pode ser demonstrado muito simplesmente.

Quatro dividido por dois é igual a dois. Aqui o antecedente é representado pelo dividendo e divisor, e o consequente é o quociente. Conhecendo o antecedente neste caso, temos o quociente (o número 2) como único resultado possível.

Contudo, se conhecemos somente o resultado final, isto é, o número dois, e nos perguntamos por que método podemos chegar a esse número, a resposta admite diversas possibilidades obtidas por diferentes métodos:

I)  $1+1=2$ ; II)  $4-2=2$ ; III)  $1 \times 2=2$ ; IV)  $4:2=2$ .

Devemos notar que se outros números forem introduzidos na operação, o número de possibilidades que podem apresentar o mesmo resultado é infinito (já que  $5-3=2$ ;  $6-4=2$ ; etc., *ad infinitum*).

Além disso, existe uma outra dificuldade que prevalece em todos os métodos que partem do particular para o geral (indução). Conclusões baseadas num certo dado conhecido, quando são ampliativas por natureza, isto é, quando se estendem a áreas desconhecidas, podem ter qualquer validade, com base na premissa de que “tudo o mais permanece constante”; ou seja, a conclusão de que numa identidade de condições prévias a sua ação e reação [agem] uma sobre a outra. Mas, se não pudermos ter certeza de

que as variações ou mutações possuirão, ao menos em grau, uma relação íntima com as variáveis existentes; se nós não pudermos ter certeza de que as mutações possuirão alguma semelhança em qualidade; mais ainda, se nós não pudermos ter certeza de que não há outros fatores envolvidos – tais conclusões ou inferências são absolutamente destituídas de valor.

Para maior ilustração, vou citar um dos pontos que acredito ter mencionado durante a nossa conversa. Numa reação química, seja fissão ou fusão, a introdução de um novo catalisador no processo, por mais diminuta que seja a quantidade desse novo catalisador, pode alterar toda a duração e a forma do processo químico, ou iniciar um processo inteiramente novo.

Nós ainda não superamos todas as dificuldades inerentes às assim chamadas teorias “científicas” relativas à origem do mundo. Lembremo-nos de que toda a estrutura da ciência está baseada nas observações de reações e processos no comportamento dos átomos em seu estado presente, tal como existem agora na natureza. Cientistas lidam com conglomerados de bilhões de átomos tal como já se encontram agrupados, e também quando já estão relacionados com outros conglomerados de átomos existentes. Cientistas sabem muito pouco sobre os átomos em seu estado primitivo, sobre como um átomo isolado pode reagir sobre um outro átomo isolado num estado de separação, e muito menos sobre quais partes de um átomo isolado podem reagir em outras partes do mesmo ou de outros átomos. Uma coisa a ciência considera certa, e isto é que as reações de átomos isolados uns sobre os outros é totalmente diferente das reações de um conglomerado de átomos sobre outro.

Podemos agora resumir a fragilidade, senão a inutilidade, das assim chamadas teorias científicas relativas à origem e idade de nosso universo:

1- Essas teorias foram desenvolvidas com base em dados observados durante um período de tempo relativamente curto, de apenas um número de décadas, e em qualquer hipótese, não mais do

que um par de séculos.

2- Com base nessa quantidade relativamente tão pequena (e de modo nenhum perfeita) de dados conhecidos, cientistas se aventuraram a construir teorias pelo frágil método da extrapolação, e do conseqüente para o antecedente, estendendo-a por vários milhares (de acordo com eles, milhões e bilhões) de anos!

3- Desenvolvendo tais teorias, eles levemente ignoram fatores universalmente admitidos pelos cientistas, ou seja, de que no período inicial do “nascimento” do universo, as condições de temperatura, pressão atmosférica, radioatividade etc. [eram] totalmente diferentes das que existem no estado presente do universo.

4- Existe um consenso na opinião científica de que devem ter existido muitos elementos radioativos no estágio inicial, e que estes não existem mais, ou existem apenas em quantidades mínimas; alguns dentre eles são elementos cujo poder catalítico, ainda que em doses mínimas, é conhecido.

5- A formação do mundo, conforme essas teorias, iniciou-se com um processo de ligação (de união) de átomos isolados, ou dos componentes do átomo, e sua conglomeração e consolidação, envolvendo processos e variáveis totalmente desconhecidas.

Em resumo, de todas as frágeis teorias “científicas”, aquelas que lidam com a origem do cosmos e com a sua idade são (reconhecidamente, pelos próprios cientistas) as mais fracas dentre as fracas.

Não é de admirar (e isto incidentalmente é uma das refutações óbvias dessas teorias) que as diversas teorias “científicas” concernentes à idade do universo não apenas se contradizem, mas algumas delas são totalmente incompatíveis e reciprocamente exclusivas, já que a idade máxima [do universo] que uma teoria [alega] é menor do que a idade mínima [do universo proposta] pela outra.

Se alguém aceita sem críticas uma teoria dessas, isto somente

pode levá-lo a um raciocínio enganoso e inconsequente. Meditemos, por exemplo, na assim chamada teoria da evolução da origem do mundo, que se baseia na presunção de que o universo evoluiu de partículas atômicas e subatômicas, as quais, por um processo evolutivo, desenvolveram-se até tornar existente o mundo físico, no qual se desenvolve agora vida orgânica – isto também num processo evolutivo, até o surgimento do *homo sapiens*. É difícil entender por que alguém estaria pronto a aceitar a criação de partículas atômicas e subatômicas num estado que, todos admitem, é desconhecido e inconcebível, ao mesmo tempo em que relutaria em aceitar a criação de planetas ou organismos ou um ser humano tal como nós sabemos que existem.

Também o argumento da descoberta de fósseis de modo algum é evidência conclusiva da antiguidade da terra, pelas seguintes razões:

1- Diante das condições desconhecidas que existiam nos tempos “pré-históricos”, condições de pressão atmosférica, temperatura, radioatividade, catalisadores desconhecidos etc., como já foi mencionado, – condições essas que poderiam ter causado reações e mudanças de natureza e ritmo completamente diferentes das conhecidas sob os ordenados processos atuais –, não se pode excluir a possibilidade de que dinossauros existiram há 5722 anos atrás e tornaram-se fossilizados sob terríveis cataclismas naturais no curso de alguns anos, em vez de milhões de anos, visto que nós não temos meios de aferição ou critérios de cálculo sob essas condições desconhecidas.

2- Mesmo presumindo que o período de tempo que a Torá admite para a idade do mundo seja absolutamente curto demais para a fossilização (apesar de que eu não vejo como alguém pode ser tão categórico), nós podemos ainda aceitar prontamente a possibilidade de que D’us criou fósseis já prontos, ossos ou esqueletos (por razões que Ele conhece), assim como Ele foi capaz de criar organismos vivos já prontos, um homem completo e produtos acabados, como petróleo,

carvão ou diamantes, sem nenhum processo evolutivo.

E no que toca à questão, se for certo o que consta acima (item 2), em primeiro lugar, por que D'us precisou criar fósseis? A resposta é simples: nós não podemos conhecer a razão pela qual D'us escolhe este modo de criação ao invés de outro, e seja qual for a teoria da criação aceita, a questão permanecerá sempre sem resposta. A pergunta – “por que criar um fóssil?” – não é mais válida do que a pergunta, “por que criar um átomo?” Certamente uma pergunta como esta não pode servir como argumento sólido, e muito menos como base lógica, para a teoria da evolução. Que base científica existe para limitar o processo de criação apenas a um processo evolutivo, iniciado com partículas atômicas e subatômicas – uma teoria cheia de falhas inexplicadas e complicações – enquanto se exclui a possibilidade de criação conforme apresentada pelo relato bíblico? Pois se tal possibilidade for admitida, tudo se acomoda em seu lugar, e qualquer especulação relativa à origem e idade do mundo torna-se desnecessária e irrelevante.

Certamente não é argumento válido questionar essa possibilidade dizendo, “por que o Criador haveria de criar um universo pronto, quando teria sido suficiente para Ele criar um número adequado de átomos ou de partículas subatômicas com a capacidade de coligação e evolução para se desenvolverem na ordem cósmica atual?” O absurdo deste argumento torna-se mais óbvio quando utilizado como base de uma teoria leviana, como se esta fosse baseada em argumentos perfeitos e irrefutáveis que anulam quaisquer outras possibilidades.

Pode-se perguntar: se as teorias que tentam explicar a origem e idade do mundo são tão fracas, como elas foram desenvolvidas, *a priori*? A resposta é simples. É típico da natureza humana procurar uma explicação para tudo ao redor, e qualquer teoria, não importa quão artificial, é melhor do que nenhuma – pelo menos até que uma explicação mais provável possa ser imaginada.

O senhor pode agora perguntar: na ausência de uma teoria mais

sólida, por que então o relato bíblico da criação não é aceito pelos cientistas? A resposta novamente encontra-se na natureza humana. É uma aspiração humana natural ser inventivo e original. Para aceitar o relato bíblico, o cientista sente necessidade de imaginar razões para “justificar” por que o faz, e refugia-se ao classificá-la como “mitologia” antiga e primitiva, ou coisa similar, já que ele não pode realmente refutá-la com bases científicas.

Se o senhor ainda está confuso com a teoria da evolução, posso afirmar sem receio de contradição de que ela não tem nem uma migalha de prova para se sustentar. Pelo contrário, durante os anos de pesquisa e investigação desde que a teoria foi desenvolvida pela primeira vez tem sido possível observar milhares de gerações de certas espécies de animais e vegetais cujas vidas têm curta duração, e, apesar disto, jamais foi possível estabelecer transmutação de uma espécie em outra, e muito menos transformar um vegetal em animal. Consequentemente, uma teoria como esta não pode encontrar respaldo no arsenal da ciência empírica.

A referida teoria da evolução de fato não está de acordo “com o relato” da Torá sobre a Criação. Pois mesmo se a teoria da evolução fosse confirmada atualmente, e a mutação das espécies fosse provada em testes de laboratório, isto ainda não contradizeria a possibilidade de o mundo ter sido criado conforme afirmado na Torá, preferencialmente ao processo evolutivo. O objetivo principal pelo qual citei a teoria da evolução foi ilustrar quanto uma teoria altamente especulativa e cientificamente inconsistente pode capturar a imaginação dos carentes de senso crítico, a ponto de ser até apresentada como uma explicação “científica” para o mistério da criação, não obstante o fato de que a teoria da evolução em si não foi cientificamente confirmada e é destituída de qualquer base científica real.

É desnecessário dizer que não é minha intenção menosprezar a ciência ou desacreditar o método científico. A ciência não pode agir a menos que aceite certas teorias de operação ou hipóteses, mesmo quando estas não podem ser verificadas (apesar de que al-

gumas teorias costumam a desaparecer quando são cientificamente refutadas ou desacreditadas – e a teoria da evolução é um caso típico). Nenhum progresso técnico teria sido possível a menos que certas “leis” físicas fossem aceitas, ainda que não exista garantia de que tal “lei” se repetirá. Contudo, desejo enfatizar, como já foi mencionado, que a ciência lida apenas com teorias, mas não com certezas. Todas as conclusões científicas ou suas generalizações podem apenas ser prováveis, em maior ou menor grau, conforme as precauções tomadas na utilização da evidência disponível, e o grau de probabilidade necessariamente decresce com o distanciamento dos fatos empíricos, ou com o crescimento das variáveis desconhecidas etc., conforme já foi indicado. Se tiver isto em mente, o senhor perceberá prontamente que não pode haver nenhum conflito real entre qualquer teoria científica e a Torá.

Meus comentários acima tornaram-se um tanto mais longos do que o pretendido, mas ainda são demasiadamente breves em relação às concepções errôneas e à confusão que prevalecem em muitas mentes. Ademais, meus comentários tiveram que ser limitados a observações gerais, e este dificilmente é o meio de se chegar a maiores detalhes. Se o senhor tiver quaisquer questões posteriores, não hesite em me escrever.

Para concluir, um ponto que tocamos em nossa conversa:

A *mitsvá* de colocar *tefilin* em cada dia comum da semana – no braço, de encontro ao coração, e na cabeça, a sede do intelecto – indica, dentre outras coisas, o verdadeiro posicionamento judaico: primeiro a ação (braço), com sinceridade e de todo coração, seguida pela compreensão intelectual (cabeça), ou seja, *naassé* (faremos) primeiro, depois *venishmá* (e ouviremos). Que este espírito preencha o seu intelecto e desperte os seus poderes emocionais, encontrando expressão em cada aspecto da vida cotidiana, pois “o essencial é a ação na prática”.

Com bênção.

## 49. CONTINUAÇÃO DO MESMO TEMA

- A validade que a *Halachá* confere às conclusões científicas
- A diferença com o século 19
- O trabalho do cientista
- As mudanças cataclísmicas
- Os relógios geológicos e a desordem da África do Sul

B”H

17 de *Cheshvan* de 5723 (1962)

Saudação e bênção!

Meu secretário, o Dr. Nissan Mindel, chamou minha atenção para a sua carta de 23 de outubro. Gostei de observar que dedicou seu tempo ao estudo de minha carta de 18 de *Tévet* de 5722, e formulou suas observações a respeito por escrito. Fico muito grato.

Em minha resposta posso seguir a ordem de minha carta à luz de suas observações ou responder a elas conforme aparecem em sua carta. Decidi seguir a última. Em todo caso, confio que nossas opiniões sejam conciliáveis, porque, como indicado no primeiro parágrafo de sua missiva, você compartilha plenamente os objetivos da minha, ou seja, dissipar toda dúvida de que a ciência lança um desafio aos mandamentos da Torá.

Gostaria de começar com duas observações introdutórias:

a – Quero dizer que minha carta não supõe uma negação ou desprezo da ciência ou do método científico. Na verdade, assim deixei claro explicitamente até o final desta. Espero que não me acuse de tentar menosprezar as conquistas científicas, especialmente porque em determinadas esferas a opinião da Torá confere mais importância à ciência que a própria ciência afirma possuir; portanto, muitas leis *haláchicas* estão orientadas para as conclusões científicas (como, por exemplo, no âmbito da medicina), e lhes conferem a validade da realidade objetiva.

b – Foi atribuída a você uma observação no sentido de que as-



sim como os problemas rabínicos devem ser examinados por uma pessoa versada em estudos rabínicos, os problemas científicos devem do mesmo modo circunscrever-se à jurisdição daqueles que estudaram ciências. Não sei se é certo que essa observação tenha sido formulada por você, mas de todo modo creio que não devo deixá-la passar, porque estou de acordo com esse princípio. Estudei ciências em nível universitário em Berlim de 1928 a 1932, e em Paris, de 1934 a 1938, e desde então tenho procurado manter-me sempre a par dos progressos científicos em determinadas esferas.

Agora passemos à sua carta.

1 – Obviamente, estou totalmente de acordo de que (com relação ao objetivo acima mencionado) as teorias científicas devem ser julgadas segundo as normas e critérios estabelecidos pelo próprio método científico. Este é exatamente o princípio que segui em minha carta. Por isso, você disse que omiti intencionalmente em minha análise toda referência às Escrituras, ao Talmud etc.

2 – Você me disse em sua carta que aplaude de todo coração o rodapé que faço no final, de que todas as teorias científicas jamais significam verdades absolutas. Sem dúvida, fui ainda mais longe. O que quero dizer não é que a ciência não está agora em condições de oferecer verdades absolutas, mas sim que a mesma ciência moderna impõe seus próprios limites, e declara que suas previsões são, e sempre serão, em todos os casos, meramente “muito prováveis”, mas não seguras; a ciência fala unicamente em “função de teorias”. E, como você sabe melhor do que eu, há uma diferença conceitual básica entre a ciência de hoje e a ciência do século 19. No passado as conclusões científicas se consideravam “leis” naturais no sentido estrito do termo; eram tidas como fixas e certas, mas a ciência moderna não apoia essa opinião.

Por falar nisso, essa opinião discorda do conceito de Natureza e de nosso conhecimento desta (a ciência), conforme afirmado na

Torá, porque a ideia de milagres supõe uma troca da ordem estabelecida, e não a ocorrência de um fato pouco provável.

O fato de admitirmos a limitação da ciência, estabelecida por ela mesma, tal como indicado acima, basta para esclarecer qualquer dúvida de que a ciência poderia representar um desafio à Torá. O restante da minha carta tinha por objetivo simplesmente destacar ainda mais essa questão, pois como já mencionei, de acordo com a Torá – ou seja, no plano da fé, e não da ciência – é inadmissível que as conclusões da ciência tenham a validade da “lei” natural.

3 – Na continuação, você lamenta aquilo que considera um “ataque injustificado” contra as motivações pessoais dos cientistas. Sem dúvida, não se fará na minha carta um ataque generalizado como esse. Nela me referi concretamente a um setor específico de cientistas numa determinada esfera da investigação científica, isto é, aqueles que produzem hipóteses sobre o que na verdade ocorreu há milhares de milhares de anos, como, por exemplo, a teoria da evolução do mundo – hipóteses estas que não têm importância alguma para a investigação atual (como é visto, na mencionada carta, no parágrafo imediatamente posterior ao parágrafo que você cita). Tais hipóteses não apenas são altamente especulativas, como não são estritamente científicas, estando, de fato, repletas de falhas internas. Sem dúvida, embora careçam de uma base sólida, esses cientistas rechaçam por completo qualquer outra explicação (inclusive o relato bíblico). O que se tem procurado analisar são as motivações desses cientistas, por que suas atitudes não podem comparar-se ao desejo de promover a verdade, ou o adiantamento tecnológico, a investigação científica etc. Não foi minha intenção acusá-los – e, em todo caso, não a todos eles – de elementos antirreligiosos, especialmente porque alguns deles, inclusive alguns dos investigadores da teoria, eram religiosos. Por conseguinte, procurei explicar sua atitude por meio de uma característica humana comum: a ocorrência de enganos e distinção. Dito isso, essa característica natural tem seus aspectos positivos e também é básica em

nossa religião, pois sem o incentivo dos enganos nada se poderia conseguir.

4 – Sua observação quanto ao erro na utilização dos termos fissão e fusão com referência à reação química é, sem dúvida, válida e aceita de boa vontade. Creio, porém, que o significado não tenha sido afetado por ele, porque indiquei em duas oportunidades, nesse parágrafo, que o tema de que se tratava era reação química. Indubitavelmente deveriam ter sido empregados os termos combinação e decomposição. Na verdade, creio que o emprego diferenciado desses termos no que diz respeito às reações nucleares e químicas é mais convencional que básico. Porém, deveria ter sido respeitada a terminologia corrente.

Vale incluir aqui uma nota de explicação com relação à terminologia de minha carta. Se os termos e as acepções empregados não são sempre os atuais, isso se deve a: a) o fato de que nem sempre dito minhas cartas em inglês e, se bem que depois verifico a tradução, a leitura nem sempre assegura que não houve um descuido, tal como ilustra o exemplo em questão; e b) o fato de que recebi minha capacitação científica, como já mencionei, em alemão e francês, e anteriormente em russo, o que poderia também justificar algumas das variações.

5 – Você se refere à minha afirmação de que os cientistas sabem muito pouco sobre a interação de átomos e partículas subatômicas isolados, e enfoca sua pertinência com relação às teorias sobre a idade do mundo. A pertinência se baseia no seguinte: A teoria da evolução, conforme aplicada à origem do nosso sistema solar e do planeta Terra, dos quais se deduz a idade, supõe (pelo menos no caso da maioria das hipóteses) que “no começo” havia átomos e partículas subatômicas em estado pristino, que logo se condensaram, se combinaram etc.

Estou convencido do fato de que uma parte considerável da investigação física se concentrou na interação de unidades distintas

que vão desde o átomo até as partículas mais elementares de que se tem conhecimento. Sem dúvida, até 1931, das partículas subatômicas somente eram conhecidos e “explorados” os prótons e os elétrons. A câmara de borbulhas não foi construída até 1952, e o microscópio de campo iônico (criado em 1936 pelo Dr. Muller, da Penn State University), que permitiu observar o átomo e as partículas subatômicas, somente na década de 50. Creio que temos bons motivos para pensar que, assim como o conhecimento científico foi enriquecido pela introdução do primeiro microscópio, podemos esperar um adiantamento análogo com a ajuda do modelo mais recente (ainda que precedido pelo microscópio eletrônico). Em consequência, pode-se supor que tudo que temos aprendido na esfera nuclear nos últimos decênios é muito pouco se comparado com o que achamos que poderemos aprender nas próximas décadas.

6 – Você não concorda com a afirmação de que as condições de pressão, temperatura, radioatividade etc., devem ter sido “totalmente diferentes” nas primeiras etapas, segundo supõem alguns evolucionistas, das condições atuais, e você garante que essas condições ambientais, na maioria dos casos, ou se recriaram em laboratório ou se observaram em fenômenos naturais. Neste caso, e com o devido respeito, permito-me discordar da sua opinião, e creio que o estudo das fontes confirmará minha declaração.

7 – Você afirma que não há provas de que algum elemento radioativo produza mudanças cataclísmicas, e prossegue dizendo que em minha carta não está definida uma distinção bem clara entre a cosmogonia e a geocronologia. O motivo pelo qual em minha carta não estabeleci tal distinção é que ela não é pertinente ao nosso debate. O tema de minha carta é a teoria da evolução na medida em que contradiz o relato da Criação na Torá. Segundo a Torá, a criação de todo o universo foi *ex nihilo* – “algo” a partir de “nada” –, inclusive a Terra, o sol etc. A teoria da evolução apresenta, ao

contrário, uma explicação distinta da aparição de nosso universo, do nosso sistema solar e da Terra. Ora, ao avaliar esta teoria tenho presente o fato de que a força de uma cadeia se mede por sua conexão mais fraca, e na minha carta procurei assinalar algumas das conexões mais débeis em ambas as esferas, a da cosmogonia e a da geocronologia. Em relação à geologia e às mudanças e cataclismas que ocorreram numa época em que todo o universo supostamente se encontrava num estado de violenta instabilidade atômica, em que os mundos se chocavam etc., mudanças cataclísmicas que não se pode descartar, a mencionada reação nuclear deveria ter produzido mudanças que invalidariam qualquer cálculo sobre a evolução. De maneira análoga, na evolução da vida vegetal, animal e humana sobre a terra, processos radioativos de tal magnitude deveriam ter produzido mudanças repentinas e transmutações que normalmente teriam levado períodos de tempo prolongados.

8 – Por fim, você afirma que a questão decisiva que deve ser examinada com relação à geocronologia é a existência de objetos e formações geológicas dentro e fora da terra que cumprem a função de relógios fisicamente observáveis etc. Sem dúvida, já assinalei em minha carta que esses critérios são válidos unicamente com relação ao momento atual e ao futuro, mas que não podem ser aplicados cientificamente ou logicamente a um estado primordial. A título de ilustração: ainda que eu não mencione nenhum dos objetos a que você se refere, examinemos o método para determinar idades mediante o carbono radioativo, pois a maioria das cartas e perguntas que recebo sobre esse tema se referem a ele. Este método supõe que a intensidade média dos raios cósmicos tem permanecido constante durante todo o período em estudo e que a mescla atmosférica é rápida se comparada com o término da vida média do carbono 14. Ora, e para mencionar apenas uma das falhas desse critério: este exige que a capacidade de proteção (densidade etc.) da atmosfera permaneça constante. Sem dúvida, a teoria da evolução baseia-se na premissa de que se produziram mudanças muito radicais. Esse

mesmo tipo de situação se apresenta em relação a outros métodos para estabelecer a idade do mundo. Digamos de passagem, em anos recentes certos geólogos da África do Sul descobriram uma tamanha desordem na formação geológica dessa parte do mundo que contradizia todas as teorias geológicas aceitas. O descobrimento já foi divulgado, mas como não disponho dos meios de informação empregados, simplesmente os menciono de passagem. Proponho que você volte a ler na página 5 da minha carta o parágrafo que começa com “A teoria da evolução...”

Se desejar prosseguir com este debate, peço que não hesite em escrever-me.

Com estima e bênção,

---

PS: Acabo de pedir emprestado um de seus livros, *The Attenuation of Gamma Rays and Neutrons in Reactor Shields*; permita-me dizer que fiquei muito impressionado perante os esforços, o material e a clareza da apresentação. Tomei nota de suas observações a respeito das “discrepâncias entre a teoria e a experimentação”, que aparecem mais de uma vez em seu livro, bem como a afirmação dos efeitos de que “não apenas o organismo mais simples é uma entidade incrivelmente complicada, cuja química e física são ‘apenas observáveis’ (a ênfase é minha), como a modalidade científica clássica do experimento forçosamente ‘está ausente’, dito no estudo dos efeitos da radiação”. Tal afirmação é muito importante e tem relação direta com a teoria da evolução, que supõe uma era de inimaginável radioatividade tanto no universo como no nosso planeta Terra.

## 50. SOB OUTRA PERSPECTIVA\*

- As duas tendências entre os jovens
- O privilégio de ajudar outros judeus a encontrar seu caminho autêntico

B”H

18 de *Cheshvan* de 5723 (1962)

Saudação e bênção!

Além da minha carta de ontem, na qual me limitei a uma análise puramente científica, essa segunda carta expressa minha autêntica proximidade a você, o modo de aproximação de um judeu no espírito da Torá.

Gostaria de dizer que o princípio básico do estilo de vida judaico é “Conhece a Ele em todas as tuas sendas”\*\*. Este princípio foi enunciado no Talmud, a Resposta Antiga e Posterior, até ser formulado em caráter de *peesakim* – legislação – no *Shulchan Aruch* (Código de Leis Judaicas, *Orach Chaim*, seção 231). Ali se explica que a missão de vida de todo judeu consiste em reconhecer D’us nas atividades mais simples da vida cotidiana, como comer, beber etc. Muito mais, então, isto se aplicará no caso de uma pessoa dotada de capacidade, conhecimentos e uma posição influente. Estes são dons da Divina Providência que o judeu tem a obrigação de consagrar ao serviço de D’us, de difundir a Divindade pela Torá e *mitsvot* na maior medida de sua capacidade, observando os mandamentos, “Chamarás a atenção” e “Amarás ao teu próximo como a ti mesmo” – o grande princípio de nossa Torá. E como, segundo a Torá, tudo que existe no mundo tem uma ordem e uma medida, e nada é supérfluo, a obrigação e o *zechut* – privilégio – de todo judeu são proporcionais à sua capacidade e oportunidades.

Mesmo que o tenha visto apenas ligeiramente, tive algumas impressões que foram confirmadas pelo seu livro, o único que pude

---

\* Original em inglês

\*\* *Provérbios* 3:6.

obter até agora, assim como pelo que tenho ouvido sobre você e sua posição no mundo acadêmico e em outras esferas. Não tenho dúvida de que você tem oportunidades pouco usuais de divulgar Torá e *mitsvot* entre amplos círculos de cientistas, estudantes e leigos. Nos anos recentes, especialmente nos Estados Unidos, temos observado duas tendências entre os jovens judeus, que seguem direções totalmente opostas. Por um lado tem havido uma busca mais intensa da verdade, um anseio por alcançar uma maior identificação com nosso povo e nossos eternos valores. Por outro lado, também tem aumentado a assimilação, os casamentos mistos etc. Fora das instituições de ensino superior e das universidades de algumas cidades importantes, a situação em relação à *kashrut*, *Shabat* etc., nas cidades universitárias é lamentável, para não mencionar a confusão e os equívocos difundidos em relação aos enunciados básicos de nossa fé.

Se forem estimuladas e utilizadas adequadamente as tendências mencionadas até este momento tão auspicioso, há boas possibilidades de que estas ganhem impulso e tornem-se mais difundidas, e, com o tempo, também mais profundas. Se, como dizem nossos Sábios, salvar uma alma é salvar o mundo inteiro, quanto mais então será se forem salvas tantas almas judias (perdidas).

Desejo expressar minha ardente esperança e, se necessário, também meu chamado urgente para que você faça valer todo seu prestígio como cientista renomado à frente de um esforço decidido em prol da Torá e das *mitsvot*. Fui informado de que você foi eleito Presidente da Organização de Cientistas Judeus Ortodoxos para o corrente ano. Você poderia marcar o passo para que toda a organização, individual e coletivamente, siga seu exemplo iniciando uma “reação em cadeia”.

Quero concluir com um conhecido provérbio do *Baal Shem Tov*, que meu sogro citava com frequência, que sua lembrança seja abençoada: “D’us envia à terra uma alma, que é realmente uma parte de D’us, para morar aqui, investida num corpo durante 70 ou 80 anos, com o objetivo de fazer um favor a outro judeu, mate-



rial e espiritualmente.” Se um único favor justifica toda uma vida sobre a terra, muito maior há de ser o *zechut* de um esforço feito para ajudar outro judeu, e muitos deles, a encontrar seu caminho verdadeiro, o caminho da Torá e das *mitsvot* na vida diária.

Queira D’us que suas palavras vindas do coração penetrem nos numerosos corações que estão atentos e ansiosos por responder, e que D’us lhe dê êxito nesta atividade, assim como em todas as outras que você empreende em seu benefício e no de sua família.

Com bênção.

## 51. A TEORIA DA EVOLUÇÃO

- A ótica do Judaísmo tradicional frente a Darwin e Lemarck
- Os erros da mesma Teoria
- Essa Teoria cumpre os critérios do método científico?

B”H

27 de *Tévet* de 5713 (1952)

Saudação e bênção!

... em relação à sua pergunta sobre “a ótica da Torá e do Judaísmo tradicional sobre a Teoria da Evolução”, na qual aparentemente você se refere à teoria cujo fundador foi Darwin (ou, talvez, também à teoria de Lamarck, que é a teoria da evolução por mutações súbitas, diferente da anterior):

a) A ótica da Torá é clara, pois um dos motivos para o preceito de cessar o trabalho no sétimo dia de cada semana é: “Pois em seis dias D’us fez os céus e a terra, e no sétimo dia parou de trabalhar e descansou”. Disso se entende que os Seis Dias da Criação são dias literais, e não de acordo com aqueles que querem interpretá-los como seis períodos. Fica também evidente das palavras de nossos Sábios, em diferentes locais, que os seis dias do Gênesis foram, cada um deles, dias de 24 horas (ver *Pirkei* de Rabi Eliezer, cap. 3; *Midrash Rabá Bereshit*; *Sanhedrin* 38b, e em outros locais).

b) No relato sobre a Criação foi especificada também a ordem desta – quais coisas foram criadas no terceiro dia, quais foram no quarto, no quinto e no sexto. Isso quer dizer que as espécies foram criadas, cada uma delas, individualmente. Tal como indica o sentido literal dos versículos, que a terra produziu vegetação, peixes, seres aquáticos, voadores, feras e animais, e logo foi criado o homem, e não que evoluíram um do outro.\*

O mesmo acontece com vários pensadores judeus tementes a D’us da Idade Média e dos nossos dias, que creem ser um dever santificar o Nome de D’us alterando a interpretação das palavras de nossos Sábios para harmonizá-las com as teorias “científicas”, pois assim se verão enaltecidos aos olhos de vários círculos judaicos, e também de gentios.

Outro exemplo: sabe-se quanto esforço empregaram alguns dos Grandes de Israel para harmonizar a interpretação literal dos versículos que descrevem o movimento do sol e da lua, e “a terra está parada para sempre”, com a teoria de Copérnico, considerada verdade absoluta durante algum tempo, até surgir a Teoria da Relatividade de Einstein, que demonstrou (obviamente, uma evidência segundo o grau de conhecimento de hoje) que a partir da perspectiva científica é impossível provar de alguma maneira na relação astros/Terra quem se mantém estático e quem está em

---

\* São conhecidas as interpretações que se encontram em certos livros, particularmente o ensaio intitulado *Or HaChaim*, que você menciona em sua carta, que podem vincular-se à Teoria da Evolução. Porém, quem examinar atentamente o que é expresso nesses livros e ensaios poderá ver que não foram escritos com base num conhecimento cabal sobre o acertado da teoria, mas sim a respeito de uma intenção específica que encontramos na literatura apologetica: quiseram mostrar ao mundo não-judeu que é possível encontrar suas opiniões e teorias incluídas nas Sagradas Escrituras e nos enunciados de nossos Sábios. Seus próprios redatores sabiam que esta não era mais que uma resposta bastante forçada, uma resposta conjuntural, pois se viram obrigados a escrever desse modo para melhorar a ótica e a relação do “mundo” com a nossa Torá, visto que eles mesmos eram conscientes de que essa interpretação não era verdadeira. Quem melhor que Maimônides, sobre o qual os Grandes de Israel disseram, “de Moshê [*Rabeinu*] a Moshê [ben Maimon, Maimônides], não houve ninguém como Moshê [Maimônides]”? Quem examinar criticamente sua obra *Yad Hachazaká* verá a que ponto as interpretações de *Moré Nevuchim* – o “*Guia dos Perplexos*” [também de Maimônides] –, particularmente no que diz respeito aos motivos subjacentes aos preceitos, não constituíam seu próprio sistema na Torá.

movimento. Por conseguinte, também é possível que a Terra seja estática e os astros girem em seu redor, e não há necessidade alguma de despojar os versículos e enunciados de nossos Sábios de seu sentido literal, torcendo-os com interpretações difíceis e forçadas, pois não se deve entendê-los em seu sentido textual.

c) Sobre a Teoria da Evolução propriamente dita, o enfoque da ciência ao formular uma teoria é que esta deve nascer da necessidade de dar uma resposta a fenômenos e questões incompreensíveis observados na realidade, e que a teoria deve basear-se em fundamentos recolhidos da natureza e dos sentidos. Em outras palavras, o objetivo de uma hipótese científica é interpretar um fenômeno de difícil compreensão por meio de explicações comprovadas na própria natureza que convertam esse fenômeno em algo *mais singular*. E uma das exigências iniciais do método científico é que se possa comprovar na natureza se suas próprias conclusões são ou não coerentes.

O mesmo se aplica ao nosso caso: houve quem perguntasse como se criaram e de onde vieram os vários tipos e espécies que se encontram na natureza, seja no reino mineral, vegetal, animal, bem como na espécie humana. E pretenderam dissipar a grandeza do interrogante mediante uma teoria segundo a qual, a princípio, não houve mais que organismos muito elementares, a partir dos quais, com o decorrer dos tempos, surgiram organismos compostos mais complexos, visto que dos primórdios de um organismo unicelular se desenvolveram os animais de ordem superior, incluindo a espécie humana.

Ora, para que esta teoria possa ser chamada de “científica” ela precisa cumprir vários requisitos. Entre eles, conforme afirmado anteriormente:

1 – A evolução de um ser composto e completo a partir de um organismo simples deve ser um fenômeno visível na natureza, ou pelo menos deve haver alguém digno de confiança que testemunhe

ter visto esse fenômeno em várias oportunidades.

Não obstante, é fato conhecido por todos que não há sequer um único testemunho fidedigno de quem viu a evolução de um organismo a partir de outro. O que viram, incluindo até o que o próprio Darwin relata em seu célebre livro, foram apenas mutações leves em alguns órgãos, assim como também encontraram esqueletos que têm semelhança com alguma espécie vivente, e disseram que seria uma conjectura válida afirmar que uma espécie evoluiu de outra, e o mesmo vale para as espécies de pombas e o cavalo, sobre os quais se apoia em grande parte a Teoria da Evolução.

2 – A situação e a descrição baseada na Teoria da Evolução deve ser mais compreensível e singela que a crença de que tudo se criou a partir do nada (*creatio ex-nihilo*).

Sem dúvida, não há nenhuma evidência na natureza que nos permita dizer que foi mais fácil um organismo simples se converter num ser humano do que o homem ter sido criado a partir do nada. Ou, em outras palavras, a interpretação de que um grupo de átomos e moléculas se uniram de uma só vez de maneira tal que deram origem à existência do homem não é mais conflitante do que afirmar que um grupo de células elementares que sofreram mutações em suas condições “de vida” se alteraram com o passar do tempo até se converterem em órgãos totalmente diferentes uns dos outros, como o cérebro que está na cabeça, o globo ocular e o dedo do pé.

d) Existem seres, tanto entre os vegetais como entre os animais inferiores, cujo tempo de vida é extremamente breve, pelo que o homem pôde observar no decorrer das mudanças que se produzem em seus organismos em várias gerações. Assim mesmo, o observador tem a possibilidade de alterar suas condições de vida em maior medida. Isto posto, os homens da ciência até agora não conseguiram desenvolver uma espécie a partir de outra, e seu único feito se reduz a ter alterado as características de vegetal ou animal numa certa medida, ou de ter integrado uma espécie com outra, produ-

zindo uma intermediária. Mas não chegaram a desenvolver uma espécie de nível superior a partir de uma espécie de nível inferior.

e) Todos os cientistas conhecem e aceitam a assim chamada “lei de conservação da matéria”, ou, segundo as mais recentes conclusões da ciência, a “conservação” da soma total de matéria e energia. Em consequência, com base nesta lei, todos os átomos e suas partículas estavam presentes no começo da Criação (ou sempre estiveram, na opinião dos agnósticos).

Ora, de acordo com a Teoria da Evolução deve-se afirmar que todos os átomos já existiam em um começo, porém estavam disseminados e logo se reuniram uns com os outros de maneiras diferentes e estranhas, e sob condições específicas onde, segundo o cálculo de estatística e probabilidades, a possibilidade de ocorrer tantas condições apropriadas, e todas de uma só vez, é extremamente remota; além disso, segundo essa teoria, é necessário dizer que essas condições (que sob a ótica científica são quase impossíveis) mantiveram-se vigentes durante milhões e milhões de anos, sempre seguindo numa mesma direção, ou seja, evoluindo de inferior a superior e mais aperfeiçoado.

Por outro lado, sob a perspectiva do crente – que D’us criou todos os átomos existentes no mundo a partir do nada – não haverá dificuldade alguma em declarar que o Criador não apenas tem a capacidade de criar um organismo unicelular simples como também uma criatura com milhões de células diferentes, de uma só vez.\*

Essa pergunta, sem dúvida, não se dissipa por meio da Teoria da Evolução. Pois visto que segundo a Torá também as leis naturais são pela Vontade Divina, bem se poderia perguntar: que utilidade têm aquelas leis naturais em virtude das quais se criaram várias espécies que, a critério daqueles que formulam a pergunta, não têm utilidade?

---

\* Há crentes que se apegam à Teoria da Evolução, pois de outro modo se veriam perante uma dificuldade: por que D’us criaria tantas espécies diferentes, para as quais eles não veem nenhuma utilidade etc.?

f) Na Teoria da Evolução propriamente dita encontram-se presentes outras perguntas e questões totalmente incompreensíveis; e também há vários cientistas que discordam dela. Veja, por exemplo, as obras de Fleischmann e Schindewolf (citadas como pós-data ao final desta carta), nas quais há uma severa crítica a essa teoria. Assim também, certamente, você sabe que na Teoria da Evolução propriamente dita há várias contradições. Por exemplo, a respeito do cálculo do tempo de existência da Terra: o cálculo com base nas quantidades de sal no oceano, o cálculo segundo as quantidades de rádio, chumbo e urânio em determinados lugares, o cálculo segundo o estado atual do sol, o cálculo segundo os vestígios e as camadas geológicas em diferentes lugares, uma em cima da outra. Os resultados desses cálculos se contradizem totalmente.

g) Como comentário a ser considerado: mesmo se viesse alguém e dissesse que é possível que agora se separe uma espécie de outra, e que ele testemunhou com seus próprios olhos, isso não seria de forma alguma contraditório com nosso credo e nossa fé (mesmo se, como se disse antes, esse fosse um fenômeno estranho e surpreendente que nenhum homem da ciência aceitaria sem a existência de evidências determinantes de que realmente foi assim). O que eu disse antes é somente isto: que a ordem da Criação, na prática, foi tal como está relatada em nossa sagrada Torá; deve-se dizer que no terceiro dia ocorreu “cubra-se a terra de vegetação... árvore que dá fruto segundo sua espécie”, ou seja, cada espécie individualmente, como disseram nossos Sábios (Talmud, *Chulim* 60b), e tudo isso foi criado no decorrer de doze horas do terceiro dia. Assim foi também a criação das luminárias do céu e das estrelas no quarto dia, a criação dos seres aquáticos e voadores no quinto dia, e os animais, feras e a espécie humana no sexto dia.

Com bênçãos para você e seus companheiros, que subam com sucesso pela senda que conduz à Casa de D’us, que é a senda da Torá e do cumprimento de suas *mitsvot*, exatamente na prática.

## 52. SUPOSIÇÕES ERIGIDAS SOBRE FUNDAMENTOS FRÁGEIS

B<sup>7</sup>H

10 de *Marcheshvan*, 5716

Saudação e bênção!

À sua pergunta sobre o que [você] deve responder quando lhe afirmam que a ciência aparentemente tem provas de que o universo existe há mais de 5715 anos, e se é possível responder a isto com o conhecido pronunciamento dos nossos sábios, de abençoada memória, de que “o Todo-Poderoso construía mundos e os destruía”, [respondo que] a interpretação deste pronunciamento não é esta, pois ali se refere a mundos espirituais, conforme escreveu o *Alter Rebe*\* – extraído dos trechos do *AriZal*\*\* – em *Torá Or, parashat Shemot* (p. 51, d). Quanto ao que dizem – que a ciência tem provas da mencionada afirmação –, isto é uma mentira absoluta, pois a ciência não tem quaisquer provas disto, a não ser uma suposição erigida sobre fundamentos frágeis. É difícil, numa carta, esclarecê-lo com a extensão necessária. O aspecto principal da questão é que a constante dos tratados científicos sobre a matéria, sobre a suposta existência do universo há alguns bilhões de anos, é baseada no que segue:

Já que (nas condições que existem atualmente: temperatura, pressão atmosférica, movimentos dos ventos, quantidade dos diversos elementos que se encontram na face da terra etc.) a cada camada de areia que se junta à margem de um rio corresponde necessariamente um determinado número de anos; e já que se encontram montanhas dessa areia, que têm diversas milhas de altura, então (se alguém pretender dizer que também [essas montanhas] se juntaram de grãos de areia, através de um rio igual a este, e que as condições supra não se alteraram no decurso de todos os milhares de anos, portanto) torna-se necessário para isto tantos e tantos

---

\* Veja nota p. 33

\*\* Acróstico do nome Rabi Yitschak Luria, (1534-1572), fundador e líder da escola cabalística mais significativa. *Z”L* – abreviatura da expressão *Zichrono Livrachá*: de abençoada memória.

anos, e este cálculo alcança muito mais que 5715 [anos].

Mas, quando perguntamos aos cientistas de onde se criaram os grãos de areia, não conseguem responder; e quando lhes perguntamos: do mesmo modo que os grãos de areia foram criados no plano, então é possível dizer que as montanhas também foram originariamente criadas [em sua altura] – eles também não conseguem responder a isto. Quando lhes perguntamos de onde sabem que há cinco mil anos existiam de fato todas as condições em relação às águas, ventos e o rio tal como são hoje, eis que para isto também não têm resposta. Além disso, se alguém pretende dizer que a prova deles é científica, pergunta-se: como é possível que as conclusões das pesquisas relativas à duração da existência do universo, segundo a astronomia, arqueologia, geologia e radiologia, contradigam-se umas à outras de extremo a extremo?! Assim, por exemplo, uma das conclusões é de que é impossível que [o mundo] exista há mais de meio bilhão de anos, e outra conclusão é de que é impossível que ele exista há menos de dois bilhões de anos etc.

Essas contradições constituem, portanto, uma prova clara de que todas essas pesquisas não são senão suposições construídas no ar. E não é esta a ocasião de prolongar o assunto.

Com bênção.

### 53. MAIS SOBRE O MESMO TEMA

- O critério científico depois de Heisenberg
- Conclusões sem base experimental
- Catalizadores, elementos radioativos
- Densidade atmosférica e raios cósmicos
- De onde surgiu o protoplasma primordial?
- Criação *ex-nihilo*
- Evolução sob a ótica científica

B”H

4 de *Sivan* de 5716 (1956)

Saudação e bênção!



... aproveito a oportunidade para acrescentar meu parecer a respeito das dúvidas expostas em sua última carta.

No que diz respeito à contradição, por assim dizer, entre a opinião dos investigadores sobre o tempo necessário “para o surgimento da escritura e desenvolvimento das línguas e das culturas em geral” e a interpretação plena e literal da Torá, os ditos de nossos Sábios e aquilo que é tradicional em nosso povo no decorrer das gerações a respeito da contagem de anos a partir da Criação do mundo – que estamos no ano [5716] desde a Criação, tal como o que se emprega nos documentos etc. – “questão esta que constitui o dilema principal no curso das investigações do presente” – a meu ver não é possível que haja contradição alguma, pois é impossível objetar a algo a partir de uma mera conjectura.

Com isso pretendo dizer o seguinte:

1 – Em termos gerais, em referência a todas as conclusões científicas, é bem conhecido o princípio e fundamento (denominado, creio, como Heisenberg) de que todas as “leis” existentes, em todos os ramos da ciência, não são mais que hipóteses de maior probabilidade, próximas de se tornarem concretas. Ou seja: a pessoa não pode conhecer nada do futuro com absoluta certeza, somente por hipótese. E uma das hipóteses é que quanto mais se aumenta o número de fenômenos, assim aumentará proporcionalmente a fração dos que coincidem com as hipóteses o que se costuma chamar de “lei” – em relação à fração que não coincide com a “lei”. Isso, por sua vez, não é mais que “provável”, como se diz, mas não “garantido”. Por exemplo, ao ver-se uma pedra rolando de baixo para cima e não o inverso, não estaremos perante um fenômeno que contradiz a ciência e suas conclusões, mas sim algo que contradiz o hábito.

O mesmo é válido para todas as “leis naturais”, sem exceção. E com mais razão no que diz respeito às leis da evolução, sobre as quais entre os mesmos cientistas encontramos diferentes teorias que se contradizem e se impugnam umas às outras.

2 – Além do mencionado: ainda que exista no presente uma lei (verdadeira e não hipotética) e uma ordem de evolução fixas, não se poderia aceitá-las como norma para a lei e a ordem de evolução imperantes numa época precedente à nossa em vários milhares de anos.

Quando se tenta analisar a evolução passada, é necessário recorrer a hipóteses muito diferentes e numerosas, e carentes de todo fundamento na experiência. Os mesmos investigadores reconhecem unanimemente que as condições naturais e de vida eram totalmente diferentes das atuais, como a temperatura ambiente, a pressão atmosférica, a presença de elementos radioativos numa medida muito superior à atual, a relação entre o reino animal e o vegetal etc.

É surpreendente que os investigadores empreguem a informação conhecida para a evolução no presente como fundamento de suas conjecturas a respeito de um passado muito distante, como se nada tivesse mudado, formulando hipóteses e tirando conclusões (ainda que nenhum deles jamais tenha tentado verificar suas conjecturas no caldeirão experimental das condições então imperantes), que são aceitas sem titubeios e proclamadas como leis. Como isso é possível?

Se até há pouco tempo permanecia a respeito disso alguma sombra de verdade, em nossa época, época de crise também para a ciência, até essa sombra se dissipou e desvaneceu. A título de ilustração: pôde-se verificar que nem sequer a presença de uma medida extremamente pequena de catalisador, ou de elemento radioativo, altera os fenômenos e sua velocidade, às vezes da maneira mais surpreendente. Esse descobrimento descarta a possibilidade de uma evidência científica para chegar a conclusões científicas sobre o processo de evolução das plantas e dos animais etc., ao redor e sob condições existentes então com elementos radioativos numa medida muito maior que a de hoje.

Essa é apenas uma parte das condições que indubitavelmente mudaram, pois além disso houve também muitas outras mudanças

fundamentais, como a composição da atmosfera e sua densidade, algo que influi de forma cardinal sobre o modo de penetração e o efeito que têm sobre a terra a radiação solar e os raios cósmicos de todo tipo.

3 – Além de todo o enunciado – todas as teorias da evolução (e em consequência todas as perguntas anteriores) se apoiam na hipótese de que inicialmente havia uma massa protoplásmica primordial, que em algum momento e período determinado, por motivos totalmente desconhecidos, começou a evoluir por meio da união progressiva de seus componentes, até que no devido tempo alcançou o nível de vegetal, e logo o de animal etc. Porém, quando se pergunta “qual é a origem do protoplasma primordial?”, a resposta é que “não cabe ao investigador científico responder a essa pergunta”. E se a pergunta for formulada a um investigador crente, ele responderá que foi criada a partir do nada (*ex-nihilo*) pelo Criador. O mesmo é válido para a pergunta fundamental: o que provocou que aquelas causas se pusessem em funcionamento exatamente nessa época e não antes nem depois?

Obviamente não se entende, de maneira alguma, que vantagem oferece e qual o caráter científico de uma hipótese e conjectura que sustenta que o Criador criou milhares de milhões de átomos, impondo-lhes leis determinadas, e que os átomos evoluíram gradualmente com base nessas leis, pelo nosso enunciado – conforme a interpretação literal do Livro do Gênesis – que no primeiro dia D’us criou os céus e a terra, no segundo etc., até que no sexto dia criou o homem já dotado de inteligência, falante e num grau de desenvolvimento superior. Pelo contrário, pela ótica científica contemporânea, a criação de algo a partir de um nada absoluto, nem sequer de um organismo unicelular simples, é uma impossibilidade maior que a criação de um ser de desenvolvimento superior a partir de um ser simples no decorrer de um tempo extremamente breve.

A “contradição”, para chamar de alguma maneira, maior entre a ciência e a fé é o conceito de criação *ex-nihilo*. Porque ciência

significa a explicação a partir de algo visto pelo menos uma vez, e criação *ex-nihilo* é algo que não se pode “demonstrar” dessa maneira. Pelo contrário, segundo as “conclusões” da investigação dos últimos tempos, a aniquilação de “algo” para transformá-lo em “nada” e vice-versa, a criação de algo a partir do nada, é impossível que ocorrer na natureza. Será mais fácil crer na criação de um ser humano desenvolvido, e o mesmo a respeito do mundo animal etc., – tal como disseram nossos Sábios : “Toda a obra do *Gênesis* foi criada de forma plena”\* – para quem crê em criação *ex-nihilo* apesar da mencionada “conclusão”. Não faz sentido limitar a capacidade do Criador exclusivamente à criação de algo a partir do nada, e quem pode fazê-lo, com mais razão pode criar um ser humano a partir da terra.

Em consequência, todas as hipóteses referidas ao tempo necessário para a evolução caem por si mesmas, pois não há nenhuma consideração científica, nem prova, de que os seres não tenham sido criados tal como são hoje (ainda que se pretendesse dizer que posteriormente se agregaram espécies vegetais e animais desenvolvidas daquelas que as precederam).

4 – Sobre isso ouvi perguntar: “Que motivo teria o Criador de criar em separado o mineral, o vegetal, o animal e o ser humano, quando bem poderia ter criado somente o mineral mais simples e deixá-lo evoluir segundo as leis da evolução, sem o incômodo, por assim dizer, de uma criação em seis dias consecutivos?”

Obviamente, esta pergunta não é em nada científica, pois implica uma contradição em si mesma. Pois cientificamente não há motivos para a criação de algo a partir do nada e a instauração de leis naturais tal qual nos são visíveis, pois não tem cabimento perguntar: “Por que supor que houve um determinado fenômeno que é incompreensível à razão humana, quando em lugar deste poderia ter ocorrido um fenômeno diferente? – porque também este

---

\* Talmud, *Rosh Hashaná* 11a.

seria incompreensível ao intelecto humano. Como se disse antes, é o inverso: o segundo fenômeno – a criação de algo a partir do nada –, sob a perspectiva científica, é muito mais “questionável” que a criação do homem tal qual é, partindo do reino mineral, sem graduações intermediárias...

Com bênção.

#### 54. “DURAÇÃO DO MUNDO: SEIS MIL ANOS”

B”H

1 de *Sivan*, 5716

Saudação e bênção!

Em resposta à sua carta de 25 de *Iyar*, agrada-me ler que diversas dúvidas que você possuía desapareceram. Conforme é esclarecido nos livros sagrados, *safek* [dúvida] tem a *guemátriá*\* [correspondente a] Amalek\*\*, e a intenção é a casca\*\*\* [maldade] de Amalek. Pois, no exemplo de Amalek, em sua interpretação simplista, sua característica era de que mesmo que a água do banho fervesse, ele mergulhava nela, contanto que com isto esfriasse os judeus, conforme está escrito: “que ele te esfriou” (veja *Midrash Tanchuma*). Deste modo, [formulou-se] uma regra geral [de solução] para todas as dúvidas a que você se refere, cujas raízes estão de acordo com o explicado, e para quem entende, isto basta.

Sobre o que escreveu ter lido em tratados de astronomia a respeito de estrelas cujos raios de luz precisam percorrer muito mais do que seis mil anos até atingirem a Terra, e pergunta como isto se harmoniza com o que consta na nossa sagrada Torá, de que nos encontramos no ano 5716 da criação:

Mesmo que você pretenda dizer que o mencionado cálculo sobre a distância da estrela é verdadeiro (pois também nisto há divergências entre os astrônomos), eis que o assunto não desperta

---

\* Valor numérico das letras hebraicas.

\*\* Povo da antiguidade bíblica conhecido por sua maldade e inimigo de Israel.

\*\*\* Veja nota p. 83 sobre *kelipot*.

dúvidas sobre a idade da criação. Pois, assim como foram criadas as estrelas, também foram criados os seus raios de luz, e assim como D’us Todo-Poderoso pode criar uma estrela que somente a partir de “então passará a iluminar”, assim também é possível que Ele crie uma estrela juntamente com os raios de luz que emanam dela. Especialmente conforme está dito na primeira porção da nossa Torá, “e foi manhã, dia um”, enquanto a assertiva, “que haja luminárias”, foi dita somente no quarto dia; portanto, já existia a luz do dia antes que fossem erigidas as luminárias na superfície dos céus.

Sobre o que escreve ter visto num certo livro – que é preciso dizer que os seis dias da criação não são dias de vinte e quatro horas –, infelizmente encontram-se interpretações como esta também em outros livros, que distorcem as Escrituras; com todo o respeito à sua ciência, [os seus autores] não sabem o suficiente acerca dos “fundamentos” sobre os quais foram construídas as suposições dos diversos pesquisadores científicos no que se refere à idade da Terra. O conhecimento e a pesquisa de tais fundamentos demonstram ao intelecto sadio que eles não são outra coisa senão suposições, distantes da certeza, e esta é a opinião dos cientistas, como consta em seus tratados, apesar de eles ocultarem as dúvidas que possuem no que concerne aos fundamentos nos livros estudados nas escolas primárias. É supérfluo prolongar-se e fazer observações sobre a prova mais elementar de que os seis dias da criação compõem-se de 24 horas, pois a observância do *Shabat* após os seis dias da semana está ligada a isto.

Certamente você está a par dos três conhecidos estudos que cabem a cada pessoa, organizados pelo meu santificado mestre e sogro, nosso Rebe, de abençoada memória, de *Chumash*, *Tehilim* e *Tanya*, e pelo menos daqui por diante há de observá-los em acréscimo à aula fixa de filosofia *chassídica*.

Com bênção.

---

## Capítulo VI

---

### CORPOS CELESTES

55. O Movimento do Sol .....	200
56. Adendo ao Assunto .....	201
57. Quanto Mede o Sol? .....	202
58. A Terra e o Sol: Quem Gira ao Redor de Quem? .....	203
59. Os Céus Pertencem a D'us, e a Terra Ele Deu aos Filhos do Homem .....	204

## 55. O MOVIMENTO DO SOL

B”H

25 de *Iyar*, 5719

Saudação e bênção!

Em resposta à sua carta de 27 de *Tishrei* na qual você escreve ter ouvido claramente de alguém, como se fosse uma conclusão da ciência – deduz-se de sua carta –, que é claro que a Terra gira em torno do Sol, e não conforme o ponto de vista contrário que supostamente teria sido refutado por provas diversas, e pede explicação para isto:

Já que aparentemente você deseja saber preliminarmente qual é a opinião dos cientistas, então: nas últimas décadas, todos os cientistas que se dedicam a esse campo decidiram que não há nenhuma certeza quanto a [determinar] entre o sol e a Terra qual permanece no seu lugar e qual circunda o outro. Não só isto, mas também decidiram, com base em diversas considerações científicas, que jamais a ciência poderá demonstrá-lo e prová-lo. Conforme a ciência, cada pessoa tem a faculdade de adotar a opinião que quiser: ou de que a Terra está parada e o sol a circunda, ou o contrário, ou que ambos circundam um ao outro. É notório que tudo isto, para aqueles que se ocupam do desenvolvimento da ciência em nossa época, está ligado à teoria da relatividade.

Conforme mencionado, esta é a mais recente e a mais peremptória decisão de todos os cientistas em nossa geração.

Daí deduz-se que todos os versículos que falam a respeito do movimento do sol em torno da Terra devem ser entendidos literalmente, e isto não provoca nenhuma dúvida.

Com bênção.



## 56. ADENDO AO ASSUNTO

B<sup>o</sup>H

28 de *Elul*, 5727

Bênção e saudação!

Em resposta à sua carta... na qual você escreve sobre as duas teorias concernentes aos movimentos de rotação da Terra e do sol e a concepção científica sobre isto. É surpreendente que escreva sobre isto, pois certamente é sabido que uma das bases da teoria da relatividade, que foi acolhida por todos os cientistas nas últimas décadas, é:

No que se refere a um sistema em que dois corpos se encontram num movimento relativo um ao outro, é impossível determinar qual deles se encontra em repouso e qual deles se movimenta; isto não [ocorre] em razão de nossa falta de conhecimento atual, mas em razão da [própria] “natureza” dos objetos. Em relação à referida pergunta e o que lhe concerne, isto quer dizer que a ciência não tem qualquer posicionamento e, pelo contrário, nega uma resposta clara à questão. Mais ainda, se forem encontradas dúvidas sobre um ponto de vista, existem dúvidas semelhantes também no que se refere ao outro ponto de vista, conforme foi longamente explicado na teoria da relatividade.

Disto entende-se que se vier alguém e disser que, por qualquer razão que seja, é preferível determinar que um corpo tal está parado e o outro em rotação, é impossível a ciência encontrar nisto qualquer contradição.

Aliás, também antes do surgimento do referido ponto de vista não existia uma contestação decisiva da teoria de Ptolomeu (de que a Terra está sempre parada e o sol gira ao seu redor), a não ser uma declaração e conclusão de que o número de dúvidas sobre essa teoria é maior do que sobre a teoria que leva o nome de Copérnico; mas também sobre a teoria de Copérnico foram formuladas algumas “indagações” e desentendimentos. E este não é o lugar para prolongar-se [sobre o assunto].

## 57. QUANTO MEDE O SOL?

B”H

1º dia do mês de *Tamuz*, 5722

Saudação e bênção!

... o que está escrito no *Shaar Hayichud Vehaemuná*, cap. VII, de que o sol é “cerca de 167 vezes maior do que o globo terrestre”, está conforme a decisão legal do *Rambam* nas Leis sobre os Fundamentos da Torá, cap. III, art. 8 (e de forma mais precisa na Introdução à interpretação das *Mishnaiot*, “166 vezes e  $3/8$ ”).

Aparentemente perguntaram ao senhor a respeito daquilo que, supostamente, os astrônomos atuais pesquisaram e encontraram de modo diverso: mais de  $4/5$  milhões de vezes. E assim como nas outras questões “científicas” deste tipo, quem pergunta é um ignorante também em ciência!

Os “mais de  $4/5$  milhões” mencionados na astronomia referem-se ao volume, enquanto na decisão do *Rambam* citada, [a referência é] ao diâmetro. Pois o tamanho dos diâmetros mencionados nos tratados de astronomia é de cerca de cento e dez [vezes] (e não cento e setenta). Mas é que o cálculo desta medida do diâmetro do sol considera [apenas] camadas determinadas do Sol, e não todas elas, pois as camadas mais exteriores (conforme a opinião dos astrônomos atuais) se alteram de tempos em tempos numa grande medida (em movimento de retração e dilatação); não são todas as camadas visíveis a olho nu (pois apenas se “vê” os seus efeitos) etc., e por isso é difícil também estudá-las. Assim, não são consideradas as protuberâncias, mas (pelo menos algumas vezes) foi visto e medido que elas se dilataram até um ponto em que, então, o diâmetro do sol era maior do que cento e setenta vezes o diâmetro da Terra, retraindo-se depois...

Com bênção.

## 58. A TERRA E O SOL: QUEM GIRA AO REDOR DE QUEM?

B”H

23 de *Elul* de 5728 (1968)

Saudação e bênção!

Recebi sua carta de 23 de setembro na qual aborda a questão de se é o sol que gira em torno da terra ou vice-versa, tendo em vista o fato de que escutou alguém dizer a um estudante universitário que “a verdade é que a terra gira em torno do sol”.

Surpreende-me que, segundo sua carta, o estudante declarara que a ciência resolveu que a terra gira ao redor do sol. O espantoso é que a pessoa que formula uma declaração dessa está cerca de meio século atrasada a respeito da ciência moderna. Pois transcorreu aproximadamente meio século desde que foi aceita a Teoria da Relatividade segundo foi exposta, como base de todos os ramos da ciência. Um dos elementos básicos dessa teoria é que quando dois corpos no espaço se encontram em movimento relativo em relação ao outro (na verdade a teoria foi iniciada com base nos movimentos das estrelas, dos planetas, a Terra etc.) a ciência declara “com absoluta certeza” que, sob o ponto de vista científico, ambas as possibilidades são igualmente válidas – a saber, que a terra gire ao redor do sol, e que o sol gire ao redor da terra.

Um ponto fundamental da conclusão que a antecede é que esta não se baseia na falta de conhecimento mais definitivo, mas que, por princípio, é impossível provar cientificamente qual dos dois, o sol ou a terra, gira em torno do outro.

Vale dizer que qualquer cientista, assim como qualquer pessoa, tem direito à própria opinião a respeito de qual alternativa prefere, se sinceramente sente uma inclinação a crer em uma ou na outra. Não obstante, esta é apenas uma expressão de preferência pessoal, que qualquer ser humano tem direito a ter. Mas não seria verdade dizer que a ciência resolveu a questão a favor de uma escola de pensamento em detrimento de outra. Sempre houve cientistas que formularam declarações deste tipo, há mais de meio século, tal

como se mencionou antes, e isto proporciona ao menos uma explicação de por que os livros de texto das escolas primárias continuam mantendo essa posição antiquada. Porém, é surpreendente que um estudante universitário, que já fez a escola secundária e ingressou na universidade, e por isso deve ter certo conhecimento da Teoria da Relatividade, atribua à ciência uma afirmação de caráter tão pouco científico e obsoleto.

Em resumo, é evidente que quando alguém diz que é possível ser cientista e aceitar a ideia de que o sol gira em torno da terra, enquanto outro diz que a “ciência” rechaça esta ideia (destaco a palavra ciência como diferente do cientista que menciono anteriormente) – o primeiro tem os dois pés firmemente plantados sobre uma base científica, a ciência moderna, ao passo que o segundo parece ter ficado no mundo e no tempo de Copérnico.

Suponho, pelo que se pode apreender de sua carta, que não é necessário destacar a verdade de que a vida de um judeu e seu comportamento cotidiano devem girar em torno da vontade do Criador, o Criador do céu e da terra, de um modo que se expresse na ação, visto que, tal como disseram nossos Sábios, o indispensável é o fato. Os dias atuais de *Elul* são especialmente auspiciosos para progredir e ir de bem em bem neste sentido, e de fazê-lo com júbilo e alegria no coração.

Esperando receber boas notícias suas, e desejando a você e aos seus uma *Ketivá Vechatimá Tová* para um ano realmente bom e doce. Com bênção.

### **59. “OS CÉUS PERTENCEM A D’US, E A TERRA ELE DEU AOS FILHOS DO HOMEM”\***

B”H

22 de *Iyar*, 5721

Saudação e bênção!

Recebi a sua carta do dia..., na qual você escreve sobre a contra-

---

\* Original em inglês.

dição que julga existir [decorrente] das últimas tentativas científicas de penetrar no espaço sideral, especialmente em direção à lua, e que você tem a impressão de que elas contradizem a declaração na Torá, “os Céus pertencem a D’us, e a Terra Ele deu aos filhos do homem”.

Na verdade, não existe nenhuma contradição. A apreciação do termo “Terra” deve ser no seu sentido amplo, e esta é a intenção [do versículo]. “Terra” não constitui apenas o globo terrestre; o conceito de “Terra” inclui também a atmosfera e todo o nosso universo físico que afeta diretamente a humanidade. Não devemos confundir o termo “Céus” com o conceito de “corpos celestes”, como lua, sol, estrelas etc. Estes não estão no nível de “Céus”, pois, neste conceito [de “Céus”] pretendemos incluir o [aspecto] espiritual das coisas, enquanto os corpos celestes pertencem ao mundo físico, material, em que vivemos.

D’us criou os “corpos celestes” para servir ao universo, proporcionando-lhe luz, calor e energia, e determinou o seu lugar no firmamento dos Céus a uma grande distância do globo terrestre. Esta circunstância não se opõe necessariamente à nossa possibilidade humana de aprender tudo sobre eles. Da mesma forma, o fato de D’us ter criado a lua e colocado-a no firmamento dos Céus para proporcionar luz não exclui necessariamente a possibilidade de o homem descer sobre ela em alguma época futura. O verdadeiro significado do versículo, “os Céus pertencem a D’us, e a Terra Ele deu aos filhos do homem”, é: enquanto D’us se encontra em todos os lugares, tanto no mundo material físico quanto nos Céus (o mundo espiritual), o lugar do homem [Ele] determinou na “Terra”, no mundo físico, do qual o homem é parte, e ele deve conduzir a sua vida sobre esta Terra da melhor maneira. Não há nas experiências e realizações científicas feitas ultimamente algo que contradiga a Torá, nem há possibilidade disto, já que a Torá é a Verdade.

Conforme a impressão que me causa a sua carta e os seus antecedentes, tenho a firme esperança de que você vem conduzindo sua vida cotidiana em estrita concordância com as indicações da

Torá (que é chamada Torá da Vida) e que você procura progredir nesse caminho, em conformidade com o que foi dito pelos nossos sábios, de abençoada memória, “eivar-se em santidade”, pois em questões de santidade é necessário sempre acrescentar.

Com bênção.

---

## APÊNDICE

---

O Holocausto .....	208
<i>Techiat Hametim</i> – A Ressurreição dos Mortos .....	220
Audiência Privada com um Professor .....	235
Audiência Privada com um Grupo de Cientistas .....	245
A Lei de Pascal e o Fluido da Vida .....	259

Os pronunciamentos e entrevistas\* que se encontram neste apêndice constituem temas livremente adaptados pelos autores da edição em hebraico, que, conforme o seu melhor entendimento, procuraram manter fidelidade ao original. Contudo, salientamos que tais anotações não foram conferidas pelo Rebe, e são uma publicação de ordem particular, absolutamente não revisada.

---

\* O conceito de “entrevista” entre os *chassidim* de *Chabad* é denominado *yechidut* (audiência privada do *chassid* com o Rebe).

## O HOLOCAUSTO\*

**Pergunta:** Quando D’us castiga, o faz de tal modo que o castigo seja proporcional à culpa. Como pôde ocorrer uma coisa tão monstruosa como a aniquilação de seis milhões de judeus, assim como as perseguições que o povo de Israel tem sofrido em todas as épocas de sua história? Aparentemente, esses são castigos tremendos que superam toda medida de culpa.

**Resposta:** Pelas suas queixas se deduz que você crê em D’us, o Criador e Condutor do mundo. Porque, se não fosse assim, a quem reclamar? A um mundo que parece mais uma selva na qual um não-judeu demente se desenfreia e se dedica a assassinar a gente?

Não. Você não tem nenhuma dúvida de que D’us é o “Juiz de toda a terra”, e que “há lei e há juiz”. Por isso pergunta: “O ‘Juiz de toda a terra’, não fará justiça?\*\*\*” E se é assim, se você reconhece que D’us é o “Juiz de toda a terra”, é óbvio que Sua transcendência é tal que faz com que o homem não tenha possibilidade de compreender a lógica de Suas sentenças.

Se Sua lógica estivesse à altura dos seres criados, ou sequer num grau apenas superior, você O teria aceito como “Juiz de toda a terra”, ou seja, como Aquele que julga e rege a conduta de milhares de milhões de seres humanos? Para tanto, inevitavelmente chegará à conclusão de que a incompreensão dos caminhos de D’us por parte do homem não se deve ao fato de que são injustos, D’us nos livre, mas sim à nossa própria falta de capacidade necessária para compreendê-los. Em outras palavras: a falta de entendimento é resultado da pequenez daquele que quer entender e a profundidade daquilo que se pretende entender.

Observe por si mesmo o que ocorre hoje naqueles tribunais chamados “Palácios da Justiça”. Por causa das limitações objetivas dos

---

\* Adaptação livre, baseada em exposições do Rebe pronunciadas em *Simchat Torá* 5731 (1970), e 11 de *Nissan* de 5733 (1973).

\*\* *Gênesis* 18:25



juizes, às vezes são encarceradas pessoas inocentes, ao passo que delinquentes que mereciam estar entre as grades gozam de liberdade.

Além disso, os magistrados se queixam de excesso de trabalho, e após algumas horas de atuação precisam de descanso. Porém, D'us, o “Juiz de toda a terra”, trabalha constantemente, sem pausa nem trégua, os juízos e destinos de cinco bilhões de seres humanos.

Por acaso faz sentido duvidar de Seus juízos e afirmar que “Seu proceder não é justo porque eu não o entendo?” É possível que o ser criado pretenda entender o Criador?

**Pergunta:** Além de aceitar que os caminhos de D'us são justos, ainda que inescrutáveis para nós, existe alguma explicação para o Holocausto europeu?

**Resposta:** Com toda a terrível dor que significa essa tragédia, é indubitável que “do Céu não vem nenhum mal”. Dentro do mal e do sofrimento das tragédias deve ocultar-se um benefício espiritual excelso. Ainda que talvez a razão humana não o possa avaliar, este existe, e com todo vigor. Analogamente, há a possibilidade de que um Holocausto físico constitua um benefício espiritual, pois as dimensões do corpo e da alma não são necessariamente paralelas.

O corpo e a alma são diferentes e contrários em suas características. O corpo físico pode ser apreendido pelos cinco sentidos (visão, audição etc.), mas a alma está desvinculada dessas limitações. Assim, se uma enfermidade ou uma lesão atacam o corpo, a alma não se vê afetada por isso, mesmo que como resultado da ferida infligida ao corpo este perca a capacidade de servir à alma como meio de expressão.

Pelo contrário, é possível que uma afecção física constitua um benefício e uma salvação espiritual.

Imagine alguém que ingressa num hospital, na sala de operações. Ante ele se revela um espetáculo impressionante: sobre a mesa de operações jaz um homem imobilizado, e ao seu redor dez indivíduos mascarados brandem seus instrumentos, prestes a am-

putar um de seus membros.

Se os conhecimentos de medicina – e de tudo que está vinculado a ela – desse “visitante” são nulos, ele ficará convencido de ser testemunha de uma sessão de canibalismo. Certamente começará a gritar e tentará obter ajuda para “salvar a vítima” das mãos de seus “assassinos”.

Por que agirá assim? Porque não entende nada de medicina. Desconhece o estado prévio do enfermo, e sabe menos ainda do que o espera no futuro. Se soubesse que o membro a ser amputado está irremediavelmente gangrenado e põe em perigo a vida do doente, e que para salvá-lo os médicos devem operar e amputar o membro afetado, ele não teria gritado nem revolvido céus e terra!

A moral dessa parábola é a seguinte: D’us, como o cirurgião-chefe, sabe perfeitamente o que acontece, e deseja o bem do povo de Israel. É claro que tudo aquilo que Ele faz, faz para o bem.

Se fosse feito por um simples mortal, poderíamos – às vezes – questionar e condenar suas ações. Mas quando o “Cirurgião Especialista” é D’us, toda crítica está fora de propósito.

E ainda: aquele que crê somente na existência de um único mundo, este mundo físico, e não reconhece a existência do espiritual, sente-se realmente perdido pelas “perguntas” sobre a trágica “operação” de seis milhões de judeus. Porém, por sua vez, se não está disposto a aceitar – D’us nos livre – a existência de um mundo espiritual além do material, a quem sua queixa é dirigida? Em nome de que exigirá justiça, retidão e ética, ideias puramente espirituais?

Assim, não faz sentido negar a eternidade da alma e do espírito, mesmo quando o corpo foi tão duramente castigado. Pelo contrário, o mais razoável é afirmar que sob o ponto de vista espiritual não houve aqui ferida alguma. Pois é bom que a vida corporal seja muito limitada e breve em comparação com a vida eterna da alma – pois o sofrimento físico suportado pelos nossos sagrados e puros mártires foi somente temporal, e os padecimentos temporais do corpo não podem comparar-se com a vida imortal da alma –

esses sagrados mártires se elevaram a uma categoria espiritual infinitamente excelsa, pois ofertaram suas vidas pela santificação do Nome de D'us.

Eis um exemplo para melhor entendimento disso: será que uma pessoa pode deduzir que a vida de seu próximo está repleta de dor e sofrimento porque o viu chorar e lamentar-se durante um instante de sua vida? Seria absurdo!

Assim como não é possível julgar toda a vida de um homem a partir de um breve lapso de dor, do mesmo modo é impossível tirar conclusões sobre a vida eterna da alma a partir do sofrimento físico-temporal do corpo.

Além de tudo isso, o homem de fé sabe que a alma daquele que ofertou sua vida à santidade do Nome de D'us se eleva a níveis supremos de santidade.

No livro *Maguid Meisharim* conta-se que foi prometido a Rabi Yosef Caro, autor do *Sulchan Aruch*, que ele teria o privilégio de morrer na fogueira santificando o Nome de D'us. Na verdade, esse privilégio lhe foi cortado, e ele o considerou um castigo.

Obviamente, se tivesse sido feito merecedor de ofertar sua vida pela santificação do Nome de D'us, ele não teria chegado a escrever o *Bet Yosef*, o *Shulchan Aruch*, do qual veio a instrução para todo o povo judeu. Vemos então que o mérito colossal de Rabi Yosef Caro por compor o *Shulchan Aruch*, a obra mestra que indica ao judeu a conduta a seguir em cada instante de sua vida, e por cuja luz caminhamos até o dia de hoje, não chega ao nível sublime e ao maravilhoso privilégio – que foram negados a ele – a que chega aquele cuja vida se entrega pela santificação do Nome de D'us.

**Pergunta:** Se é assim, por que foram assassinados, dentro daqueles seis milhões, também alguns que constituíram o melhor e o mais seletivo do Judaísmo ortodoxo, que certamente não precisavam da “operação”?

**Resposta:** Meu sogro, o Rebe (Anterior) respondeu uma vez a essa pergunta com um exemplo: um homem recebeu uma bofe-

tada no rosto por uma má ação cometida, apesar de esta ter sido executada com as mãos. Por que então a bofetada na cara? Porque o castigo não é uma questão de vingança, D'us nos livre, mas sim pretende que o homem conserte seu ato. Por isso, na primeira oportunidade se tenta conseguir essa emenda aplicando uma pena leve, e somente se não der resultados satisfatórios o educador se verá obrigado a aplicar um castigo mais severo para que este leve o educando a consertar sua conduta. E para que o castigo seja útil e influencie na emenda das ações do homem, aplica-se em seu rosto, a parte mais importante da pessoa...

O mesmo vale para o povo de Israel como um todo. Além de ver-se castigado severamente no plano quantitativo (seis milhões de mártires), o castigo foi muitas vezes mais duro porque alcançou aqueles que eram “o rosto” da geração.

**Pergunta:** Se realmente o principal é a vida eterna da alma, por que oramos e pedimos que sejam satisfeitas nossas necessidades materiais deste mundo? Quem nos garante que nossas necessidades físicas são realmente positivas para termos de rezar por elas?

**Resposta:** A Torá revela e testemunha qual é o verdadeiro bem, tanto para o corpo quanto para a alma. Se D'us escreve em Sua Torá, “Se cumprires Meus decretos... Eu vos darei vossa chuva a seu tempo”\*, Ele demonstra que isso é bom.

Se como recompensa por obedecer a voz de D'us nos é dito, “Eu os conduzirei erguidos”\*\*, significa que isso é bom. E se ao ordenar o cumprimento dos preceitos se diz “... para que se prolonguem seus dias...”\*\*\*, se deduz que a longevidade física é boa. O mesmo vale para as demais promessas e bênçãos compreendidas em “filhos, vida e sustento”. Como são bênçãos, deduz-se que constituem o verdadeiro bem.

Por que é assim? Porque é melhor “um instante de arrependi-

---

\* *Levítico* 26:3-4

\*\* *ibid* 26:13

\*\*\* *Êxodo* 20:12; *Deuteronômio* 4:40, 5:16; 5:33; 6:2; 11:9; 22:7; 25:15; 32:47 etc.

mento e boas obras neste mundo do que toda a vida no Mundo Vindouro” (*Mishná, Avot 4:17*). É exatamente neste mundo material que a alma pode chegar ao ápice da elevação. Porque cumprindo a Torá e as *mitsvot* neste mundo, a alma se faz credora de infinitos prazeres espirituais, pois as *mitsvot* (e em certa medida, ao contrário, as transgressões) são eternas. Como se explica no *Tanya* (cap. 25), com as *mitsvot* que o homem cumpre neste mundo ele consegue “a união das *sefirot*” nos mundos espirituais, além do fluxo espiritual para este mundo, “e esta unificação no Alto é eterna, porque Ele, Bendito seja, e Sua vontade, transcendem o tempo.”

Embora a ação física do cumprimento do preceito seja limitada e termine num prazo definido, seu efeito espiritual é eterno e vigente para sempre. E o mesmo acontece no caso inverso. A omissão de um preceito, por exemplo o de colocar *tefilin*, provoca uma falta espiritual que não se limita a um momento fugaz, mas constitui uma carência eterna.

Em resumo: “a ação é o principal”. Todos as elevações e prazeres da alma dependem do cumprimento prático dos preceitos neste mundo físico, porque estes são o objetivo principal de D’us criar os mundos.

Em consequência, a vida neste mundo físico é boa e é preciso orar por ela.

**Pergunta:** Dessa afirmação, que o bem espiritual da alma depende do cumprimento prático dos preceitos neste mundo, se entende que o Holocausto foi também um holocausto espiritual, pois impediu que muitos judeus cumprissem a Torá e *mitsvot*. Isso nos devolve à pergunta inicial: “Por que D’us fez uma coisa assim?”

**Resposta:** Certamente é assim. Porque o serviço a D’us, na verdade, é principalmente neste mundo. Por isso, “salvar uma vida tem prioridade sobre o *Shabat*”. Ainda que somente se possa prolongar a vida de um judeu por um instante, por ele deve-se profanar o *Shabat*. E, além disso, incluindo o Sumo-Sacerdote em seu mais alto nível, no momento em que no Dia do Perdão ele entrava no

Santo dos Santos, devia sair dali para salvar a vida de outro judeu se houvesse sequer uma possibilidade remota de poder conseguir.

Não apenas é permitido profanar o *Shabat* (num caso de perigo de vida), como é *mitsvá* fazê-lo, e deve fazê-lo exatamente o judeu “de mais categoria”, o maior da geração.

Vemos que a vida de um judeu neste mundo físico é mais importante que qualquer outra coisa. Porque somente neste mundo físico se cumpre o supremo objetivo de D’us: “Quis o Eterno, Bendito seja, ter uma morada para Si no mundo inferior”, quando o judeu cumpre a Torá e seus preceitos neste mundo físico, e usa as coisas materiais para a santidade.

Por isso, embora todo judeu se eleve às alturas da santidade ao separar-se sua alma do corpo quando é morto, somente pelo fato de ser judeu – e essa é a plenitude de sua alma e seu benefício pessoal como judeu que deseja cumprir a vontade de D’us por meio da Torá e dos preceitos, e prefere o bem de seu Criador ao próprio bem – questiona e se lamenta por lhe ser negada a possibilidade de cumprir a vontade de D’us... E protesta, “Por que D’us fez isto?” Ele quer ser fonte de prazer para seu Criador!

Mas como o judeu é crente, sabe que D’us – o “Juiz de toda a terra” – transcende infinitamente toda inteligência e compreensão, e naturalmente nós, os seres criados, não estamos em condição de compreender Suas ordens.

Não obstante, ouvimos o Rebe [Anterior] dizer que é nosso dever clamar ao Rei e pedir que afaste de nós todos os decretos severos...

E além disso, devemos exigir uma resposta: por que D’us agiu assim?

**Pergunta:** Aparentemente, a súplica e o pedido de auxílio estariam em conflito com a fé absoluta em que “D’us é justo em todos os Seus caminhos.”\*

**Resposta:** Não. Este clamor não contradiz a fé. Isto fica evidente

---

\* *Salmos* 145:17

naquilo que encontramos a respeito do nosso Patriarca Avraham, o primeiro crente (“E acreditou em D’us, e Ele considerou retidão”<sup>\*</sup>), quando D’us lhe disse “Toma por favor teu filho, teu único filho, a quem amas, Yitschak... e oferece-o ali em holocausto”<sup>\*\*</sup>, e ele não duvidou sequer um instante e imediatamente “Avraham madrugou pela manhã”<sup>\*\*\*</sup> e se apressou em cumprir a vontade de seu Criador, e se colocou perante D’us, e em prece reclamou, tratando-se da destruição de Sodoma: “O ‘Juiz de toda a terra’ não fará justiça?”<sup>\*\*\*\*</sup>

Também nosso mestre Moshê, o maior de todos os profetas, se queixou perante D’us (segundo relatam nossos Sábios no Talmud (*Berachot* 7 a): “Senhor do universo! Por que há justos que prosperam e justos a quem chega o mal; perversos que prosperam e perversos a quem chega o mal?”

Do mesmo modo também, o profeta Jeremias, durante a destruição do Primeiro Templo de Jerusalém, ergueu a voz aos Céus para expressar de alguma maneira sua reprovação: “Por que é próspero o caminho dos perversos?”<sup>\*\*\*\*\*</sup> E todo o Livro de Jó está construído sobre uma pergunta desse tipo.

De tudo isso se depreende que as perguntas desse tipo em nada fazem vacilar a fé em D’us. Pelo contrário. Fortalecem a fé, pois encerram todo o conceito da oração, “porque por seu intermédio (o homem) saberá e entenderá que D’us, Bendito seja, é o Único que dirige Seu mundo sozinho e supervisiona cada detalhe de Suas criaturas, e que Ele é o único que pode salvar.”

A isto se deve que às vezes D’us retém aquilo que o homem precisa, a fim de que este ore a D’us e implore pelo que lhe falta, fincando firmemente desse modo em seu coração a confiança em D’us. E também aquele que não está apto a receber a bondade Divina, ao rezar e pedir a D’us aquilo de que necessita, com isso se

---

\* *Gênesis* 15:6

\*\* *ibid* 22:2

\*\*\* *ibid* 22:3

\*\*\*\* *ibid* 18:25

\*\*\*\*\* *Jeremias* 12:1

torna credor do bem.

Tampouco o clamor por algo ocorrido no passado – como quando exclamamos, “Que o Senhor vingue seu sangue!” ou ao perguntar, “Como isso pôde acontecer?” – enfraquece a fé, porque junto ao clamor o homem deixa claro que a “operação” e a amputação foi feita pela salvação de sua alma, como no exemplo do médico que amputa do corpo do doente um membro gangrenado para salvar sua vida.

**Pergunta:** Se o Holocausto, então, foi uma “operação” necessária e vital, por que o Rebe Anterior disse que é nosso dever clamar a D’us etc.? Que sentido tem esse clamor?

**Resposta:** O clamor e as queixas pelo ocorrido durante o Holocausto emanam da nossa fé inquebrantável no poder infinito de D’us.

A extraordinária perícia do “cirurgião” não constitui de forma alguma uma analogia do poder do Altíssimo. Mesmo que um ser humano que executa uma operação, às vezes, se vê obrigado a extirpar determinados órgãos do corpo do paciente para salvar sua vida, D’us pode salvar todas as vidas, tanto individuais como do povo inteiro, sem ver-Se obrigado a recorrer a operações dolorosas.

Essa é a origem do protesto, “O Juiz da terra não fará justiça?” D’us! Tens diante de Ti muitos caminhos, e bons, para corrigir aquilo que precisa de conserto sem recorrer aos sofrimentos e a enfermidades malsãs, D’us nos livre! É verdade que temos transgredido, temos pecado etc., mas Tua imensa misericórdia carece de limites e fronteiras! Então, por que escolheste um método tão severo?

Mas esse protesto e esse clamor não contradizem a imensa fé em Sua Majestade, Seu poder, Sua bondade e Sua infinita piedade, firmemente estabelecida em nosso coração, porque a mesma surge e se baseia exatamente nessa fé.

Por isso, juntamente com o protesto, vai nosso reconhecimento de que “D’us é justo em todos os Seus caminhos.”

**Pergunta:** Há judeus que em consequência dos horrores pre-



senciados durante o Holocausto perderam a fé e se afastaram de uma vida de Torá e cumprimento das *mitsvot*. O que devemos dizer a eles?

**Resposta:** É absurdo condicionar nosso cumprimento da Torá e dos preceitos ao fato de que D’us satisfaça nossos desejos. Mais particularmente, é irrisório pensar que D’us está “obrigado” a acatar as prescrições dos mortais e atuar de acordo com elas.

Uma observação apenas superficial nos permitirá corroborar que o não cumprimento da Torá e dos preceitos não é realmente consequência do Holocausto; mas sim, essa pessoa não os cumpre porque não quer. E para tranquilizar sua consciência e calar a voz interior que o perturba – “por que não te comportas como um judeu?” – culpa o Holocausto.

Esse homem recorda a educação judaica tradicional que recebeu na infância, lembra dos pais, dos avós; pensa nessas imagens sublimes e corretas, que educação lhe deram e quais eram suas expectativas para quando crescesse. E quando compara tudo isso com seu estado espiritual atual e sua conduta presente, sente remorsos. Então tenta “justificar” seus fracassos e joga um “não te quero mais” a D’us, agindo exatamente em contradição com o estipulado pelo *Shulchan Aruch*.

Digamos de maneira aberta e franca: se fosse dada resposta às perguntas daquele que questiona o Holocausto, este começaria, a partir desse momento, a cumprir a Torá e os preceitos?

Além disso, muitos daqueles que usam a bandeira de “Auschwitz” como desculpa, tampouco cumpriam a Torá e os preceitos antes de Auschwitz.

A conclusão que se tem a partir do que foi dito é que uma coisa nada tem a ver com outra. Aquele que não cumpre os preceitos age assim porque não pode reprimir suas paixões e seus instintos; e para calar a voz de sua consciência usa “Auschwitz” como pretexto e tranquilizante.

E visto que essa é a natureza da questão, diremos com franqueza: não use Auschwitz como desculpa! Os seis milhões de mártires

são algo demasiado sublime para que apoies neles tua desculpa e a paixão desesperada! Procure outra coisa, e deixe de enterrar o punhal na ferida!

Em termos gerais, muitos daqueles que se declaram “ateus”, “agnósticos” etc., incorrem num excesso de vaidade, pois atrás desses títulos, na maioria deles, somente se escondem a ignorância e o desengano. Creem que sua rebeldia infantil contra um ou outro preceito os “eleva” ao nível de crítico intelectual. Certa vez o Rebe [Anterior] perguntou a alguém por que não colocava *tefilin*. Ele respondeu que não acreditava em D’us, que era ateu, e por isso não cumpria as *mitsvot*.

O Rebe respondeu: “Realmente acreditas que fumar um cigarro no *Shabat* te transforma em ateu? De maneira alguma! Uma atitude semelhante mereceria mais o epíteto de ‘escravo dos instintos’ que de ateu. Se tivesses estudado a Torá e a descartasses agora, como ao estilo de ‘Conhece teu Amo e pretende rebelar-se contra Ele’, então serias digno do título de “ateu”. A pessoa não pode rechaçar algo que jamais estudou e que nunca soube com clareza.”

Uma reflexão objetiva permitirá comprovar que o argumento da injustiça – D’us nos livre – nos procedimentos Divinos a respeito do povo de Israel durante o Holocausto tem sua origem no egoísmo pessoal e não tem peso genuíno. Porque não se trata de um fenômeno novo, ocorrido somente em nossa geração; coisas assim têm ocorrido há milhares de anos. Assim foi durante a destruição do Primeiro Templo, do Segundo, durante as Cruzadas, e muitas outras vezes. E assim foi também com as perseguições que se abateiram sobre nosso povo durante todas as gerações, “porque em cada geração se erguem sobre nós para aniquilar-nos”\*. Por que, então, não se ouvem protestos e reclamações semelhantes pela conduta de D’us ser a causa do sucedido ao povo judeu nas gerações passadas? Por que se exige justiça somente pelo ocorrido em nossa geração? Por um sentimento de pertencer ao povo de Israel e aos pais de

---

\* Texto da *Hagadá de Pêssach*

nossos pais, a quem somente conhecemos pela leitura de algum livro, tanto que o Holocausto europeu nos afetou de forma pessoal ou familiar. Por isso exigimos justiça.

Essas críticas subjetivas, originadas numa dor pessoal, embora pretendam expressar a injustiça sob o ponto de vista nacional, carecem do peso da verdade e não têm força para colocar em questão a fé na justiça Divina.

Tanto é assim que logo após a destruição do Segundo Templo, exatamente depois da aniquilação de uma geração, a fé se fortaleceu e aumentou em vigor e determinação no estudo de Torá, um estudo que leva ao cumprimento dos preceitos, por intermédio de “Iavne e seus Sábios”. E o mesmo aconteceu depois da destruição do Primeiro Templo.

Não obstante, temos certeza de que nem mesmo aqueles que se despojaram do jugo da Torá e das *mitsvot* se perderão para o povo judeu, nem serão afastados do seio da nação. Pois nos foi prometido que “nenhum extraviado se perderá” (I *Samuel*, 14:14). E como disse Maimônides (*Hilchot Teshuvá* cap. 7, halachá 5) “E a Torá nos tem asseverado que todo Israel regressará eventualmente em *teshuvá*... [como está escrito:] ‘E regressarás para o Senhor, teu D’us’ – “e Ele fará retornar os teus cativos” (*Devarim* 30:2-3).

Assim, que “Se tu tivesses te alienado nos confins dos céus, dali D’us, teu Senhor, te recolherá (*ibid* 4). E se foi alienado material ou espiritualmente, então subsiste a promessa de “E retornarás a D’us”. “Retornarás” no singular, o que significa que cada indivíduo do povo de Israel retornará em *teshuvá*, pois que, em consequência, há de cumprir-se também o segundo versículo: “E fará retornar os cativos”, e segundo o ditame de Maimônides (*ibid*) “E são redimidos de imediato”, por meio de nosso justo *Mashiach*, realmente em breve.

***TECHIAT HAMETIM* –  
A RESSURREIÇÃO DOS MORTOS\***

**Pergunta:** Por favor, me explique:

1 – Os pormenores de *Techiat Hametim*, a Ressurreição dos Mortos, cujos detalhes constituem um conceito e fundamento do credo judeu, e não têm sido suficientemente esclarecidos.

2 – Uma ideia geral vinculada à Ressurreição dos Mortos:

A existência da alma e sua eternidade é compreensível, visto que a alma é espiritual e uma parte do D'us no Alto, e a “parte” se assemelha ao “todo”. Mas por que temos de dizer que a alma voltará à vida exatamente num corpo físico? E qual a virtude de que assim seja?

**Resposta:** Nossos Sábios consideraram essas perguntas e as analisaram, mas os conceitos que surgiram se encontram disseminados em fontes diferentes; por isso continuarei a transcrever parte do que disseram a respeito, fazendo esclarecimentos à medida que for necessário para responder às perguntas.

Antes de mais nada é preciso replicar à queixa daqueles que reclamam: “Para que mencionar esse tema? Basta dizer diariamente: ‘Creio com total fé que ocorrerá a Ressurreição dos Mortos!’ Eles fazem sua crítica baseando-se no que Maimônides escreveu (em seu comentário da *Mishná*, que diz: “Todo Israel tem parte no Mundo Vindouro”): “Sobre o Mundo Vindouro (*Olam Habá*) pouco falarás... como para considerar sobre o que recai, se é o bem absoluto... ou para distinguir entre o objetivo final e a causa que leva a este objetivo; mas o que todo o povo pergunta, o vulgo e os instruídos: Como se levantarão os mortos, se desnudos ou vestidos... se haverá pobres e ricos etc.”

É indubitável que Maimônides não protesta pela pergunta do povo propriamente dita, pois em diferentes locais do Talmud e *Midrashim*

---

\* *Teshuvot uBivurim*, p. 47; *Shaarei Emuná*, p. 347. O seguinte ensaio apareceu originalmente com uma resposta do Rebe na seção *Teshuvot uBivurim* do periódico *HaKriá VeHaKedushá*. As notas foram selecionadas e adaptadas do texto original.

nossos maiores Sábios têm abordado esses temas. Mas lamenta-se por que eles não analisam os conceitos de “Mundo Vindouro” e da “Ressurreição dos Mortos” propriamente ditos, bastando a mera interrogação dos detalhes mencionados e coisas análogas.

Segundo o que escreveu o mesmo Maimônides no começo de sua Epístola da Ressurreição dos Mortos, depreende-se que no seu comentário sobre a mencionada *Mishná* ele se refere ao fato de que “a gente, ao falar sobre a Ressurreição dos Mortos, debate somente se eles se levantarão sem roupas... mas do Mundo Vindouro (que na opinião de Maimônides é exclusivamente para almas e ocorre depois da Ressurreição dos Mortos), se esqueceu por completo!”

Em consequência, responderei a essas perguntas seguindo a ordem de importância, primeiro a segunda e depois a primeira.

### **I. Por que devemos dizer que a alma voltará à vida exatamente num corpo físico, e qual é a virtude de que assim seja?\***

Para compreender isto é necessário explicar previamente o conceito de “Ressurreição dos Mortos” propriamente dito, o que nos permitirá entender por que essa Ressurreição deve ser para uma alma dentro de um corpo.

A Ressurreição dos Mortos, na vida humana, significa duas coisas:

- 1 – É um grau de perfeição da espécie humana e,
- 2 – É um degrau numa escala de recompensa que o homem recebe pela sua conduta de acordo com a vontade do Criador.

Na verdade, ambas as coisas são o mesmo. O homem (e assim todos os detalhes da Criação) foi criado de maneira tal que suba

---

\* Em diversas fontes vemos que a Ressurreição deve ser para a alma num corpo (e não exclusivamente para almas): como o serviço a D'us – cumprimento da Torá e *mitsvot* – ocorreu por meio da alma e do corpo juntos, para permitir o livre-arbítrio, também a recompensa ou o castigo devem ser em conjunto (como disseram nossos Sábios no Talmud, *Sanhedrin* 91a). Essa explicação resolve o aspecto secundário da pergunta – por que, entre os níveis de retribuição, há também um que é para a alma com o corpo? –, mas subsiste o aspecto principal da pergunta: por que o bem e a elevação ocorrem exatamente no momento em que a alma se investe no corpo?

degrau por degrau na escala da perfeição, e lhe foi ordenado esforçar-se para atingir essa perfeição (por intermédio da Torá e das *mitsvot*, como se verá mais adiante). E quando se aproxima da perfeição na medida de sua capacidade por esforço próprio, receberá então assistência Divina para aquela perfeição que transcende sua capacidade. Assim sugeriram nossos Sábios (Talmud, *Yoma* 39a) ao dizer: “O homem santifica a si mesmo um pouco aqui embaixo, neste mundo, e é santificado em grande medida no Alto, no Mundo Vindouro”.

“Recompensar” significa dar ao receptor algo que lhe seja bom, e seja algo bom em mérito próprio ou alcançável por seu intermédio. Disso se infere que a magnitude e autenticidade da recompensa se equipara com o benefício que produz. Por exemplo, um peão que como recompensa recebe pão para se alimentar e roupas para vestir, um aluno que serve ao mestre e este o recompensa dando-lhe instrução, um discípulo que serve ao seu mentor e este lhe ensinará o objetivo de sua criação e o caminho a seguir para alcançá-lo. E como o patrimônio espiritual é mais sublime que o patrimônio material, e a felicidade eterna superior a ambos, entende-se que o ensino é uma recompensa maior que o pão para comer, e uma recompensa ainda maior é a da instrução nas sendas da vida para a vida eterna.

Mas, no “bem” há uma variedade de níveis, alguns não são compreensíveis para nós – no estilo dos mencionados antes – e outros que superam nosso entendimento\*. O traço comum a todos esses tipos de bem é que o corpo e a alma se comprazem com eles ou por meio deles. E como o corpo e a alma são entidades criadas e finitas, também esse deleite é limitado, porque também a recompensa é limitada.

Acima de todos esses tipos de bem, quando o homem cumpre as ordens de seu Criador e se refina e se aperfeiçoa gradualmente, o cumprimento dessa *mitsvá* o une com Aquele que a ordenou,

---

\* Veja em detalhe no *Comentário da Mishná de Maimônides*

seu Criador infinito e ilimitado. E não há bem que possa superar aquele da união e comunhão do homem com seu Criador. Ocorre, então, que o próprio cumprimento da *mitsvá* é a recompensa mais suprema, como se sabe pela interpretação da máxima de nossos Sábios : “A recompensa pela *mitsvá* é a *mitsvá*.”\*

Num ato de bondade Divina para com o homem, D’us lhe indicou com clareza o caminho pelo qual pode escalar à perfeição. Esse caminho lhe foi entregue e explicado na Torá – vocábulo ligado ao termo *Horaá*, “instrução” – que abrange toda a vida do homem a partir do seu primeiro momento. Pois é óbvio que a perfeição de tudo é proporcional à aspiração do homem, na medida em que se ajusta ao objetivo para o qual foi criado.

O objetivo da Criação\*\* em geral, e da criação do ser humano em particular, é que “D’us quis ter para Si uma morada nas esferas inferiores”\*\*\*. Ou seja, que o “inferior” (em nível e hierarquia, pois a respeito de D’us não é possível falar em “acima” ou “abaixo” no sentido espacial) – a matéria que percebe sua própria existência como independente e autosuficiente – consiga um estado de nulificação – a negação de sua existência como entidade autossuficiente e independente de D’us – perante D’us, em virtude da qual repousa e se manifesta a Luz Infinita de D’us. Essa anulação de seu ser perante D’us é o objetivo e fundamento da Torá e das *mitsvot*, como está escrito (*Devarim* 6:4): “E D’us nos ordenou executar todos esses decretos para temer a D’us.”

A ele se deve exatamente que a Torá e as *mitsvot* foram entregues aqui “embaixo”, envolvendo coisas materiais, precisamente a uma alma que está investida num corpo físico: para que converta ao ser de existência independente – e que se crie “algo” em “nada”,

---

\* Veja em detalhe a respeito da carta de meu sogro, o Rebe [Anterior], em *HaTamim* I, p. 25 (*Igrot Kodesh MohaRayatz* vol. X, p. 720).

\*\* *Tanya*, cap. 36

\*\*\* *Midrash Tanchumá, Nassô* 16

transformando-o desse modo num recipiente de Divindade.

Assim como para a ordem das ações que o homem deve cumprir foram consideradas suas forças e capacidades, pouco a pouco e do fácil ao difícil, o mesmo ocorre com os níveis pelos quais ele há de elevar-se progressivamente; a subida será gradual, indo de um nível a outro. É também na recompensa a receber, o homem será dotado de “forças” para tomá-la, ou seja, refinado e habituado pouco a pouco a tolerar uma luz espiritual e a manifestação da Divindade, a verdadeira recompensa, de forma gradualmente progressiva – exceto em situações extraordinárias, quando a revelação da Divindade não foi proporcional ao esforço investido, como durante o Êxodo do Egito, a Outorga da Torá e situações análogas. Pois os aspectos fundamentais de toda a Criação progridem refinando-se e aperfeiçoando-se em termos gerais (exceto que no presente se refinam os níveis inferiores da Criação, denominados “pernas e calcanhares”, pelo que disseram nossos Sábios (*Talmud, Shabat* 112b): “Se os primeiros eram como anjos, nós somos humanos”), tendo em vista que partes da Criação caem ocasionalmente de nível. Isso é mais particularmente certo nos aspectos que estão ao alcance da mão do homem, um ser dotado de livre-arbítrio que pode escolher também o mal. Então, ele e a parte do mundo que lhe corresponde e que depende de seu esforço caem do nível em que se encontravam; portanto ele faz *teshuvá* e devolve a si mesmo e a tudo que dele depende ao seu nível original, ou até a um superior. Não obstante, isto, no presente, está oculto, e se revelará no Mundo Vindouro.

Em termos gerais há três épocas:

- 1 – “Este mundo” – *Olam HaZé* –,
- 2 – “Os Dias de *Mashiach*” – *Iemot HaMashiach* – e,
- 3 – “A Ressurreição dos Mortos” – *Techiat Hametim*.

*Olam HaZé* é o período de batalha entre a matéria e o espírito, o bem e o mal. Um trata de impor-se ao outro; às vezes vence o bem, e às vezes...

Em *Iemot HaMashiach*, a “Era Messiânica”, quando os judeus concluem essa batalha e livram o bem do mal, separando o mal



do bem, e saem do Exílio da Diáspora, a *Galut*, para recuperar a perfeição humana tal qual era antes se cometido o pecado da Árvore do Conhecimento\*: os judeus não estarão mais sob o domínio da Árvore, composto pelo bem e pelo mal\*\*. Não obstante, persistirão no mundo os aspectos opostos à santidade em considerável mistura, coisa que obviamente significa também uma deficiência na perfeição dos judeus. Por isso todos que estejam com vida durante *Iemot HaMashiach* devem morrer antes de *Techiat Hametim* e logo voltarão a levantar-se, como será explicado mais adiante. (E pode-se dizer que essa separação entre o bem e o mal é a máxima perfeição a que o homem pode chegar por meio das próprias forças, e merecerá a recompensa recebida em proporção aos seus esforços).

No decorrer de *Iemot HaMashiach* os judeus se elevarão pela escala da perfeição em virtude do próprio esforço, motivo pelo qual *Iemot HaMashiach* é a época de “hoje, para cumprir [os preceitos]”. Além disso, exatamente então ocorre o aspecto principal de “hoje, para cumpri-los”, e sua perfeição mais plena.

A época de *Techiat Hametim* agrega às anteriores o fato de que D’us eliminará totalmente o espírito de impureza da terra, e no mundo não haverá mais pecado nem morte, pois D’us degolará o *ietser hará* – a má inclinação –, que é o Anjo da Morte. Nesse momento virá a perfeição absoluta do gênero humano, não apenas em proporção ao seu esforço e prêmio, mas sim como é concedida como presente do Alto. Por isso, no Mundo Vindouro de *Techiat Hametim* as *mitsvot* perderão vigência\*\*\*, e no lugar delas “os *tsadikim* estarão sentados com suas coroas sobre a cabeça desfrutando o esplendor da *Shechiná*”, ou seja, logo que o homem chegar à plenitude de sua perfeição receberá uma recompensa sublime, da qual não temos sequer noção e que é mencionada pelas palavras “suas coroas estão sobre suas cabeças e desfrutam do esplendor

\* Veja também *Bereshit Rabá* 12:6, e em detalhe na *Avodah HaKodesh* II, 38

\*\* Veja *Zohar* I, 12 b

\*\*\* *Talmud, Nída* 61 b, segundo a ótica de *Tosafot*. Discordam do Rashban e Ran.

da *Shechiná*”\*. E essa recompensa será recebida neste mundo físico, por uma alma investida num corpo, pois então ocorrerá a máxima perfeição em virtude da qual foi criado em princípio este mundo – constituir-se uma morada para D’us.

Até aqui temos nos referido ao esclarecimento dos conceitos de *Iemot HaMashiach* e *Techiat Hametim* com relação aos níveis de perfeição do gênero humano.

Quanto aos níveis de entendimento de D’us – a manifestação da Divindade, sua captação e percepção –, o conceito pode ser compreendido com base no escrito (*Iyov* 19:26): “De minha carne contemplarei a Divindade”, e o que disseram nossos Sábios (*Talmud, Berachot* 10a): “Tal como D’us preenche todo o mundo, assim a alma preenche todo o corpo.”

Na força da alma que dá vida ao corpo há dois níveis:

1 – Há uma vitalidade que se dosa conforme a composição receptora de cada um dos órgãos corporais em particular, investindo-se neles de maneira interior – ou seja, adaptando o “receptor” – e que é limitada segundo o órgão em questão. Essa vitalidade o abrange por inteiro, desde a força intelectual na cabeça até a capacidade de andar que está no pé.

2 – A força de vontade que, embora presente no corpo inteiro, não se divide conforme seus diferentes órgãos como para investir-se neles de forma interior em total correspondência com a composição desses órgãos individuais, mas sim mora dentro deles abrangendo a todos por igual.

Acima dessas duas classes de força vital está a alma propriamente dita – uma essência única, espiritual e elementar.

Ora, a matéria do corpo físico se sobrepõe à sua espiritualidade e faz com que o homem se veja impedido de conceber a essência do espiritual, sequer daquela espiritualidade que literalmente está

---

\* Em outros locais (*Hilchot Teshuvá* de Maimônides cap. 5, *Halachá* 2; *Igueret HaKodesh* 17; *Likutei Torá*, ao final de *Ani Hashem Elokeichem* de *Parashá Shelach*; *Sheelot uTeshuvot Heshiv Moshé* 1) se explica o significado desta alusão, mas não é relevante para o tema que nos ocupa.

investida nele – ou seja, a alma e seus poderes, incluindo os interiores –, mas, por meio de seus efeitos, o homem pode perceber sua existência.

Do mesmo modo, tal como no exemplo, o mesmo ocorre a respeito de D’us:

1 – D’us preenche todos os mundos (*Memalé kol amin*); o fulgor da *Shechiná* – Presença Divina – se investe literalmente nos mundos, e se fragmenta de acordo com as diferenças de nível de cada um deles.

2 – D’us abrange todos os mundos (*Sovev kol almin*); a luz Divina está em seu interior, mas sem dividir-se segundo os níveis de cada um dos mundos, e sim morando em todos eles, abrangendo-os por igual.

Por cima desses dois níveis está o Ser e a Essência de D’us (*Atzmut uMehut*), que transcende de modo absoluto a dimensão dos “mundos”. (Em cada um desses níveis há numerosos subníveis, e o escrito é somente uma forma geral, na medida do necessário para o tema que nos interessa).

Da mesma forma que na ilustração anterior da alma, neste mundo material e materialista (*Olam HaZé*) não podemos captar a essência da Luz Divina, nem sequer a essência da Luz que Preenche os Mundos; somente em virtude de seus efeitos conhecemos e sentimos Sua presença, como foi dito (*Isaiás 40:26*): “Erguei vossos olhos ao Alto e vejam Quem criou isto”.

No nível do *Gan Éden*, um mundo de almas onde não há corpo que provoque ocultação, se soma também a captação da essência da Luz que Preenche os Mundos.

O nível de *Iemot HaMashiach*, quando a matéria será refinada e no homem brilhará a imagem Divina tal como era antes do pecado, e até de um modo superior, agrega a revelação Divina da Luz que Abrange os Mundos.

Por cima de todos esses níveis está aquele correspondente ao momento em que os mortos voltam à vida, o momento da perfeição absoluta deste mundo, em que se revelará a Essência Infinita de D’us.

Longe de explicar a ideia de *Techiat Hametim* em traços gerais,

passaremos a explicar seus pormenores com base no enunciado por nossos Sábios .

## II – Os pormenores da Ressurreição dos Mortos

### Quando ocorrerá?

Estudamos: “[A construção do] *Beit Hamicdash* – Grande Templo de Jerusalém – precede a reunião das diásporas; a reunião das diásporas precede a Ressurreição dos Mortos...”<sup>\*</sup> Também estudamos: “A reunião das diásporas precede a Ressurreição dos Mortos em quarenta anos” (*Zohar* I, 139 a; veja também *ibid* 134a).

### Onde ocorrerá?

As almas regressam aos corpos em *Eretz* Israel, tanto os enterrados em *Eretz* Israel como os enterrados fora dali.

Por que dizemos assim? Porque no Talmud (*Ketuvot* 111a) encontramos o seguinte: “Disse Rabi Eliazar: ‘Os mortos de fora de Israel não voltam à vida, pois foi dito: ‘E porei Minha Glória na terra dos vivos’ (*Zacarias* 2:11) – ou seja, os mortos que estão ‘na terra em que se encontra Minha glória’ – Israel – voltam à vida, e os da terra em que não está Minha Glória – fora de Israel – não voltam à vida...’ [Pergunta o Talmud:] E segundo Rabi Elazar, os *tsadikim* – justos – enterrados fora de Israel não voltam à vida? Disse Rabi Ilai: ‘Voltam, por meio de *guilgul*’ (seus ossos rolam até *Eretz* Israel e ali voltam à vida)”.

Pergunta a continuação do Talmud: “Este rolar, para os *tsadikim*, é um sofrimento! Respondeu Abaié: Fazem-se túneis para eles no solo (e por eles vão até *Eretz* Israel<sup>\*\*</sup> e ali emergem e saem)”.

Ora, visto que também os *tsadikim* enterrados fora de Israel voltam à vida [apenas que diferente dos de *Eretz* Israel, o fazem atra-

<sup>\*</sup> *Talmud*, *Berachot* 49 a; *Tanchuma Nôach* 11; *Rambam*, *Hilchot Melachim* cap. 11; *Igrot Kodesh Admur HaRashab* vol. 1, Carta 130.

<sup>\*\*</sup> Quem conduz o corpo até *Eretz* Israel?... Disse Rabi Yitschak: o anjo Gabriel o conduz: (*Zohar* I, 128 b).

vés de túneis], forçosamente se deve dizer que também segundo Rabi Elazar, de acordo com a conclusão final da análise talmúdica, a interpretação do versículo “E porei Minha Glória na terra dos vivos” não é que a Ressurreição depende do local em que ocorreu a morte e o enterro [e se ocorreu em *Eretz* Israel, volta à vida, mas caso contrário, não volta à vida, pois se fosse assim tampouco os *tsadikim* falecidos e enterrados fora de *Eretz* Israel voltariam à vida], mas sim o versículo fala do lugar em que ocorrerá a Ressurreição propriamente dita, que será exatamente a Terra de Israel [o local onde está “Minha Glória”]. De modo que também aqueles que chegaram a Israel através de túneis são denominados “mortos de *Eretz* Israel”, porque a alma é devolvida aos seus corpos logo ao emergirem ali, como se verá na continuação.

Assim, nada obriga a dizer que o lugar do enterro afete de alguma maneira a possibilidade de Ressurreição, e não há evidência de que assim foi. E se o lugar do enterro não interessa para a Ressurreição, novamente se pode dizer que também Rabi Elazar opina que quem foi enterrado fora de Israel volta à vida\*, somente que os *tsadikim* são privilegiados com túneis e não sofrem o padecimento de rolar até *Eretz* Israel; no entanto não acontece assim com aqueles que não foram tão *tsadikim*. Mas todos chegam a *Eretz* Israel – e então se chamam “mortos de *Eretz* Israel” – e ali voltam à vida.\*\*

Assim, também na opinião de Rabi Elazar, pode-se entender de forma literal a *Mishná* (*Sanhedrin* 90a) que afirma que “todo Israel tem parte no Mundo Vindouro”.

Embora Rabi Aba bar Manal discuta a opinião de Rabi Elazar

---

\* Desse modo pode entender-se de forma literal o escrito por *Shnei Luchot HaBrit* (*Shaar HaOtiot*, ao final de *Kúf*): “Disse Rabi Elazar: ‘Os mortos de fora de *Eretz* Israel não voltam à vida senão por meio de *guilgul*’”.

\*\* O motivo pelo qual as almas ressuscitam exatamente em *Eretz* Israel é explicado no *Zohar* (I, 114a): “... aos mortos que no futuro D’us devolverá a vida, por que não lhes entrega a alma no local em que foram enterrados? Porque D’us jurou construir Jerusalém, e que esta não será destruída nunca mais... por isso eles não recebem sua alma exceto num lugar de existência eterna, a fim de que perdurem no corpo de forma eterna.” E em Jerusalém se inclui todo *Eretz* Israel, como expressa o *Zohar* em suas palavras anteriores a este parágrafo.

(no Tratado Talmúdico de *Ketuvot*) e afirme que também os de fora de Israel voltarão à vida – assim como vários *amoraim* desse bloco talmúdico opinam como Rabi Elazar ou debatem sua posição –, ele mesmo nos demonstra que a conclusão haláchica segue sua opinião, conforme as conhecidas regras de estudo do Talmud.

### Quem Ressuscitará?

“Todo Israel tem parte no Mundo Vindouro (que se refere à Ressurreição dos Mortos)... e estes são os que não têm parte no Mundo Vindouro: quem diz que *Techiat HaMetim* não tem fundamento na Torá etc.”(*Sanhedrin* 90a).

A respeito disso Maimônides se explicou em *Iad HaHazaká, Leis de Teshuvá*, cap. 3\*.

### O que acontece com as almas que já estiveram antes no mundo, e com seus corpos?

Disse Rabi Jizkia: “Se vais dizer que todos os corpos do mundo se ergueram e despertaram do pó, aqueles corpos aos quais fora implantada uma mesma alma (ou seja, que essa alma esteve primeiro em um corpo e logo foi investida em outro), o que será delas? Disse Rabi Iosi: aqueles corpos...” (*Zohar* I, 131a; *Tikunei Zohar, Tikun* 40). Suas palavras foram explicadas pelo AriZal (*Shaar HaGuilgulin*, Introdução 4) da seguinte maneira: “Se na primeira oportunidade... [o homem] não conseguiu consertá-la (a alma) por inteiro e faleceu... por isso, no momento da Ressurreição dos Mortos, o primeiro corpo não tem aquele segmento particular (da alma) que ele consertara em vida. Assim, quando essa alma migra para outro corpo para completar sua emenda, as partes da alma emendadas por esse segundo corpo... são desse segundo corpo no momento da Ressurreição...”

---

\* *Midrash Talpiot, Anaf Helek leOlam Habá*, diz em nome de *Rabeinu* Bachia e Rikanti: “Aquele que estudamos, ‘e estes são os que não têm parte no Mundo Vindouro’, quer dizer que não têm parte individual, mas gozam e se nutrem de tesouros de caridade guardados para aqueles que não tiveram mérito.”

Sobre essa declaração não se pode perguntar que, por ser assim, haveria então pessoas que não terão senão alguns segmentos individuais de alma e não uma alma completa, pois, como se sabe, cada parte da alma é composta por todas as demais partes, e cada parte, de forma individual, contém a estrutura em sua totalidade, apesar de que em sua condição de “parte” de uma alma mais geral não é senão um de seus níveis\*. Vemos ainda essa ideia num plano maior: todas as almas em seu conjunto não são senão uma única alma de *Adam HaRishon*, o primeiro homem, como insinua o dito de nossos Sábios (*Shemot Rabá* 40): “Enquanto *Adam HaRishon* jazia inerte, D’us lhe mostrou cada *tsadik* que haveria de sair dele; um vem de sua cabeça, outro de seus cabelos...”\*\*

### Como o homem volta à vida?

O homem volta tal como se foi. Se era cego, volta cego; se era mudo, regressa mudo; surdo, volta surdo, tal como estava vestido, volta vestido. Disse D’us: “Que se levantem como foram, e logo Eu hei de curá-los.” (*Bereshit Rabá* 95; *Zohar* III, 91a; e veja *Zohar* II, 199b).

O que significa “volta vestido”? Estudamos em nome de Rabi Nathan: “A veste que desce com o homem ao abismo é a que vem com ele em seu regresso” (*Yerushalmi Ketuvot* 12:3, e assim se depreende também de *Nidá* 61b). Segundo a versão de *Tosafot* (em *Ketuvot* 111b) a coisa está em discussão, e na opinião de Rabi Iehudá Ha-Nasi os mortos voltam com as roupas que usavam em vida.

No *Zohar* (I, 203b) nos é dito: “No momento em que os judeus se levantem do povo haverá entre eles alguns coxos e outros cegos;

---

\* Este não é o local apropriado para explicação, mas darei um exemplo: a pessoa que se destacou no cumprimento de “Amarás a D’us” se levanta novamente para a vida na Ressurreição, falará sobre a grandeza de D’us para cumprir a ordem de “Conhecerás a D’us”, e terá temor a D’us etc., somente porque ama a D’us e por isso deseja cumprir Sua vontade. Ou, num plano mais profundo: em virtude de seu amor quer conhecer a grandeza do amado, teme se distanciar do amado etc. Isso é o que disseram nossos Sábios (*Talmud, Sotá* 31a): “O conceito de temente a D’us que se expressa ao falar do Patriarca Abraham, é por amor...”

\*\* Veja *Tanya* cap. 2 e cap. 37: *Igueret HaKodesh* sec. 7, e em outros locais.

D'us os iluminará com aquele sol para curá-los”. Isto coincide com o dito de nossos Sábios no Talmud (*Nedarim* 8b): “D'us extrai do sol a sua cobertura e os *tsadikim* se curam com ele.”

### **Em que ordem os mortos voltam à vida?**

Primeiro voltam à vida os mortos de *Eretz* Israel; em seguida\*, os mortos de fora de Israel\*\*, e logo a geração do deserto, e há aqueles que dizem que assim que os mortos de fora de Israel voltem à vida, retornam os Patriarcas\*\*\*. Rabi Shimon disse: “Primeiro voltam à vida os mortos de *Eretz* Israel, depois os de fora de Israel e logo aqueles que jazem em Hebron – os Patriarcas”. O motivo dessa ordem foi explicado por *Avakat Rochel* (Livro II, Quarta Parte): “Para que despertem com alegria ao ver seus filhos que se ergueram da sepultura, e a terra está povoada com muitos *tsadikim* e *chassidim*”.

Primeiro se levantam os *tsadikim* e logo o restante das pessoas\*\*\*\*. Primeiro aqueles que se dedicaram à Torá e em seguida aqueles que se dedicaram às *mitsvot*\*\*\*\*\*. No *Midrash* se menciona que subiram e serão chamados pelo nome por ordem alfabética, mas quem tem a qualidade da humildade se erguerá primeiro.

### **O que ocorrerá às pessoas que estão vivas no momento da Ressurreição?**

Saadia Gaon escreveu\*\*\*\*\* que como o versículo não fez referência a respeito, nem tampoucos o fizeram nossos Sábios, não há tradição e por isso a polêmica...

Mas no presente, por termos sido privilegiados com a revelação

---

\* Quanto tempo haverá entre uma ressurreição e outra é algo que continua controverso entre nossos Sábios (*Avakat Rochel*, Livro II, Quarta Parte). Veja *Žohar* I, 139b; Ibn Ezra a Daniel 12:2' *Sheelot uTeshuvot HaRadbaz* III, 648, em nome de *Ritbá*.

\*\* *Yerushalmi Kila'im* 9:3.

\*\*\* *Žohar* I, 113a.

\*\*\*\* *ibid* 140a.

\*\*\*\*\* *ibid* 182a, e em *Biurei HaŽohar*.

\*\*\*\*\* *Emunot veDeot*.



do sagrado *Zohar*, encontramos ali\* o seguinte: “Até agora, a morte pertencia ao lado oposto da santidade – a *sitrá achará* –, mas de agora em diante, ‘Eu darei morte e vida’\*\*. Daqui em diante todos aqueles que não provaram o sabor da morte, d’Ele (de D’us) terão a morte, e Ele os elevará de imediato. Por quê? Para que no mundo não reste nada daquela sociedade [anterior] e fique unificado como obra das mãos de D’us”.

### **Detalhes da Ressurreição do Corpo**

Na Ressurreição se levantará o mesmo corpo falecido, como foi dito “Viverão teus mortos”\*\*\*, mas não foi dito “se criarão”. Porque do corpo perdura um osso, e no momento da Ressurreição D’us se abrandava com o orvalho da Ressurreição e o osso se converte como fermento para a massa, e dele se constrói todo o corpo\*\*\*\*.

### **Há julgamento depois da Ressurreição?**

A esse respeito encontramos três opiniões:

1 – Logo após a Ressurreição dos Mortos ocorrerá o Grande Dia do Juízo em que cada homem será julgado segundo seus atos\*\*\*\*\*.

2 – Cada pessoa é julgada imediatamente após a morte, e depois da Ressurreição não ocorre nenhum juízo adicional. E o fato de que em vários lugares encontramos a expressão “Dia do Juízo” em referência ao tempo posterior à Ressurreição, interpreta-se como “dia de castigo e vingança”\*\*\*\*\*.

3 – O enunciado do AriZal: “E se há de perguntar: como sobre esta alma passaram *Yôm Kipur* e os sofrimentos que purificam... e transformações, por que deverá voltar a ser julgada no Grande Dia do Juízo? A ele responderemos que o Grande Dia do Juízo não é se-

---

\* *Zohar* II, 108b

\*\* *Deuteronômio* 32:39.

\*\*\* *Isaías* 26:19.

\*\*\*\* *Zohar* II, 28b; veja *ibid* III, 169a, até o final.

\*\*\*\*\* Nachmânides, em *Sefer HaGmul*, e outros.

\*\*\*\*\* Abarbanel em *Mainei Haleshuá*, *maain* 8, *tamar* 7.

não para as nações do mundo. A declaração do AriZal é citada por *Nishmat Chaim*\* e seu autor acrescenta: “E se perguntarmos ‘Que será então daqueles que morreram pouco antes da Ressurreição e que ainda não receberam seu castigo pelas transmigrações ou sofrimentos?’ responderei que a lógica indica que no lugar do tempo prolongado de seu juízo receberão um castigo tão portentoso num tempo tão breve que a qualidade do castigo superará a quantidade de tempo, para que se tornem merecedores da vida no Mundo Vindouro. E essas questões estão ocultas e seladas; Bendito seja quem sabe.”

### Como será a vida depois da Ressurreição?

“O Mundo Vindouro (logo que revivam os mortos) não tem comida, bebida, procriação, atividade comercial, inveja, ódio ou competência, mas sim os *tsadikim* estão sentados com coroas na cabeça e gozam do brilho da *Shechiná*”\*\*, não voltam ao povo\*\*\*, e perduram eternamente.

---

\* *Maamar I*, 17.

\*\* Talmud, *Berachot* 17a. Embora Maimônides (*Leis de Teshuvá* cap. 8, *halachá* 2) interprete essas palavras como se aplicando a um mundo exclusivamente de almas, elas discordam de Saadia Gaon (*Emunot veDeot*), *Raavad*, Ramban, Rabi Meir ben Tudrus HaLevi (em *Avodat HaKodesh*), *Shlá* (introdução à seção *Beit David*), *Admur HaZaken* (*Likutei Torá*, *Tzav*). E o que disseram nossos Sábios, que “no futuro vindouro D’us faz um banquete para os *tsadikim*” (*Talmud, Pessachim* 119b; *Bava Batra* 74b) – interpretado pela esmagadora maioria dos comentaristas como um banquete físico (Saadia Gaon, *Rashba* em *Bava Batra*, Ramban sobre *Gênesis* 1:21, *Rabeinu Bachia* (*ibid*), Ibn Ezra sobre *Daniel* 12:2, Rabi Abraham ben David (*Raavad*) sobre Maimônides *ibid Avodat HaKodesh, Maharshá, Likutei Torá*) – terá lugar durante *Iemot HaMashiach* (segundo R, Abraham, o filho de Maimônides, em *Milchamot*) ou ao começo da época da Ressurreição (*Rashba, Rabeinu Bachia*; veja Ibn Ezra *ibid*). Do *Likutei Torá* mencionado, pareceria que este banquete físico ocorrerá no tempo em que “suas coroas estarão sobre suas cabeças e gozam do brilho da *Shechiná*”, tempo que coincide com aquele sobre o qual os Sábios disseram que “nele não há comida...” Pelo que o Rebe explica, no seu entender este enunciado dos Sábios (“nele não há comida etc.”) vem a ensinar-nos que o Mundo Vindouro não é como este mundo. Neste mundo, a perpetuação da alma no corpo e sua união ocorre por meio da comida e da bebida, mas no Mundo Vindouro será por meio do prazer que se tem com o brilho da *Shechiná*, da qual se nutrirá também o corpo físico. Mas haverá de todo modo um banquete físico para os *tsadikim*, com outro objetivo diferente (veja *Likutei Torá*), mas não para preservação do corpo.

\*\*\* Talmud, *Sanhedrin* 92a.

## AUDIÊNCIA PRIVADA COM UM PROFESSOR\*

**Pergunta:** Muitos dentre aqueles que na infância receberam instrução profana e concepção científica, e que só muito mais tarde voltaram ou estão voltando ao seio do Judaísmo, preocupam-se com as contradições existentes – conforme seu ponto de vista – entre a concepção da Torá e as conclusões da ciência em alguns assuntos. Existem casos em que a contradição ocorre em questões do passado remoto; as concepções da ciência são extremamente hipotéticas, baseadas em extrapolação exagerada de processos do tempo presente para uma época que se encontra distante, quando já ultrapassada a possibilidade de observação científica. Este tema já foi longamente tratado. Contudo, existem casos sobre os quais se fala hoje de modo direto, como fenômenos observados. Por exemplo: na *Guemará*, e assim também nos escritos do Rambam, fala-se de vermes que vêm ao mundo não pelo nascimento, mas por geração espontânea. Como se sabe, os zoólogos consideram isto impossível. E existem outros exemplos desse tipo. Como responder a perguntas como esta?

1- Será necessário eleger a verdade da Torá, que está acima de qualquer dúvida, e mais nada?

2- Será preciso apontar os pontos fracos e a falta de base das opiniões científicas, à medida em que contradizem a concepção da Torá?

3- Quem sabe seja permitido dizer de vez que nestes casos nós não entendemos claramente o significado das palavras da Torá?

**Resposta:** Antes de mais nada, o último argumento certamente não resiste à crítica. O entendimento simples das palavras da Torá é sempre o determinante. Quão grande foi o prejuízo provocado pelas experiências realizadas no passado, e que voltam a ser feitas no presente, para “amainar” o caos e a desordem íntima de diversas pessoas como argumento de que é necessário entender as pala-

---

\* Texto extraído das respostas do Rebe às perguntas pertinentes à filosofia judaica, formuladas por um professor judeu; as respostas são uma condensação livre do que foi possível a este entender e depois se lembrar e anotar

vras da Torá de maneira não-literal! Isto é especialmente proibido quando se fala de questões que tocam à lei de ação prática. A pergunta aqui levantada é justamente deste tipo, pois a existência de vermes autogerados é lembrada com relação às leis de *Shabat*; porque, conforme a lei, é permitido matar criaturas desta espécie no *Shabat*. Portanto, é claro que não se trata de um mero exemplo, mas sim de criaturas vivas, palpáveis e definidas. Deste mesmo modo, é também proibido negar a literalidade obrigatória dos escritos sobre os seis dias da Criação – dias, não épocas! – porque isto está ligado ao conceito básico do dia do *Shabat*, que foi fixado no sétimo dia da Criação, bem como também às leis do *Shabat*.

Por outro lado, não há necessidade de fugir da aparente contradição. Aquele cuja fé é forte não se preocupa com uma contradição como essa, porque o argumento básico de sua fé é que a Torá é verdade – verdade ao extremo. Contudo, se existem pessoas que se sentem preocupadas com aquilo que lhes parece contradição, obviamente elas devem apurar, de modo detalhado e sério, a base da contradição e revelar a raiz do engano quanto a uma determinada questão ou teoria. É possível também que essa contradição tenha sido uma mera generalização ou uma extensão injustificada do significado deste ou daquele resultado, e assim por diante.

Com relação aos vermes autogerados, o assunto é simples. Experiências permitem acompanhar o processo evidente de desenvolvimento de um verme a partir de seu ovo. Quando existem também observações sobre o processo de expulsão desses ovos, isto permite definir que um determinado verme foi criado por um processo de nascimento. Contudo, quando numa cultura de vermes foram encontrados ovos identificados como pertencentes a uma determinada espécie, e, do mesmo modo, vermes possuidores dos sinais de identificação daquela espécie, então esses fatos não provam em absoluto a impossibilidade do surgimento desses vermes também independentemente de nascimento, num processo de geração espontânea. Na prática, cada caso particular tem as suas regras particulares, de modo que não existem dois casos totalmen-

te idênticos. Logo, o argumento de que um determinado verme é totalmente idêntico a vermes que se desenvolvem de um ovo que estava sob observação não pode ser correto. Mesmo que este argumento fosse correto, então, conforme mencionado acima, isto não tem nenhuma ligação com a possibilidade da existência de vermes provenientes de geração espontânea.

De um modo geral, a ciência experimental não pode basicamente provar a impossibilidade de um acontecimento – qualquer que seja ele. Ela pode falar apenas da possibilidade de algo que é constatado na realidade; mas, daí não decorre absolutamente a impossibilidade da existência de algo que anteriormente se conseguiu observar. Como é notório, na ciência, especialmente na termodinâmica, impera a explicação evidente de todos os fenômenos. Por isso, em consonância com as concepções científicas modernas, o conceito “fenômeno impossível” foi trocado pelo conceito “fenômeno de pequena racionalidade”.

Porém, com base nisto, não é preciso ao mesmo tempo atingir o extremo oposto e argumentar que todos os milagres que são lembrados na Torá não foram milagres sobrenaturais, mas eram fenômenos naturais, embora de pequena racionalidade.

A base fundamental de nossa Torá é que o Todo-Poderoso fiscaliza o mundo sem intermediários e determina o rumo de qualquer acontecimento e fenômeno. Sobre essa base, entre outras, está fundada a nossa compreensão sobre a *mitsvá* da oração. A prece de um judeu não é apenas a manifestação de sentimentos de gratidão e admiração diante da grandeza de D’us, mas pode também exercer influência sobre os rumos do mundo, de acordo com os pedidos e desejos que nela se expressam, de um modo que isto seja a Vontade de D’us.

Com relação a essa ideia, cabe lembrar aqui que, à luz da Torá de Israel, é absolutamente impossível concordar com o argumento de Laplace\*, de que se lhe tivessem sido fornecidas as condições primordiais e delimitadas, plenas e exatas, ele poderia, em termos

---

\* Pierre Simon, Marquês de Laplace. Astrônomo e matemático francês (1749-1827).

básicos, calcular matematicamente o futuro do universo. Um determinismo\* extremado como esse não se coaduna inclusive com os conceitos da ciência moderna, e, definitivamente, não é aceito por um judeu, pois, na verdade, o Todo-Poderoso dá existência ao mundo a cada segundo; Ele dá vida e conduz o universo todo, incluindo suas menores partículas, e depende de Sua Vontade se amanhã será correta a extrapolação de leis que ontem e hoje foram formuladas por meio da observação.

Para esclarecer o que foi dito é preciso enfatizar que todos os fenômenos mencionados na Torá são decididamente possíveis e definitivamente ocorreram, mesmo que à primeira vista pareça contrariar a rotina. Assim, não é o bastante entender isto à luz dos princípios modernos da evidência de que não há acontecimentos impossíveis, mas apenas de pequena frequência, ou de racionalidade muito reduzida, e que, por esta razão, também os milagres citados na Torá seriam supostamente fenômenos naturais, porém de reduzida racionalidade. A concepção que a Torá tem do mundo elimina totalmente a possibilidade de coincidências, porque qualquer acontecimento ocorre apenas com o conhecimento do Criador e de acordo com Sua vontade. Por isso, será demasiado incorreto tentar explicar os milagres descritos na Torá como fenômenos extremamente raros, mas possíveis do ponto de vista da rotina natural. É verdade que a maioria dos fenômenos no mundo ocorre em consonância com aquilo que se chama de ordem natural (a qual, é óbvio, também foi determinada pelo Criador), de modo que a Divina Providência fica oculta. Também é verdade, por outro lado, que do ponto de vista da ciência moderna é impossível argumentar que os acontecimentos narrados na Torá como milagres são impossíveis. De qualquer modo, é proibido rebaixar um milagre a um nível de acontecimento natural – pois a sua particularidade consiste apenas em ser de pequena racionalidade –, por-

---

\* Nota da edição em hebraico: Determinismo – teoria das causas que afirma a existência de uma causa determinada para qualquer movimento da natureza e da vontade humana (em oposição à teoria do livre-arbítrio).

que, então, não prevaleceria a concepção moral e jurisprudencial [judaica]. Em relação a isto, é possível lembrar que as experiências feitas por diversas pessoas para basear alguns pontos da Torá em uma interpretação não-litera, com o objetivo de acalmar a perplexidade de jovens que se perderam no caminho entre a Torá e a ciência, são muito perigosas, conforme o exemplo dos seis dias da Criação comprova de modo extremamente relevante. Basta supor que ali se fala não de dias no sentido [universalmente] aceito, mas de épocas e de eras, e isto provoca logicamente o estremecimento das limitações legais, porque todo o conceito da santidade do *Shabat* – dia de descanso e santidade – torna-se falho por base.

Se voltarmos agora ao assunto da geração espontânea dos vermes, poderemos dizer que embora sob o ponto de vista científico sua autogeração seja de racionalidade extremamente nula (com relação a isto é possível lembrar que, de acordo com os pensadores modernos, a possibilidade de geração espontânea, até mesmo de organismos muitíssimo inferiores, é considerada nula, assim como a subsistência das teorias de geração espontânea de vida sobre a terra, que no passado eram muito populares, fracassou totalmente por meio da ciência), talvez a sua geração por um modo determinado – por exemplo, um cancro – possa iniciar-se regularmente como resultado de leis fixadas pelo Criador e por Ele acionadas sem intermediários em cada caso particular. É possível apenas repetir e dizer que o fato de um dentre os biólogos ainda não ter conseguido acompanhar o processo da geração espontânea não prova nada. A título de simples exemplificação da última afirmação, é possível lembrar uma anedota que em sua época se espalhou pelas *yeshivot* – um menino convence um colega de que na aldeia deles existe o telégrafo sem fio há muito tempo; isto para ele é claro, e a prova: por mais que tenha cavado em hortas e jardins, não encontrou fios telegráficos.

No que se refere às criaturas vivas sobre as quais falamos antes, é possível acrescentar que não sabemos a palavra latina que corresponde ao seu nome na língua sagrada – *Peresh* –, mas daí não se

pode concluir que é possível levantar dúvida sobre os acontecimentos relatados na Torá.

**Pergunta:** Será correto afirmar que tudo o que foi dito acima prova que é necessário e proveitoso examinar e analisar as conclusões das ciências naturais à luz da concepção da Torá, e não simplesmente fugir dessas conclusões?

**Resposta:** Não há dúvida de que é útil e obrigatório explicar de que modo os dados científicos se coadunam com os conceitos da Torá, pois existem pessoas que necessitam de uma explicação como esta, e isto poderá tirar a dúvida e a preocupação de seus corações. Por exemplo, na Torá e na *Guemará* muitas vezes é lembrada a relação entre diâmetro e perímetro, e, nesses casos, aceita-se, de um modo geral, que a medida do perímetro é equivalente a quatro diâmetros; será uma tolice supor que os sábios do Talmud não conheciam o valor do  $\pi$ , pois eles realizaram cálculos astronômicos profundos e precisos relativos à determinação do calendário judaico. É suficiente lembrar o fato de que eles viveram algumas gerações após Arquimedes e outros sábios não-judeus, que em seus cálculos utilizaram o  $\pi$  e, muitas vezes, fizeram menção a esse valor. Portanto, é evidente que nos casos apontados na *Guemará* o valor prevalece tal como ele é, arredondado para o inteiro.

Efetivamente, existe um determinado caso no Talmud em que se fala de um lago circular feito pelo Rei Shlomô\* cujo diâmetro era de dez *amot*\*\* e o perímetro, trinta *amot*.

Aqui, aparentemente, mesmo que arredondassem o número, seria preciso indicar o número trinta e um. O que é surpreendente é que o perímetro do lago, na realidade, era de exatamente trinta *amot*, e o diâmetro é que era menor do que dez *amot*, só que o número indicado é um número redondo, ou seja, dez.

De modo semelhante, podem-se explicar as palavras do Ram-

---

\* Em português, Salomão.

\*\* Medida da época talmúdica equivalente a cerca de 50 cm.



bam na questão da relação entre o tamanho do sol e o globo terrestre, se forem consideradas as protuberâncias\*. Exemplos como este há muitos.

Contudo, a resposta geral no que concerne à posição da ciência com relação à Torá é a seguinte: “Tudo o que D’us fez foi para o Seu louvor” – tudo o que D’us criou no Seu universo não foi criado senão para servir à santidade; todas as criaturas e cada uma delas conforme o seu objeto, pois deste modo a sua função traz proveito ao universo. Como exemplo, a energia atômica é um instrumento extremamente útil, e isto só depende da sua aplicação prática pelo homem: para conquistar tesouros da natureza que o ajudem no serviço a D’us, e não, D’us nos livre, para a prática de desígnios criminosos e aniquilação.

A “ciência” também é uma criação Divina, e na medida em que é verdadeira e boa (exceto as teorias “científicas” cujo fundamento é a mentira!), eis que ela é útil ao homem, e sua função mais elevada é servir a D’us.

O Rambam, além de sua grandeza na Torá e de sua elevada santidade, também tinha talentos geniais e conhecimentos enciclopédicos sobre filosofia e ciências naturais. Apesar de sua obra principal ser o livro *Hayad Hachazaká*, um escrito elevado e importante sobre a Torá, ele [Maimônides] escreveu também o livro *More Nevuchim*, que trata de filosofia e ciência, porque queria utilizar-se delas para o serviço a D’us ou para a Sua Torá.

Desta forma, ele eleva também a filosofia e a ciência, fazendo delas um veículo para objetivos extremamente elevados. As coisas podem ser explicadas da seguinte maneira:

A preparação no campo material precede o cumprimento dos preceitos que se encontram na Torá, apesar de estes serem a revelação da vontade de D’us, possuindo significado e conteúdo espiritual.

Tomemos como exemplo os *tefilin*, que o Todo-Poderoso nos ordenou colocar sobre o braço e a cabeça a cada manhã. Apa-

---

\* Veja carta 57, p. 202.

rentemente, poderíamos esperar que o Todo-Poderoso criasse *tefilin* completos e prontos para o cumprimento dessa *mitsvá*, já que Ele os desejava...

No entanto, não é assim. Um profissional precisa preparar os *batim\**, as *retsuot\*\** e o *claf\*\*\**; o escriba precisa escrever sobre o pergaminho os escritos sagrados específicos; o judeu que necessita de *tefilin* precisa comprá-los com o dinheiro ganho com seu trabalho.

Ou um exemplo adicional: o *etrog\*\*\*\**, sobre cujo manuseio pronunciamos uma bênção nos dias de *Sucot*. Seria possível pensar *a priori* que ao chegar a manhã do primeiro dia de *Sucot* o *etrog* estaria à disposição de cada judeu para que ele pudesse cumprir a *mitsvá*.

Porém, na prática, o judeu precisa empenhar-se antes da chegada da Festa [*Sucot*] e ir à procura de um *etrog* belo e perfeito; às vezes, precisa até despender energia, tempo e muito dinheiro para conseguir um.

Desta forma, a preparação no campo material precede o cumprimento das *mitsvot* Divinas, e esses preparativos permitem e servem ao objetivo Divino no cumprimento das *mitsvot*.

Pode-se encarar de modo semelhante as ciências naturais quando se baseiam nos conceitos da Torá, estando ligadas com a própria Torá. Pois elas servem a diversas pessoas como preparação, no campo material, para o acolhimento do jugo da Torá e das *mitsvot*.

Quer dizer, além das ciências servirem “exclusivamente para utilizar-se delas como um instrumento útil, isto é, como instrumento para um meio de vida mais proveitoso, a fim de poder servir a D’us”, sua importância principal se revela apenas quando o homem “sabe utilizar-se delas para o serviço a D’us ou à Sua Torá”, quando, então, as ciências se transformam numa parte da Torá.

Com relação a isto é significativo o Rambam iniciar sua obra

---

\* Pequenas caixas que integram os *tefilin* e que servem como invólucros dos pergaminhos com os escritos sagrados que os compõem.

\*\* Tiras de couro que integram os *tefilin*.

\*\*\* Pergaminho preparado de modo específico para os *tefilin*.

\*\*\*\* Fruto cítrico.

mais importante, *Yad Hachazaká* (*Mishné Torá*) – que na realidade é o primeiro *Shulchan Aruch* – com o livro *Madá*\*.

Nesse livro, ficou claramente revelado de que maneira, e até que ponto, foi possível conceber, entender e saber da existência do Criador pelo intelecto humano.

À luz do que foi dito acima é possível verificar nessa obra do Rambam a utilidade das ciências naturais – como preparação no campo material – para o estudo das *mitsvot* e das decisões legais detalhadas em todas as partes do *Yad Hachazaká*.

Daí decorre que este mundo material, assim como os mundos superiores espirituais, recebe a sua vida da Torá, e assim também pode – e precisa – ser totalmente utilizado em função de um entendimento mais profundo da Torá e de sua relação com ela. É muito perigoso e prejudicial enxergar na Torá algo diferenciado e separado do mundo e da vida cotidiana, como o faz um certo professor de *Yerushalayim*\*\*.

O argumento de que a Torá é como uma ideia “elevada” e abstrata, de modo que não é possível concluir dela instrução para os atos da vida cotidiana, e que a vida diária não nos ensina a entender melhor a Torá..., eis que isto é uma tentativa de rebaixar a Torá, e de distorcer o seu significado.

**Pergunta:** Muitos dentre os que começam a estudar Torá têm dificuldade em conciliar dois conceitos importantes na percepção do mundo judaico – o livre-arbítrio e o conhecimento prévio de D’us –, pois à primeira vista parece que o absoluto conhecimento de D’us acerca do futuro priva o homem do livre-arbítrio, obrigando-o a agir em consonância com o conhecimento prévio que D’us possui. O que se pode dizer sobre isto?

**Resposta:** Não é surpresa que esta questão seja difícil para os iniciantes. Contudo, é entristecedor que muitos dentre os que se

---

\* Em português, “Ciência”.

\*\* Em português, Jerusalém.

julgam conhecedores da Torá também se complicaram neste assunto. Na verdade, a resposta é extremamente simples, e é possível expressá-la em poucas frases\*.

Assim, suponhamos que um homem “A” saiba de que modo agirá o homem “B”. Será que isto obriga o homem “B” a um determinado comportamento? Definitivamente, não. É correto que o conhecimento de D’us difere daquele do homem na medida em que o conhecimento de D’us subsiste e se concretiza (tal como D’us falou [assim] se concretiza – pois tudo se tornou existente pela Sua palavra). Porém, como pela vontade de D’us foi concedido ao homem o livre-arbítrio, por isto, neste caso, Ele diferenciou Seu conhecimento da concretização obrigatória, pois se não fosse assim ocorreria a coerção do homem a agir em consonância com o conhecimento de D’us.

Se esta explicação ainda não é suficiente, é possível ainda notar o seguinte: ninguém fica confuso ao saber de que modo o conhecimento de D’us acerca do que ocorreu ontem é totalmente compatível com o livre-arbítrio que foi concedido ao homem. Contudo, D’us está além dos limites do tempo, e, portanto, no que se refere a Ele, não há qualquer diferença entre “amanhã” e “ontem”, e, por isso, tudo o que vale em relação a “ontem” torna-se válido também em relação a “amanhã” .

**Pergunta:** Qual a concepção da Torá sobre a possibilidade de existência de civilização fora do globo terrestre?

**Resposta:** A possibilidade de existência de vida sobre outros corpos celestes, fora da Terra não é afastada pela Torá. Isto foi mencionado no Talmud. Porém, não é assim no que se refere à civilização, isto é, no que concerne a criaturas dotadas de entendimento. De acordo com a Torá, pertencem à espécie das criaturas inteligentes aquelas criaturas que, à semelhança do homem, possuem livre-arbítrio. Mas o livre-arbítrio cresce e existe por meio da

---

\* Veja Capítulo II, p. 61 e seguintes.

Torá. Assim, ao supormos que em algum outro lugar no universo existam criaturas inteligentes, somos obrigados a dizer que elas possuem a Torá, e isto é impossível em razão da seguinte explicação: é impossível supor que a Torá dessas criaturas imaginárias seja uma Torá diversa, diferente da nossa, pois a Torá é a Torá-Verdade, e verdade só existe uma. Do mesmo modo, é impossível supor que essas criaturas tenham a mesma Torá que nós, pois a Outorga da Torá ao povo judeu na Terra está explicada nos mínimos detalhes; muita atenção foi dispensada a estes detalhes, e eles são de elevado significado no que concerne ao seu entendimento.

Por isso, precisamos concluir que de acordo com a concepção judaica do universo, e é impossível a existência de civilização de criaturas inteligentes fora do globo terrestre.

### **AUDIÊNCIA PRIVADA COM UM GRUPO DE CIENTISTAS\***

A Torá judaica é a Torá da verdade, e disto se deduz que ela é imutável e permanente a todo tempo e em qualquer lugar.

Portanto, assim como nas gerações passadas a Torá já era uma Torá da Vida, e proporcionava respostas a todos os problemas que surgiam enquanto nossos ancestrais se encontravam no deserto, assim também em nossa época ela é a moldura que abrange toda a vida do homem, a partir do momento em que ele emerge do ventre de sua mãe e durante todos os dias de sua vida; nela será encontrada a resposta apropriada a todos os problemas e necessidades do indivíduo, e este princípio [prevalece] também em nossa geração e nas gerações futuras.

Por isso, não há necessidade – e também é proibido – alterá-la e adaptá-la (como se isto fosse possível) às necessidades ou concepções que prevalecem hoje em dia; pois o Todo-Poderoso, que outorgou

---

\* Extraído das respostas do Rebe a um grupo de cientistas e estudantes, abrangendo questões relativas à fé e à ciência. O texto constitui uma condensação livre do que foi possível aos participantes entender, conforme editado em inglês na publicação *Teacher's Program*.

a Torá, previu *a priori* e criou todas as criaturas de modo a se adaptarem, em todos os tempos e em todos os lugares, àquilo que está escrito na Torá. E não apenas isto, mas também tudo o que está relatado na Torá – acontecimentos que já ocorreram – tem um significado atual, também relacionado ao nosso tempo. Por exemplo, a assertiva do livro *Bereshit*, “Faremos o homem à nossa imagem e semelhança”, tem diversas interpretações.

Uma delas é que o homem foi criado a exemplo do que está no Alto: assim como o Todo-Poderoso é verdadeiramente Único, numa unicidade incomparável, e Ele comporta os opostos, assim também no homem existe uma unicidade deste tipo.

O homem é composto de contrastes: o corpo físico que se encontra ao alcance dos cinco sentidos humanos (visão, audição, paladar, olfato e tato) e, de outro lado, o conceito de “homem” que abrange a alma espiritual que extravasa os limites da materialidade.

Por exemplo, a ligação entre um homem e um semelhante que lhe seja querido não é uma ligação física, de carne e osso, mas provém das características da alma e do espírito, que se constituem na essência do homem e de sua existência e individualidade.

Assim, existe no homem uma integração – a união de diversos opostos –, e quando a alma se unifica com o corpo, então ele será chamado de “homem”, tal como o Todo-Poderoso é “Um” e é portador de opostos. Contudo, a característica da unicidade no Todo-Poderoso encontra-se no plano mais absoluto, completo e elevado. Isto se expressa na revelação da unicidade em todo o universo. Por esta razão, Ele não deseja a guerra entre os povos ou quaisquer divergências, conforme o dito de nossos sábios, de abençoada memória: “O Todo-Poderoso não encontrou outro recipiente para a bênção senão a paz”.

Mais do que isso, os impulsos do homem – os bons e os maus – tornam-se completos e unidos quando dirigidos para um só objetivo.

Pois é precisamente pelas seduções e tentações que o corpo provoca na alma – e esta consegue sobrepujá-las para dominar o corpo e seus impulsos e revertê-los para o bem, mediante edu-

cação apropriada –, que o corpo e a alma atingem a verdadeira integridade.

**Pergunta:** O Rebe falou sobre integração. Entre meus alunos, verifico uma aspiração por encontrar as mútuas relações e a influência recíproca que existe entre a Torá e as ciências profanas – o sagrado e o profano. Porém, a literatura sobre este assunto é reduzida. Qual a opinião do Rebe sobre isso?

**Resposta:** O monoteísmo é uma concepção que não admite o conceito de influência recíproca, porque Ele, Bendito seja, encontra-se em todo lugar e em cada coisa que há no universo, e “não há lugar em que Ele não se encontre”. Por isto, não há nada que não seja incluído na existência de D’us, e não se pode absolutamente falar de influência recíproca de duas coisas existentes quando a única existência que há é o Todo-Poderoso.

Se alguém presume que D’us reina apenas sobre os sete firmamentos, e que abandonou a Terra (D’us nos livre), ou seja, que existem presumivelmente dois domínios, então isto não é monoteísmo, mas politeísmo. O verdadeiro monoteísmo existe quando o homem entende que toda a Criação está incluída na unicidade de D’us, Bendito seja. Se ao fazer suas orações o homem se sente e se submete ao reinado dos céus, e quando conclui sua oração e sai para o seu trabalho e suas ocupações ele se sente submetido a um outro domínio, então isto, de certo modo, constitui idolatria; daí também se conclui o mesmo em relação à suposta “influência” dos cientistas ‘profanos’ sobre a Torá.

Na verdade, não existe, em absoluto, uma influência como essa, já que todos os verdadeiros cientistas estão, na prática, ligados à Torá e se inspiraram nela, enquanto os “cientistas” cuja base é mentirosa não são absolutamente cientistas. Além disso, aqueles dentre vós que se dedicam à ciência sabem certamente que o objetivo das descobertas científicas é encontrar a unicidade entre os diferentes fenômenos da vida.

Existe uma ligação íntima entre eletrônica, acústica, física e ma-

temática. A maior conquista de Einstein foi conseguir encontrar a ligação entre a energia e a matéria. Aquele que descobrir a relação entre a eletricidade e a força da gravidade será extremamente valorizado. Não é possível separar entre os diversos campos da sabedoria – acústica, matemática, filosofia e religião –, pois todos pertencem à mesma unidade.

As fórmulas de união entre elas já existem desde sempre, só que aguardam aquele determinado homem que terá o mérito de revelá-las. O fato de essas fórmulas ainda não terem sido reveladas não impede que nos reportemos a elas como se já fossem conhecidas. Conforme está escrito no Talmud, “a falta de conhecimento não deprecia”.

Por exemplo, se alguém descobrir uma nova teoria geométrica, isto não diminui a influência anterior dessa teoria até o presente. Ela existia, com todo o seu poder determinante, desde o início dos tempos, mas apenas agora foi descoberta.

O elo entre os elementos que compõem o nosso mundo há de se revelar em alguma ocasião, quanto a isto não há dúvida. Se é assim, por que não presumir desde já as conclusões que decorrem dessas fórmulas?

**Pergunta:** Com relação à resposta que o Rebe forneceu numa oportunidade anterior, na qual propõe simplificar tanto quanto possível o processo de instrução: a intenção foi a utilização de palavras e conceitos simples, ou a intenção foi a simplificação, ou até a alteração, do conteúdo das coisas?

A pergunta provém do ponto de vista pedagógico.

**Resposta:** O assunto está ligado à questão do estudo.

Se ele é um assunto fundamental, D’us nos livre alterá-lo, embora eu ainda não tenha encontrado um ponto essencial que não possa ser explicado em termos simples.

Pois a Torá foi outorgada na presença de seiscentos mil homens, e eles não eram todos cultos; também muitas crianças estavam presentes diante do Monte Sinai. Apesar disto, a Torá foi outorgada



de um modo que todos pudessem entendê-la. Neste caso, surge a questão: por que os Dez Mandamentos foram ditos com “trovões e raios” e o “Monte estava cercado de fumaça” se quando tudo terminou o que havia eram aquelas verdades básicas e simples – “honrarás teu pai e tua mãe”, “não roubarás” e outras semelhantes –, palavras inteligíveis e aceitáveis para a mente de qualquer um?

Uma das respostas é que até mesmo palavras simples e básicas, inteligíveis para todos, somente são absorvidas com profundidade pelo homem se forem ditas por meio de um acontecimento infrequente, sobrenatural, tal como uma revolução etc. Somente então sentimos as palavras e nos impressionamos com elas de modo enraizado e profundo. Os Dez Mandamentos, que foram outorgados com trovões e raios, penetraram profundamente nas almas de Israel. Os critérios são as experiências e sofrimentos que o homem atravessa em razão daqueles princípios que recebeu e fortaleceu, e as lutas das quais participou em nome deles.

Um bom exemplo disto é o povo alemão. Na época que antecedeu a guerra eles alcançaram níveis morais elevados no campo da ética e da filosofia, entre outros. Contudo, durante a guerra, revelaram-se como destruidores, num nível extremamente baixo, sem nenhuma comparação no mundo. Toda a moral e o decoro desmoronaram, desapareceram, e era como se jamais tivessem existido. Pelo contrário, a sua destruição e assassinio basearam-se numa concepção filosófica do mundo.

Desta forma, a cultura desenvolvida do povo alemão perdeu todo o significado e deixou de existir, porque a educação objetivando a ordem e o decoro era meramente superficial.

Conclusão: a instrução precisa ser feita em linguagem simples, mas de um modo que deixe uma impressão no coração dos que a ouvem, gerando ações positivas.

**Pergunta:** Observando a biblioteca do Rebe, percebe-se que ele domina diversas ciências além da Torá. Seria a opinião do Rebe que o professor que pretende incutir no coração de seus alunos a

identificação com o Judaísmo precisa, em primeiro lugar, conciliar integralmente suas ideias com a Torá e as ciências antes de expô-las diante de seus alunos?

**Resposta:** Concordo basicamente com isto. Contudo, acho que é preciso evitar a interferência excessiva de assuntos estranhos com o assunto principal, embora, possivelmente, eles estejam ligados de alguma forma. Isto provoca confusão em relação ao assunto principal em vez de esclarecê-lo. Da mesma forma, deve-se evitar a atenção excessiva a pormenores, que são relativamente de pouco valor, e debates inócuos, pois com isto o aluno perde a visão global do tema principal, e no final acontece que “o principal não consta do livro”.

Comparo isto com um fato que ocorreu com um professor de medicina, cujos discursos ouvi no passado. Enquanto estudava anatomia e se dedicava às estruturas da perna, mergulhou totalmente no assunto até aprender a reconhecer cada músculo da perna e todos seus movimentos. Ele concentrou-se em todos os movimentos interligados e na coordenação entre os diversos músculos da perna dos quais o homem depende ao caminhar.

Quando terminou e quis levantar-se e andar, não conseguiu. A sua concentração mental em todos aqueles músculos que precisava movimentar para dar um passo atrapalhou-o demais.

Além disto, verifico que é necessário falar sobre os princípios do Judaísmo como definições claras, sem filosofias e controvérsias excessivas, pois é possível que justamente tais filosofias possam provocar no coração do aluno dúvidas que não ocorreriam na ausência delas. Da mesma forma, parece-me necessário ensinar o Judaísmo como algo que é benéfico por si só, sem comparações com outras religiões. Com isto, economiza-se tempo, e as coisas também permanecerão claras e explícitas.

Evidentemente, se surgirem dúvidas no coração do aluno, e ele espontaneamente apresentar perguntas, é preciso responder-lhe e solucionar suas dúvidas.

**Pergunta:** Contudo, apesar disso, se não nos reportamos às

possíveis dúvidas, o aluno pensa que não possuímos resposta para os problemas que poderão surgir.

**Resposta:** Mesmo assim, é minha opinião que não se deve referir a essas dúvidas até que o próprio aluno as desperte, e, então, quando você as responder, ele se conscientizará de que você não se furta, ou você que não carece de conhecimentos nos campos que o preocupam. É o mesmo caso, por exemplo, quando injetamos um remédio num paciente para curá-lo, e em hipótese alguma aquele remédio seria injetado num homem sadio.

**Pergunta:** Temos conhecimento de que nossos alunos estudam certas ciências que contêm pretensas contradições à Torá. Não seria desejável que nos ocupássemos da solução dessas contradições?

**Resposta:** Fui estudante na Rússia, França e Alemanha, e me convenci de que 95% dos estudantes não se identificavam com as coisas que estudaram em diversos cursos, e sua concepção universal não foi absolutamente influenciada por isto. Os estudantes na Rússia eram até descrentes, mais do que os das universidades dos Estados Unidos, e, ao mesmo tempo, estudavam filosofia; porém, devido a uma alienação total ao tema, era como se estivessem estudando odontologia. Talvez haja alguns estudantes nos quais as coisas despertem ideias, mas eles representam apenas 5% frente aos demais 95%. A sua ligação com a matéria de estudo ocorre apenas como objetivo de sucesso no curso.

Concluindo, não há necessidade de suscitar dúvidas e, depois disso, tentar resolvê-las. É preferível falar sobre o ponto principal e tentar influenciá-los a praticar atos dignos.

**Pergunta:** Contudo, qual a posição com relação às contradições que existem (supostamente) entre a ciência e a Torá?

**Resposta:** A ciência não contradiz a religião!

Sustento esta afirmação com base nas mais recentes descobertas científicas. Há cerca de 150 anos pensava-se que as ciências naturais constituíam verdades absolutas. Kant e Einstein prova-

ram que as coisas não são assim, isto é, que a ciência não pode jamais afirmar uma verdade absoluta. O homem de ciência pode dizer apenas o seguinte: se na ciência forem acolhidos determinados axiomas e se forem aceitos certos métodos de analogia, como, por exemplo, o método dedutivo, então se chegará a conclusões tais e tais. Porém, se não forem acolhidas aquelas premissas básicas, então, por intermédio da ciência não se chegará a nenhuma conclusão. Na época do Rambam, os cientistas argumentaram que tinham alcançado a verdade absoluta. Em contrapartida, hoje em dia homens de ciência na Sorbonne, em Berlim, na Universidade de Columbia e outras declaram que não conhecem a verdade absoluta. Por exemplo: na época de Copérnico acreditava-se que a Terra está parada enquanto o sol gira ao seu redor, ao passo que pessoas que afirmavam o contrário encontravam-se em foco. No entanto, Einstein argumenta que não há qualquer possibilidade de determinar quem circunda quem, a não ser que as próprias bases da ciência sejam destruídas.

**Pergunta:** O Rebe falou diversas vezes sobre a verdade absoluta; onde nós encontramos que a Torá trata de verdades absolutas?

**Resposta:** Está dito, “O Senhor, D’us, é verdade” (*Yirmiyahu\**, X, 10); D’us é a verdade incondicional, e este é o significado da existência de “verdade absoluta”.

**Pergunta:** Como o Rebe definiria o Judaísmo em poucas palavras?

**Resposta:** A pergunta me faz lembrar o convertido [mencionado] na [*Guemará*] que apresentou uma pergunta semelhante a Hilel, o Velho.

O Judaísmo não está divorciado da vida prática e não está limitado a uma parte determinada das ações humanas. Pelo contrário, abrange todos os seus aspectos, em todos os dias de sua existência

---

\* Em português, Jeremias.

e em todas as horas do dia.

O judeu acredita que D'us é Onipotente e Ele é o “Um Verdadeiro”, ou seja, que não há nenhuma outra existência além d'Ele.

Isto porque D'us dá existência e dá vida a cada uma das criaturas, efetivamente de instante em instante; cuida delas, e não apenas na criação inicial dos seis dias da Criação. Se, ainda que por um instante, D'us nos livre, Ele deixasse de criar e dar vida às criaturas, a criação retornaria de fato ao nada absoluto, como antes de o mundo ter sido criado.

Portanto, não há coincidência no mundo e não há coisas sem sentido, pois tudo foi criado em função do Objetivo Divino; cada um de nós precisa cumprir sua missão divina e sua função na vida, para as quais foi criado como parte da Intenção Geral [de D'us] na criação dos mundos. E, assim, cada partícula dentre as partículas da criação precisa ser aproveitada em função da Intenção Divina, que completa a Intenção Geral [de D'us] na criação dos mundos.

**Pergunta:** Como fica o livre-arbítrio?!

**Resposta:** Ainda é garantida ao homem a faculdade de agir bem ou mal, mas essas ações são possibilitadas apenas sobre uma base limitada que se incorpora ao Plano Divino.

**Pergunta:** E o ateu, aquele que não é capaz de aceitar a fé na Unidade Divina?

**Resposta:** Não há judeu que não seja capaz de crer, porque cada judeu tem o poder de aceitar esta fé; D'us nos criou e nos ordenou crer que Ele é Um, e por isto nos criou de um modo tal que nós temos a possibilidade de cumprir a Sua ordenação. Se, D'us nos livre, nos faltasse a possibilidade de crer em Sua Unicidade, isto seria uma contradição com o Seu Poder Absoluto.

**Pergunta:** Se é assim, por que o homem não é perfeito?

**Resposta:** Um homem que atingiu a perfeição não tem objetivo para viver. A imperfeição existe para dar ao homem um objetivo

para aspirar à perfeição.

**Pergunta:** O fato de D'us ser Onisciente não seria uma contradição à existência do livre-arbítrio?

**Resposta:** Parece que esta aparente incoerência confunde muitas pessoas, mas na verdade não existe nisto qualquer contradição. Para uma boa ilustração da questão, pode-se utilizar [o exemplo] do vidente, capaz de antever as coisas (não é o caso de verificar agora se ele tem esse poder ou não; digamos que com um certo poder ele efetivamente pode adivinhar o futuro). Eis que, ao mesmo tempo, ele não vê senão aquilo que o homem fará por sua espontânea vontade. A sua previsão absolutamente não influi sobre a liberdade de escolha. Aliás, esta explicação é um acréscimo ao que está dito na Torá, “à nossa imagem e semelhança”.

Assim como o Todo-Poderoso é livre no Seu arbítrio, também o homem tem livre-arbítrio, pois não fosse isto não haveria qualquer base para recompensa e castigo. O judeu tem a possibilidade de escolher entre agir certo ou errado. Ele não pode escolher agir certo por dois caminhos diversos. Ele tem que escolher em consonância com o Planejamento Divino, de modo que não se estabeleça confusão.

**Pergunta:** D'us também nos revela agora a Sua Vontade do modo como o fez diante do Monte Sinai?

**Resposta:** Sim. Só que de uma maneira diversa. A revelação diante do Monte Sinai foi o “elo” formado entre o Criador e Suas criaturas. Era necessário que a revelação de então ocorresse do modo que aconteceu, para que não restassem quaisquer dúvidas. Esta é essencialmente a diferença básica entre a religião judaica e outras religiões. O budismo, islamismo, cristianismo e todas as outras religiões apoiam-se sobre o relato ou testemunho transmitido por um único homem ou por um grupo pequeno de pessoas.

O cristianismo baseia se nas histórias de um único homem, que

as transmitiu a doze apóstolos. O islamismo começou com um acontecimento supostamente testemunhado por uma única pessoa, que o transmitiu aos filhos de sua tribo. Isto é assim também no que tange ao budismo ou a outras religiões – todas deixam espaço para dúvidas. Para evitar suspeitas deste tipo, a revelação da Outorga da Torá se deu diante de seiscentas mil pessoas, os homens, sem contar as crianças. E esta revelação não foi transmitida por apóstolos, mas dos pais para seus filhos. Este fundamento sólido foi estabelecido para que a Torá tivesse força também diante dos maiores céticos (agnósticos). Após a presença no Monte Sinai, uma revelação deste tipo não é mais necessária, já que cada geração de pais transmite [o acontecimento] de modo idêntico para seus filhos. Como não há mais necessidade de uma revelação como esta, então um evento deste tipo não será repetido. O universo do Todo-Poderoso não inclui atos desnecessários. Porém, não há dúvida de que um acontecimento como este é possível outra e outra vez, se assim for a Vontade de D’us. No entanto, de vez em quando, cada um de nós sente que subitamente alcança coisas que estão acima de seu poder natural. Esse “poder” adicional excepcional é uma das formas da revelação de D’us entre nós.

**Pergunta:** Os rabinos de nossa época podem interpretar a Torá conforme eles a enxergam, tal como o Rambam explicou determinados trechos da Torá conforme a filosofia aristotélica?

**Resposta:** Isto somente é possível se tais explicações não se opuserem à explicação dada no Sinai. A ideia humana precisa estar de acordo com a Torá que foi outorgada no Sinai. Um profeta que contradiz a Torá de Moshê é um falso profeta.

Assim como na física existem leis de analogia, que *a priori* devem ser acolhidas como básicas, assim também a Torá possui uma ordem determinada de regras gerais de analogia e interpretação. Se nós encontramos uma nova interpretação, contrária a estes princípios fundamentais, é preciso rejeitá-la. O Rambam utilizou-se

da concepção de Aristóteles apenas quando tratava da *Agadá\**, mas não em relação à *Halachá\*\**.

**Pergunta:** De que modo se revela a Unidade de D'us em nosso mundo?

**Resposta:** Na profundidade interior de cada coisa em nosso mundo há uma centelha Divina que lhe dá existência e vida, e não há diferença quando se trata do homem (criatura falante), animal, vegetal ou mineral. A interioridade Divina que há em cada coisa é uma só, e por isso todas as coisas criadas fundem-se numa única existência, completando-se mutuamente. Não fosse a centelha Divina que há em todas as criaturas, a existência de todas as coisas que há no presente seria negada.

A anulação da existência de uma criatura não representa uma anulação total, pois ocorre daqui para diante; entretanto, até agora, [a criatura anulada] existia. Contrariamente, se houvesse um afastamento entre a centelha Divina e a criatura, D'us nos livre, esta se tornaria de fato um nada absoluto, e seria como se ela absolutamente não existisse e como se absolutamente não tivesse sido criada.

D'us é infinito, e por dar vida a todas as criaturas Ele transfere a elas algo deste atributo. Assim, é uma lei natural que nada se perde de sua existência, pois as partículas do átomo que a compõe existirão sempre, através da Vontade de D'us. Existe a possibilidade de destruir a sua forma presente e de alterá-la, mas não de eliminá-la totalmente. Este tinteiro que está sobre minha mesa tem medidas limitadas e definidas, forma (redonda) etc.; talvez seja possível alterar isto, mas na sua essência interior existe algo que é impossível eliminar.

Todas estas são revelações da Unicidade do Criador na natureza.

---

\* *Agadá* – Literatura rabínica.

\*\* *Halachá* – Legislação judaica



**Pergunta:** Quando a ciência julga o processo da existência do universo, isto não caracteriza uma certa negação da concepção da Torá sobre este assunto?

**Resposta:** A ciência não tem absolutamente relevância quando julga a Criação. A física não trata da filosofia, mas de coisas existentes e de suas alterações. A tarefa da ciência é a análise da alteração das formas e dos elementos no mundo. A criação *ex nihilo* está fora do campo de ação do cientista. O homem de ciência se ocupa de mudanças da matéria, como chumbo que se transforma em ouro, ou ouro que vira chumbo. Ou até de um peixe que se transforma em homem – se você quiser aceitar esta teoria imaginária –, mas o *ex nihilo* não é o seu tema. O cientista não pode julgar aquilo que nunca viu, e a esse tipo de criação (*ex nihilo*) ele jamais assistiu.

**Pergunta:** Se é assim, é preciso aceitar a Criação como um princípio de fé pura, ou existe nisto alguma base racional?

**Resposta:** Isto não é apenas uma questão de fé.

Na matemática, por exemplo, se existem quatro respostas possíveis e três dentre elas provaram ser incompletas, então é razoável concluir que a quarta resposta é a solução. Esta fórmula de solução – afastar as possibilidades incorretas – determina a conclusão de que D'us é o Criador. E esta é uma questão de raciocínio sadio. Seria uma afronta à inteligência admitir que a cadeira sobre a qual estou sentado não foi feita por alguém. Além disso, a inteligência determina que em toda as circunstâncias em que se percebe ordem e método, precisamos admitir que alguma força supervisiona e preserva esse método. Antes de terminarmos, percebo que há estudantes interessados em formular perguntas. Quero ouvi-las deles também.

**Pergunta de um Estudante:** O Rebe disse que devemos viver a nossa vida cotidiana de acordo com a orientação da Torá. Contudo, entre nós há alguns que não podem aceitar isto integralmente.

Existiria algum valor para uma solução de ajustes? Por exemplo, cuidar de *kashrut*\*, mas não usar chapéu?

**Resposta:** Ninguém é perfeito. Conforme está escrito, “Não há justo na Terra que faça o bem e não peque” (*Kohelet* VII, 20); até mesmo o maior justo é falho neste ou naquele aspecto, mas isto não implica em macular o bem que ele faz, e cada *mitsvá* leva a pessoa a praticar uma *mitsvá* adicional.

**Pergunta:** Refiro-me a uma determinada solução de ajustes em que o homem decide que absolutamente não está interessado em observar uma certa *mitsvá*.

**Resposta:** Na Torá e nas *mitsvot* não há lugar para solução de ajustes. Porém, cada um precisa fazer hoje aquilo que lhe é possível; amanhã tentará realizar mais, ou talvez isto ocorra num futuro distante. O Todo-Poderoso tem uma paciência imensa, mas por que adiar para amanhã o que pode ser realizado hoje?!

**Pergunta:** Venho de uma comunidade pequena e nunca recebi educação judaica. A corrente reformista parece-me demasiadamente superficial e imprecisa. Ao mesmo tempo, parece-me que sou incapaz de cumprir as exigências da corrente ortodoxa.

**Resposta:** Em princípio, minha oposição à corrente reformista ou conservadora existe porque eles estão prontos a uma solução de ajustes com os preceitos do Judaísmo.

Nossos sábios, de abençoada memória, disseram:

“Não cabe a ti terminar o trabalho” (*Avot* II, 16). Não se exige do homem estudar a Torá inteira, de um fôlego só, e cumpri-la da noite para o dia.

Você é jovem e tem o tempo diante de si; você pode utilizá-lo em estudos e boas ações, até mais do que aqueles que receberam instrução judaica desde a infância.

Comece com *Chumash*, com o resumo do *Shulchan Aruch* em in-

---

\* Conjunto das leis dietéticas judaicas.

glês, *Ein Yaakov* em inglês; não exagere, estude um pouco a cada dia, mas cuide de andar no caminho certo. Evite o sentimento de autossatisfação, como se tivesse chegado ao ápice. Saiba que você tem a que aspirar, e que D'us dará a você a força para chegar aonde necessita.

O Judaísmo mostra que cada pessoa precisa, a cada dia, tentar superar-se em relação àquilo que era até agora.

Você tem um exemplo da história contada no Talmud e, assim como todas as histórias da Torá, do *Tanach* e do Talmud, esta é relevante também nos nossos dias.

Rabi Akiva\* tinha quarenta anos e cabia-lhe o sustento de sua família; apesar disto começou a estudar Torá a partir do *alef-beit\*\** e, no decorrer do tempo, acabou por se tornar um de nossos maiores sábios em todas as épocas. Moral: “Não há nada que resista diante da vontade”.

## A LEI DE PASCAL E O FLUIDO DA VIDA

Extraído de “*O Rebe Ensina*”, vol. 1

Quem já não foi presa da tendência humana de comparar sua vida com a dos outros? “Já tenho 30 anos (ou 35, 40) anos, sabe o que Fulano conseguiu aos 30? Que vida magra, sem conquistas, a minha!” Ou então: “Se pelo menos eu tivesse a mente (ou o talento, ou dinheiro) de Beltrano, então seria capaz de criar um impacto sobre o mundo!”

Sentimentos assim expressam uma determinada percepção da vida como um corpo sólido contíguo, cujo impacto e peso são proporcionais ao volume e densidade de suas oportunidades, experiências e conquistas. A vida, sem dúvida, pode não ser como

---

\* Rabi Akiva ben Yossef, sábio proeminente da *Mishná*, sistematizador da Lei Oral (início do século 2).

\*\* As duas primeiras letras do alfabeto hebraico.

algo sólido, mas sim como uma substância líquida, cujo impacto se mede com critérios inteiramente diferentes.

Mas estamos nos adiantando; expliquemos o que queremos dizer quando falamos de uma visão “sólida” da vida *versus* uma “líquida” da vida.

A Torá fala de si mesma como “água”\*.

“Tal como a água desce de um lugar alto para um lugar baixo”, explicam nossos Sábios, assim a Torá desce de sua encarnação celestial, como a sabedoria e vontade Divina, e gravita até o ponto mais baixo possível do domínio terreno, saturando os aspectos mais comuns da vida cotidiana.\*\*

Mais especificamente, vemos que a Torá é comparada aos “sete líquidos”\*\*\* – água, vinho, leite, azeite, mel, orvalho e sangue\*\*\*\* –, descrevendo os modos específicos em que diversos elementos da Torá incidem em nossa vida.

Dito de outra maneira, uma vida vivida segundo os ditos da Torá é uma vida “líquida”, com as propriedades dos fluidos\*\*\*\*\*.

Uma das maiores diferenças entre um líquido e um sólido está na pressão que exercem para baixo.

As leis da gravidade ditam que cada corpo físico exerce uma pressão descendente sobre a superfície em que repousa; mas há uma enorme – e às vezes, extrema – diferença entre a pressão descendente que exerce um corpo sólido apoiado sobre uma superfície plana e a pressão descendente exercida por um fluido contido em um recipiente.

---

\* *Isaías* 55:1, segundo o *Talmud*, *Taanit* 7a e *Bava Kama* 17a.

\*\* *Talmud*, *Taanit ibid Tanya* cap. 4

\*\*\* *Talmud*, *Mashivim* 6:4. Um “líquido” tem uma condição especial a respeito das leis de pureza ritual.

\*\*\*\* *Isaías ibid*; *Cântico dos Cânticos* 1:2-3 e 4:11; *Talmud*, *Berachot* 57a, *Avodá Zará* 35a (veja Rashi) e *Chaguigá* 13a; *Midrash Rabá*, *Bereshit* 66:3; *Ialkut Shimoni*, *Isaías* 43; *Imrei Biná*, *Shaar HaKriat Shemá* 54a; *Likutei Torá*, *Bamidbar* 13a.

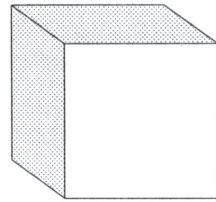
\*\*\*\*\* Assim, fala-se da alma como “o fluido que corre a partir do alto” (*Cântico dos Cânticos* 15:4, segundo *Likutei Torá*, *Haazinu* 71d).

Para ilustrar, vejamos o comportamento dos cinco corpos sólidos ilustrados na continuação, e os comparemos com o comportamento dos corpos líquidos de massa e forma idênticas. Os resultados são bastante surpreendentes.

Começemos por um bloco de granito que descansa sobre uma superfície (Bloco 1).

Este é um cubo, com volume de  $1000 \text{ cm}^3$  ( $10 \times 10 \times 10$ ) e uma densidade suposta de  $0,1 \text{ kg/cm}^3$ , dando ao bloco inteiro uma massa líquida de  $100 \text{ kg}$ .

Isso significa que o bloco exerce para baixo uma força total de  $100 \text{ kg}$ , que se distribui uniformemente ao longo de sua “superfície inferior”, a área que está em contato direto com o plano sobre o qual descansa.

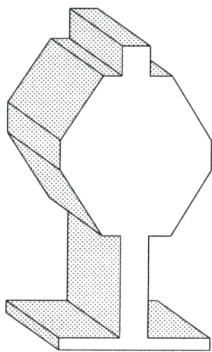


	Massa	$\text{Kg/cm}^3$
Sólido	100 Kg.	1.0
Líquido	100 Kg.	1.0

**Bloco 1**

Como o bloco tem na base uma superfície de  $100 \text{ cm}^2$ , exerce uma pressão descendente de  $1 \text{ kg/cm}^2$  sobre a área na qual se apoia.

O que determina a força líquida exercida pelo bloco é sua massa (ou seja, seu volume e densidade); a forma, o tamanho e a altura são irrelevantes.



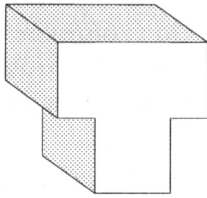
	Massa	$\text{Kg/cm}^3$
Sólido	100 Kg.	1.0
Líquido	200 Kg.	2.0

**Bloco 4**

Assim, o Bloco 4 (também tem  $10 \text{ cm}$  de profundidade, como os cinco blocos ilustrados), tem duas vezes a altura do Bloco 1, e exerce a mesma força sobre o terreno ( $100 \text{ kg}$ ), pois é uma massa idêntica.

Tampouco é relevante para a pressão descendente de um bloco sólido a área de sua superfície inferior.

Veja o Bloco 2. Sua massa é igual à do Bloco 1; portanto a força total que exerce sobre o terreno é assim mesmo análoga –  $100 \text{ kg}$ .



	Massa	Kg/cm <sup>3</sup>
Sólido	100 Kg.	2.0
Líquido	50 Kg.	1.0

**Bloco 2**

O fato de ter uma superfície inferior de apenas 50 cm<sup>2</sup> somente significa que sua força descendente estará mais concentrada, dois quilogramas de pressão por centímetro quadrado em vez de um (é por isso que um pé de mesa que cai sobre o seu pé dói tanto; 25% do peso da mesa está sendo exercido sobre o centímetro quadrado da base do pé.)

Por outro lado, o Bloco 3 tem apenas metade da massa do bloco 1, de modo que exerce só 50kg de força sobre o terreno debaixo dele. O fato de ter uma superfície inferior a 100 cm<sup>2</sup> não aumenta essa força, somente a dissipa; aqui, a distribuição de pressão é somente de 0,5kg/cm<sup>2</sup>.

Por este método (calculando a massa líquida para conhecer a pressão descendente e logo dividindo esta cifra pela área da superfície inferior para obter os kg/cm<sup>2</sup>) chegamos aos valores relacionados abaixo das figuras 1 a 5 para “sólido”.

Note-se que forma e altura são irrelevantes:

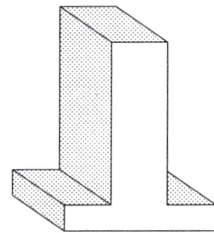
os Blocos 3 e 5, sendo idênticos em massa e área de superfície inferior, exercem a mesma

pressão total por cm<sup>2</sup>. Note-se também que o tamanho da área de superfície inferior não afeta de maneira alguma a força líquida.

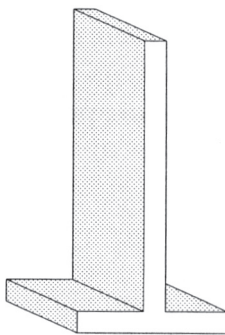
Bem, imagine que essas cinco formas não são blocos de granito, mas sim recipientes cheios de líquido.

Suponhamos que o líquido que preenche esses recipientes é da mesma densidade dos blocos de granito.

Isso significaria que os corpos líquidos são



	Massa	Kg/cm <sup>3</sup>
Sólido	50 Kg.	0.5
Líquido	100 Kg.	1.0

**Bloco 3**

	Massa	Kg/cm <sup>3</sup>
Sólido	50 Kg.	0.5
Líquido	200 Kg.	2.0

**Bloco 5**

idênticos em tudo (volume, massa, superfície inferior, altura e forma) aos sólidos descritos. Não obstante, a pressão que exercem sobre o fundo de seus recipientes se calcula de maneira inteiramente diversa.

Assim, diferente de um sólido, um fluido em repouso não se comporta como uma massa contígua, de modo que devemos calcular a pressão exercida por cada “coluna” de líquido individualmente.

Por exemplo, com o Bloco 2, sólido, calculamos todo seu peso, incluindo o dos “braços” que se estendem a ambos os lados, como exercendo pressão até embaixo sobre o ponto no qual o bloco está em contato com o solo; já nos conteúdos líquidos do recipiente 2, sem dúvida, somente a coluna de líquido diretamente acima do fundo do recipiente exerce pressão sobre este.

Segundo, com um líquido contido em repouso, a pressão exercida sobre cada ponto do fundo do recipiente será tão grande como a da coluna mais alta de líquido no recipiente.

Se houver um ponto sobre o fundo do recipiente que tenha pressão exercida sobre ele, a pressão exercida sobre qualquer outro ponto do fundo do recipiente não será nunca menor que esse valor.

Isto se deve ao princípio conhecido como Lei de Pascal\*, que afirma que “a pressão exercida em qualquer lugar por um líquido contido se transmite, sem mudanças, a cada porção do líquido e a todas as paredes do recipiente que o contém”.

Dessa forma, em vez de traduzir a massa total em quilos de pressão e dividir esse valor pelos  $\text{cm}^2$  de superfície inferior (como fazemos com os blocos sólidos), tomamos os  $\text{cm}^2$  da coluna mais alta de fluido em contato com o fundo do recipiente e calculamos sua massa; isso nos dá os  $\text{kg}/\text{cm}^2$  de pressão exercidos por essa coluna sobre seu correspondente  $\text{cm}^2$  no fundo do recipiente em que

---

\* Enunciado pelo matemático francês Blaise Pascal (1623-1662). Para uma explicação resumida, em termos profanos, desta lei e da maneira que afeta a pressão exercida por um líquido sobre o fundo de um recipiente, veja *Entendendo Física*, de Isaac Asimov, vol. 1, p. 116-122

ele descansa. Em seguida multiplicamos esse valor de pressão pelo total de  $\text{cm}^2$  de área no fundo do recipiente para chegar aos quilos líquidos de força exercidos pelo líquido sobre o fundo do mesmo.

Vejamos como funciona isto nos cinco recipientes ilustrados acima:

No recipiente 1, que é um cubo simples, a altura do fluido é uniforme em todo o recipiente – 10 centímetros de altura – de forma que os centímetros quadrados sobre os quais repousa a coluna mais alta de líquido também têm 10 cm, dando-lhe um volume de  $10 \text{ cm}^3$  e uma massa de 1 kg.

Assim, a força que essa coluna de líquido exerce sobre o centímetro quadrado do fundo do recipiente é de 1 kg.

Se multiplicarmos isto pela área total do fundo do recipiente ( $100 \text{ cm}^2$ ) obteremos um valor de 100 kg de força líquida exercidos sobre o fundo do recipiente, como se fosse um bloco sólido. Chegamos ao mesmo valor por meio de um método diferente.

Mas o que acontece quando aplicamos este método ao recipiente 3?

Aqui, também, os  $\text{cm}^2$  sobre os quais repousa a coluna mais alta de líquido têm 10 cm de altura, exercendo uma pressão de 1 kg sobre seu correspondente  $\text{cm}^2$  no fundo do recipiente. E o fundo desse recipiente também tem uma área de  $100 \text{ cm}^2$ .

Desse modo, a força líquida exercida pelo líquido nesse recipiente sobre o fundo do mesmo é de 100 kg, a mesma que o líquido do recipiente 1, visto que o recipiente 3 tem somente a metade do volume e massa do recipiente 1!

Vejamos agora o recipiente 2. A coluna mais alta também tem 10 cm de altura, exercendo uma pressão de 1 kg por cada  $\text{cm}^2$  de fundo do recipiente; mas o fundo do recipiente somente tem uma área de  $50 \text{ cm}^2$ , de modo que o total da força descendente exercida pelo líquido sobre o fundo do recipiente é de apenas 50 kg, a metade daquela do líquido no recipiente 1, embora ambos os recipientes contenham a mesma massa de líquido.

E assim sucessivamente: o líquido no recipiente 4 exerce duas



vezes a pressão do líquido no recipiente 1, embora sejam idênticos em massa e superfície inferior, simplesmente porque a mais alta coluna de líquido no recipiente 4 é duas vezes mais alta que a do recipiente 1, dando-lhe um valor de  $2\text{kg}/\text{cm}^2$ .

E o mais surpreendente, o líquido no recipiente 5 exerce sobre o fundo do mesmo quatro vezes tanta força como o líquido no recipiente 2, embora contenha apenas a metade da massa daquele, porque é duas vezes mais alto e tem duas vezes sua superfície inferior.

Em resumo: com um corpo sólido, é a massa líquida do corpo que determina a força líquida exercida sobre a área de sua superfície inferior; o tamanho dessa área, assim como também as demais qualidades do corpo (forma, altura e superfície inferior) não vêm ao caso.

Se uma massa maior tem uma área menor em contato direto com o solo, mesmo assim exercerá uma pressão proporcional à sua massa; a pressão por unidade de área ( $\text{cm}^2$  de base ou superfície inferior) simplesmente aumentará.

Com um líquido, sem dúvida, a massa é irrelevante. O grau de força descendente exercida sobre o plano horizontal mais baixo de seu recipiente é determinado por:

A – O nível de líquido no recipiente em seu ponto mais alto (não importa quão estreita essa coluna possa ser); e

B – A área de sua “superfície inferior”, seu ponto de contato com o fundo do recipiente.

A comparação dos valores mostrados abaixo das figuras 1 a 5 mostra as grandes discrepâncias de comportamento que ocorrem entre corpos sólidos e líquidos.

## Uma Vida Plena

Se a vida é um líquido, o ser humano é seu recipiente.

A alma que canaliza sua essência, a psique e o caráter que dá forma a suas potencialidades, e o corpo que os concretiza no nível

físico – estes contêm e dão forma à vida, e também dirigem sua “pressão descendente”, seu impacto na realidade física.

Os recipientes humanos de vida apresentam muitas formas e aspectos. Há, sem dúvida, um valor que é o mesmo a respeito de todos: sua altura.

Cada alma provém do mesmo lugar; cada uma é, na essência, uma parte do “D’us lá no Alto”\*, uma faísca de Divindade que se estende para baixo, para a terra física, para animar e santificar uma vida humana. Fora disso, a forma do potencial humano varia de um indivíduo a outro.

Alguns “recipientes” são largos na “parte superior”, com aptidão para uma vida espiritual rica e profunda (poderíamos descrever tal “recipiente” como semelhante em forma ao ilustrado no Bloco 2).

Outros poderiam ser “mais estreitos” na parte superior da vida, mas estão dotados de uma capacidade ampliada em um ou mais dos diversos níveis da vida; um poderia possuir uma capacidade prodigiosa para o intelecto, outros para profundidade de sentimento, e outros foram abençoados com uma abundância de habilidades criativas, de liderança, de organização etc. (compare-se com o recipiente 4).

E como cada vida tem sua “superfície inferior” – seu ponto de contato com, e impacto sobre, a realidade física – este também varia de um recipiente a outro. O recipiente 2 tem uma parte superior ampla, mas seu contato com a terra cobre uma área relativamente pequena. O recipiente 5 tem apenas uma gota de vida em todo o trajeto desde suas alturas sobrenaturais até abaixo, até chegar a sua capacidade de conseguir que as coisas se façam – poderíamos vê-lo como a alma simples que mantém centenas de famílias com sua caridade. O recipiente 1 representa o raro indivíduo abençoado com uma volumosa capacidade de vida de cima para baixo – identidade espiritual profunda, intelecto prodigioso, sensibilidade emocional aguda, em todo o trajeto até aqui embaixo, bastando chegar ao

---

\* *Iyov* 31:2, *Tanya* cap. 2

amplo espectro de envolvimento com a vida material.

Se o espaço o permitisse, poderíamos esboçar qualquer número de recipientes de formas diversas para descrever de maneira diferente qualquer número de personalidades e recipientes de potencial humano, mas o princípio é claro: o homem é um conduto de vida multifacetado que se estende a partir da sua fonte superior até a terra física.

Se os recipientes que contêm e modelam sua expansão são de formas e dimensões variáveis, todos compartilham dois aspectos em comum: cada um é de uma “altura” idêntica – e por isso tem a força plena de suas origens excelsas o apoiando – e cada um tem um “fundo de recipiente”, uma área de vida física sobre a qual a “superfície inferior” de seu fluido exerce seu impulso descendente.

Se dedicamos grande parte da nossa análise a esta “pressão descendente” (em vez de, por exemplo, analisar a pressão exercida por um líquido sobre diversos pontos dos dois lados dos diferentes recipientes), é porque essa “pressão descendente” é a função e o propósito da vida humana e, na verdade, da criação.

Nas palavras de Rabi Shneur Zalman de Liadi: “Nisto consiste todo o homem; este é o propósito de sua criação e a criação de todos os mundos, os superiores e o material: criar uma morada para D’us no mundo físico.”\*

D’us criou muitos “mundos” espirituais, ou realidade, e o homem, um microcosmo da criação, incorpora toda essa dimensão da criação em sua própria alma. Mas estes não são fins em si mesmos. Existem unicamente para influir e facilitar a transmissão da essência da vida desde sua fonte em D’us até sua aplicação como uma força para simplificar e santificar a realidade.

Como dito acima, as leis físicas que regem o comportamento de um líquido contido num recipiente ditam que a força que exerce sobre o fundo deste se determina unicamente pela altura do recipiente e a área de sua superfície inferior, sem considerar quão largo

---

\* *Tanya* cap. 33

ou estreito possa ser o recipiente em qualquer ponto intermediário.

Aplicado ao fluido da vida, isto significa que como todos os “recipientes” da vida são da mesma altura, o total do impacto de uma vida sobre a terra física – que é a medição definitiva de uma vida – depende unicamente do segundo fator.

O volume ou a distribuição do potencial de uma pessoa nas diversas “áreas” da escala – espiritual, intelectual, emocional etc. – é menos importante que um critério muito mais básico: a área da superfície “inferior” de sua vida, o volume e alcance de seus atos e seu compromisso para cumprir a vontade de seu Criador mediante a santificação da vida física.

Além disso, embora diferentes recipientes possam variar na dimensão de suas superfícies inferiores – a uma pessoa poderiam ter sido outorgadas as oportunidades e recursos para produzir uma grande medida de bem, enquanto a capacidade de seu semelhante para isso é mais limitada – isto somente determina a força líquida exercida para baixo por uma vida, mas não o grau de pressão “por  $\text{cm}^2$ ”, que é idêntico em todo recipiente pleno de líquido a uma altura determinada. (Isso contrasta bastante com o bloco sólido, cujo valor/ $\text{cm}^2$  é determinado pela sua massa total).

Deste modo o poder e impacto de cada ato individual é o mesmo em cada vida, sempre e quando seu recipiente está cheio de cima a baixo.

Isso não quer dizer que a pessoa deva fazer somente atos de bem, e não precise empenhar-se para desenvolver seus mais “altos” potenciais. Pelo contrário, o recipiente deve estar cheio para que exerça a máxima pressão sobre seu fundo.

Se o recipiente 1 ou 4 contivessem somente o volume de líquido que preenche o recipiente 5, exerceriam uma pressão descendente muito menor que a exercida pelo recipiente 5.

Se a uma pessoa o Criador outorgou certos potenciais, é porque levá-los à sua concretização é imprescindível para sua missão na vida; ela necessita da massa deles a fim de exercer seu máximo impacto sobre a terra física.

Por outro lado, uma pessoa cujo “recipiente” não foi abençoado com capacidades volumosas em suas áreas superiores pode levar uma vida não menos enérgica que a dos seus pares mais espirituais. Como seu recipiente está cheio – visto que ele concretiza seu potencial ao máximo de sua capacidade –, a força que exerce sobre cada  $\text{cm}^2$  de seu “fundo de recipiente” é igual ao da mais alta coluna de líquido em seu recipiente, que é igual em altura a qualquer outro recipiente de modo que cada ato seu tem impacto tão pleno como um ato que tem o peso da vida mais larga, mais volumosa que o respalda.

Assim, nossos Sábios disseram: “Cada pessoa está obrigada a dizer: ‘Quando meus atos chegarão aos atos de meus ancestrais Abraham, Yitschak e Yaacov’”\*. A ênfase aqui é colocada nos atos; não é qualquer um que é capaz de sentir o amor a D’us de Abraham, ou a compreensão de Torá de Moshê. Mas quanto aos nossos atos, somos capazes de ter o mesmo impacto sobre a terra física que os maiores de nossos ancestrais.

A grandeza de Abraham e Moshê não estava na imensidão de seu potencial – que era um dom outorgado a eles pelo Criador –, mas no fato de que levaram ao máximo a concretização de seus atos. Porque eles encheram seus recipientes, cada ato deles teve um ótimo impacto.

O mesmo é válido para cada pessoa; todos e cada um de nós é capaz de encher o próprio recipiente, que, não importa sua forma ou capacidade, se estende até acima, tão alto como todo outro recipiente de vida. E quando o fazemos, o impacto de cada “centímetro quadrado” da “superfície inferior” de nossa vida é igual ao impacto do maior recipiente de vida que já habitou este mundo.

Inumeráveis vezes nos foi dito, ou temos dito a outros: “Se deres tudo de ti, isso é tão importante como o todo de qualquer outro”. Frequentemente, isso não parece mais que um clichê elitista ou, no melhor dos casos, generosas – se não empiricamente exatas

---

\* *Taná* de Bei Eliahu Rabá, 25:1.

– palavras de alento para os “participantes menores” da vida. De fato, esta é uma lei fundamental da realidade que se aplica a todos, de vidas humanas a tanques de água. Até pode ser demonstrada no laboratório\*.

---

\* Baseado em *Reshimot* n° 3, p. 44-45.



